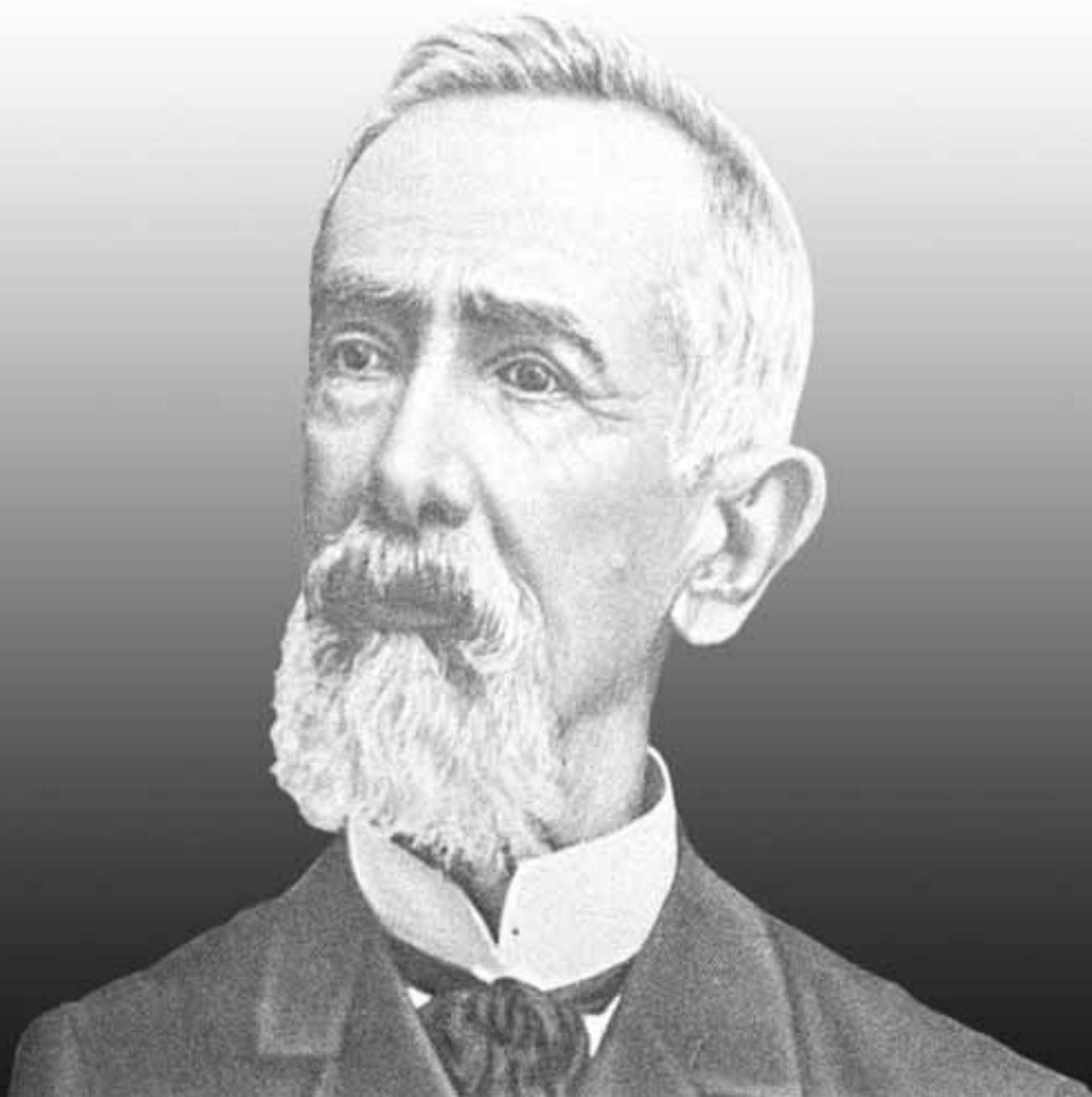


Helio Begliomini

**PRESIDENTES DA CASA DE LUIZ PEREIRA BARRETO
EM SEUS 120 ANOS (1895-2015) DE EXISTÊNCIA**



Helio Begliomini

**PRESIDENTES DA CASA DE LUIZ PEREIRA BARRETO
EM SEUS 120 ANOS (1895-2015) DE EXISTÊNCIA**

2015
São Paulo

© 2015, Helio Begliomini

Revisão: Isaías Zilli

Diagramação: Andréia Garcia

Composição da capa e arte final: Equipe Expressão & Arte

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Begliomini, Helio
Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 anos (1895-2015) de Existência / Helio Begliomini. — São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2015 - 352 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-7935-086-3

1. Academia de Medicina de São Paulo – História 2. Membros da Academia de Medicina de São Paulo – História
3. Médicos – Biografia I. Título

CDD-869.90681

Índices para catálogo sistemático:

1. Academia de Medicina de São Paulo:
História 869.90681
2. Médicos – Membros da Academia de Medicina de São Paulo:
História 869.90681

Capa: A imagem de Luiz Pereira Barreto da capa é uma pintura a óleo de Valério Octaviano Rodrigues Vieira (1862-1941), mais conhecido por Valério Vieira, que se destacou como pintor e fotógrafo, inovando técnicas incipientes à sua época, e obtendo prêmios no exterior pelos seus esmerados, inusitados e inteligentes trabalhos.

Este livro foi publicado de acordo com as Novas Normas Ortográficas da Língua Portuguesa, implementadas, no Brasil, em janeiro de 2009.

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor

OBRAS PUBLICADAS PELO AUTOR:

1. Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo, 1984
Tese de Mestrado
2. Pelo Averso, 1998
Crônicas, Ensaios e Cartas
3. Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, 1999
Cadastro Nacional
4. Tributo à Sobrames Nacional, 1965-2000
Ensaios e História
5. Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras, 2000
Discursos de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Cristã de Letras
6. Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional, 2001 (Coautoria)
História e Documentário
7. A Sobrames Nacional e Seus Presidentes, 2001
História e Biografias
8. Contraponto, 2002
Crônicas, Ensaios e Cartas
Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004) da Academia Paulistana da História
9. Alvíssaras, 2003
Pensamentos, Reflexões, Apotegmas, Provérbios e Orações
10. Mistura Fina, 2004
Crônicas, Ensaios e Cartas

11. Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia, 2005
Biografia e Documentário
Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) da Academia Paulistana da História
12. Urologia, Vida e Ética, 2006
Ensaio, Crônicas, Cartas e Desenvolvimento de Doutrina sobre Ética Médica, particularmente em Urologia
13. Sonhar é Preciso, 2007
Discursos de saudação e do recipiendário como membro correspondente, assim como fragmentos históricos da Academia Nacional de Medicina
14. Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História, 2007
História e Documentário
Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007) da Academia Paulistana da História
15. Alçando Novos Ares, 2007
Discursos de saudação e do recipiendário como sócio-efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, assim como dados de atuação desse sodalício
16. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História, 2007
História e Documentário
Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) da Academia Paulistana da História.
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2008 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
17. Dissecando a Vida, 2008
Ensaio
18. Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008 (Coautoria), 2008
História e Documentário
19. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I, 2009
Ensaio, Crônicas e Discursos
20. Asclepiades da Academia Paulista de Letras, 2009
História, Documentário e Biografias
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2009 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
21. Entressafra, 2010
Ensaio, Crônicas, Cartas e Prefácios
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2010 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
22. Imortais da Abrames, 2010
História, Documentário e Biografias

23. Sobramas do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II, 2011
Ensaaios, Crônicas e Discursos
24. Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária, 2011
História, Documentário e Biografias
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2011 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
25. 7 de Março (Coautoria), 2012
História e Biografias
26. Esculápios da Casa de Machado de Assis, 2012
História, Documentário e Biografias
27. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo, 2014
História e Biografias
28. Matéria-Prima, 2014
Ensaaios, Crônicas, Cartas, Necrológios, Discursos, Biografias e Prefácios
29. Rotary Club de São Paulo Tremembé – Dezesesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária (Coautoria), 2015
Documentário e História
30. Presidentes da Academia de Medicina de São Paulo em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência, 2015
História, Documentário e Biografias

Este livro é dedicado

À memória da ínclita Academia de Medicina de São Paulo...

Aos seus confrades e confreriras passados, presentes e futuros...

que nela sempre habitarão, pois, juntos, constituem

a riqueza imaterial e imperecível desse querido sodalício.

Helio Begliomini

SUMÁRIO

Prefácio	15
Introdução	17
Parte I – Dados da Academia de Medicina de São Paulo	21
Aspectos Históricos Sumariados	23
Relação dos Presidentes da Academia de Medicina de São Paulo.....	35
Galeria dos Presidentes	41
Curiosidades.....	51
Parte II – Biografias	65
1. Luiz Pereira Barreto	67
2. Carlos José Botelho.....	73
3. Augusto César de Miranda Azevedo.....	75
4. Mathias de Vilhena Valladão	79
5. Guilherme Ellis.....	81
6. Bernardo Ribeiro de Magalhães	85
7. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho.....	87
8. Sergio Florentino de Paiva Meira	91
9. Arthur Vieira de Mendonça	95
10. Diogo Teixeira de Faria	99
11. Domingos Rubião Alves Meira.....	103
12. Affonso Regulo de Oliveira Fausto.....	105
13. João Alves de Lima.....	107
14. Sylvio Azambuja de Oliva Maia.....	111
15. Synésio Rangel Pestana	113
16. Nicolau de Moraes Barros	117
17. José Olegário de Almeida Moura.....	119

18. Antônio Cândido de Camargo.....	123
19. Celestino Bourroul.....	125
20. Ovídio Pires de Campos.....	129
21. José Ayres Netto.....	131
22. Luiz Manuel de Rezende Puech.....	133
23. Enjolras Vampré.....	135
24. Adolpho Carlos Lindenberg.....	139
25. Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra.....	141
26. Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho.....	145
27. Eduardo Rodrigues Alves.....	149
28. Olympio Portugal.....	153
29. José Pereira Gomes.....	157
30. Cantídio de Moura Campos.....	161
31. Adolpho Schmidt Sarmiento.....	163
32. Antônio de Almeida Prado.....	167
33. Oswaldo Portugal.....	169
34. Zepherino do Amaral.....	173
35. Antônio Carlos Pacheco e Silva.....	175
36. Mario Ottoni de Rezende.....	181
37. Flamínio Fávero.....	183
38. Jairo de Almeida Ramos.....	185
39. Raul Vieira de Carvalho.....	187
40. Franklin de Moura Campos.....	191
41. José Afonso de Mesquita Sampaio.....	193
42. Roberto Oliva.....	197
43. Antônio Carlos da Gama Rodrigues.....	201
44. Eduardo Monteiro.....	205
45. Oscar Cintra Gordinho.....	207
46. Alípio Corrêa Netto.....	209
47. Pedro Ayres Netto.....	213
48. João Alves Meira.....	215
49. Carmen Escobar Pires.....	217
50. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.....	221
51. Felício Cintra do Prado.....	223
52. Eurico Branco Ribeiro.....	227
53. Paulo de Almeida Toledo.....	233
54. Oscar Monteiro de Barros.....	237
55. Mario Ramos de Oliveira.....	239
56. João Mendonça Cortez.....	241
57. Eurico da Silva Bastos.....	245

58. Adherbal Pinheiro Machado Tolosa	249
59. Nairo França Trench	251
60. Carlos da Silva Lacaz	255
61. Plínio Bove	259
62. Carlos de Oliveira Bastos	263
63. Waldyr da Silva Prado.....	265
64. Durval Sarmiento da Rosa Borges	269
65. Virgílio Alves de Carvalho Pinto	273
66. Michel Abu-Jamra.....	277
67. Ernesto Lima Gonçalves.....	281
68. Julio Cesar Kieffer	283
69. Joamel Bruno de Mello.....	285
70. Antonio Spina França Netto.....	289
71. Pedro Nahas	291
72. Luís Marques de Assis.....	295
73. Irany Novah de Moraes	299
74. Odon Ramos Maranhão.....	303
75. Arthur Belarmino Garrido Júnior	305
76. Fernando Proença de Gouvêa	309
77. José Rodrigues Louzã	313
78. Raul Marino Júnior	315
79. Claudio Cohen.....	317
80. Marisa Campos Moraes Amato	319
81. Luiz Celso Mattosinho França	321
82. Salvador José de Toledo Arruda Amato.....	325
83. Guido Arturo Palomba.....	327
84. Luiz Fernando Pinheiro Franco	329
85. Yvonne Capuano.....	333
86. Affonso Renato Meira.....	337
87. José Roberto de Souza Baratella	341
Dados do autor.....	343

PREFÁCIO

É extremamente honroso para a Academia de Medicina de São Paulo abrigar sob seu teto as mais altas expressões da intelectualidade médica de São Paulo para um objetivo de transcendência cultural, que é reunir desde a sua fundação os mais insignes nomes da nossa arte médica.

O excepcional trabalho do Dr. Helio Begliomini mostra, através de estudo rigoroso e magnífico, quem foram os 87 Presidentes da Academia de Medicina de São Paulo em todos os tempos, sendo uma maravilhosa imagem dos componentes de todas as épocas. O autor realizou um estudo detalhado dos presidentes com um preciosismo estoico, que faz que compreendamos melhor cada um *per se*, nos seus detalhes pessoais e no intercâmbio com os membros de suas épocas. Dados preciosos nos fazem ver quem foram os presidentes e sua importância, não maior que seus pares, mas decisivos para tornar a *Veneranda Academia* a casa do saber e da cultura médica de dimensões eternas.

No texto do autor os escritos agasalham o intuito indeclinável de enaltecer o imarcescível pioneirismo, nos 120 anos (1895 a 2015) da história da Casa de Luiz Pereira Barreto. É relatado neste belo livro o estímulo que se tem dado desde seus primórdios à consecução dos bens intelectuais imperecíveis, ao fortalecimento do dever, mostrando porque todos temos de render preito de veneração aos grandes vultos da Medicina de São Paulo, aos que enobreceram e enobrecem a arte médica pelo talento, pela inspiração, pelo exemplo e pelo trabalho, sejam quais forem os campos de sua operosidade.

Dr. Begliomini expõe nesta obra a sabedoria, a ciência e a arte, trazendo-nos a certeza de que a Academia de Medicina de São Paulo, nas figuras de seus membros, desde sua origem, jamais permitirá a destruição dos valores absolutos da pessoa humana, nem suplantará a fraternidade que a todos nos reúne no bem comum, no culto da beleza ética e moral, *Splendor Formae*, e na harmonia cósmica.

A divisão em duas partes do livro mostra de maneira didática: *Aspectos Históricos*, nestes citando a Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo, de existência efêmera, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, transformada em 7 de março de 1954 na Academia de Medicina de São Paulo. Esta última somente em 2004, portanto, após mais de um século, instituiu por definitivo os patronos de suas respectivas cadeiras. Na *Relação dos Presidentes* houve meticulosa análise de sua origem, idade e ano da posse. Na *Galeria Fotográfica* se conhecem os seus traços fisionômicos, satisfazendo o imaginário dos acadêmicos, e, em *Curiosidades*, transmutam ao espírito da confraria aspectos e dados de índole vária, que aguçam o conhecimento de fatos históricos e pessoais, seguindo-se, na parte dois, a sua *Biografia*. Importante lembrar que, em projeto histórico do mesmo autor, este resgatou num trabalho hercúleo 428 biografias, mostrando *ad eternum* a memória e a história de todos os seus membros. Desta magnífica pesquisa nasceram as obras “7 de Março”, com Meira e Palomba, e “Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo”, sendo que neste novo livro o autor completa a notável tríade de sua sabedoria, dando à *Academia* e a todos os acadêmicos a plenitude da alma em toda sua abrangência acadêmica: a *História de seus 87 Presidentes*. Obras como

esta são fundamentais, pois a Academia de Medicina é a mística do conhecimento humano médico, emoldurado pela filosofia, a *Scientia Altior*: santuário da Razão, alma nutriz da Sabedoria. Por seu influxo, o homem aventura-se no desvendar os arcanos do cosmos médico. Begliomini mostra que o cérebro humano rutila em reverberações de luz que se expandem pelo universo com a presunção do saber, o desespero do conhecimento. Explica-se subjetivamente pela procura de algo acima de nossa compreensão, o incunábulo, o Alfa e o Omega de tudo o que existe.

O autor no seu trabalho mostra que o fulcro da Academia na pessoa de seus *Presidentes* é o movimento à compaixão, à piedade, ao desprendimento, às atitudes desinteressadas, todas embainhadas pela sabedoria e pelo conhecimento, tornando-a uma casa sagrada, que poderia ser o *habitat* do Deus de Spinoza.



*Luiz Fernando Pinheiro Franco*¹

¹. Titular e emérito da cadeira nº 16 da Academia de Medicina de São Paulo, tendo como patrono Oswaldo Freitas Julião. Presidiu esse sodalício no biênio 2005-2006.

INTRODUÇÃO

“A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Hughes Galeano (1940-), escritor uruguaio.

A Academia de Medicina de São Paulo, fundada em 7 de março de 1895 como Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, teve por primeiro presidente Luiz Pereira Barreto. Não somente é o mais antigo silogeu médico em atividade ininterrupta do estado de São Paulo, mas também um dos mais vetustos do Brasil!

Seu nome atual foi oficializado em 1954, 59 anos depois de seu início, na gestão de Eurico Branco Ribeiro (1954-1955). Contudo, essa mudança não trouxe a devida adaptação na alocação de seus membros em cadeiras, a exemplo das centenas de entidades congêneres existentes.

Tive a inaudita honra e o incomensurável privilégio de ingressar em agosto de 1986, ainda jovem, na insigne Academia de Medicina de São Paulo, entidade a que muito me orgulho de pertencer. Tenho acompanhado há quase seis lustros sua trajetória e, particularmente, a mudança insólita de seu Estatuto, aprovado em Assembleia Extraordinária realizada em 12 de novembro de 2004¹, no final da primeira gestão de Guido Arturo Palomba (2003-2004).

Essa efeméride histórica propiciou – finalmente após 50 anos!!! – que a entidade, fazendo jus ao seu nome, passasse definitivamente a ser regida como as demais academias: cadeiras numeradas e limitadas, cada qual sob a patronímica de um notável médico do passado, constituindo-se em prógono de uma linhagem de nomeada; e membros titulares vitalícios, eleitos democraticamente pelos seus pares para cadeiras que se tornam vacantes com o falecimento de seus titulares, compondo-se, assim, uma “genealogia” ou “descendência” em cada cadeira.

Entretanto, de nada vale preencher vagas e listar nomes interminavelmente, sem que se possa deixar consignados e bem custodiados para as gerações ulteriores os motivos que fizeram com que tais e tais nomes merecessem o galardão de ingressar na Academia de Medicina de São Paulo.

O tempo é fugaz, traiçoeiro e implacável. Assim como os castelos de areia são rapidamente desmoronados pelo vaivém das ondas do mar, a imensa maioria dos viventes é, em pouco tempo, sumariamente apagada da memória de seus coetâneos, quanto mais de seus pósteros.

Dentre os predicados irrenunciáveis das academias estão a preservação, o cultivo e a divulgação da memória e dos feitos de seus patronos e membros.

¹. Registrado no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica, nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

Relembrando o que consignei em obra precedente², após 24 anos de pertença à centenária Academia de Medicina de São Paulo, fui convidado pela primeira vez a atuar numa diretoria, na gestão liderada pela acadêmica Yvonne Capuano (2009-2010). Confesso que ao tomar conhecimento das listas de confrades titulares, honorários, para não dizer de ex-presidentes e de patronos das 130 cadeiras, desconhecia a imensa maioria deles – seus dados biográficos e curriculares. O que foram e o que fizeram para merecer tal dignidade? – pergunta que vinha reiteradamente em minha mente. O pior é que esse desconhecimento era comum entre a maior parte dos outros membros da diretoria e do silogeu, porém, essa ignorância era discretamente dissimulada.

Mas como cultuar patronos, presidentes e membros falecidos sem o devido conhecimento de sua vida, obras e atuações? Como torná-los sendas... candeeiros... enfim, paradigmas a serem seguidos?! Estava evidente que a Academia de Medicina de São Paulo ressentia-se de um de seus mais nobres misteres: “descobri-los”, revelá-los e evidenciá-los tornava-se na minha mente uma meta irrenunciável, premente e inadiável.

Foi nesse ambiente, imbuído de um sentimento mesclado de curiosidade, “indignação” e amor à entidade que propus, no primeiro semestre de 2010, o projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo”. Essa ideia não teve fácil aceitação pelos membros daquela diretoria, pois implicava, por um lado, muitíssimo trabalho e dedicação e, por outro, que poucos haviam compreendido o real alcance e transcendência daquela aspiração.

Após muito insistir na necessidade vital deste empreendimento para a história da entidade, fui designado seu responsável, e junto a esta atribuição advieram não somente um grande desafio e responsabilidade, mas também uma imensa carga de trabalho.

Através de um prolongado, paciente e gracioso labor que se estendeu ininterruptamente por quatro anos – agosto de 2010 a agosto de 2014 –, não tendo tréguas em finais de semanas, finais de ano e feriados, pude obter dados e fotos nas mais comuns e incomuns bibliotecas da capital e do interior paulista, assim como do Rio de Janeiro; redigi-los em biografias; compô-los de forma editorial unificada com a finalidade não somente estética de uniformizá-los, mas também de não hierarquizá-los, pois todos, pela pertença ao sodalício, são merecedores do mesmo destaque e honra; e, finalmente, revisar cada biografia diversas vezes, a fim de se diminuir os erros e desinformações que passam, involuntariamente, num trabalho vultoso como este.

Nesta empreitada me socorri em diversas ocasiões dos préstimos da secretária da Academia de Medicina de São Paulo, Solange Soares Camargo Albuquerque, e da bibliotecária da Associação Paulista de Medicina, Isabel Cristina de Campos, às quais ternamente muito agradeço.

Assim, nesses quatro anos de intensíssimas atividades, puderam ser resgatadas 428 biografias (!!!), tendo-se feito em média 107 por ano; nove por mês ou, em outras palavras, uma a cada três dias, o que dá precisamente uma noção do quão foi abundante e fatigante o empreendimento proposto e executado. Em outros termos, se um leitor quiser se inteirar de um nome por dia e o fizer sem interrupção, levará um ano e três meses para ler todas as biografias que enriquecem o nicho eletrônico da augusta Academia de Medicina de São Paulo – www.academiamedicinasao paulo.org.br.

Este rol de biografias inclui todos os patronos; todos os presidentes; todos os membros titulares e honorários atuais e falecidos³ – muitos e muitos nomes de todas estas subdivisões estavam, literalmente, sepultados no esquecimento coletivo pela inexorabilidade do tempo e pela desvirtude da iconoclastia da contemporaneidade.

Dessas 428 biografias que compreenderam o projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo”, 273 (63,7%) foram feitas inteiramente – pesquisadas, redigidas e conferidas – pelo responsável deste projeto; dezenas e dezenas das elaboradas por outros acadêmicos foram também complementadas com dados e fotos pelo responsável deste projeto; e todas, sem exceção, foram meticulosamente lidas e relidas diversas vezes pelo responsável deste projeto, a fim de proporcionar a elas o mesmo formato editorial.

Não restam dúvidas de que o material obtido em seu conjunto, nestes quatro anos, serviu ao propósito imanente de qualquer Academia: divulgar, evidenciar, custodiar e perenizar a memória, os valores e os feitos de seus membros. Assim, literalmente, foi dada não somente a voz, mas “restituída a vida” a mais de quatro centenas de membros

². Refiro-me ao livro **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo** (2014).

³. Com relação aos membros titulares e honorários falecidos levaram-se em consideração os nomes constantes nas respectivas tabelas, após a reforma estatutária aprovada em Assembleia Extraordinária realizada em 12 de novembro de 2004.

elencados nas diversas categorias do quadro associativo: patronos, presidentes, titulares e honorários, oriundos da mudança estatutária de 2004, como também esse conjunto acabou constituindo-se, *per se*, num dos maiores patrimônios imateriais da estimada Academia de Medicina de São Paulo – seu verdadeiro lastro!

E tudo parecia ser uma quimera... uma verdadeira utopia há pouco mais de quatro anos!!!

A obtenção desse acervo serviu para que neste curto espaço de tempo fossem dele extraídas três obras: 1. **7 de Março**⁴ (2012), que encerra biografias dos 130 membros titulares por ocasião do 117º aniversário da entidade, ocasião em que todas as cadeiras foram preenchidas pela primeira vez após a reforma estatutária de 2004; 2. **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo**⁵ (2014), que consigna a vida e a obra dos ilustres médicos que se tornaram patronos das 130 cadeiras do sodalício; e 3. **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência**⁶, que reúne não somente fatos, fotos e feitos de 87 médicos que tiveram a honra de ocupar o posto de maior destaque desse silogeu; mas também jungir aspectos históricos da entidade, ressaltando-se dentre eles com incontido júbilo, pela primeira vez nestes 120 anos de história!!! – num só conjunto –, a feitura da galeria de seus presidentes.

Este foi um período cultural e literário mui fértil na saga deste sodalício, pois foi também publicada a obra **História da Academia de Medicina de São Paulo** (2013, 161 páginas), do acadêmico Guido Arturo Palomba.

Assim como os demais livros citados, **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência** foi concebido com a intenção de contribuir a seu modo com a história desse sodalício. A pesquisa para este livro começou em agosto de 2010 e só terminou em agosto de 2014, perfazendo quatro anos de diuturno, obsessivo e exaustivo trabalho. Esta obra se divide em duas partes: A **Parte I**, denominada “Dados da Academia de Medicina de São Paulo”, consigna aspectos históricos sumariados desse vetusto silogeu; a tabela sequencial dos seus presidentes; a galeria dos presidentes, resgate sem precedentes (!!!) já enaltecido acima; e curiosidades depreendidas desta pesquisa. A **Parte II**, mais extensa, perfaz o fulcro deste empreendimento, pois colige 87 biografias ilustradas de seus maiores dignitários, diversos daqueles já falecidos, pela notoriedade que tiveram em suas épocas, que são também perenizados dando nomes a ruas, avenidas, praças, escolas, anfiteatros, museus, bibliotecas, prêmios, patronímicas de cadeiras de silogeus, centro acadêmico e até a um município, a cidade Estância de Pereira Barreto⁷, em homenagem ao médico e político Luiz Pereira Barreto, fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

Das 87 biografias que compõe **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência** apenas 16 (18,3%) não foram elaboradas pelo autor, mas foram por ele complementadas ou adaptadas de acordo com o contexto editorial desta obra, estando, a seguir, declinadas em ordem progressiva dos mandatos presidenciais.

As oito biografias feitas por membros titulares, dois deles filhos dos homenageados, são⁸: 1. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho**, presidente entre 1900-1902 e 1906-1907, e patrono da cadeira nº 11; 2. **José Ayres Netto**,

⁴. O livro **7 de Março** tem como autores os acadêmicos Affonso Renato Meira, Guido Arturo Palomba e Helio Begliomini. Veio a lume em novembro de 2012 e contém 314 páginas.

⁵. O livro **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo** tem como autor o acadêmico Helio Begliomini. Veio a lume em janeiro de 2014 e contém 431 páginas.

⁶. O livro **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 anos (1895-2015) de Existência** tem como autor o acadêmico Helio Begliomini. Veio a lume no segundo semestre de 2015 e contém 352 páginas.

⁷. A cidade de Pereira Barreto foi fundada em 11 de agosto de 1928. Localiza-se a 635 quilômetros da capital e é um dos 67 municípios paulistas considerados estâncias turísticas pelo Governo do Estado de São Paulo. Possui o segundo maior canal artificial do mundo e o primeiro da América do Sul com características hidroviárias. Com seus 9.600 metros interliga os reservatórios de Ilha Solteira e Três Irmãos, propiciando a operação energética integrada dos dois aproveitamentos hidrelétricos. Ademais, interliga duas bacias hidrográficas: a do Rio Tietê e a do Rio Paraná, através do Rio São José dos Dourados, permitindo além da navegação no Tramo Norte da Hidrovia Tietê-Paraná, a interligação dos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás.

⁸. Estas biografias foram entregues no tempo aprazado por ocasião do projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo”, sob a coordenação do acadêmico Helio Begliomini. Seus autores estão mencionados nos devidos capítulos.

presidente entre 1919-1920 e 1934-1935, e patrono da cadeira nº 105; 3. **Adolpho Carlos Lindenberg**, presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22; 4. **Flamínio Fávero**, presidente entre 1937-1938 e patrono da cadeira nº 10; 5. **Jairo de Almeida Ramos**, presidente entre 1939-1940 e patrono da cadeira nº 75; 6. **João Alves Meira**, presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32; 7. **Durval Sarmiento da Rosa Borges**, presidente entre 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8; e 8. **Julio Cesar Kieffer**, presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31.

As oito autobiografias feitas por ex-presidentes são: 1. **Ernesto de Souza Lima** (1971-1972); 2. **Fernando Proença de Gouvêa** (1989-1990); 3. **José Rodrigues Louzã**⁹ (1991-1992); 4. **Luiz Celso Mattosinho França** (1999-2000); 5. **Guido Arturo Palomba** (2003-2004 e 2007-2008); 6. **Luiz Fernando Pinheiro Franco** (2005-2006); 7. **Affonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014) e 8. **José Roberto de Souza Baratella** (2015-2016).

Todos sabemos que há presidentes dentre o patrimônio imaterial da Academia de Medicina de São Paulo que mereceriam – como alguns já mereceram – monografias e livros exclusivamente a eles dedicados devido à importância de sua vida e de suas obras. Infelizmente, algumas biografias aqui consignadas foram mais extensas do que inicialmente programadas. Outras estão muito curtas devido à exiguidade de dados auferidos.

A intenção deste projeto foi de torná-lo o mais fiel e abrangente possível na consignação dos dados obtidos, sem, contudo, deixá-lo prolixo e enfadonho.

A propósito, é de bom alvitre asseverar que esta obra tampouco pretende explícita ou implicitamente hierarquizar, graduar ou comparar os presidentes ora perfilados entre si, uma vez que todos mereceram e merecem o mesmo destaque e a idêntica honra. Em outras palavras, não se deve julgar a notoriedade de um presidente em função do tamanho de sua biografia, uma vez que ela foi, exclusivamente, o reflexo da abundância ou da parcimônia dos dados pertinentes passíveis de serem obtidos. Ademais, não tencionei esgotar o assunto, mas sim, dar uma visão tanto quanto objetiva de conjunto.

Por sua vez, os dados dos biografados que estão vivos não devem ser encarados como referências estanques, imutáveis, uma vez que, pelo fato de não terem encerrado sua existência, e por possuírem uma pujante produção profissional e científica, apesar da discutível senectude de alguns, muito poderá ser acrescentado aos seus respectivos currículos.

Da mesma forma, as fotografias aduzidas servem para ilustrar os textos, associando-os a uma melhor percepção visual de seus respectivos protagonistas. A qualidade iconográfica também reflete, necessariamente, as condições do material obtido.

Todas as biografias consignadas foram lidas e relidas de 3 a 30 vezes (!) e redigidas segundo características editoriais do autor do projeto, que tencionou, na medida do possível, homogeneizá-las, a fim de que houvesse um mesmo estilo na obra. Das realizadas por outros acadêmicos, está devidamente mencionada, em cada capítulo, a respectiva autoria. Ademais, no rodapé de cada uma, quando necessário, se encontram informações adicionais relevantes.

“Não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã”, já dissera Victor-Marie Hugo (1802-1885), poeta, dramaturgo, ensaísta e estadista francês.

Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência foi fruto de um singelo e despretenso sonho (utopia!), acalentado e parcimoniosamente conduzido há quase cinco anos. Que este empreendimento não seja julgado pelas suas ausências e imperfeições, mas que seja visto não somente como um marco de amor à egrégia Academia de Medicina de São Paulo, como também com um sentimento de benquerença aos seus membros passados, presentes e futuros. Oxalá, ele incite outros acadêmicos a complementá-lo e aprimorá-lo para a maior grandeza e glória deste augusto sodalício!



Helio Begliomini¹⁰

⁹. Por motivo de saúde, quem elaborou a biografia de José Rodrigues Louzã foi sua esposa, Maria do Céu Coutinho Louzã.

¹⁰. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte I

Dados da Academia de Medicina de São Paulo

“A história não se faz de boas ou más intenções, mas de ações e fatos concretos, com toda a força pleonástica que esse adjetivo enseja.”

Helio Begliomini

ASPECTOS HISTÓRICOS SUMARIADOS

“História não é só cronologia.”

Alexandre Herculano (1810-1877), escritor português.

SOCIEDADE MÉDICO-CIRÚRGICA DE SÃO PAULO

A primeira tentativa de se fundar uma entidade que congregasse médicos no estado de São Paulo ocorreu no final do Regime Imperial. Em 7 de setembro de 1888, instalada no edifício da Faculdade de Direito, surgiu a **Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo**¹, que teve por fundador e primeiro presidente Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra (1837-1895)², conhecido também como Barão de Jaraguá, médico e político notável em São Paulo. A **Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo** reuniu 70 sócios fundadores, mas teve existência curtíssima, sendo dissolvida em 1891.

Segundo Rezende Puech³ “essa primeira agremiação médica paulista não conseguiu vingar por falta de união entre seus membros. Foi tal a rivalidade que a cisão provocada impediu por alguns anos que se conseguisse formar uma nova sociedade”.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO

PROTAGONISTAS

A criação de uma entidade médica paulista foi ardentemente idealizada e desejada por dois ilustres médicos que atuavam na capital, no final do século XIX e início do século XX, como atestaram Duílio Crispim Farina⁴, reno-

¹. Sadi, Afiz e Freitas, Divaldo Gaspar de. O Ensino Médico em São Paulo Anteriormente à Fundação da “Paulista”. São Paulo, Editora Comercial Safady Limitada, 1995; e Arêas, João Braga; Lopes, Atiele Azevedo de Lima; Fonseca, Maria Rachel Fróes da; Madureira, Francisco José Chagas; e Teixeira, Luiz Antonio. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2010, páginas 1-7.

². Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra ou Barão de Jaraguá, curiosamente, foi o pai de Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra – biografado neste livro –, que se tornaria o 25º presidente (1923-1924) da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Outrossim, o Barão de Jaraguá foi tio-avô de Antônio Barros de Ulhôa Cintra (1907-1998), professor catedrático de clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP); reitor da USP (1960-1963) e secretário da Educação do Estado de São Paulo, ocasião em que criou a Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Ademais, é o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Luiz Manuel de Rezende Puech foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1920-1921, e é o patrono da cadeira nº 115 desse sodalício.

⁴. Duílio Crispim Farina (1921-2003), ginecologista e obstetra de formação, dentre tantos feitos presidiu o Departamento Cul-

mado médico, literato e historiador paulista; Lycurgo de Castro Santos Filho⁵, médico, pesquisador, genealogista, literato e notável historiador da medicina brasileira; Luiz Antonio Teixeira⁶, historiador e pesquisador contemporâneo; e José de Oliveira Ribeiro Netto, professor e antigo membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo. Seus dois grandes protagonistas – curiosamente não paulistas – foram Mathias de Villhena Valladão (1860-1920)⁷, mais conhecido por Mathias Valladão, natural de Campanha da Princesa (MG) e figura de destaque no cenário médico paulista onde clinicou durante 30 anos; e Sérgio Florentino de Paiva Meira (1857-1917)⁸, mais conhecido por Sérgio Meira, natural de Vila do Pilar (PB) e primeiro diretor do Serviço Sanitário de São Paulo.

FATOR DETERMINANTE

À época, a figura de Luiz Pereira Barreto⁹ destacava-se no cenário paulista como médico, escritor, pensador, cafeicultor e político. Como médico dedicou-se à cirurgia e à obstetrícia. Em 1887 havia dirigido uma campanha contra a febre amarela na cidade de Campinas e publicado diversos artigos sobre esse tema no jornal *A Província de S. Paulo*. Ademais, como pensador havia escrito diversos livros de índole positivista¹⁰. Como cafeicultor foi pioneiro na introdução de novas técnicas de cultivo na lavoura cafeeira paulista, plantando o café Bourbon¹¹ na região de Ribeirão Preto e difundindo as benesses da terra roxa do Oeste Paulista como excelência da lavoura cafeeira. Político

tural da Associação Paulista de Medicina (1975-1982); a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), hoje, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – Regional de São Paulo (1976) e a sede nacional (março de 1978 a março de 1979); a Academia Cristã de Letras (1984-1985; e segundo ocupante da cadeira nº 27 sob a patronímica de São Lucas); e a Academia Paulista de História (1989-1991 e 1992-1994; e fundador da cadeira nº 11 sob a patronímica de Frei Gaspar da Madre de Deus). Foi o terceiro ocupante da cadeira nº 40 da Academia Paulista de Letras, sob a patronímica de José Bonifácio, o patriarca, e é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Lycurgo de Castro Santos Filho (1910-1998), urologista de formação, especializou-se em história da medicina e foi professor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1965-1970) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC – Campinas, 1969-1974). Publicou aproximadamente 150 títulos, particularmente sobre a historiografia médica brasileira, tornando-se referência nessa área.

Dentre outros feitos salienta-se que presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (1940-1941); a Academia Campinense de Letras (1960-1976), tornando-se presidente de honra; a Regional de São Paulo da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (1976-1977); a Academia Paulista de História (1977-1979 e 1980-1982); a Academia Paulista de Letras (1983-1984 e 1985-1986), tendo sido o sexto ocupante da cadeira nº 23 desse sodalício, sob a patronímica de Monsenhor Manuel Vicente. Dentre outras entidades de que participou destacam-se: Academia Nacional de Medicina (correspondente, 1970), Academia Carioca de Letras, Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros, de São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Sergipe, e da Sociedade Internacional de História da Medicina (Paris).

⁶. Luiz Antonio Teixeira Leite é mestre em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994); doutor em história social pela Universidade de São Paulo (2001); e pesquisador associado da Fundação Oswaldo Cruz.

⁷. Mathias de Vilhena Valladão tornar-se-ia o 4º presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1898-1899.

⁸. Sérgio Florentino de Paiva Meira tornar-se-ia o 8º presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, presidindo-a em dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

⁹. Luiz Pereira Barreto (1840-1923), curiosamente, tampouco era paulista de nascimento. Natural de Resende (RJ) graduou-se na Universidade de Bruxelas, Bélgica, em 1865. Radicou-se na capital de São Paulo e aí ganhou fama. Também foi um dos membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1º de novembro de 1894, e membro titular fundador da cadeira nº 3 da Academia Paulista de Letras, sob a patronímica de Matias Aires Ramos da Silva Eça, em 27 de novembro de 1909.

¹⁰. Positivismo, filosofia positivista ou comtismo é uma corrente filosófica criada por Auguste Comte (1798-1857) e desenvolvida por inúmeros discípulos. Propõe-se a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

¹¹. Produto obtido em Resende após experimentos na fazenda Monte Alegre.

do Partido Republicano, tinha sido eleito deputado estadual e depois federal por São Paulo, além de ter exercido o cargo de presidente da Assembleia Constituinte estadual de 1891.

Luiz Pereira Barreto era da oposição. Suas ideias exaradas em artigos e discursos eram duramente contestadas pela situação, também em artigos veiculados na imprensa.

Pari passu, no final de 1894 e início de 1895, houve campanha difamatória contra os médicos paulistas, acusados de apresentar contas exorbitantes a serem cobradas do inventário de pacientes ricos falecidos. Paradoxalmente, essa desacreditação serviu para uni-los. Revoltados com a difamação que lhes atingia, houve uma movimentação da classe para uma ação de desagravo.

Em contrapartida, um minucioso e extenso estudo convertido em livro dos albores da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, de Luiz Antonio Teixeira, assim se refere: *“O fato é que a pesquisa nos jornais da época não indica a existência de nenhuma ofensa a Luiz Pereira Barreto, e sim o objetivo de homenageá-lo, em virtude de sua volta à clínica¹². Na verdade, uma longa luta travada pelos médicos com o poder judiciário – em virtude do veto deste último à possibilidade de cobrança jurídica de honorários – no ano de criação da Sociedade foi transformada posteriormente, por esses memorialistas, em motivo de criação da instituição. De forma explícita ou implícita era esse o motivo a que se referiam quando falavam das ofensas a Pereira Barreto¹³”*.

Tibério de Almeida – membro fundador e redator do Boletim da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** – aduzindo os dois fatos assim consignou dois anos após a fundação da entidade: *“Todos nós conhecemos os motivos que concorreram para a confraternização da classe médica de São Paulo, e sob que auspícios fora organizada a atual Sociedade de Medicina e Cirurgia. Se os mesmos motivos permanecem, se as condições da classe perante o poder judiciário do Estado continuam no mesmo pé, parece que tão cedo a confraternização da classe não deverá ser assim profunda e radicalmente abalada¹⁴”*.

Depreende-se, assim, que as “ofensas” a Luiz Pereira Barreto possam ter sido possivelmente superexageradas, funcionando mais como um estratégico e inteligente ardil ou pretexto. A favor dessa ideia encontra-se, à frente, um excerto do discurso do próprio Luiz Pereira Barreto, proferido no jantar em sua homenagem e no dia de fundação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, no qual não se refere a injúrias sofridas.

Nesse cenário, Sérgio Florentino de Paiva Meira e Mathias de Vilhena Valladão, principais artífices do neossodalício, catalisaram forças e apressaram-se em convidar Luiz Pereira Barreto, grande líder e eminente figura paulista, para somar forças na união dos médicos e na fundação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**.

FUNDAÇÃO

A **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** teve, num espaço de apenas 14 dias, duas reuniões preparatórias para a sua fundação, realizadas no consultório de Sérgio Florentino de Paiva Meira, à Rua São Bento nº 23, respectivamente em 24 de fevereiro de 1895¹⁵, e em 10 de março de 1895¹⁶, sendo nesta última aprovado o Estatuto; designado o dia 7 de março para a sessão solene comemorativa do dia de fundação da Sociedade e os dias 1 e 15 de cada mês para as sessões ordinárias. Foi também aprovada a primeira diretoria (mandato anual entre 1895-1896), que ficou assim constituída: Presidente: Luiz Pereira Barreto; Vice-Presidente: Carlos José Botelho; 1º Secretário: Sérgio Florentino de Paiva Meira; 2º Secretário: Mathias de Vilhena Valladão; e Tesoureiro: Erasmo do Amaral.

¹². O Estado de S. Paulo – edição de 11 de março de 1895, segunda-feira, página 1.

¹³. Teixeira, Luiz Antonio. Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913). São Paulo – Editora Unesp, 2007, páginas 65-66.

¹⁴. Almeida, Tibério. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 2, nº 21 (março): 4, 1897.

¹⁵. A primeira reunião preparatória foi presidida por Luiz Pereira Barreto e secretariada por Sérgio Florentino de Paiva Meira.

¹⁶. A segunda reunião preparatória foi presidida por Theodoro Reichert e secretariada por Pedro de Rezende.

À noite do dia 7 de março de 1895, Sérgio Florentino de Paiva Meira e Mathias de Vilhena Valladão organizaram um banquete no Club Germania, oferecido por 70 médicos. Esse evento, preparado para 90 convidados, reuniu grande parte dos líderes da classe médica e teve finalidade dupla: ação de desagravo à figura de Luiz Pereira Barreto; e comemoração e divulgação da fundação do novel sodalício.

Assim se expressou Rezende Puech: *“Em março de 1895, tendo sofrido veementes ataques, por este tempo, a notável figura de Luiz Pereira Barreto, a classe inteira congregou-se para render-lhe homenagem num solene banquete”*.

José de Oliveira Ribeiro Neto assim ratifica essa causa: *“Para desagravar Luiz Pereira Barreto, então um dos grandes nomes da medicina paulista, e, em princípio de 1895, alvo de insólita campanha, a classe médica paulista, nesta data, ofereceu-lhe um banquete”*.

Por fim, Luiz Pereira Barreto, o grande homenageado da efeméride, mostrou em seu discurso a finalidade do evento e nada se referiu às ditas “injúrias recebidas”. Eis um expressivo excerto desse discurso: *“Esta festa é significativa demais, esta festa é por demais imponente para que só um indivíduo a mereça! Não! Não é a um indivíduo que ela se dirige, não a um indivíduo que ela consagra, o indivíduo é pequeno demais para merecê-la! Esta festa representa acima de tudo um ideal! E se eu vos agradeço com todas as forças de minha alma a honra que me fazeis, é tão somente como porta-bandeira desse ideal, e como mero representante da ideia mais elevada, a da unificação científica da classe médica de São Paulo. Nenhuma maior honra eu poderia ambicionar em toda a minha vida do que a de simbolizar hoje a solidariedade do corpo médico. E esta prova de distinção que me dais ficará para mim como a suprema recompensa de 30 anos de árduos labores. Eu bebo, portanto, à ideia da unidade da classe, eu bebo à saúde de toda a família médica brasileira”¹⁷*.

Entretanto, a solenidade de instalação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** ocorreu oito dias após, em 15 de março de 1895. Foi realizada no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, local gentilmente cedido por Joaquim Ignácio Ramalho (1809-1902, Figura 1), mais conhecido por Barão de Ramalho, seu então diretor (1891-1902).

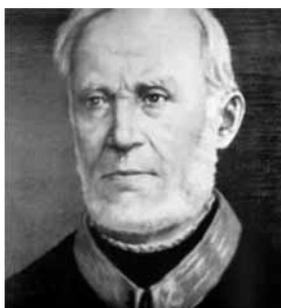


Figura 1 – Joaquim Ignácio Ramalho, o Barão de Ramalho.

MEMBROS FUNDADORES

Embora o primeiro Estatuto fixasse em 50 o número de membros da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, 40 ilustres médicos foram considerados fundadores desse neossodalício, tendo como referência as duas reuniões preparatórias acima mencionadas. Em ordem alfabética: 1. Antonio Maria Bettencourt-Rodrigues; 2. Aristides Serpa; 3. **Arnaldo Vieira de Carvalho**¹⁸; 4. Arthur Seixas; 5. **Arthur Vieira de Mendonça**; 6. Ataliba Florence; 7. **Bernardo Ribeiro de Magalhães**; 8. Cândido Espinheira; 9. Carlos Commenale; 10. **Carlos José Botelho**; 11. Claro Marcondes Homem de Mello; 12. Coriolano Burgos; 13. Erasmo do Amaral; 14. Evaristo Bacellar; 15. Evaristo da Vei-

¹⁷. Banquete – Discurso pronunciado por Luiz Pereira Barreto no banquete a ele oferecido na data de fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. O Estado de S. Paulo – edição de 9 de março de 1895, sábado, página 1.

¹⁸. Os sete nomes em negrito tornaram-se presidentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

ga; 16. Felice Buscaglia; 17. Francisco Pignataro; 18. Gregório Cunha Vasconcellos; 19. Gualter Pereira; 20. Ignácio de Rezende; 21. Jayme Serva; 22. Jerônimo de Cunto; 23. João Neave; 24. José Alves Rubião; 25. José Luiz de Aragão Faria Rocha; 26. José Redondo; 27. Luiz de Paula; 28. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz; 29. **Luiz Pereira Barreto**; 30. Marcos de Arruda; 31. **Mathias de Vilhena Valladão**; 32. Octaviano de Mello Barreto; 33. Paula Souza¹⁹; 34. Pedro de Rezende; 35. Philadelpho de Lima; 36. Rodolpho Margarido da Silva; 37. **Sérgio Florentino de Paiva Meira**; 38. Theodoro Reichert; 39. Tibério de Almeida e 40. William Strain.

EPÔNIMOS E CORRELAÇÕES

Assim como aconteceu com a **Academia de Medicina de São Paulo**, outrora, **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** – também chamada “Casa de Luiz Pereira Barreto”, em virtude de ele ter sido meritoriamente seu primeiro presidente, mas não por ter sido seu principal protagonista e idealizador –, aconteceria dois anos e quatro meses após com **Academia Brasileira de Letras**, fundada em 20 de julho de 1897, também conhecida por “Casa de Machado de Assis²⁰”, não por ele ter sido seu mais importante mentor, mas sim, por ele ter sido seu primeiro presidente.

Deve-se frisar que a **Academia Brasileira de Letras**, inspirada no genuíno modelo secular francês, foi idealizada em épocas diferentes pelo professor, poeta, historiador e político **Afonso Celso** de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938, fundador da cadeira nº 36 – Figura 2), ainda no regime imperial; e pelo jornalista, professor, poeta e político José Joaquim de Campos da Costa de **Medeiros e Albuquerque** (1867-1934, fundador da cadeira nº 22 – Figura 3), este, em pleno regime republicano.

Entretanto, coube ao advogado, jornalista, magistrado e escritor **Lúcio** Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado **de Mendonça** (1854-1909, fundador da cadeira nº 11 – Figura 4) a iniciativa da criação de uma academia de letras²¹.

¹⁹. Na Ata da 2ª Sessão Preparatória estão apenas mencionados os sobrenomes “Paula Souza”. No livro “História da Academia de Medicina de São Paulo” (2013), de Guido Arturo Palomba, está consignado, à página 44, com o prenome “Raphael” – “Raphael de Paula Souza”. Por sua vez, no livro “Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)” – (2007), de Luiz Antonio Teixeira, está consignado, à página 64, com os prenomes “José Bento” – “José Bento de Paula Souza”. Encontra-se mencionado no jornal O Estado de S. Paulo – edição de 11 de novembro de 1892, sexta-feira, à coluna 3 da página 1, “capitão-cirurgião, dr. José Bento de Paula Souza”; na edição de 26 de outubro de 1899, quinta-feira, à página 1, é citado “inspetor sanitário, dr. José Bento de Paula Souza”.

Por sua vez, no jornal O Estado de S. Paulo – edição de 18 de maio de 1892, quarta-feira –, à página 2, há uma propaganda referindo que o médico “dr. Raphael de Paula Souza voltou de sua viagem à Europa onde frequentou hospitais de Paris, Copenhague e Berlim, e achava-se à disposição dos enfermos que queriam honrá-lo com sua confiança”; e na edição de 8 de outubro de 1895, terça-feira, página 1, há menção de que ele havia falecido “anteontem à noite, nesta cidade”.

Complementando, José Bento de Paula Souza está ligado à história do bairro paulista de Água Rasa. Por sua vez, Raphael de Paula Souza dá nome a um hospital em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Assim sendo, pelos dados auferidos, não se pode afirmar qual dos dois foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

²⁰. Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908, fundador da cadeira nº 23) foi jornalista, cronista, dramaturgo e romancista, presidiu a Academia Brasileira de Letras por 11 anos e cinco meses (1897-1908), e, posteriormente, foi considerado presidente perpétuo. Hoje em dia é considerado entre os estudiosos como o maior nome da literatura brasileira.

²¹. Begliomini, Helio. Esculápios da Casa de Machado de Assis. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2012.



Figuras 2 a 4 – Da esquerda para a direita: Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque, e Lúcio de Mendonça.

Assim, ambos, Luiz Pereira Barreto (Figura 5) e Machado de Assis (Figura 6), que eram figuras de proa; valerosos e reconhecidamente destacados em seus misteres entre seus pares e a sociedade contemporânea do último quartel do século XIX, embora não tivessem sido os mentores, foram, natural e merecidamente, escolhidos para liderar e presidir os respectivos sodalícios em seus albores.

Entretanto, nem sempre a história se repete, e a origem de um epônimo numa determinada entidade reflete, necessariamente, seu primeiro presidente. Exemplo disso é a **Academia Paulista de Letras**, fundada em 27 de novembro de 1909, precisamente 14 anos e 8 meses após a fundação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**. Ela é conhecida pelos seus membros como “Casa de Joaquim José de Carvalho²²” (Figura 7) por ele ter sido o principal articulador e protagonista desse silogeu, embora jamais o tenha presidido^{23 e 24}.

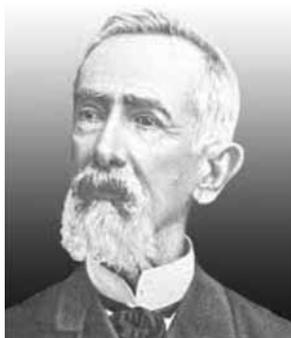


Figura 5 – Luiz Pereira Barreto.



Figura 6 – Machado de Assis.



Figura 7 – Joaquim José de Carvalho.

²². Joaquim José de Carvalho (1850-1918) nasceu no Rio de Janeiro e aí se graduou médico em 1872, com a tese “Questão Médica da Consanguinidade no Matrimônio”. Além de sua cidade natal clinicou em Minas, Paraná e Avaré (SP) até se radicar na capital paulista, de onde partia semanalmente para dar consultas em Santos. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. É o patrono da cadeira nº 79 da Academia de Medicina de São Paulo.

²³. O primeiro presidente da Academia Paulista de Letras foi Brasília Machado, que a presidiu de 1909 a 1916.

²⁴. Begliomini, Helio. Asclepiades da Academia Paulista de Letras. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2009.

SEDES

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, ao longo de seus 120 anos, teve nove diferentes locais como sede – alguns por duas vezes –, que podem ser assim sumariados da pesquisa de Guido Arturo Palomba²⁵: 1. Consultório de Sérgio Florentino de Paiva Meira, à Rua São Bento, nº 23 (1895); 2. Salas alugadas por Sérgio Meira no mesmo edifício, à Rua São Bento, nº 23 (1895-1896), porém as sessões ocorreram até março de 1896, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco; 3. Policlínica de São Paulo²⁶, situada à Rua Travessa da Sé nº 15, esquina com a Rua do Carmo (de março de 1896 a outubro de 1904); 4. Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1904 a início da década de 1910). 5. Rua do Carmo, nº 6 (sem ano preciso de início, funcionou até março de 1939 – Figuras 8 e 9); 6. Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1939-1959)²⁷; 7. Instituto Oscar Freire, à Rua Teodoro Sampaio, nº 115, 2º andar (década de 1960 a 1986); 8. Nacional Clube²⁸ (1986 a 1991); 9. Instituto Oscar Freire (1991 a 28 de junho de 1993); 10. Rua Martiniano de Carvalho, nº 995, sobrado oferecido pelo Hospital Beneficência Portuguesa (1993-1998); 11. Rua Joaquim Floriano, nº 820, conjunto 182 (1998-2007)²⁹; 12. Prédio da Associação Paulista de Medicina, à Avenida Brigadeiro Luís Antonio, nº 278, 6º andar (fevereiro de 2007 até a presente data)³⁰.

²⁵. Palomba, Guido Arturo. História da Academia de Medicina de São Paulo. São Paulo – Prol Editora Gráfica Ltda., 2013, páginas 67-80.

²⁶. A Policlínica de São Paulo foi um posto médico idealizado e aprovado em agosto de 1885 por um grupo de membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1896, Carlos José Botelho decidiu alugar, com recursos próprios, um imóvel para instalar a Policlínica, que se situava na Rua Travessa da Sé nº 15, esquina com a Rua do Carmo.

A Policlínica de São Paulo foi oficialmente inaugurada em 7 de março de 1896 e teve como diretor Mathias de Vilhena Valladão. No início não passava de um único consultório, onde os médicos da entidade prestavam consultas gratuitas aos pobres e, na medida do possível, forneciam remédios gratuitos, segundo a prescrição realizada por eles. Com o tempo, a Policlínica de São Paulo passou a contar com oito serviços de atendimento: 1. Moléstias internas em geral (clínica geral); 2. Doenças nervosas; 3. Cirurgia geral; 4. Vias urinárias; 5. Doenças dos olhos, ouvidos e garganta; 6. Doenças de pele; 7. Doenças de mulheres; e 8. Doenças de crianças.

As poucas despesas do consultório ficavam a cargo dos próprios médicos, que, em vez de receberem pelos trabalhos realizados, contribuía com uma quantia de 5\$000 (cinco mil réis) para a manutenção da Policlínica de São Paulo. Em dezembro de 1896, a instituição passou a contar com uma subvenção estadual de 12:000\$000 (doze mil mil réis ou doze contos de réis) anuais, graças à iniciativa de Augusto César de Miranda Azevedo, médico e parlamentar, que, embora não tenha sido membro fundador, tornou-se o terceiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, num mandato anual entre 1897-1898 (Teixeira, Luiz Antonio. Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo – 1895-1913. São Paulo – Editora Unesp, 2007, páginas 106-110).

Quando do estabelecimento da Policlínica de São Paulo, começaram a dar consultas os seguintes médicos: Luiz Pereira Barreto, Sérgio Florentino de Paiva Meira, Mathias de Vilhena Valladão, Evaristo da Veiga, Jayme Serva, Coriolano Burgos, Orenco Vidigal, Faria da Rocha, Cândido Espinheira, Augusto César de Miranda Azevedo, Evaristo Bacellar, Vieira de Mello e Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (Puech, Rezende. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: Memória Histórica 1895-1921. São Paulo – Typ. Casa Garaux, 1921, página 12).

²⁷. A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo recebeu o título, em 1959, de sócia honorária da Academia de Medicina de São Paulo.

²⁸. A Academia de Medicina de São Paulo possuía um título do Nacional Clube, desligando-se oficialmente dessa instituição em 20 de setembro de 1995.

²⁹. Trata-se de imóvel próprio comprado na gestão de Marisa Campos Moraes Amato (1997-1998). Graças ao seu empenho pessoal, conseguiu doações de diversos acadêmicos para a obtenção desse espaço.

³⁰. Proposta feita em 8 de abril de 2005 pelos acadêmicos José Luiz Gomes do Amaral, então presidente da Associação Paulista de Medicina (APM), e Guido Arturo Palomba, que, à época, já havia cumprido seu primeiro mandato como presidente da Academia de Medicina de São Paulo (2003-2004). Em virtude de reformas, o espaço no prédio da APM só ficaria pronto em fevereiro de 2007. Uma vez transferida a sede para o prédio da APM, resolveu-se alugar o espaço próprio, à Rua Joaquim Floriano, nº 820, conjunto 182, a fim de se ter mais uma fonte de recursos financeiros além da contribuição regulamentar de seus membros.



Figura 8 – Sessão de inauguração da sede, na Rua do Carmo, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Na primeira fila, o primeiro da direita para a esquerda, de barba, é provavelmente José Ayres Netto³¹ e, ao seu lado, Oswaldo Pimentel Portugal³². Foto gentilmente cedida pelo seu neto, Osvaldo Pimentel Portugal Neto.

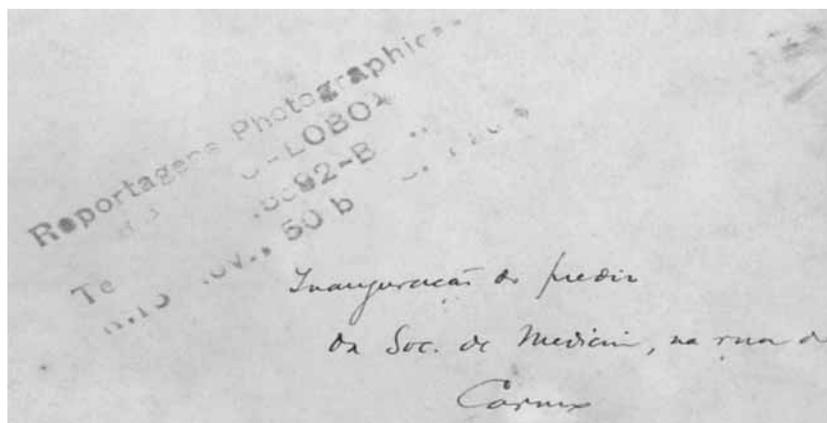


Figura 9 – Verso da foto da Figura 8, onde se encontra anotação com a caligrafia de Oswaldo Pimentel Portugal. Foto gentilmente cedida pelo seu neto, Osvaldo Pimentel Portugal Neto.

NÚMERO DE PARTICIPANTES

Novamente resumiremos informações consignadas na já citada obra de Guido Arturo Palomba concernentes à evolução do número de membros do sodalício. O Estatuto inicial, aprovado na segunda reunião preparatória, em 10 de março de 1895, consignava que a **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** teria 50 participantes. Contudo, na primeira Assembleia ocorrida cinco dias após, na instalação do sodalício, em 15 de março de 1895, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, revogou-se o artigo 4º do Estatuto, e o número de participantes tornou-se ilimitado. Em maio de 1897, a entidade voltou a ter número limitado, prática que permaneceu até os dias

³¹. José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

³². Oswaldo Pimentel Portugal presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1931-1932.

atuais, modificando-se ao longo do tempo o número de participantes: 1897 (100 membros); fevereiro de 1920 (130 membros); 1936 (120 membros); 1961 (150 membros); 1989 (200 membros); e a partir de 2004 (130 membros).

MODIFICAÇÃO DO NOME

A **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** teve seu nome trocado para **Academia de Medicina de São Paulo**, em Assembleia Geral realizada em 7 de março de 1954, na gestão de Eurico Branco Ribeiro³³ (1954-1955), que a respeito dessa mudança assim se expressou: *“De fato, foi ela³⁴ organizada dentro de uma estrutura acadêmica. Não é instituição aberta, como geralmente as sociedades de medicina, mas somente abre as suas portas a profissionais credenciados, com uns tantos anos de tirocínio, mediante concurso de títulos e aprovação de um trabalho inédito de livre escolha do candidato. O número é restrito e só quando se dá uma vaga é que se abre concurso para preenchê-la. Os sócios são distribuídos por Seções, tal como nas Academias e como nestas cada cadeira tem um patrono. A própria linguagem das ocasiões solenes, estipulada no Regimento Interno, é uma linguagem acadêmica, exigindo o tratamento de ‘V. Excia.’”*

“Assim sendo, na realidade, a nossa Sociedade é uma Academia de Medicina e Cirurgia”. Reconhece-o a nossa classe médica, pois assim a distingue. Proclamou-o recentemente na solenidade de inauguração das novas instalações da sede social, o espírito esclarecido, ponderado e preciso do presidente Felício Cintra do Prado³⁵. Foi, aliás, com esse escopo que se fez a reforma estatutária de 1936; e se já então não se inscreveu a palavra ‘Academia’ no topo da nossa organização, creio que isso foi fruto de um compreensível conservantismo com que se quis respeitar veneráveis tradições de quase meio século. Mas a história registra indelevelmente o papel saliente que a nossa Sociedade desempenhou no progresso da Medicina em São Paulo. Não será com u’a mudança de nome que se irá apagar de nossas recordações o muito que o nosso meio cultural deve à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Pelo contrário, a denominação de Academia consagrando uma instituição de fato virá dar ainda maior realce à obra de uma instituição, cujos sócios terão mais um título de que se ufanar e mais um motivo para se dedicar a ela com assiduidade, carinho e respeito”³⁶.

Embora a entidade tivesse predicados de Academia, tais como número limitado de participantes; ingresso mediante concurso e suposta vitaliciedade de seus membros, a mudança do número de participantes (120 em 1954; 150 em 1961; e 200 em 1989) deixava muito a desejar no que dizia respeito aos patronos das respectivas cadeiras e seus sucessivos ocupantes.

Assim, a mudança do nome do sodalício não trouxe a devida adaptação na alocação de seus membros em cadeiras, a exemplo das centenas de entidades congêneres existentes, onde cada patrono encabeça uma “descendência genealógica”.

Lembro-me que, logo após meu ingresso neste silogeu, em 1986 – há quase seis lustros! –, era desejo das diversas diretorias que se sucederam a concretização dessa pendência. Contudo, esse tento foi somente conseguido

³³. Eurico Branco Ribeiro foi um exímio cirurgião, ambidestro. Dirigiu o Sanatório São Lucas e presidiu também o Departamento de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina; a Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa; o Colégio Brasileiro de Cirurgiões – Capítulo de São Paulo; o clube dos 21 Irmãos Amigos; a Casa dos Velinhos de Ondina Lobo; além de ter sido diretor e redator por 45 anos dos “Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia”! Foi o fundador da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), posteriormente, designada Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames); terceiro ocupante da cadeira nº 6 da Academia Paulista de Letras sob a patronímica de José Vieira Couto de Magalhães; fundador da cadeira nº 27 da Academia Cristã de Letras sob a patronímica de São Lucas; e indicado patrono, *post-mortem*, da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina e da Sobrames nacional. Foi também membro honorário da Sociedade dos Cirurgiões de Santiago do Chile, Union Mondiale des Écrivains Médecins, cidadão honorário de Curitiba e prefeito honorário de San Antonio, Texas (EUA).

³⁴. Referindo-se à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

³⁵. Felício Cintra do Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1953-1954, e é o patrono da cadeira nº 41 desse sodalício.

³⁶. Ribeiro, Eurico Branco. Uma Academia de Medicina e Cirurgia. Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia. Volume XLVII – nº 6 (junho): 453-454, 1954.

50 anos depois da mudança do nome da entidade (!!!), com a atualização do seu Estatuto aprovado em Assembleia Extraordinária realizada em 12 de novembro de 2004³⁷, no final da primeira gestão de Guido Arturo Palomba (2003-2004).

PARALELOS COM OUTRAS ACADEMIAS

Percalços com patronos não é apanágio da **Academia de Medicina de São Paulo**, mas já ocorreram em outros sodalícios, igualmente tradicionais e afamados, tendo-se como exemplos:

- A. A vetusta **Academia Nacional de Medicina**, fundada em 30 de junho de 1829, teve apenas em 1963 (134 após!!!) a instituição do quadro de seus patronos em suas respectivas cadeiras.
- B. A **Academia Paulista de Letras**, fundada em 27 de novembro de 1909, teve na presidência de Alcântara Machado (1929-1941) a substituição de dois de seus patronos, por entender a Academia que os patronos deveriam ser paulistas ou ligados a São Paulo. Assim, foi substituído o patrono da cadeira nº 3, Benjamin Constant (1767-1830), que, por proposta do acadêmico Mário de Andrade, passou a ter Matias Aires (1705-1770) por patrono; e a cadeira nº 26, inicialmente sob a patronímica de Artur Azevedo (1855-1908), que, por proposta do acadêmico Oliveira Ribeiro Neto, passou a ter como patrono José Martins Fontes³⁸ (1844-1937), então recentemente falecido. Assim, o médico e poeta Martins Fontes teve a honra de ser patrono de uma das cadeiras da Academia Paulista de Letras, 28 anos após a fundação do sodalício, fato inusitado³⁹!
- C. A **Academia Brasileira de Médicos Escritores** (Abrames), fundada em 17 de novembro de 1987, teve a substituição oficial de dois patronos em 28 de agosto de 2009, 21 anos e nove meses após a sua fundação. Essa mudança foi motivada depois de um meticoloso estudo e resgate da história do sodalício, bem como por se tratar de nomes mais caros à medicina e à literatura. Assim, Manoel Marques Gomes, patrono da cadeira nº 26, foi substituído por Eurico Branco Ribeiro; e Floriano de Aguiar, patrono da cadeira nº 30, foi substituído por João Guimarães Rosa^{40 e 41}.
- D. A **Academia de Medicina de São Paulo**, fundada em 7 de março de 1895, levou igualmente mais de um século para instituir por definitivo os patronos em suas respectivas cadeiras, fato esse homologado apenas em 2004, 109 anos após o seu início!

REFERÊNCIAS

1. Almeida, Tibério. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 2, nº 21 (março): 4, 1897.
2. Arêas, João Braga; Lopes, Atiele Azevedo de Lima; Fonseca, Maria Rachel Fróes da; Madureira, Francisco José Chagas; e Teixeira, Luiz Antonio. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Casa de Oswaldo Cruz: Fiocruz, 2010, p. 1-7.
3. Ata de Fundação (1ª Sessão Preparatória e 2ª Sessão Preparatória). Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Ano I (nº 1): 1-4, 1895.

³⁷. Registrado no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica, nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

³⁸. José Martins Fontes é o patrono da cadeira nº 77 da Academia de Medicina de São Paulo.

³⁹. Begliomini, Helio. Asclepiades da Academia Paulista de Letras. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2009.

⁴⁰. Begliomini, Helio. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2007.

⁴¹. Begliomini, Helio. Imortais da Abrames. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2010.

4. Banquete. Discurso pronunciado por Luiz Pereira Barreto no banquete a ele oferecido na data designada de fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. O Estado de S. Paulo – edição de 9 de março de 1895, sábado, página 1.
5. Begliomini, Helio. Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2007.
6. Begliomini, Helio. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2007.
7. Begliomini, Helio. Asclepiades da Academia Paulista de Letras. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2009.
8. Begliomini, Helio. Imortais da Abrames. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2010.
9. Begliomini, Helio. Esculápios da Casa de Machado de Assis. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2012.
10. Begliomini, Helio. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo. São Paulo: Expressão e Arte Gráfica, 2013.
11. Bettencourt-Rodrigues, Antonio Maria. Medicina e Médicos: Fatos e Comentários. Lisboa, 1922, p. 213.
12. Farina, Duílio Crispim. Tempo de Medicina e Ciência no Brasil: Da Academia Imperial à Associação Paulista de Medicina (Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo às páginas 5 e 6). Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina – nº 4 (julho-agosto): 1-7, 1980.
13. O Estado de S. Paulo. Edição de 11 de março de 1895, segunda-feira, página 1.
14. Palomba, Guido Arturo. História da Academia de Medicina de São Paulo. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda., 2013.
15. Puech, Rezende. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: Memória Histórica 1895-1921. São Paulo: Typ. Casa Garaux, 1921.
16. Ribeiro, Eurico Branco. Uma Academia de Medicina e Cirurgia. Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia. Volume XLVII – nº 6 (junho): 453-454, 1954.
17. Ribeiro Neto, José de Oliveira. Os Primeiros Anos da Academia de Medicina de São Paulo. Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia 95 (2): 64-81, 1968.
18. Sadi, Afiz e Freitas, Divaldo Gaspar de. O Ensino Médico em São Paulo Anteriormente à Fundação da “Paulista”. São Paulo: Editora Comercial Safady Limitada, 1995.
19. Santos Filho, Lycurgo de Castro. Pequena História da Medicina Brasileira. São Paulo: Parma. Cadernos de História 13, 1980, página 125.
20. Souza, José Bento de Paula. O Estado de S. Paulo. Edição de 11 de novembro de 1892, sexta-feira, à coluna 3 da página 1.
21. Souza, José Bento de Paula. O Estado de S. Paulo. Edição de 26 de outubro de 1899, quinta-feira, página 1.
22. Souza, Raphael de Paula. O Estado de S. Paulo. Edição de 18 de maio de 1892, quarta-feira, página 2.
23. Souza, Raphael de Paula. O Estado de S. Paulo. Edição de 8 de outubro de 1895, terça-feira, página 1.
24. Teixeira, Luiz Antonio. Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913). São Paulo: Editora Unesp, 2007.

RELAÇÃO DOS PRESIDENTES DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

“Nós vivemos até o dia em que morre a última pessoa que se lembra de nós.”

Amós Oz (1939-), escritor israelense e cofundador do movimento pacifista “Paz Agora” (*Shalom Akhshav*).

Este capítulo é dedicado a elencar de forma sucinta, em ordem progressiva de mandatos, os presidentes da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, hoje, **Academia de Medicina de São Paulo**. Na medida do que foi possível obter nas pesquisas realizadas, encontram-se também, concernentes a cada nome, as datas de nascimento, morte e o tempo de vida entre parênteses; assim como a cidade e o estado de nascimento, além da idade em que foi empossado presidente, considerando-se, naqueles que tiveram dois mandatos, o primeiro deles.

É de se esperar, pois, que a memória destes dignitários, em seu conjunto, jamais desapareça ou sequer esmoreça!

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
1º	1895-1896	Luiz Pereira Barreto 1840-1923 (83)	Resende RJ	54
2º	1896-1897	Carlos José Botelho 1855-1947 (91)	Piracicaba SP	40
3º	1897-1898	Augusto César de Miranda Azevedo 1851-1907 (56)	Sorocaba SP	45
4º	1898-1899	Mathias de Vilhena Valladão 1860-1920 (60)	Campanha da Princesa - MG	38
5º	1899-1900	Guilherme Ellis	–	–
6º	1900-1901	Bernardo Ribeiro de Magalhães 1864-1925 (61)	São Paulo SP	36
7º	1901-1902 1906-1907	Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho 1867-1920 (53)	Campinas SP	34
8º	1902-1903 1909-1910	Sérgio Florentino de Paiva Meira 1857-1917 (59)	Vila do Pilar PB	45
9º	1903-1904	Arthur Vieira de Mendonça	Minas Gerais	–

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
10º	1904-1905	Diogo Teixeira de Faria 1867-1927 (60)	Estado do RJ	37
11º	1905-1906 1911-1912	Domingos Rubião Alves Meira 1878-1946 (67)	Barra do Piraí RJ	27
12º	1905-1906 1916-1917	Affonso Regulo de Oliveira Fausto 1866-1930 (63)	Rio de Janeiro RJ	39
13º	1907-1908 1913-1914	João Alves de Lima 1872-1934 (62)	Piracicaba SP	34
14º	1908-1909	Sylvio Azambuja de Oliva Maia	–	–
15º	1910-1911	Synésio Rangel Pestana 1874-1962 (88)	Estado do RJ	35
16º	1912-1913	Nicolau de Moraes Barros 1876-1959 (83)	Piracicaba SP	35
17º	1914-1915	José Olegário de Almeida Moura	–	–
18º	1915-1916	Antônio Cândido de Camargo 1864-1947 (82)	Campinas SP	51
19º	1917-1918 1938-1939	Celestino Bourroul 1880-1958 (77)	São Paulo SP	37
20º	1918-1919 1935-1936	Ovídio Pires de Campos 1884-1950 (66)	Tatuí SP	34
21º	1919-1920 1934-1935	José Ayres Netto 1878-1969 (91)	Rio de Janeiro RJ	41
22º	1920-1921	Luiz Manuel de Rezende Puech 1884-1939 (54)	São Paulo SP	36
23º	1921-1922	Enjolras Vampré 1885-1938 (52)	Laranjeiras SE	36
24º	1922-1923	Adolpho Carlos Lindenberg 1872-1944 (72)	Cabo Frio RJ	50
25º	1923-1924	Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra 1877-?	Campinas SP	46
26º	1924-1925	Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho 1864-1942 (78)	São Paulo SP	60
27º	1925-1926	Eduardo Rodrigues Alves	–	–
28º	1926-1927	Olympio Portugal 1862-1934 (72)	Rio Claro RJ	64

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
29º	1927-1928 1950-1951	José Pereira Gomes 1882-1968 (86)	Itapetininga SP	45
30º	1928-1929	Cantídio de Moura Campos 1889-1972 (82)	Botucatu SP	39
31º	1929-1930	Adolpho Schmidt Sarmento 1883-1939 (56)	–	46
32º	1930-1931	Antônio de Almeida Prado 1889-1965 (75)	Itu SP	41
33º	1931-1932	Oswaldo Pimentel Portugal 1893-1980 (87)	Niterói RJ	38
34º	1932-1933	Zepherino Alves do Amaral 1885-1962 (76)	Atibaia SP	47
35º	1933-1934	Antônio Carlos Pacheco e Silva 1898-1988 (89)	São Paulo SP	35
36º	1936-1937	Mário Ottoni de Rezende 1883-1969 (86)	Leopoldina MG	53
37º	1937-1938	Flamínio Fávero 1895-1982 (87)	São Paulo SP	42
38º	1939-1940	Jairo de Almeida Ramos 1900-1972 (72)	Valença RJ	39
39º	1940-1941	Raul Vieira de Carvalho	–	–
40º	1941-1942	Franklin de Moura Campos 1896-1962 (66)	Tietê SP	45
41º	1942-1943	José Afonso de Mesquita Sampaio 1900-1977 (76)	São Paulo SP	42
42º	1943-1944	Roberto Oliva	–	–
43º	1944-1945	Antônio Carlos da Gama Rodrigues 1904-1963 (59)	Cruzeiro SP	40
44º	1945-1946	Eduardo Monteiro 1889-1945 (56)	Portugal	56
45º	1946-1947	Oscar Cintra Gordinho 1889-1954 (64)	–	57
46º	1947-1948	Alípio Corrêa Netto 1898-1988 (90)	Cataguazes MG	48
47º	1948-1949	Pedro Ayres Netto 1904-1991 (87)	São Paulo SP	44

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
48º	1949-1950	João Alves Meira 1905-1989 (84)	São Paulo SP	44
49º	1951-1952	Carmen Escobar Pires 1898-1984 (85)	S. Rita Passa Quatro – SP	53
50º	1952-1953	Benedicto Augusto de Freitas Montenegro 1888-1979 (91)	Jaú SP	64
51º	1953-1954	Felício Cintra do Prado 1900-1983 (82)	Amparo SP	53
52º	1954-1955	Eurico Branco Ribeiro 1902-1978 (75)	Guarapuava PR	52
53º	1955-1956	Paulo de Almeida Toledo 1909-1990 (81)	Serra Negra SP	46
54º	1956-1957	Oscar Monteiro de Barros 1894-1978 (83)	São Paulo SP	62
55º	1957-1958	Mário Ramos de Oliveira 1918-2004 (86)	São Paulo SP	39
56º	1958-1959	João Mendonça Cortez 1896-1978 (81)	Coimbra Portugal	62
57º	1959-1960	Eurico da Silva Bastos 1901-1991 (90)	Recife PE	58
58º	1960-1961	Adherbal Pinheiro Machado Tolosa 1899-1973 (73)	São Manoel do Paraíso – SP	62
59º	1961-1962	Nairo França Trench 1909-1984 (75)	Itapira SP	52
60º	1962-1963	Carlos da Silva Lacaz 1915-2002 (86)	Guaratinguetá SP	47
61º	1963-1964	Plínio Bove 1909-1995 (86)	São Paulo SP	54
62º	1964-1965	Carlos de Oliveira Bastos 1910-2003 (93)	Mogi Mirim SP	54
63º	1965-1966	Waldyr da Silva Prado 1916-2000 (84)	Itatinga SP	48
64º	1966-1967	Durval Sarmento da Rosa Borges 1912-1999 (86)	Recife PE	54
65º	1967-1968	Virgílio Alves de Carvalho Pinto 1913-1983 (70)	São Paulo SP	54
66º	1969-1970	Michel Abu-Jamra 1916-1999 (82)	São Paulo SP	53

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
67º	1971-1972	Ernesto Lima Gonçalves 1925-	São Carlos SP	46
68º	1973-1974	Julio Cesar Kieffer 1915-1986 (71)	Roma Itália	58
69º	1975-1976	Joamel Bruno de Mello 1930-	São Paulo SP	44
70º	1977-1978	Antônio Spina França Netto 1927-2010 (82)	Jaú SP	50
71º	1979-1980	Pedro Nahas 1928-2007 (78)	São Paulo SP	51
72º	1981-1982	Luís Marques de Assis 1929-	Bragança Paulista – SP	52
73º	1983-1984	Irany Novah de Moraes 1926-2007 (81)	Bauru SP	57
74º	1985-1986	Odon Ramos Maranhão 1924-1995 (71)	São Paulo SP	61
75º	1987-1988	Arthur Belarmino Garrido Júnior 1941-	São Paulo SP	45
76º	1989-1990	Fernando Proença de Gouvêa 1929-	São Paulo SP	60
77º	1991-1992	José Rodrigues Louza 1929-2015 (86)	São Paulo SP	62
78º	1993-1994	Raul Marino Júnior 1936-	São Paulo SP	57
79º	1995-1996	Cláudio Cohen 1948-	Roma Itália	47
80º	1997-1998	Marisa Campos Moraes Amato 1953-	São Paulo SP	44
81º	1999-2000	Luiz Celso Mattosinho França 1931-	Jaú SP	68
82º	2001-2002	Salvador José de Toledo Arruda Amato 1951-	São Paulo SP	49
83º	2003-2004 2007-2008	Guido Arturo Palomba 1948-	São Paulo SP	55
84º	2005-2006	Luiz Fernando Pinheiro Franco 1945-	São Paulo SP	60
85º	2009-2010	Yvonne Capuano 1936-	São Paulo SP	73

Nº	Mandato(s)	Nome	Naturalidade	Idade Posse
86º	2011-2012 2013-2014	Affonso Renato Meira 1931-	São Paulo SP	80
87º	2015-2016	José Roberto de Souza Baratella ¹ 1942-	São Paulo SP	72

¹. A pesquisa desta obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

GALERIA DOS PRESIDENTES

“Se enxerguei mais longe, foi porque me apoiei sobre os ombros de gigantes.”

Isaac Newton (1642-1727), físico, matemático, astrônomo e filósofo inglês.

Frase contida na carta dirigida, em 1676, ao cientista compatriota
Robert Hooke (1635-1703), sobre a compreensão do cosmos.

É com incontido gáudio que, pela primeira vez, nos 120 anos de história da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, se reúna para a posteridade – num só conjunto!!! – a memória visual dos membros que tiveram a honra de presidir tão augusto sodalício.

Essa prática, que se encontra tradicionalmente arraigada em outras renomadas entidades e instituições que preservam e se orgulham de sua história, estava ausente em todo esse tempo na egrégia Academia de Medicina de São Paulo, pendência agora superada a duríssimas penas!

Dos 87 presidentes aqui elencados, apenas de dois deles (2,3%) não foi possível se conseguir sequer uma ilustração, um desenho ou mesmo uma caricatura de seu rosto. Em contrapartida, inegavelmente, há fotos que foram de difícil obtenção, garimpadas em pesquisas e mais pesquisas que perduraram por quatro anos: estas estão devidamente registradas nos rodapés das respectivas biografias feitas pelo autor; outras certamente deixam a desejar em sua nitidez. Contudo, que estes percalços não sejam motivo de demérito ao labor realizado; ao contrário, que sirvam de estímulo ou mesmo de êmulo a que outros pesquisadores – membros e não membros deste silogeu – se aventurem e se irmanem no desejo de complementar e melhorar este inaudito e incomensurável acervo.

Nestes 120 anos de existência ininterrupta da Academia de Medicina de São Paulo (1895-2015) houve 87 presidentes e 98 mandatos tradicionalmente anuais, que, a partir de Virgílio Alves de Carvalho Pinto (1967-1968), 65º presidente, se tornaram bienais.

A relação dos presidentes encontra-se numa sequência ordenada decrescente de mandatos, ou seja, inicia-se do atual (2015-2016)¹ até o primeiro (1895-1896). Este pormenor quer dar ênfase ao reconhecimento de que tanto na obtenção de um conhecimento novo, assim como na história das instituições, as conquistas amealhadas e legadas

¹. A pesquisa desta obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

Nota: Este capítulo, sob pseudônimo e sem a menção do presidente José Roberto de Souza Baratella (2015-2016), pois não havia ainda sido eleito, recebeu menção honrosa no Concurso sobre História da Medicina da Academia Brasileira de Médicos Escritores – Abrames, em sessão de gala ocorrida em 28 de novembro de 2014, no Rio de Janeiro.

aos pósteros estarão inextricavelmente alavancadas no trabalho realizado por uma miríade de outros abnegados. Em outras palavras, por trás e ao lado de cada presidente que protagonizou um período de trabalho na história da insigne Academia de Medicina de São Paulo encontram-se valorosos membros “anônimos” de sua diretoria, assim como de presidentes e de diretorias que o antecederam.

Que o despretenso e translúcido pensamento em epígrafe, que denota muita humildade na personalidade do genial Isaac Newton, colabore para melhor compreender e ilustrar este trabalho! Este foi modestamente o espírito que ajudou a motivar todo o esforço empreendido, ora aqui consignado.



José Roberto de Souza Baratella
87º – 2015-2016



Affonso Renato Meira
86º – 2011-2012 e 2013-2014



Yvonne Capuano
85º – 2009-2010



Luiz Fernando Pinheiro Franco
84º – 2005-2006



Guido Arturo Palomba
83º – 2003-2004 e 2007-2008



Salvador J. Toledo Arruda Amato
82º – 2001-2002



Luiz Celso Mattosinho França
81º – 1999-2000



Marisa Campos Moraes Amato
80º – 1997-1998



Claudio Cohen
79º – 1995-1996



Raul Marino Júnior
78º – 1993-1994



José Rodrigues Louzã
77º – 1991-1992



Fernando Proença de Gouvêa
76º – 1989-1990



Arthur Belarmino Garrido Júnior
75º – 1987-1988



Odon Ramos Maranhão
74º – 1985-1986



Irary Novah de Moraes
73º – 1983-1984



Luís Marques de Assis
72º – 1981-1982



Pedro Nahas
71º – 1979-1980



Antonio Spina França Netto
70º – 1977-1978



Joamel Bruno de Mello
69º – 1975-1976



Julio Cesar Kieffer
68º – 1973-1974



Ernesto Lima Gonçalves
67º – 1971-1972



Michel Abu-Jamra
66º – 1969-1970



Virgílio Alves de Carvalho Pinto
65º – 1967-1968



Durval Sarmento da Rosa Borges
64º – 1966-1967



Waldyr da Silva Prado
63º – 1965-1966



Carlos de Oliveira Bastos
62º – 1964-1965



Plínio Bove
61º – 1963-1964



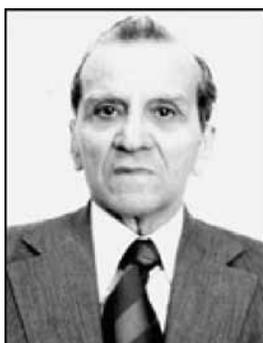
Carlos da Silva Lacaz
60º – 1962-1963



Nairo França Trench
59º – 1961-1962



Adherbal Pinheiro M. Tolosa
58º – 1960-1961



Eurico da Silva Bastos
57º – 1959-1960



João Mendonça Cortez
56º – 1958-1959



Mário Ramos de Oliveira
55º – 1957-1958



Oscar Monteiro de Barros
54º – 1956-1957



Paulo de Almeida Toledo
53º – 1955-1956



Eurico Branco Ribeiro
52º – 1954-1955



Felício Cintra do Prado
51º – 1953-1954



Benedicto A. Freitas Montenegro
50º – 1952-1953



Carmen Escobar Pires
49º – 1951-1952



João Alves Meira
48º – 1949-1950



Pedro Ayres Netto
47º – 1948-1949



Alípio Corrêa Netto
46º – 1947-1948



Oscar Cintra Gordinho
45º – 1946-1947



Eduardo Monteiro
44º – 1945-1946



Antônio Carlos Gama Rodrigues
43º – 1944-1945



Roberto Oliva
42º – 1943-1944



José Afonso Mesquita Sampaio
41º – 1942-1943



Franklin de Moura Campos
40º – 1941-1942



Raul Vieira de Carvalho
39º – 1940-1941



Jairo de Almeida Ramos
38º – 1939-1940



Flamínio Fávero
37º – 1937-1938



Mario Ottoni de Rezende
36º – 1936-1937



Antônio Carlos Pacheco e Silva
35º – 1933-1934



Zepherino Alves do Amaral
34º – 1932-1933



Oswaldo Pimentel Portugal
33º – 1931-1932



Antônio de Almeida Prado
32º – 1930-1931



Adolpho Schmidt Sarmiento
31º – 1929-1930



Cantídio de Moura Campos
30º – 1928-1929



José Pereira Gomes
29º – 1927-1928 e 1950-1951



Olympio Portugal
28º – 1926-1927



Eduardo Rodrigues Alves
27º – 1925-1926



Américo Brasiliense A. M. Filho
26º – 1924-1925



Delphino Pinheiro Ulhôa Cintra
25º – 1923-1924



Adolpho Carlos Lindenberg
24º – 1922-1923



Enjolras Vampré
23º – 1921-1922



Luiz Manuel de Rezende Puech
22º – 1920-1921



José Ayres Netto
21º – 1919-1920 e 1934-1935



Ovídio Pires de Campos
20º – 1918-1919 e 1935-1936



Celestino Bourroul
19º – 1917-1918 e 1938-1939



Antônio Cândido de Camargo
18º – 1915-1916



José Olegário de Almeida Moura
17º – 1914-1915



Nicolau de Moraes Barros
16º – 1912-1913



Synésio Rangel Pestana
15º – 1910-1911



Sylvio de Azambuja Oliva Maia
14º – 1908-1909



João Alves de Lima
13º – 1907-1908 e 1913-1914



Affonso Regulo Oliveira Fausto
12º – 1905-1906 e 1916-1917



Domingos Rubião Alves Meira
11º – 1905-1906 e 1911-1912



Diogo Teixeira de Faria
10º – 1904-1905

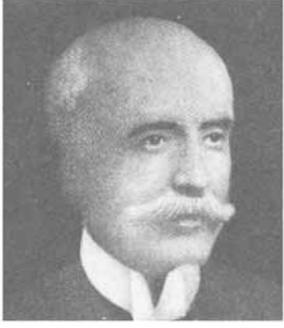


Arthur Vieira de Mendonça
9º – 1903-1904

Sérgio Florentino de Paiva Meira
8º – 1902-1903 e 1909-1910



Arnaldo A. Viera de Carvalho
7º – 1901-1902 e 1906-1907

<p>Bernardo Ribeiro de Magalhães 6º – 1900-1901</p>	 <p>Guilherme Ellis 5º – 1899-1900</p>	 <p>Mathias de Vilhena Valladão 4º – 1898-1899</p>
 <p>Augusto César de M. Azevedo 3º – 1897-1898</p>	 <p>Carlos José Botelho 2º – 1896-1897</p>	 <p>Luiz Pereira Barreto 1º – 1895-1896</p>

CURIOSIDADES

“A curiosidade é mais importante do que o conhecimento.”

Albert Einstein (1879-1955), físico alemão-estadunidense, desenvolveu a teoria da relatividade geral – um dos pilares da física moderna –, e foi laureado com o Prêmio Nobel de Física, em 1921, pela descoberta da Lei do Efeito Fotoelétrico.

A curiosidade não somente “é mais importante do que o conhecimento”, como asseverou Albert Einstein, mas é a virtude que o determina, que o motiva, que o revela. Ademais, concordo também com Emanuel Wertheimer, (1846-1916), filósofo alemão-austriaco e escritor de aforismos, ao referir: *“Somente a curiosidade não envelhece conosco e fica sempre criança”*.

Assim, com um misto da candura da infância e um desejo de desvelar conhecimentos é que este capítulo foi concebido. Destina-se a explicitar alguns pormenores depreendidos do estudo e da analogia das biografias dos presidentes da Academia de Medicina de São Paulo.

I. PRESIDENTES E MANDATOS

Nestes 120 anos de existência ininterrupta da Academia de Medicina de São Paulo (1895-2015)¹ houve 87 presidentes e 98 mandatos.

A. Mandato Anual

Durante 72 anos (!) os mandatos presidenciais foram anuais, ora iniciando em março dos anos ímpares e terminando no mesmo mês dos anos pares; ora começando em março dos anos pares e terminando em março dos anos ímpares, tendo-se sempre em relevância que 7 de março² é a data em que se celebra a fundação da Academia de Medicina de São Paulo, surgida como Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1895.

Não se sabe ao certo o motivo do mandato anual. Contudo, pode-se inferir que, como a Academia de Medicina de São Paulo sempre esteve repleta de médicos notáveis, a alternância anual no cargo facultaria a que um maior número deles tivesse também a honra de presidi-la. Ademais, tendo apenas 12 meses para cumprir um mandato, o presidente daria o melhor de si para ter uma gestão exitosa³.

Durante décadas e décadas, desde os albores da entidade, já se previa quem assumiria a presidência na gestão seguinte. Inicialmente e por diversos anos, o vice-presidente de uma gestão era o presidente da subsequente, o que lhe dava oportunidade de observar de perto e de colaborar de forma muito ativa dentre os participantes da diretoria.

¹. A pesquisa desta obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

². Fundada aos 7 de março de 1895.

³. Essas são as razões que levam, há mais de um século, o Rotary International – centenária e renomada entidade formada por cerca de 1.200.000 destacados líderes, que exercem suas profissões de forma ética; que aspiram à paz e a compreensão mundial – a trocar, anualmente, em seus mais de 34.000 clubes espalhados por todo o mundo, o seu quadro diretivo.

Com o passar do tempo instituiu-se o cargo do “presidente eleito”, que não era mais ocupado pelo vice-presidente, mas por quem assumiria o mandato seguinte. A figura do “presidente eleito” deixou de vigorar na última mudança estatutária de 2004⁴.

B. Mudança de Mandato Anual para Bienal

De acordo com o Capítulo III – “Da Administração”; Letra B – “Diretoria”, artigos nºs 22 e 23 do Estatuto aprovado em Assembleia Geral realizada em 18 de outubro de 1967⁵, o mandato da diretoria da Academia de Medicina de São Paulo tornou-se bienal:

Artigo nº 22 – “O cargo de Presidente é preenchido pelo Presidente eleito do período imediatamente anterior, tendo seu mandato a duração de dois anos.”

Artigo nº 23 – “Os demais cargos da Diretoria são preenchidos pela Assembleia Geral Ordinária para um mandato de dois anos, devendo a escolha recair em membro emérito, titular e ou titular convidado com mais de cinco anos de pleno gozo dos direitos sociais.”

Assim, **Durval Sarmento da Rosa Borges** (1966-1967), 64º presidente da Academia de Medicina de São Paulo, foi o último que teve mandato anual. O presidente eleito de sua gestão era **Virgílio Alves de Carvalho Pinto**, que assumiu o mandato em 25 de abril de 1967 (Figuras 1 e 2), em cerimônia realizada na sede da Academia Paulista de Letras, tornando-se o 65º presidente da Academia de Medicina de São Paulo e o primeiro a ter mandato bienal (1967-1968). **Virgílio Alves de Carvalho Pinto** entregou o cargo em 4 de março de 1969 a **Michel Abu-Jamra**, presidente eleito de sua gestão, em solenidade ocorrida na sede da Academia Paulista de Letras (Figuras 3 e 4). Por sua vez, **Michel Abu-Jamra** (1969-1970) transmitiu o cargo de presidente também na sede da Academia Paulista de Letras, em 6 de abril de 1971 – dois anos após –, a **Ernesto Lima Gonçalves** (1971-1972), que, assim como seus dois antecessores e todos os seus sucessores até a atualidade, exerceu mandato bienal.

Ata da sessão solene de posse da nova Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, realizada no dia 25 de abril de 1967 na sede da Academia Paulista de Letras, largo do Arrouche, 312, às 21 horas. Aberta a sessão pelo sr. Presidente, Dr. Durval Rosa Borges, foi constituída a mesa que contou com a presença de inúmeras autoridades civis e representantes de escolas e Associações Médicas. Passando-se a ordem do dia, o Senhor Presidente apresentou o relatório das atividades da diretoria que terminava o mandato. A seguir foi prestada uma homenagem.

Figura 1 – Excerto inicial da Ata de Posse de Virgílio Alves de Carvalho Pinto, em solenidade presidida pelo seu antecessor, Durval Sarmento da Rosa Borges, aos 25 de abril de 1967, na sede da Academia Paulista de Letras.

⁴. Registrado no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica, nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

⁵. Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia, volume XCV – nº 2 (março-abril): 82-86, 1968.

empossada a nova Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, para o ano por 1967-1968, que está assim constituído: Presidente: Virgílio Alves de Carvalho Pinto, Vice-Presidente: Michel Abu-Jamra, Secretário Geral: Dr. Francisco Luiz Bardamian Ramieri, 1º Secretário: Saulo David Branco, 1º Tesoureiro: Pedro Janini e 2º Tesoureiro: Fares Rahal. Comissão do Patrimônio: Carlos de Oliveira Bastos, Durval Rosa Borges, Eurico Branco Ribeiro e Waldyr da Silva Prado. Comissão Científica: Ernesto Lima Gonçalves, José

Figuras 2 – Excerto final da Ata de Posse de Virgílio Alves de Carvalho Pinto, assinalando seu mandato em 1967-1968 e explicitando Michel Abu-Jamra como presidente eleito da gestão subsequente.

1º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
 AVERBADO hoje em dia n.º 12.949
 no livro _____ (registro)
 São Paulo, _____ de 1968
 MARIO DA SILVA F. COSTA - Oficial
 José Carlos Wagner - Of. Maior

12 CENAVOS
 12 CENAVOS

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
 JOSÉ CARLOS WAGNER
 OFICIAL MAIOR
 R. ROBERTO SIMONSEN, 106
 SÃO PAULO

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
 JOSÉ CARLOS WAGNER
 OFICIAL MAIOR
 R. ROBERTO SIMONSEN, 106
 SÃO PAULO

x
 Ata da sessão solene de posse da nova Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, realizada no dia 4 de março de 1969, na sede da Academia Paulista de Letras, largo do Grouche, 312 às 21 horas. Aberta a sessão pelo Dr. Virgílio Alves de Carvalho Pinto, foi constituída a mesa que contou com a presença de inúmeras autoridades civis e representantes de escolas e Associações Médicas. Passando-se a ordem

Figura 3 – Excerto inicial da ata de término do mandato de Virgílio Alves de Carvalho Pinto, em sessão solene ocorrida aos 4 de março de 1969, na sede da Academia Paulista de Letras.

do desenvolvimento do Brasil. Após o juramento dos novos membros titulares e da nova diretoria que ora se empotra, foi dada a posse solene a nova diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, para o ano social 1969/1970, que ficou assim constituída: Presidente: Prof. Michel Jamra; Presidente eleito: Dr. Ernesto Lima Gonçalves; Secretário Geral: Dr. Antonio Spina Franca Neto; 1.º Secretário: Dr. Mâmbio Speranzini; 1.º Tesoureiro: Hyl Soares Bairad; 2.º Tesoureiro: José Venha Godoy D'Alembert.

Figura 4 – Excerto final da ata de término do mandato de Virgílio Alves de Carvalho Pinto, explicitando seu sucessor, Michel Abu-Jamra, em mandato também bienal (1969-1970).

Em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 12 de fevereiro de 1971, dentre algumas reformas estatutárias, foi ratificado o mandato bienal na Academia de Medicina de São Paulo, sendo aprovada a seguinte alteração redacional do artigo nº 23 do Estatuto de 18 de outubro de 1967: “Os demais cargos da Diretoria serão preenchidos pela Assembleia Geral Ordinária para um mandato de dois anos, devendo a escolha recair em membro emérito, titular e ou titular convidado”.

As transmissões dos mandatos bienais passaram a ser feitas em março dos anos ímpares⁶ – mês de fundação do sodalício –, embora se considere oficialmente a gestão até o final dos anos pares. Explicitando: **Durval Sarmiento da Rosa Borges**, que teve o último mandato com duração de um ano, recebeu o cargo de **Waldyr da Silva Prado** (1965-1966), em solenidade realizada no dia 24 de março de 1966, na sede da Associação Paulista de Medicina (Figura 5). Por sua vez, como já visto acima, entregou o cargo a **Virgílio Alves de Carvalho Pinto**, em 25 de abril de 1967 (Figuras 1 e 2).

Assim, desde a primeira gestão de **Luiz Pereira Barreto** (1895-1896) até **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (1966-1967), os mandatos anuais foram considerados alternadamente, entre março de um ímpar a março de um ano par; e entre março de um ano par a março de um ano ímpar: 1895-1896; 1896-1897... 1965-1966; 1966-1967. A partir de **Virgílio Alves de Carvalho Pinto**, o primeiro a ter mandato bienal, embora tenha transmitido o cargo a seu sucessor em 4 de março de 1969 (Figuras 3 e 4), seu mandato foi contado como 1967-1968: início num ano ímpar e término num ano par. E ambas as práticas – transmissão do cargo e posse em março do ano ímpar, e término do mandato no final ano par – têm se repetido desde então: **Michel Abu-Jamra**, 66º presidente (1969-1970); **Ernesto Lima Gonçalves**, 67º presidente (1971-1972); **Julio Cesar Kieffer**, 68º presidente (1973-1974); ... **Afonso Renato Meira**, 86º presidente (2011-2012 e 2013-2014).

⁶. Em março ou em meses contíguos a ele.

Ata da sessão solene de posse da nova Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, realizada no dia 24 de março de 1966 na sede da Associação Paulista de Medicina à Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 278 8ª., às 21 horas. Aberta a sessão pelo sr. Presidente Dr. Waldyr da Silva Prado foi constituída a mesa, que contou com a presença dos Drs. Jairo Cavalheiro Dias e Fauzé Carlos, respectivamente Secretário de Saúde e Secretário de Higiene da Municipalidade. A seguir foram empossados os novos acadêmicos, senhores: Drs. Adhemar Mario Fiorillo, Celso Antonio de Carvalho, Frank Novak Moraes, Prof. Jair Xavier Guimarães, Jorge A. Fonseca Caldeira e Sílvio dos Santos Carvalho. Após o juramento de posse foram saudados pelo Acadêmico Prof. Mario Ramos de Oliveira, seguindo-se a oração do Dr. Sílvio dos Santos Carvalho, em nome dos novos acadêmicos. O sr. Presidente declarou, após o juramento da nova Diretoria, empossada e assim constituída: Presidente, Dr. Durval Rosa Borges, Presidente-Eleito, Dr. Virgílio Alves de Carvalho Pinto, Vice-

Figura 5 – Excerto inicial da ata de transmissão de cargo de Waldyr da Silva Prado a Durval Sarmiento da Rosa Borges, em solenidade ocorrida na sede da Associação Paulista de Medicina, em 24 de março de 1966.

C. Mandato Compartilhado

O único caso na história da Academia de Medicina de São Paulo, cujo presidente não chegou a terminar seu mandato, exercendo-o parcialmente, foi o de **Domingos Rubião Alves Meira** (1905-1906), que foi substituído pelo seu vice-presidente, **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (1905-1906). Contudo, ambos exerceram a presidência da entidade posteriormente por mais um mandato anual: **Domingos Rubião Alves Meira** (1911-1912) e **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (1916-1917).

D. Mandatos Duplos

Dos 87 médicos que presidiram a Academia de Medicina de São Paulo, 11 (12,6%) tiveram duplo mandato, sendo que em 10 deles os mandatos foram não consecutivos: 1. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (1901-1902 e 1906-1907); 2. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (1902-1903 e 1909-1910); 3. **Domingos Rubião Alves Meira** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912); 4. **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917); 5. **João Alves de Lima** (1907-1908 e 1913-1914); 6. **Celestino Bourroul** (1917-1918 e 1938-1939); 7. **Ovídio Pires de Campos** (1918-1919 e 1935-1936); 8. **José Ayres Netto** (1919-1920 e 1934-1935); 9. **José Pereira Gomes** (1927-1928 e 1950-1951); 10. **Guido Arturo Palomba** (2003-2004 e 2007-2008); e 11. **Affonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014).

Interessante observar que **José Pereira Gomes**, **Celestino Bourroul**, **Ovídio Pires de Campos** e **José Ayres Netto** voltaram ao poder, respectivamente, 22, 20, 16 e 14 anos após o término do primeiro mandato!

E. Maiores Mandatos

Os dois únicos presidentes que tiveram maior tempo (quatro anos) à frente da Academia de Medicina de São Paulo foram: **Guido Arturo Palomba** (2003-2004 e 2007-2008) e **Affonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014), em decorrência de o mandato ser bienal.

F. Mulheres na Presidência

Dos 87 presidentes da Academia de Medicina de São Paulo ao longo de seus 120 anos, apenas três (3,5%) foram as representantes femininas: 1. **Carmen Escobar Pires** (1951-1952); 2. **Marisa Campos Moraes Amato** (1997-1998); e 3. **Yvonne Capuano** (2009-2010).

II. MEMBROS FUNDADORES E PRESIDENTES

Os sete (17,5%) dos 40 membros fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, que se tornaram seus presidentes foram: 1. **Luiz Pereira Barreto** (1895-1896); 2. **Carlos José Botelho** (1896-1897); 3. **Mathias de Vilhena Valladão** (1898-1899); 4. **Bernardo Ribeiro de Magalhães** (1900-1901); 5. **Arnaldo Augusto Viera de Carvalho** (1901-1902 e 1906-1907); 6. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (1902-1903 e 1909-1910); e 7. **Arthur Vieira de Mendonça** (1903-1904).

III. PRESIDENTES PATRONOS

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, fundada em 7 de março de 1895, teve seu nome mudado após 59 anos para Academia de Medicina de São Paulo, em 1954. Contudo, essa mudança não trouxe a devida adaptação na alocação de seus membros em cadeiras, a exemplo das centenas de entidades congêneres existentes.

Esse tento foi somente conseguido 50 anos depois (!!!) da mudança do nome da entidade, com a atualização do seu Estatuto aprovado em Assembleia Extraordinária realizada em 12 de novembro de 2004. Nessa ocasião, os membros titulares ativos, assim como componentes da diretoria então vigente, propuseram para patronos das 130 cadeiras do sodalício nomes relevantes da medicina paulista e brasileira, e dentre eles configuravam diversos membros pertencentes à história da Academia de Medicina de São Paulo.

Levando-se em consideração a primeira gestão de Guido Arturo Palomba (2003-2004), quando houve a última mudança estatutária e a definição das cadeiras e suas patronímicas, 83 médicos – incluindo ele – tinham passado pela presidência da entidade, e, desses, 68 (81,9%) já haviam falecido, todos eles passíveis de serem eleitos como patronos. Nessa ocasião, desses 68 falecidos, 39 (57,3%) foram escolhidos como patronos de cadeiras da entidade. Em contrapartida, das 130 cadeiras existentes, 39 (30%) tiveram como patronos ex-presidentes. Dentre eles, os cinco que exerceram a presidência mais contemporaneamente – quatro nos anos de 1960 e um nos anos de 1970 – foram:

1. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa** (1960-1961); 2. **Carlos da Silva Lacaz** (1962-1963); 3. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (1966-1967); 4. **Virgílio Alves de Carvalho Pinto** (1967-1968); e 5. **Julio Cesar Kieffer** (1973-1974).

Encontram-se, a seguir, elencados em ordem crescente de cadeiras, os 39 presidentes que também se tornaram patronos:

1. **Luiz Pereira Barreto** (1895-1896), patrono da cadeira nº 1; 2. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (1966-1967), patrono da cadeira nº 8; 3. **Flamínio Fávero** (1937-1938), patrono da cadeira nº 10; 4. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (1901-1902 e 1906-1907), patrono da cadeira nº 11; 5. **Alípio Corrêa Netto** (1947-1948), patrono da cadeira nº 12; 6. **Mathias de Vilhena Valladão** (1898-1899), patrono da cadeira nº 13; 7. **Nicolau de Moraes Barros** (1912-1913), patrono da cadeira nº 17; 8. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro** (1952-1953), patrono da cadeira nº 21; 9. **Adolpho Carlos Lindenberg** (1922-1923), patrono da cadeira nº 22; 10. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa** (1960-1961), patrono da cadeira nº 25; 11. **Julio Cesar Kieffer** (1973-1974), patrono da cadeira nº 31; 12. **João Alves Meira** (1949-1950), patrono da cadeira nº 32; 13. **Celestino Bourroul** (1917-1918)

e 1938-1939), patrono da cadeira nº 38; 14. **Virgílio Alves de Carvalho Pinto** (1967-1968), patrono da cadeira nº 40; 15. **Felício Cintra do Prado** (1953-1954), patrono da cadeira nº 41; 16. **Domingos Rubião Alves Meira** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912), patrono da cadeira nº 51; 17. **Carlos da Silva Lacaz** (1962-1963), patrono da cadeira nº 53; 18. **Enjolras Vampré** (1921-1922), patrono da cadeira nº 54; 19. **Carlos José Botelho** (1896-1897), patrono da cadeira nº 55; 20. **Diogo Teixeira de Faria** (1904-1905), patrono da cadeira nº 58; 21. **Afonso Regulo de Oliveira Fausto** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917), patrono da cadeira nº 67; 22. **Antônio Cândido de Camargo** (1915-1916), patrono da cadeira nº 66; 23. **Oscar Monteiro de Barros** (1956-1957), patrono da cadeira nº 69; 24. **Jairo de Almeida Ramos** (1939-1940), patrono da cadeira nº 75; 25. **José Pereira Gomes** (1927-1928 e 1950-1951), patrono da cadeira nº 80; 26. **Eurico da Silva Bastos** (1959-1960), patrono da cadeira nº 82; 27. **Ovídio Pires de Campos** (1918-1919 e 1935-1936), patrono da cadeira nº 83; 28. **Adolpho Schmidt Sarmento** (1929-1930), patrono da cadeira nº 89; 29. **Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho** (1924-1925), patrono da cadeira nº 100; 30. **Antônio de Almeida Prado** (1930-1931), patrono da cadeira nº 102; 31. **José Ayres Netto** (1919-1920 e 1934-1935), patrono da cadeira nº 105; 32. **Guilherme Ellis** (1899-1900), patrono da cadeira nº 108; 33. **Carmen Escobar Pires** (1951-1952), patronesse da cadeira nº 112; 34. **Eurico Branco Ribeiro** (1954-1955), patrono da cadeira nº 114; 35. **Luiz Manuel de Rezende Puech** (1920-1921), patrono da cadeira nº 115; 36. **Synésio Rangel Pestana** (1910-1911), patrono da cadeira nº 116; 37. **Mario Ottoni de Rezende** (1936-1937), patrono da cadeira nº 126; 38. **Antônio Carlos Pacheco e Silva** (1933-1934), patrono da cadeira nº 127; e 39. **Cantídio de Moura Campos** (1928-1929), patrono da cadeira nº 128.

A. Presidente e Patronesse

Deve-se destacar que a única mulher que presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, à sua época, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que também teve a honra de se tornar *post-mortem* patronímica de uma das 130 cadeiras, foi **Carmen Escobar Pires** (1951-1952), patronesse da cadeira nº 112.

IV. DISPUTA PRESIDENCIAL

Os presidentes ao longo de mais de um século se sucederam de forma pacífica, dando continuidade ao trabalho da gestão anterior. A única disputa acirrada em que houve dois candidatos à presidência, respectivamente **Yvonne Capuano** (2009-2010), que pretendia sua reeleição, e **Afonso Renato Meira**, dissidente de sua chapa, ocorreu no pleito efetuado em fevereiro de 2011. A comissão eleitoral, presidida pelo acadêmico Rui Telles Pereira, declarou vencedora, por uma diferença de quatro votos, a chapa encabeçada pelo acadêmico **Afonso Renato Meira** (2011-2012), que foi subsequentemente reeleito para mais um mandato (2013-2014).

Não resta dúvida de que a mudança estatutária de 2004, abolindo a figura do “presidente eleito”, tenha dado abertura a que a vida administrativa do sodalício se tornasse mais democrática e participativa, tendo como exemplos a eleição de membro titular e a eleição da diretoria, ambas por sufrágio secreto.

V. NATURALIDADE

É curioso observar que, excetuando-se 8 (9,1%) dos 87 médicos que presidiram a Academia de Medicina de São Paulo, cuja naturalidade não foi depreendida, 23 (29,1%) não nasceram neste estado. Ademais, dos 56 (70,9%) paulistas, 27 (48,2%) são paulistanos, ou seja, natural da cidade de fundação desse sodalício.

Os nomes declinados abaixo se encontram na sequência progressiva de mandatos presidenciais.

A. Naturalidade Desconhecida – 8 de 87 (9,2%):

1. **Guilherme Ellis** (1899-1900); 2. **Sylvio Azambuja de Oliva Maia** (1908-1909); 3. **José Olegário de Almeida Moura** (1914-1915); 4. **Eduardo Rodrigues Alves** (1925-1926); 5. **Adolpho Schmidt Sarmento** (1929-1930); 6. **Raul Vieira de Carvalho** (1940-1941); 7. **Roberto Oliva** (1943-1944); e 8. **Oscar Cintra Gordinho** (1946-1947).

B. Não Natos no Brasil – 4 de 79 (5,0%):

1. **Eduardo Monteiro** (Portugal, 1945-1946); 2. **João Mendonça Cortez** (Coimbra – Portugal, 1958-1959); 3. **Julio Cesar Kieffer** (Roma – Itália, 1973-1974); e 4. **Cláudio Cohen** (Roma – Itália, 1995-1996).

C. Brasileiros não Natos no Estado de São Paulo – 19 de 79 (24,0%):

1. **Luiz Pereira Barreto** (Resende – RJ, 1895-1896); 2. **Mathias de Vilhena Valladão** (Campanha da Princesa – MG, 1898-1899); 3. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (Vila do Pilar – PB, 1902-1903 e 1909-1910); 4. **Arthur Vieira de Mendonça** (Minas Gerais, 1903-1904); 5. **Diogo Teixeira de Faria** (Estado do Rio de Janeiro, 1904-1905); 6. **Domingos Rubião Alves Meira** (Barra do Piraí – RJ, meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912); 7. **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (Rio de Janeiro – RJ, meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917); 8. **Synésio Rangel Pestana** (Rio de Janeiro – RJ, 1910-1911); 9. **José Ayres Netto** (Rio de Janeiro – RJ, 1919-1920 e 1934-1935); 10. **Enjolras Vampré** (Laranjeiras – SE, 1921-1922); 11. **Adolpho Carlos Lindenberg** (Cabo Frio – RJ, 1922-1923); 12. **Olympio Portugal** (Rio Claro – RJ, 1926-1927); 13. **Oswaldo Pimentel Portugal** (Niterói – RJ, 1931-1932); 14. **Mario Ottoni de Rezende** (Leopoldina – MG, 1936-1937); 15. **Jairo de Almeida Ramos** (Valença – RJ, 1939-1940); 16. **Alípio Corrêa Netto** (Cataguazes – MG, 1947-1948); 17. **Eurico Branco Ribeiro** (Guarapuava – PR, 1954-1955); 18. **Eurico da Silva Bastos** (Recife – PE, 1959-1960); e 19. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (Recife – PE, 1966-1967).

D. Paulistas não Paulistanos – 28 de 79 (35,4%):

1. **Carlos José Botelho** (Piracicaba, 1896-1897); 2. **Augusto César de Miranda Azevedo** (Sorocaba, 1897-1898); 3. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (Campinas, 1901-1902 e 1903-1904); 4. **João Alves de Lima** (Piracicaba, 1907-1908 e 1913-1914); 5. **Nicolau de Moraes Barros** (Piracicaba, 1912-1913); 6. **Antônio Cândido de Camargo** (Campinas, 1915-1916); 7. **Ovídio Pires de Campos** (Tatuí, 1918-1919 e 1935-1936); 8. **Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra** (Campinas, 1923-1924); 9. **José Pereira Gomes** (Itapetininga, 1927-1928 e 1950-1951); 10. **Cantídio de Moura Campos** (Botucatu, 1928-1929); 11. **Antônio de Almeida Prado** (Itu, 1930-1931); 12. **Zepherino do Amaral** (Atibaia, 1932-1933); 13. **Franklin de Moura Campos** (Tietê, 1941-1942); 14. **Antônio Carlos da Gama Rodrigues** (Cruzeiro, 1944-1945); 15. **Carmen Escobar Pires** (Santa Rita do Passa Quatro, 1951-1952); 16. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro** (Jaú, 1952-1953); 17. **Felício Cintra do Prado** (Amparo, 1953-1954); 18. **Paulo de Almeida Toledo** (Serra Negra, 1955-1956); 19. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa** (São Manoel do Paraíso, 1960-1961); 20. **Nairo França Trench** (Itapira, 1961-1962); 21. **Carlos da Silva Lacaz** (Guaratinguetá, 1962-1963); 22. **Carlos de Oliveira Bastos** (Mogi Mirim, 1964-1965); 23. **Waldyr da Silva Prado** (Itatinga, 1965-1966); 24. **Ernesto Lima Gonçalves** (São Carlos, 1971-1972); 25. **Antônio Spina França Netto** (Jaú, 1977-1978); 26. **Luís Marques de Assis** (Bragança Paulista, 1981-1982); 27. **Iransy Novah de Moraes** (Bauru, 1983-1984); e 28. **Luiz Celso Mattosinho França** (Jaú, 1999-2000).

E. Paulistanos – 28 de 79 (35,4%):

1. **Bernardo Oliveira de Magalhães** (1900-1901); 2. **Celestino Bourroul** (1917-1918 e 1938-1939); 3. **Luiz Manuel de Rezende Puech** (1920-1921); 4. **Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho** (1924-1925); 5. **Antônio Carlos Pacheco e Silva** (1933-1934); 6. **Flamínio Fávero** (1937-1938); 7. **José Afonso de Mesquita Sampaio** (1942-1943); 7. **Pedro Ayres Netto** (1948-1949); 9. **João Alves Meira** (1949-1950); 10. **Oscar Monteiro de Barros** (1956-1957); 11. **Mário Ramos de Oliveira** (1957-1958); 12. **Plínio Bove** (1963-1964); 13. **Virgílio Alves de Carvalho Pinto** (1967-1968); 14. **Michel Abu-Jamra** (1969-1970); 15. **Joamel Bruno de Mello** (1975-1976); 16. **Pedro Nahas** (1979-1980); 17. **Odon Ramos Maranhão** (1985-1986); 18. **Arthur Belarmino Garrido Júnior** (1987-1988); 19. **Fernando Proença de Gouvêa** (1989-1990); 20. **José Rodrigues Louzã** (1991-1992); 21. **Raul Marino Júnior** (1993-1994); 22. **Marisa Campos Moraes Amato** (1997-1998); 23. **Salvador José de Toledo Arruda Amato** (2001-2002); 24. **Guido Arturo Palomba** (2003-2004 e 2007-2008); 25. **Luiz Fernando Pinheiro Franco** (2005-2006); 26. **Yvonne Capuano** (2009-2010); 27. **Affonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014); e 28. **José Roberto de Souza Baratella** (2015-2016).

VI. ICONOGRAFIAS

Das 87 biografias consignadas neste livro, 85 (97,7%) possuem ilustração iconográfica, algumas delas de difícil obtenção em bibliotecas não médicas e em outras cidades.

As fotografias obtidas servem para ilustrar os textos, associando-os a uma melhor percepção visual de seus respectivos protagonistas. A qualidade iconográfica reflete, necessariamente, as condições do material obtido.

Algumas biografias possuem mais de uma ilustração, quer em consequência da grande dificuldade de consegui-las, quer pelo valor histórico que possuem.

Os dois presidentes (2,3%) para os quais não foi possível obter ilustrações iconográficas são: 1. **Bernardo Ribeiro de Magalhães** (1900-1901); e 2. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (1902-1903 e 1909-1910).

VII. GRADUAÇÃO

Em 1895, quando a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi fundada, inexistiam faculdades de medicina no estado de São Paulo. Os médicos de então eram obrigados a estudar no exterior ou nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e de Salvador (BA).

O primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo formado neste estado foi **Flamínio Fávero** (1895-1982), graduado em 1919, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, constituindo-se no 37º presidente do sodalício, exercendo um mandato anual entre 1937-1938.

Encontram-se elencados abaixo nomes na sequência progressiva de mandatos presidenciais.

A. Graduação Desconhecida – 7 de 87 (8,0%):

1. **Guilherme Ellis** (1899-1900); 2. **Arthur Vieira de Mendonça** (1903-1904); 3. **Sylvio Azambuja de Oliva Maia** (1908-1909); 4. **Eduardo Rodrigues Alves** (1925-1926); 5. **Raul Viera de Carvalho** (1940-1941); 6. **Roberto Oliva** (1943-1944); e 7. **Eduardo Monteiro** (1945-1946).

B. Graduação no Exterior – 6 de 80 (7,5%):

1. **Luiz Pereira Barreto** (1895-1896 – Bruxelas, Bélgica); 2. **Carlos José Botelho** (1896-1897 – Paris, França); 3. **João Alves de Lima** (1907-1908 e 1913-1914 – Paris, França); 4. **Antônio Cândido de Camargo** (1915-1916 – Genebra, Suíça); 5. **Oscar Cintra Gordinho** (1946-1947 – Genebra, Suíça); e 6. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro** (1952-1953 – Pensilvânia, EUA).

C. Graduação na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia⁷ – 3 de 80 (3,7%):

1. **Celestino Bourroul** (1917-1918 e 1938-1939); 2. **Enjolras Vampré** (1921-1922); e 3. **Zepherino Alves do Amaral** (1932-1933).

D. Graduação na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁸ – 29 de 80 (36,2%):

1. **Augusto César de Miranda Azevedo** (1897-1898); 2. **Mathias de Vilhena Valladão** (1898-1899); 3. **Ber-**

7. A Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia teve diversos nomes: Fundada em 1808 como Escola de Cirurgia da Bahia, passou pelas seguintes denominações: Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891); Faculdade de Medicina da Bahia (1901); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965); e, finalmente, Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (2008).

8. A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro teve diversos nomes. Fundada em 1808 como Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, passou a ser denominada por Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832); Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920); Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (1937); e, finalmente, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965).

nardo Ribeiro de Magalhães (1900-1901); 4. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (1901-1902 e 1906-1907); 5. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (1902-1903 e 1909-1910); 6. **Diogo Teixeira de Faria** (1904-1905); 7. **Domingos Rubião Alves Meira** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912); 8. **Afonso Regulo de Oliveira Fausto** (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917); 9. **Synésio Rangel Pestana** (1910-1911); 10. **Nicolau de Moraes Barros** (1912-1913); 11. **José Olegário de Almeida Moura** (1914-1915); 12. **Ovídio Pires de Campos** (1918-1919 e 1935-1936); 13. **José Ayres Netto** (1919-1920 e 1934-1935); 14. **Luiz Manuel de Rezende Puech** (1920-1921); 15. **Adolpho Carlos Lindenberg** (1922-1923); 16. **Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra** (1923-1924); 17. **Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho** (1924-1925); 18. **Olympio Portugal** (1926-1927); 19. **José Pereira Gomes** (1927-1928 e 1950-1951); 20. **Cantídio de Moura Campos** (1928-1929); 21. **Adolpho Schmidt Sarmiento** (1929-1930); 22. **Antônio de Almeida Prado** (1930-1931); 23. **Oswaldo Pimentel Portugal** (1931-1932); 24. **Antônio Carlos Pacheco e Silva** (1933-1934); 25. **Mario Ottoni de Rezende** (1936-1937); 26. **José Afonso de Mesquita Sampaio** (1942-1943); 27. **Eurico da Silva Bastos** (1959-1960); 28. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (1966-1967); e 29. **Virgílio Alves de Carvalho Pinto** (1967-1968).

E. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo⁹ – 34 de 80 (42,5%):

1. **Flamínio Fávero** (1937-1938); 2. **Jairo de Almeida Ramos** (1939-1940); 3. **Franklin Augusto de Moura Campos** (1941-1942); 4. **Antônio Carlos da Gama Rodrigues** (1944-1945); 5. **Alípio Corrêa Netto** (1947-1948); 6. **Pedro Ayres Netto** (1948-1949); 7. **João Alves Meira** (1949-1950); 8. **Carmen Escobar Pires** (1951-1952); 9. **Felício Cintra do Prado** (1953-1954); 10. **Eurico Branco Ribeiro** (1954-1955); 11. **Paulo de Almeida Toledo** (1955-1956); 12. **Oscar Monteiro de Barros** (1956-1957); 13. **Mário Ramos de Oliveira** (1957-1958); 14. **João Mendonça Cortez** (1958-1959); 15. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa** (1960-1961); 16. **Nairo França Trench** (1961-1962); 17. **Carlos da Silva Lacaz** (1962-1963); 18. **Plínio Bove** (1963-1964); 19. **Carlos de Oliveira Bastos** (1964-1965); 20. **Waldyr da Silva Prado** (1965-1966); 21. **Michel Abu-Jamra** (1969-1970); 22. **Ernesto Lima Gonçalves** (1971-1972); 23. **Julio Cesar Kieffer** (1973-1974); 24. **Joamel Bruno de Mello** (1975-1976); 25. **Antonio Spina França Netto** (1977-1978); 26. **Pedro Nahas** (1979-1980); 27. **Luís Marques de Assis** (1981-1982); 28. **Irany Novah de Moraes** (1983-1984); 29. **Odon Ramos Maranhão** (1985-1986); 30. **Arthur Belarmino Garrido Júnior** (1987-1988); 31. **Fernando Proença de Gouvêa** (1989-1990); 32. **José Rodrigues Louzã** (1991-1992); 33. **Raul Marino Júnior** (1993-1994); e 34. **Luiz Celso Mattosinho França** (1999-2000).

F. Faculdade de Medicina de Valença – 1 de 80 (1,2%):

1. **Claudio Cohen** (1995-1996).

G. Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro – 2 de 80 (2,5%):

1. **Marisa Campos Moraes Amato** (1997-1998) e 2. **Salvador José de Toledo Arruda Amato** (2001-2002).

H. Faculdade de Ciências Médicas de Santos – 1 de 80 (1,2%):

1. **Guido Arturo Palomba** (2003-2004 e 2007-2008).

I. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – 1 de 80 (1,2%):

1. **Luiz Fernando Pinheiro Franco** (2005-2006).

J. Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – 3 de 80 (3,7%):

1. **Yvonne Capuano** (2009-2010); 2. **Afonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014); e **José Roberto de Souza Baratella** (2015-2016).

⁹. A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo teve esse nome a partir de 1934. Fundada em 1912 como Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, teve seu nome mudado em 1925 para Faculdade de Medicina de São Paulo, permanecendo com essa denominação até 1934.

VIII. QUANTO À IDADE NA POSSE

Para aqueles que tiveram mandatos duplos, levou-se em consideração a idade por ocasião da posse no primeiro mandato. Ver-se-á que no início do século XX, embora a expectativa de vida da população brasileira fosse aproximadamente a metade daquela verificada no seu final¹⁰, diversos presidentes assumiram o mandato numa idade extremamente jovem, com que, hoje em dia, por determinação estatutária¹¹, dificilmente ingressariam na entidade!

Excluindo-se sete (8,0%) dos 87 médicos biografados dos quais não foi possível obter sequer o ano de nascimento, a média e mediana de idade dos presidentes por ocasião da posse foram, respectivamente, 48,9 e 47,5 anos.

A. Data de Nascimento não Obtida – 7 de 87 (8,0%):

1. **Guilherme Ellis** (1899-1900); 2. **Arthur Vieira de Mendonça** (1903-1904); 3. **Sylvio Azambuja de Oliva Maia** (1908-1909); 4. **José Olegário de Almeida Moura** (1914-1915); 5. **Eduardo Rodrigues Alves** (1925-1926); 6. **Raul Vieira de Carvalho** (1940-1941); e 7. **Roberto Oliva** (1943-1944).

B. Os Mais Jovens – 17 de 80 (21,2%):

Considerados aqueles até 39 anos por ocasião da posse como presidente:

1. **Domingos Rubião Alves Meira** (27!!!); 2. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (34); 3. **João Alves de Lima** (34); 4. **Ovídio Pires de Campos** (34); 5. **Synésio Rangel Pestana** (35); 6. **Nicolau de Moraes Barros** (35); 7. **Antônio Carlos Pacheco e Silva** (35); 8. **Bernardo Ribeiro de Magalhães** (36); 9. **Luiz Manuel de Rezende Puech** (36); 10. **Enjolras Vampré** (36); 11. **Diogo Teixeira de Faria** (37); 12. **Celestino Bourroul** (37); 13. **Mathias de Vilhena Valladão** (38); 14. **Oswaldo Pimentel Portugal** (38); 15. **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (39); 16. **Cantídio de Moura Campos** (39); e 17. **Jairo de Almeida Ramos** (39).

C. Os Mais Idosos – 14 de 80 (17,5%):

Considerados aqueles acima de 60 anos por ocasião da posse:

1. **Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho** (60); 2. **Fernando Proença de Gouvêa** (60); 3. **Luiz Fernando Pinheiro Franco** (60); 4. **Odon Ramos Maranhão** (61); 5. **Oscar Monteiro de Barros** (62); 6. **João Mendonça Cortez** (62); 7. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa** (62); 8. **José Rodrigues Louzã** (62); 9. **Olympio Portugal** (64); 10. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro** (64); 11. **Luiz Celso Mattosinho França** (68); 12. **Yvonne Capuano** (73); 13. **Affonso Renato Meira** (80); e 14. **José Roberto de Souza Baratella** (72).

IX. LONGEVIDADE

Por ocasião do término deste levantamento¹², 72 (82,7%) dos 87 presidentes da Academia de Medicina de São Paulo já tinham falecido, e de oito deles não se pôde constatar quanto tempo de vida tiveram.

¹⁰. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1901 e 2000, a população brasileira saltou de 17,4 para 169,6 milhões de pessoas, sendo 10% desse crescimento devido aos imigrantes. Enquanto isso, a expectativa de vida de um homem brasileiro subia dos 33,4 anos em 1910 para os 64,8 anos em 2000.

¹¹. No último Estatuto, aprovado em 2004, encontra-se consignado no Capítulo IV – “Da Admissão de Membros”, Artigo 39, letra C: “Para concorrer à vaga de membro titular é necessário estar habilitado, segundo as leis do País, para o exercício da Medicina, há pelo menos quinze anos”; e na letra D: “exercer a Medicina no Estado de São Paulo, estando inscrito no Conselho Regional de Medicina de São Paulo, há pelo menos dez anos”.

¹². A pesquisa desta obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

A. Tempo de Vida Ignorado – 8 de 63 (12,7%):

1. **Guilherme Ellis** (1899-1900); 2. **Arthur Vieira de Mendonça** (1903-1904); 3. **Sylvio Azambuja de Oliva Maia** (1908-1909); 4. **José Olegário de Almeida Moura** (1914-1915); 5. **Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra** (1923-1924); 6. **Eduardo Rodrigues Alves** (1925-1926); 7. **Raul Vieira de Carvalho** (1940-1941); e 8. **Roberto Oliva** (1943-1944).

Dentre os 63 presidentes falecidos cuja longevidade pôde ser obtida constatou-se:

B. Maior Longevidade – 32 de 63 (50,7%):

Somam-se 32, os presidentes que faleceram com idade igual ou superior a 80 anos:

1. **Paulo de Almeida Toledo** (81); 2. **João Mendonça Cortez** (81); 3. **Irany Novah de Moraes** (81); 4. **Antônio Cândido de Camargo** (82); 5. **Cantídio de Moura Campos** (82); 6. **Felício Cintra do Prado** (82); 7. **Michel Abu-Jamra** (82); 8. **Antônio Spina França Netto** (82); 9. **Luiz Pereira Barreto** (83); 10. **Nicolau de Moraes Barros** (83); 11. **Oscar Monteiro de Barros** (83); 12. **João Alves Meira** (84); 13. **Waldyr da Silva Prado** (84); 14. **Carmen Escobar Pires** (85); 15. **José Pereira Gomes** (86); 16. **Mário Ottoni de Rezende** (86); 17. **Mário Ramos de Oliveira** (86); 18. **Carlos da Silva Lacaz** (86); 19. **Plínio Bove** (86); 20. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (86); 21. **José Rodrigues Louzã** (86); 22. **Oswaldo Pimentel Portugal** (87); 23. **Flamínio Fávero** (87); 24. **Pedro Ayres Netto** (87); 25. **Synésio Rangel Pestana** (88); 26. **Antônio Carlos Pacheco e Silva** (89); 27. **Alípio Corrêa Netto** (90); 28. **Eurico da Silva Bastos** (90); 29. **Carlos José Botelho** (91); 30. **José Ayres Netto** (91); 31. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro** (91); e 32. **Carlos de Oliveira Bastos** (93).

C. Menor Longevidade – 10 de 63 (15,9%):

Somam-se os presidentes que faleceram com idade igual ou inferior a 60 anos:

1. **Enjolras Vampré** (52); 2. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (53); 3. **Luiz Manuel de Rezende Puech** (54); 4. **Augusto César de Miranda Azevedo** (56); 5. **Adolpho Schmidt Sarmiento** (56); 6. **Eduardo Monteiro** (56); 7. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (59); 8. **Antônio Carlos da Gama Rodrigues** (59); 9. **Mathias de Vilhena Valladão** (60); e 10. **Diogo Teixeira de Faria** (60).

X. PARENTESCOS

As relações familiares depreendidas deste estudo entre membros da Academia de Medicina de São Paulo podem ser assim resumidas:

A. Entre Presidentes

1. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho** (1901-1902 e 1906-1907), patrono da cadeira nº 11, foi o pai de **Raul Vieira de Carvalho** (1940-1941).

2. **Domingos Rubião Alves Meira**¹³ (meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912), patrono da cadeira nº 51, foi o pai de **João Alves Meira** (1949-1950), patrono da cadeira nº 32.

3. **José Ayres Netto** (1919-1920 e 1934-1935), patrono da cadeira nº 105, foi o pai de **Pedro Ayres Netto** (1948-1949).

4. **Olympio Portugal** (1926-1927) foi pai de **Oswaldo Pimentel Portugal** (1931-1932).

5. **Antônio Spina França Netto** (1977-1978), membro titular e emérito da cadeira nº 54, era irmão de **Luiz Celso Mattosinho França** (1999-2000), membro titular e emérito da cadeira nº 4.

6. **Irany Novah de Moraes** (1983-1984), membro honorário, era o pai de **Marisa Campos Moraes Amato** (1997-1998)¹⁴, também membro honorário.

¹³. Domingos Rubião Alves Meira também foi avô de Domingos Alves Meira, primeiro ocupante da cadeira nº 32.

¹⁴. Irany Novah de Moraes foi também sogro de Salvador José de Toledo Arruda Amato (2001-2002).

7. **Marisa Campos Moraes Amato** (1997-1998), membro honorário, é esposa de **Salvador José de Toledo Arruda Amato** (2001-2002), igualmente membro honorário.

B. Entre Presidentes e Patronos

1. **Sérgio Florentino de Paiva Meira** (1902-1903 e 1909-1910) foi o pai de **Sérgio de Paiva Meira Filho**, patrono da cadeira nº 111.

2. **Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra** (1923-1924) foi tio de **Antônio Barros de Ulhôa Cintra**, patrono da cadeira nº 33.

3. **Fernando Proença de Gouvêa** (1989-1990), membro titular e emérito da cadeira nº 36, é filho de **Ignácio Proença de Gouvêa**, patrono da cadeira nº 36.

4. **José Rodrigues Louzã** (1991-1992), membro titular e emérito da cadeira nº 113, é filho de **Mario Rodrigues Louzã**, patrono da cadeira nº 113.

5. **Afonso Renato Meira** (2011-2012 e 2013-2014), membro titular e emérito da cadeira nº 5, é neto materno de **Alfonso Splendore**, patrono da cadeira nº 5.

6. **Odon Ramos Maranhão** (1985-1986) foi genro de **Flamínio Fávero** (1937-1938), patrono da cadeira nº 10.

C. Entre Presidentes e Membros Titulares

1. **João Alves Meira** (1949-1950), patrono da cadeira nº 32, foi o pai de **Domingos Alves Meira**, primeiro ocupante da cadeira nº 32.

2. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (1966-1967), patrono da cadeira nº 8, foi pai de **Durval Rosa Borges**, membro titular e emérito da cadeira nº 8.

3. **Pedro Nahas** (1979-1980) foi o pai de **Fálio Xerfan Nahas**, titular e emérito da cadeira nº 100.

4. **Luiz Fernando Pinheiro Franco** (2005-2006), membro titular e emérito da cadeira nº 16, é esposo de **Maria de Lourdes Mendes Carneiro Pinheiro Franco**, membro titular da cadeira nº 98, e pai de **João Luiz Mendes Carneiro Pinheiro Franco**, membro titular da cadeira nº 70.

D. Entre Patronos e Membros Titulares

1. **Nagib Faris Michalany**, patrono da cadeira nº 6, foi o pai de **Jorge Michalany**, falecido membro titular e emérito da cadeira nº 6.

2. **Agostinho Bettarello**, patrono da cadeira nº 64, foi o pai de **Sérgio Vieira Bettarello**, membro titular e emérito da cadeira nº 64.

3. **Reynaldo Kuntz Busch**, patrono da cadeira nº 120, foi o pai de **Lygia Busch Iversson**, membro titular e emérito da cadeira nº 120.

4. **José Ória**, patrono da cadeira nº 125, foi o pai de **Heloisa Ória**, membro titular e emérito da cadeira nº 120.

E. Entre Membros Titulares e Honorários

1. **Alexandre Gabriel Júnior**, primeiro ocupante da cadeira nº 104, foi o esposo de **Roseane Lupino**, membro titular da cadeira nº 62.

2. **Jenner Cruz**, membro titular e emérito da cadeira nº 39, é esposo de **Helga Maria Mazzarolo Cruz**, membro titular e emérito da cadeira nº 34.

3. **Afiz Sadi**, primeiro ocupante e membro emérito da cadeira nº 3, foi o pai de **Marcus Vinícius Sadi**, membro titular da cadeira nº 55.

4. **José Rodrigues Louzã** (1991-1992), membro titular e emérito da cadeira nº 113, é pai de **Mario Rodrigues Louzã Neto**, membro honorário.

5. **Maria de Lourdes Mendes Carneiro Pinheiro Franco**, membro titular da cadeira nº 98, é mãe de **João Luiz Mendes Carneiro Pinheiro Franco**, membro titular da cadeira nº 70.

6. **Cleide Enoir Petean Trindade**, membro titular da cadeira nº 107, é esposa de **José Carlos Souza Trindade**, membro titular e segundo ocupante da cadeira nº 32.

7. **Angelita Habr Gama**, membro honorário, é esposa de **Joaquim José Gama-Rodrigues**, membro honorário.

8. **Sérgio Bortolai Libonati**, membro titular e emérito da cadeira nº 65, é esposo de **Solange Pistori Teixeira Libonati**, membro honorário.

9. **Rui Telles Pereira**, membro titular e emérito da cadeira nº 17, é primo de segundo grau por parte materna de **Jorge Alberto Fonseca Caldeira**, igualmente membro titular e emérito da cadeira nº 27.

10. **Nelson Colleoni**, membro titular e emérito da cadeira nº 114, já falecido, foi o pai de **Ramiro Colleoni Neto**, membro titular da cadeira nº 86.

Parte II

Biografias

“A consciência de que os dirigentes, enquanto tais, estão escrevendo automaticamente a história de suas agremiações, e que esta transcenda a própria materialidade de seus seres, não se faz presente de modo notório em nossa cultura.”

Helio Begliomini

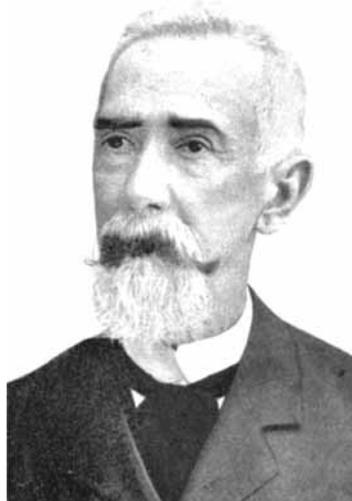
1º PRESIDENTE: 1895-1896

Patrono da Cadeira nº 1

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

LUIZ PEREIRA BARRETO



1840-1923

Luiz Pereira Barreto nasceu em Rezende, estado do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1840. Seus pais, abastados fazendeiros da barranca do Paraíba, foram o mineiro comendador Fabiano Pereira Barreto e a paulista Francisca de Salles Barreto. Haviam eles destinado o jovem à carreira jurídica, talvez sob a sugestão do tio, o conselheiro Antonio Barreto Pedroso, mas Luiz Pereira Barreto desde logo se inclinou para a medicina.

Fez seus estudos primários em sua terra natal, no Colégio Joaquim Pinto Brasil, onde iniciou também os preparatórios, os quais, todavia, veio a concluir em São Paulo, no Colégio “João Carlos”, em 1857.

Contando com 15 anos de idade, partiu para Montpellier, na França, a fim de completar seus estudos em humanidades e poder matricular-se na faculdade de medicina. Entretanto, ingressou na Universidade de Bruxelas, Bélgica. Após três anos de estudos, isto é, em 1860, foi nomeado preparador de química da Faculdade de Medicina de Bruxelas, trabalhando então na cátedra do professor Franqui. Cinco anos mais tarde, em 1865, doutorou-se em medicina e ciências naturais. Voltou ao Brasil no mesmo ano, aos 25 anos, e confirmou com destacado brilho os títulos profissionais obtidos na Bélgica.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1865, mais precisamente no dia 18 de julho, Luiz Pereira Barreto apresentou-se ao exame de suficiência para poder exercer a medicina no Brasil, defendendo tese perante banca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada **Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral**, causando surpresa entre os examinadores, tal o alto conteúdo científico e filosófico para aquela época.

Para o historiador Roque Espencer Maciel de Barros, esse escrito marcaria simbolicamente a nova etapa do desenvolvimento do positivismo no Brasil, do qual Luiz Pereira Barreto é um dos seus titãs. Na citada tese, Barreto escrevia que o espírito humano tem passado por três estados sucessivos: o teológico ou fictício; o metafísico ou abstrato e o positivo ou real.

Um ano após regressar da Europa, isto é, em 1866, desistiu de fixar residência na sua bela Rezende, escolhendo Jacareí para iniciar sua extraordinária carreira médica. Em pouco tempo, adquiriu uma vasta clientela, graças aos seus predicados de clínico dedicado, além de competente e hábil cirurgião.

Nessa cidade se casou com Carolina Leitão Peixoto, em 6 de fevereiro de 1866, filha de Antonio Silveira Peixoto e Ana Leopoldina Gomes Leitão, de cujo consórcio tiveram os filhos: Clotilde Augusta Pereira Barreto, casada com Jesuíno Ubaldo Cardoso de Mello; José Pereira Barreto, casado com Georgina de Mello Oliveira; Luiz Pereira Barreto Filho e Paulo Pereira Barreto, que faleceram solteiros.

Pereira Barreto ingressou discretamente, nesse tempo, na política, mostrando-se um democrata liberal, nacionalista intransigente, sempre pronto a saltar em defesa dos interesses brasileiros. Desde os primórdios do movimento republicano, ele se filiou à corrente renovadora, aderindo ao manifesto de 1870 e, logo mais tarde, à Convenção de Itu. Não assinou esse manifesto, nem compareceu à Convenção por espírito de moderação e modéstia, que tanto caracterizava a sua formação moral.

Entre 1874 e 1876 publicou a obra **As Três Filosofias**, em dois volumes. Nela, esclarece Barreto que a primeira filosofia diz respeito aos conservadores, os representantes do antigo passado; a segunda, aos liberais, aos representantes do passado moderno; e a terceira, ao contemporâneo, à ciência atual, vale dizer, o positivismo. A obra é toda baseada em Augusto Comte: *em todo o decurso do meu trabalho, não alcanço uma só ideia que não tenha sido emitida por Comte ou sua escola: só me pertencem as eivas da exposição*. Propõe a reforma espiritual como solução positiva e fundamental, a qual deverá ser atingida pela educação, como concebido por Comte.

De 1876 em diante, Luiz Pereira Barreto preocupou-se cada vez mais com o problema dos cafezais, em seu progressivo esgotamento, no estado do Rio de Janeiro e na região chamada “norte de São Paulo”. Dessa patriótica preocupação pela sobrevivência de nossa lavoura cafeeira, surgiu o Pereira Barreto jornalista. Dedicou-se, então, inicialmente à apaixonada propaganda da terra-roxa paulista, pois através do seu aproveitamento ele almejava a própria salvação da cafeicultura. Honesto em todas as suas campanhas, tornou-se também cafeicultor na terra-roxa do oeste. Em sociedade com alguns irmãos, comprou, por 30 contos de reis, uma fazenda de 800 alqueires, situada justamente onde hoje prospera a imponente cidade de Ribeirão Preto. Para lá transportou, com o máximo cuidado, sementes da nova espécie, formando uma das mais ricas lavouras da região.

Em meados dos anos de 1880, Pereira Barreto dedicava-se à campanha de saneamento público no combate a moléstias epidêmicas que assolavam o Brasil, tendo papel preponderante na saúde pública, no combate à febre amarela, por medidas adotadas contra a sua propagação pelo mosquito *aedes egypti*, que, na época, era conhecido como *estegomia faciata*.

Foi também pioneiro e o introdutor, no país, de novas técnicas cirúrgicas; de métodos de anestesia e um dos ardorosos propagadores da antisepsia cirúrgica, logo após as descobertas de Pasteur e as aplicações de Lister.

Em 1887, Barreto começaria a participar da longa e penosa luta contra esse mal, como membro da Comissão Lacerda, que nesse ano esteve em Campinas fazendo os primeiros ensaios para debelar a doença. Em 1889, como ainda grassasse a terrível febre naquela cidade, o presidente da província, Barão de Jaguará, incumbiu Pereira Barreto de preparar a opinião pública para receber, sem choque, a notícia de que o Estado estava disposto a gastar vultosa quantia a bem da higiene para combater o mal. Em março desse ano escreveu Barreto no “A Província de São Paulo” quatro artigos sob o título Febre Amarela, no qual defendeu a opinião de que o mal seria devido à água contaminada: “teoria das águas”. Mais tarde, quando se descobriu que a febre amarela era devida a um mosquito, Barreto não abandonou completamente a sua teoria hídrica, procurando, isto sim, conciliar as ideias, convencendo-

-se de que somente o fechamento dos poços e fossas não era o suficiente para debelar o mal, sendo preciso atacar o mosquito por todos os lados, mas também que qualquer água estagnada é perigosa, pois é aí que os insetos se reproduzem.

Nos anos seguintes, Barreto passou a se dedicar a campanhas de conteúdo socioeconômico. Seu alvo era mostrar, praticamente, o valor e o poder da ciência, única força capaz de impulsionar a nação para o futuro. Como médico vê a necessidade de sanear o país; como homem de ciência, percebe a necessidade de resolver questões eminentemente técnicas. Então escreve artigos sobre plantações, qualidade e propriedade das terras, de modo especial da terra-roxa.

No final da década de 1870, início de 1880, Barreto viu-se envolto em política e torna-se membro do Partido Republicano. Nessa época escreve uma série de artigos para o jornal “A Província de São Paulo”, sob os seguintes títulos: “A Elegibilidade dos Acatólicos” (1879); “A Grande Naturalização” (1880); “Os Abolicionistas” (1880); “Ainda os Abolicionistas” (1880); “A Metafísica” (1881) e “A Nova Lei Sobre a Matrícula de Escravos” (1881).

Mas se assim trabalhava o jornalista, convertido em lavrador pela própria pregação, o médico igualmente não descansava. Tanto cresceu o seu êxito profissional que Jacaré se tornou acanhada para a enorme clientela que vinha procurá-lo dos quatro cantos da província, determinando a sua mudança para a capital em 22 de maio de 1883, após 17 anos de permanência na bela cidade do Vale do Paraíba.

Em São Paulo continuou a clinicar, a ser lavrador, político e publicista. Data daí a sua participação mais intensa nas lutas políticas, culminando, em 1887, com a sua participação como representante da cidade de São Simão no Congresso Republicano realizado no Rio de Janeiro.

Foi, particularmente após a sua mudança para São Paulo, que Pereira Barreto começou a se interessar mais vivamente pela viticultura, e o fez acidentalmente. Em 17 de maio de 1888, Luiz Pereira Barreto comprou a primeira parte do sítio Santa Carolina, em Pirituba, que, após várias transações, totalizou 110 alqueires de terras, com 40 mil pés de café e um vinhedo de 10 mil videiras de diversas qualidades para mesa e vinho; um pomar com árvores frutíferas e, o restante, em bosque de eucaliptos, capoeiras, mata e pasto.

“A fortuna que adquiriu na cirurgia, em que foi dos maiores do seu tempo, ele a investiu nas experiências de Pirituba”, narrou Fidelis Reis. Conhecedor das recentes experiências de Pasteur na viticultura, escreveu ao diretor da Escola de Viticultura de Lião, Victor Pulliat, que por sinal ainda as ignorava, solicitando exemplares de uma variedade rústica. Recebidas as mudas, cultivou-as. Um ano depois, em vez de carta comunicando seus resultados, mandou ao mesmo cientista cachos de uva legitimamente europeia, frutos magníficos que causaram surpresa na França, após notícia na imprensa.

O doutor Pulliat, encantando, escreveu ao diretor da Escola Agrícola de Montpellier, professor Foex, dizendo: “Acabo de receber uns cachos de uvas que me mandou o Dr. Barreto, de São Paulo. Se o Brasil tivesse meia dúzia de homens como o Dr. Barreto, a viticultura europeia estaria vencida”.

Em Pirituba, no sítio Santa Carolina, onde hoje se localizam os bairros de Vila Doutor Pereira Barreto, Vila Barreto, Jardim São José e Vila Maria Trindade, foi onde Luiz Pereira Barreto cultivou a sua grande coleção de vinha. Lá foram plantadas variedades vindas da França, Egito, Síria, Inglaterra, Alemanha, Portugal, dentre outros países.

Posteriormente, visitando o estabelecimento de Pirituba, um jardineiro da rainha Victoria entusiasmou-se com a coleção de “tibouchinas” e propôs permutar exemplares com variedades raras de videiras pertencentes à mencionada soberana. Provieram dessa permuta, entre outras, a “golden queen”, a “mr. Pearson”.

Emilio Goeldi, em “Videiras Americanas”, escrevendo em 1889, diz que “o Dr. Barreto possuía já em São Paulo, em 1888, uma coleção de mais de 400 variedades (350 europeias e 60 americanas)”. Grande parte dos vinhedos de Pirituba calçou-a também Pereira Barreto de pedra e protegeu-a com telas de arame, pois aí era bem maior a voragem de pássaros, morcegos, ratos, gambás, acrescidos ainda pelos cachorros-do-mato.

Após a proclamação da República, em cujo pródromo teve Pereira Barreto acentuada influência, foi ele eleito, em 1891, senador estadual e primeiro presidente da Assembleia Constituinte. Sobre a proclamação da República e as contemporâneas atividades vinícolas de Barreto, vale a pena transcrever o que deixou escrito Campos da Paz no relatório apresentado ao governo de Minas Gerais – Exposição Vinícola de São Paulo em 1897: “No dia 15 de novembro de 1889, no momento em que recebia a notícia em Pirituba da proclamação da República, o Dr. Barreto

acabava de proceder à hibridação da *Rupestris* com a *Chasselas doré*, isto é, fecundava com o pólen da *Rupestris* os órgãos fêmeos da *Chasselas doré*".

Depois dessa retumbante vitória, de repercussão internacional como viticultor, Pereira Barreto voltou ao café, cultivando-o, desta vez, em Pirituba. O seu intuito era tornar o produto mais barato e facilitar sua exportação pelo porto de Santos. Mandou vir então sementes de todos os países produtores, experimentando-as até encontrar a que melhor se adaptasse ao clima paulistano. Formou assim, em Pirituba, uma soberba lavoura. Acusado, porém, de pretender transformar São Paulo num imenso cafezal, com prejuízo de outras culturas, e, temente, por sua vez, com os perigos de uma superprodução, desgostou-se e deixou perecer sua florescente lavoura, que chegou a contar com 40 mil pés.

Colaborou em inúmeras revistas e jornais, entre os quais "A Província de S. Paulo", hoje, "O Estado de S. Paulo". Dentre os livros que publicou têm-se: **Filosofia Teológica e Filosofia Metafísica; Positivismo e Teologia; As Três Filosofias; Soluções Positivas da Política Brasileira, Os Abolicionistas e a Situação do País; A Cirurgia Antisséptica na Campanha do Egito; Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral; O Século XX sob o Ponto de Vista Brasileiro; La Viticulture à Sant Paul; A Vinha da Civilização; A Febre Amarela; A Terra Roxa; Guia Prático ou Resumo de Indicações Práticas para Servir aos Fazendeiros, na Falta de Profissionais; Estudos Sobre as Águas Termiais de Caldas; A Horticultura e sua Influência no Caráter dos Povos; Epidemiologia e A Pecuária**, dentre outros.

Luiz Pereira Barreto foi um grande educador e, embora combatesse o academicismo (que para ele representava o antigo passado), era, entretanto, defensor da abertura de novas academias.

Data de 24 de novembro de 1881 o decreto que criaria, em São Paulo, uma Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, a qual, entretanto, não vingou. Esse decreto, certamente, teve a influência direta de Luiz Pereira Barreto, considerando que era líder da medicina paulista, e, nessa área, nada acontecia de importante que não tivesse a sua especial providência.

A futura Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, teve como um de seus fundadores Luiz Pereira Barreto, em 7 de março de 1895, silogeu de que teve a honra de ter sido seu primeiro presidente num mandato anual entre 1895-1896.

Seis anos antes (final de 1894, início de 1895), havia sido deflagrada campanha difamatória contra os médicos paulistas, que eram acusados de apresentar contas exorbitantes a serem cobradas quando do inventário de pacientes ricos falecidos. Revoltados com a difamação que lhes recaía, os médicos prepararam uma reunião de desagravo, na qual estava Pereira Barreto. Nesse dia surgiu a ideia da criação da primeira entidade médica de São Paulo. Avençaram encontro para o dia 24 de fevereiro de 1895, à Rua São Bento, nº 23, no consultório de Sérgio Meira.

Nesse dia ocorreu a primeira reunião preparatória, presentes as mais importantes expressões da medicina, como Arnaldo Vieira de Carvalho², Teodoro Reichert, Mathias Valladão³, Cândido Espinheira⁴, Amarante Cruz, Carlos Botelho⁵ e Luiz Pereira Barreto. Logo a seguir, aos 7 de março do mesmo ano, com mais 28 nomes unidos em torno do mesmo ideal, deu-se a segunda reunião preparatória, quando foram aprovados os estatutos da agremiação, estabelecendo-se, assim, aquela data como a da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, depois mudada para Academia de Medicina de São Paulo.

Uma semana depois, aos 15 de março de 1895, houve a instalação solene da "Casa de Pereira Barreto", no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, as Arcadas do Convento Franciscano, gentilmente cedido pelo seu diretor, Barão de Ramalho. A entidade logo criou uma Policlínica, estabelecida na praça da Sé, que oferecia atendimento médico gratuito.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

³. Mathias de Vilhena Valladão foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

⁴. Cândido Espinheira é o patrono da cadeira nº 129 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Carlos José Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

Pereira Barreto também foi sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro-fundador da cadeira nº 3 da Academia Paulista de Letras.

Em seus derradeiros anos de vida Barreto aderiu francamente ao darwinismo e com ele a conceitos de eugenia, que funcionaria como uma espécie de medicina preventiva, preparando homens sadios capazes de assegurar nossa tranquilidade e prosperidade, aproveitando, assim, a lei natural da seleção, respeitando-se, porém, o princípio da moral, ao qual tudo deve subordinar-se.

Dedicou-se, também, à problemática do envelhecimento: *Atirado em vida, desarmado, sobre um inóspito rochedo* – escreveu Barreto, em 1921 – *o homem é um ente consciente, condenado sem apelo à morte. Todo brilho das suas faculdades intelectuais e morais, ostentado durante a mocidade e a idade viril, desaparece tristemente na escuridão da última fase de sua curta existência. A velhice é uma imerecida humilhação e a morte é uma trágica injustiça. Não temos para nos defender senão o fraco e o vacilante filete de luz que a natureza, por grande favor, concedeu ao nosso cérebro, e é só com essa precária e frágil arma que temos de sustentar a luta pela vida.*

Em 11 de janeiro de 1923, no dia de seu 83º aniversário, contrariando os seus hábitos de madrugador, a porta do quarto em que dormia continuava fechada quando as outras pessoas da família despertaram. Aberta a porta, “encontrou-se caído e já em rigidez cadavérica o corpo do grande cientista” (O Estado de S. Paulo, janeiro de 1923). Seu corpo foi sepultado no cemitério da Consolação.

Luiz Pereira Barreto foi um homem estupendo e de personalidade multifária. Além de médico, cirurgião, filósofo, político, cientista, agricultor e jornalista, foi um idealista, humanitário, pioneiro e patriota, que, em todas as mais diversas frentes de atividades onde atuou, destacou-se como operoso, sábio, erudito e honesto.

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (1867-1920), fundador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, editou um livro sobre Pereira Barreto, em 1915, “por ocasião das festas promovidas para a consagração do médico que durante 50 anos prestara os mais assinalados e dedicados serviços à população paulista”.

O nome de Pereira Barreto está perpetuado em grandes vias públicas do ABC, Araçatuba, São Paulo, Ribeirão Preto e Mongaguá. Possui uma escultura de bronze na Praça Marechal Teodoro da capital e dá nome ao centro acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, na Vila Clementino. É o patrono da cadeira nº 1 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Por fim, deve-se mencionar que o município de Pereira Barreto, no interior de São Paulo, considerado paraíso ecológico graças ao grande lago de água doce que rodeia a cidade, recebeu esse nome em homenagem ao médico Luiz Pereira Barreto.

2º PRESIDENTE: 1896-1897

Patrono da Cadeira nº 55

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

CARLOS JOSÉ BOTELHO



1855-1947

Carlos José de Arruda Botelho, mais conhecido por Carlos José Botelho ou simplesmente Carlos Botelho, nasceu em Piracicaba (SP), aos 14 de maio de 1855. Era filho primogênito do coronel Antonio Carlos de Arruda Botelho, conde de Pinhal, e Francisca Teodora de Arruda Botelho. Passou a sua infância na Fazenda do Pinhal, no solar da família, e realizou seus estudos primários e colegiais na sua cidade natal e em Itu.

Iniciou o curso de medicina na Faculdade Nacional de Medicina, na cidade do Rio de Janeiro, cursando até o 2º ano. Estudou em Montpellier e Paris, onde obteve o título de doutor em medicina em 1878. Posteriormente fez estágios de especialização em cirurgia geral e urologia.

Retornando a São Paulo, após revalidar o diploma de médico, iniciou suas atividades na Santa Casa de Misericórdia, que funcionava no bairro da Liberdade, na Rua da Glória, mudando-se definitivamente, em 1884, para o prédio atual, em estilo gótico, em Santa Cecília.

Carlos Botelho possuía brilhante formação cultural e técnica oriundas da escola francesa, tida em grande prestígio no século passado. Assim, introduziu nos hospitais de São Paulo o que aprendera na França e tudo o que havia de mais moderno na época sobre a arte operatória. Foi o primeiro a operar no Brasil, com sucesso, um caso de bócio.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Cirurgião de classe, possuía valiosos recursos técnicos, ao lado de grande audácia profissional. Sistematizou a antissepsia e a assepsia operatórias, normatizando suas rotinas. Ao lado de Nicolau Vergueiro², seguidor da disciplina da escola alemã, passou a figurar como um dos cirurgiões mais brilhantes e reconhecidos do corpo clínico da Santa Casa.

Arnaldo Vieira de Carvalho³, um dos grandes cirurgiões de seu tempo, foi um de seus mais brilhantes discípulos.

Carlos José Botelho foi o primeiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e cofundador da Policlínica de São Paulo, mantendo durante vários meses todas as despesas dessa instituição.

Na Rua do Gasômetro, localizada no Brás, instalou a “Casa de Saúde Dr. Botelho”, provida de todo o aparelhamento e dos recursos terapêuticos da época.

Em 1895 foi também um dos primeiros sócios fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que, a partir de 1954, passou a se chamar Academia de Medicina de São Paulo, sendo o segundo presidente entre 1896-1897. Em 1897, nesse sodalício, apresentou valioso trabalho sobre os problemas da sutura da bexiga e dos curativos pós-operatórios.

Acorçoou, como poucos, todos os impulsos do progresso, dentro e fora da esfera médica. Mas o dinamismo de Botelho, assinalou o professor Almeida Prado⁴, e a sua sofreguidão em tudo especular, conhecer e abarcar, não se compadeciam com a clausura da vida médica. “A clínica é uma gaiola para suas asas. Procurou a política, sendo senador e secretário de Estado.”

Estadista de larga visão, introduziu em nosso meio a cultura do arroz por processos de irrigação. Iniciou o saneamento de Santos, eliminando os brejos e abrindo canais de desembocadura para o mar. Enriqueceu a lavoura com modernos métodos de agricultura, construindo em Piracicaba a Escola Agrícola, em terras doadas ao estado pelo dr. Luís Antônio de Souza Queiroz. Organizou também a primeira estação agrícola e de zootecnia do estado. Fundou em 1892 o Jardim da Aclimação e o Zoológico de São Paulo, encantador oásis de verdura e de recreio implantado em pleno perímetro urbano.

Secretário da Agricultura de 1904 a 1908, no governo Jorge Tibiriçá, organizou várias exposições regionais de animais, levando-as a efeito em Campinas, São Carlos, Batatais, Itapetininga e Pindamonhangaba. Nesse mesmo governo assinou o contrato pela chegada, em 18/6/1908, do vapor Kasato Maru, trazendo 165 famílias, totalizando cerca de 784 pessoas. Em consequência, o governo japonês prestou expressiva homenagem póstuma a Carlos Botelho, introdutor, no Brasil, da primeira leva de imigrantes japoneses.

Dedicou-se à urologia, sobretudo ao tratamento da calculose urinária e suas complicações. Praticou em São Paulo a operação da “talha hipogástrica”, com a retirada de um cálculo vesical pesando 13 kg em um menino de 12 anos!

No dizer do antigo urologista paulista Costa Manso, Carlos Botelho foi, sem dúvida, o pioneiro da urologia paulista, “o mais hábil especialista em questões urinárias; o nome unanimemente indicado para a regência da cátedra de vias urinárias das várias escolas médicas projetadas naqueles passados tempos”.

Por ocasião da inauguração do busto do dr. Carlos José Botelho no Jardim da Aclimação, em São Paulo, no dia 14 de maio de 1955, o dr. Ayres Netto proferiu belas palavras a respeito do ilustre paulista, referindo que toda a sua vida fora sempre salpicada, aqui e ali, de triunfos e aplausos de seus contemporâneos.

Abandonou a vida pública e retornou à sua profissão médica, prestando relevantes serviços à comunidade. Possuidor de lavoura, contribuiu para o grande surto agrícola que experimentou São Paulo a partir do começo do século XX.

Pela influência que longamente exerceu no meio médico paulista; pelo seu dinamismo e valioso trabalho que soube executar, Botelho mereceu do grande público reconhecimento e consagração.

Carlos José Botelho faleceu em 20 de março de 1947, aos 92 anos incompletos, em sua propriedade agrícola, no município de São Carlos.

². Nicolau Pereira de Campos Vergueiro é o patrono da cadeira nº 86 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁴. Antonio Almeida Prado presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

3º PRESIDENTE: 1897-1898

Helio Begliomini¹

MIRANDA AZEVEDO



1851-1907

Augusto César de Miranda Azevedo, mais conhecido por Miranda Azevedo, nasceu em Sorocaba (SP), aos 10 de outubro de 1851. Era filho do dr. Antonio Augusto Cesar de Azevedo, natural de Cuiabá, e de Anna Eufrosina de Miranda, natural de Sorocaba, cidade essa onde contraíram suas núpcias.

Miranda Azevedo graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1874. Sua tese de doutoramento, defendida na cadeira de ciências médicas, dissertou sobre Beribéri². Em ciências cirúrgicas, escreveu sobre “Operações Reclamadas pela Fístula Lacrimal” e, em ciências médicas, sobre “Educação Física, Intelectual e Moral no Rio de Janeiro e sua Influência sobre a Saúde”.

Ainda enquanto acadêmico assinou o Manifesto Republicano³, documento histórico de grande importância para o Brasil, publicado no primeiro número do jornal *A República*, do Rio de Janeiro, vindo a lume no dia 3 de dezembro de 1870.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Beribéri é uma doença causada pela deficiência de vitamina B₁, que apresenta quadro clínico de polineurite, edema e cardiopatia.

³. O Manifesto Republicano foi uma declaração publicada pelos membros dissidentes do Partido Liberal (“luzias”), liderados por Quintino Bocaiúva e Joaquim Saldanha Marinho. Ambos haviam decidido formar um Clube Republicano no Rio de Janeiro, com o ideário de derrubada da Monarquia e o estabelecimento da República no país.

Em abril de 1875, no Rio de Janeiro, ainda no Brasil imperial, Miranda Azevedo foi o pioneiro em nosso meio a organizar e a fazer uma conferência popular enfocando a teoria evolutiva de Charles Darwin (1809-1882), com a seguinte proposição: É aceitável o aperfeiçoamento completo das espécies até o homem?

Tornou-se assim um fervoroso defensor do darwinismo, construindo sua própria versão dessa teoria, tendo em vista sua formação médica, política e social. Ao divulgar a Teoria da Evolução das Espécies unia-se a outros intelectuais coetâneos que encontravam novas possibilidades de interpretação da natureza e da sociedade.

Miranda Azevedo foi o primeiro redator da Revista Médica do Rio de Janeiro e, curiosamente, também apresentou, em uma exposição, uma medalha de Santo Ignácio de Loiola, encontrada em um cemitério indígena da Província de São Paulo.

Como jornalista, foi diretor do jornal *A República*, do Rio de Janeiro e colaborador no jornal *A Província de São Paulo*, enviando crônicas políticas, literárias e noticiosas.

Clinicou por algum tempo no Rio de Janeiro, atuando também no interior paulista, nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro. Entretanto, radicou-se posteriormente na cidade de São Paulo, onde se tornou lente de medicina legal e nomeado catedrático de higiene pública da Faculdade de Direito de São Paulo.

Era abolicionista e, na política, foi um ardoroso republicano. Pertenceu ao Partido Republicano Paulista (PRP), tornando-se, após a Proclamação da República, deputado estadual⁴ na Câmara do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo por três legislaturas (1891-1892; 1895-1897 e 1898-1900). Também foi presidente da Câmara do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo de 15 de julho de 1891 a 29 de janeiro de 1892. Encerrou sua vida política como deputado federal, atuando de 1900-1902 (Figura 1).



Figura 2 – Augusto César de Miranda Azevedo. Óleo sobre tela de autoria de Oscar Pereira da Silva (1920).

Miranda Azevedo foi um dos membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Embora não tivesse sido um dos fundadores da novel Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, fundada em 7 de março de 1895, hoje, denominada de Academia de Medicina de São Paulo, nela ingressou em seus albores. Teve a honra de ser o 3º presidente desse sodalício, exercendo um mandato anual entre 1897-1898. Já na gestão anterior, presidida por Carlos José Botelho⁵ (1896-1897), participou, juntamente com outros confrades, da comissão organizadora do 4º Congresso de Medicina e Cirurgia, que, infelizmente, apesar dos esforços, foi cancelado pela falta de recursos⁶.

⁴. Miranda Azevedo elegeu-se deputado em 1891, no primeiro Congresso Paulista.

⁵. Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente, num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

⁶. Esse congresso foi realizado em 1900, no Rio de Janeiro. A cidade de São Paulo sediou, apenas em 1907, um Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, cuja organização foi de responsabilidade da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Miranda Azevedo casou-se com Angelina Fomm, filha de Augusto Fomm e de Ângela Martins. Desse conúbio nasceram sete filhos: Iracema de Miranda Azevedo, casada com Augusto César de Oliveira Roxo Filho; Aracy de Miranda Azevedo, Ary de Miranda Azevedo, casado com Corália Pereira de Almeida; Maria de Miranda Azevedo, Francisco César de Miranda Azevedo, Ighes de Miranda Azevedo e Luiz de Miranda Azevedo.

Augusto César de Miranda Azevedo, que se destacou como médico, historiador, jornalista e político, faleceu na cidade de São Paulo, em 12 de março de 1907, aos 56 anos. Seu nome é honrado numa rua no centro da cidade de Sorocaba.

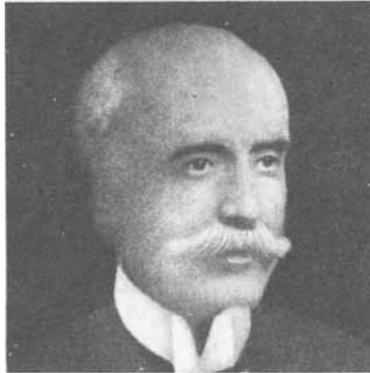
4º PRESIDENTE: 1898-1899

Patrono da Cadeira nº 13

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

MATHIAS DE VILHENA VALLADÃO



1860-1920

Mathias de Vilhena Valladão nasceu em 22 de junho de 1860, em Campanha da Princesa (MG), histórica cidade que igualmente fora berço do grande cientista Vital Brazil². Estudou na Faculdade Nacional de Medicina, sendo aluno de Torres Homem³. Diplomou-se em 1884, defendendo a tese de doutoramento intitulada **Sintomatologia e Diagnóstico Diferencial das Lesões Protuberanciais**.

Após curta estadia em Ouro Preto (MG) em 1889, transferiu-se para São Paulo, onde exerceu a clínica durante 30 anos. Conquistou pelo seu saber grande clientela, tornando-se o médico de maior fama de sua época.

Recusou convite para ocupar a 1ª cadeira de clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, que lhe competia pela sua erudição e reconhecida experiência, assim como em decorrência de seus predicados morais e pelo exemplo que dava de vida familiar e social.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. João Vicente Torres Homem é o patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo.

Mathias de Vilhena Valladão e Sérgio Meira⁴ foram os grandes protagonistas da criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1895, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo a honra de ser o quarto presidente desse sodalício, num mandato de um ano entre 1898-1899. Graças também aos seus esforços foi fundada a Policlínica de São Paulo, entidade que presidiu durante vários anos consecutivos.

Foi um dos fundadores do Instituto Pasteur e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; contemporâneo e amigo de Pereira Barreto⁵ e Arnaldo Vieira de Carvalho⁶, ambos, igualmente, presidentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Mathias Valladão tinha grande conhecimento semiológico e acurada observação. Prestou relevantes serviços na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Vivia para seus pacientes; estudava, instruía-se e era desprovido das ambições do renome e das vantagens pessoais, sendo modelo de probidade. Escolheu satisfazer-se com a modesta remuneração do trabalho.

Tinha grande prestígio entre seus pares, sendo considerado um dos mais notáveis clínicos de sua época e uma das mais eminentes figuras da medicina brasileira. Seria um professor invejável...

Publicou 22 trabalhos, estando entre eles Febre Amarela, Etiologia; Febre Amarela: Contágio e Etiologia; Tratamento da Febre Amarela; O Éter na Narcose Cirúrgica; Tratamento das Moléstias do Coração, Digitalis; Um Caso Interessante de Seringomielia; Embolia das Artérias Mesentéricas; Dores e o seu Remédio; A Medicina Digitalica; Úlcera do Duodeno, dentre outros.

Na Antologia Médica Brasileira de Raul Briquet⁷ (1951) está consignado um caso de anemia perniciosa progressiva, de difícil diagnóstico, pelo que Mathias Valladão, ao propor a correta interpretação, recebeu elogios dos notáveis clínicos Miguel Couto e Miguel Pereira.

Ulysses Paranhos, médico e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras em 1909, assim se expressou a respeito de Mathias Valladão: “Foi o tipo mais bem acabado de clínico que viveu entre nós. De uma ilustração rara, de um talento brilhante, de uma lógica arrebatadora, de um coração cheio de bondade diante do doente, ele reunia, sintetizava todas essas primorosas qualidades para formular o diagnóstico, fazer o prognóstico e instituir a terapêutica, que era sempre razoável, segura, positiva.”

Mathias Valladão era conhecedor dos idiomas alemão e latim. Escrevia correta e elegantemente. Era dotado de grande cultura geral, apreciando, particularmente, temas históricos e, dentre eles, de autores antigos, muitos dos quais lia na língua original.

Faltou-lhe tempo para a publicação de livros. Contudo, Alfredo Valladão, seu irmão, publicou em 1954 um opúsculo, relatando a importância dele na medicina brasileira.

Mathias de Vilhena Valladão foi sempre caridoso e desinteressado. Aceitou a dor e a própria morte com coragem estoica e resignação cristã, não se rebelando contra os percalços da má sorte. Morreu na serenidade da fé católica em 1920.

4. Sérgio Florentino de Paiva Meira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu oitavo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

5. Luiz Pereira Barreto foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu primeiro presidente, exercendo um mandato anual entre 1895-1896, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

6. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

7. Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

5º PRESIDENTE: 1899-1900

Patrono da Cadeira nº 108

Helio Begliomini¹

GUILHERME ELLIS



Guilherme Ellis (filho) teve como pais Maria do Carmo Cunha e William Ellis – também conhecido por Guilherme Ellis² –, médico e cirurgião que veio da Grã-Bretanha para o Brasil, em 1832, no navio a vela “Perseverança”. Radicou-se na cidade de São Paulo, onde devotou 40 anos aos seus pacientes.

Guilherme Ellis era irmão de Alfredo Ellis³, também médico. Após a sua graduação, Guilherme Ellis aprimorou

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto foi obtida na biblioteca “João Mendonça Cortez”, do Hospital São Joaquim da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, com a bibliotecária Elisandra Jacqueline Alfano Ribeiro.

². William Ellis ou Guilherme Ellis (pai), além de ter um grande tirocínio clínico, tinha espírito caridoso, que lhe rendeu o epíteto de “médico dos pobres”. Ao falecer, em 1872, suas últimas palavras aos filhos médicos – Guilherme e Alfredo – foram um verdadeiro testamento moral: “Do pouco que deixo em bens materiais, nem um só ceitil foi adquirido à custa de uma lágrima de algum pobre. Deixo esta vida sem precisar me arrepender de qualquer ato; nunca, conscientemente, pratiquei um mal contra qualquer pessoa”. Por esse depoimento se pode muito bem aquilatar o lastro ético e humanitário em que foram lapidados seus diletos filhos.

³. Alfredo Ellis (1850-1925) formou-se pela Faculdade de Medicina da Filadélfia, nos Estados Unidos da América. Seguiu viagem de estudos por países da Europa. Fixou residência na cidade de São Paulo, onde exerceu a medicina por vários anos, tornando-se muito respeitado. Em 1882 mudou-se para Rio Claro (SP), onde continuou atuando como médico. Acabou entrando na vida pública por causa de sua luta pela extinção da escravatura, sendo um dos primeiros fazendeiros a libertar incondicionalmente seus escravos. Em 1891, assinou o mandato de deputado federal no primeiro Congresso Constituinte da República e, em 1903, foi eleito senador, exercendo o cargo até 1908. São de sua lavra os livros: “Discursos Pronunciados no Senado Federal” (1910) e “Raça de Gigantes”

seus estudos profissionais no exterior, tornando-se o que se chamava à época de “médico da moda”, ou seja, aquele que todos buscavam na ânsia de serem beneficiados pela sua ciência.

Segundo seu biógrafo Rubião Alves Meira⁴, Guilherme Ellis “era alto, elegante, bem vestido, com atitudes cavalheirescas; muito fino, muito bem educado, respirando distinção sua figura. (...) Tinha o dom de encantar, excelente ‘causeur’, muito viajado e insinuante; atraía a atenção e criava simpatias”.

Guilherme Ellis foi médico de grade renome, muito respeitado e de vastíssima clientela. Numa época em que a varíola grassava em São Paulo, quando não existia nem vacinação e nem hospital de isolamento, ele era o mais procurado de todos os clínicos da capital paulista.

Era carinhoso com os pacientes, embora tivesse modos bruscos de mandão, pois era muito autoritário e imprimia energia em suas palavras. Não admitia que se opusessem às suas opiniões. Entretanto, era bondoso e tratava a todos com afabilidade.

Guilherme Ellis, assim com seu pai, William Ellis, foi um dos expoentes da classe médica paulista no final do século XIX. Embora não tivesse sido um dos fundadores da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, nela ingressou em albores.

Dedicou-se com grande entusiasmo a esse neossodalício ao lado de Sérgio Meira⁵, Carlos José Botelho⁶, Arnaldo Vieira de Carvalho⁷, Bernardo de Magalhães⁸, Miranda Azevedo⁹ e Mathias Valladão¹⁰, que representavam o expoente da medicina de São Paulo. Teve também a honra de presidi-lo num mandato anual no crepúsculo do século XIX, precisamente entre 1899-1900, sendo o 5º presidente desse silogeu.

Ainda as palavras de Rubião Meira com relação a Guilherme Ellis: “Quando o conheci já não clinicava, senão de raro em raro, mas conservava sempre aquela verve brilhante que prendia os que o procuravam. A primeira vez que o vi foi em conferência com o professor Alves de Lima¹¹, que devia bem se recordar do fato, chamado que fui para medicá-lo. Estava com formidável epistaxe e, de pé, conservando a mesma elegância que nunca o abandonou, a deitar sangue pelo nariz, sangue que vinha aos borbotões. E ele não se assustava, mas pedia-me que fizesse parar

(1926, editado postumamente). Faleceu em 30 de junho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro. Seu nome é honrado com uma rua no bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo.

⁴. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

⁵. Sérgio Florentino de Paiva Meira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu oitavo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

⁶. Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

⁷. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁸. Bernardo de Magalhães foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sexto presidente num mandato anual entre 1900-1901.

⁹. Augusto César de Miranda Azevedo foi o terceiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, exercendo um mandato anual entre 1897-1898.

¹⁰. Mathias de Vilhena Valladão foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu quarto presidente num mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

¹¹. João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

aquela torneira rubra. Dei-lhe, lembro-me bem, trinitrina, e tudo cedeu. Era um fenômeno de hipertensão aquela epistaxe. Depois, de longe em longe o via, mas nunca tive maiores contatos com sua figura atraente”.

Guilherme Ellis foi o primeiro diretor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Dedicou-se com amor a esse nosocômio, então incipiente, e, por ocasião de seu 25º aniversário, discursou, ressaltando o valor dessa entidade e demonstrando o que havia à época em que assumiu sua direção.

Atuou também como chefe de clínica na Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, notável instituição que já prestava inúmeros serviços à população, sem distinção de classe ou nacionalidade. Desse hospital recebeu, em reconhecimento ao seu trabalho e dedicação, o título de “Sócio Cruz de Honra”.

Asseverou ainda Rubião Alves Meira que Guilherme Ellis “gozou de imenso prestígio que manteve até o fim de seus dias, sempre cercado por uma auréola de admiradores à sua íntegra personalidade. Por muitos anos foi lembrado como um homem que fez o bem; soube fazê-lo e se manteve ereto no pedestal a que foi, em vida, guindado pelos contemporâneos”.

Guilherme Ellis é também honrado com a patronímica da cadeira nº 108 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

6º PRESIDENTE: 1900-1901

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

BERNARDO DE MAGALHÃES 1864-1925

Bernardo Ribeiro de Magalhães, mais conhecido por Bernardo de Magalhães, nasceu na cidade de São Paulo, em 20 de julho de 1864, e era filho de Custodio Marcellino de Magalhães.

Graduou-se em 12 de janeiro de 1887, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Enquanto acadêmico foi interno do professor Torres Homem², chegando a ser, posteriormente, seu chefe de clínica. Sua tese de conclusão de curso foi intitulada **Do Diagnóstico Diferencial entre as Diversas Espécies de Anemias** (1886).

Transferiu-se para a cidade de São Paulo e destacou-se entre seus pares pelo seu talento, inteligência, educação, simpatia e cavalheirismo, além do grande conhecimento de medicina que possuía. Embora não tivesse tirocínio hospitalar, granjeou vasta clientela e tornou-se um dos médicos mais afamados de sua época.

Segundo seu contemporâneo e biógrafo Rubião Meira³, Bernardo de Magalhães “era um bom conversador e sabia prender a atenção. Vaidoso, tinha orgulho do que sabia e não gostava de ser contraditado. Era firme em suas opiniões, apresentando-se como figura imponente”.

“Tinha temperamento artístico muito pronunciado. Gostava de música; era excelente crítico; não falhava às boas companhias líricas; criticava, aplaudia e amava também a pintura e a escultura. Era então um encanto ouvi-lo discorrer com segurança. Tinha a inteligência dispersiva, e esse foi um mal, pois pouco deixou escrito por onde se pudesse avaliar com segurança de seu merecimento. Mas os de seu tempo, os que dele se aproximaram, tinham a convicção de seu valor e o cercavam com o afeto que sabia inspirar”.

Bernardo de Magalhães gostava de ler e exibia vasta cultura. Tinha dotes de oratória e discursava com facilidade.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo o patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². João Vicente Torres Homem é o patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Em 1902 foi convidado a ser o primeiro redator-chefe do jornal Gazeta Clínica, periódico fundado por Rubião Meira, João Alves de Lima⁴, Nicolau de Moraes Barros⁵ e João Xavier da Silveira.

Assim se referiu Rubião Meira: “Bernardo assumiu o cargo principal, tendo várias vezes escrito sobre assuntos médicos com facilidade e elegância. Mesmo escrevendo ou falando, sentia-se a vibração artística de seu espírito”.

Foi um dos fundadores, em 7 de março de 1895, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1900-1901.

Bernardo Magalhães viajou para a Europa e lá permaneceu por mais de um ano, o que fez com que, ao regressar, houvesse perdido boa parte de sua clientela.

Preservou até o fim de seus dias a mesma lisura em suas atitudes expressas pela sua generosidade e competência.

Bernardo Ribeiro de Magalhães faleceu em 19 de junho de 1925, com 61 anos incompletos. Seu nome é honrado numa rua na cidade de São Paulo, no bairro de Tatuapé.

⁴. João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

⁵. Nicolau de Moraes Barros foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1912-1913, e é o patrono da cadeira nº 17 desse sodalício.

7º PRESIDENTE: 1901-1902 E 1906-1907

Patrono da Cadeira nº 11

Admissão: 7/3/1895

Wilson Rubens Andreoni¹

ARNALDO AUGUSTO VIEIRA DE CARVALHO



1867-1920

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho² teve como berço a cidade de Campinas, na época, conhecida no estado de São Paulo como a “Cidade das Andorinhas”. Isto se deu no dia 5 de janeiro de 1867. Era filho de Carolina Xavier de Carvalho e de Joaquim José Vieira de Carvalho, advogado de nomeada, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo e professor de várias disciplinas; com muito prestígio profissional e político, foi juiz municipal em Campinas, deputado estadual e senador, tendo participado de altos cargos em diversos governos estaduais.

Os historiadores André Mota e Maria Gabriela Marinho, da Universidade de São Paulo, organizadores do trabalho “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas em São Paulo (1888-1938)”, comentam que: “em razão dessa biografia paterna, Arnaldo sentiu influência de seu sobrenome quando voltou a São Paulo, indo morar na Rua Ipiranga nº 18 (hoje Avenida Ipiranga), depois de sua diplomação em 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”.

¹. Titular da cadeira nº 11 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho.

². Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

De fato, tem-se notícia de que, logo após isso, foi nomeado para cargos importantes: como consultor e assistente da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; médico responsável pela Hospedaria dos Imigrantes e, já em 1889, médico adjunto, cirurgião, vice-diretor clínico da Santa Casa. Em 1893, diretor do Instituto Vacinogênico, cargo que ocupou até 1913, e, finalmente, em 1894, indicado para chefe de clínica cirúrgica e, em seguida, diretor clínico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Porém, a verdade era que já demonstrava qualidades e capacidades excepcionais e privilegiadas de trabalho no exercício de sua profissão, tanto na clínica médica e ginecologia, como também na cirurgia, além de forte pendor a gestor administrativo.

Em 1895, com a finalidade de agregar todos os médicos do estado, capitaneada pelo médico Luiz Pereira Barreto³ e tendo entre os seus membros eméritos fundadores Arnaldo Vieira de Carvalho, foi fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo⁴. A partir daí, a ideia da implantação de uma faculdade de medicina teve mais ênfase, não devendo ser esquecido que, já em 1891, Arnaldo lutava para a sua abertura, e, nesse ano, o governo criava a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, que não chegou a ser instalada por falta de regulamentação.

Os historiadores acima citados fazem constar em seu trabalho que Arnaldo Vieira de Carvalho escrevia no jornal O Estado de S. Paulo sob o pseudônimo de “Epicarnus”. Opinava sobre a organização médica e política de saúde, crendo firmemente que a solução dos problemas gravíssimos existentes na assistência à saúde naquela época poderia ser dada quando os médicos fizessem parte ativa nas questões sociais e fisiológicas, ciências básicas da profissão (Figura 2).



Figura 2 – No portão do Hospital Umberto I (1904). Ao centro, Arnaldo Vieira de Carvalho, de chapéu; ladeado por Ayres Netto⁵, à esquerda e de chapéu; Felice Buccaglia⁶, de sobrecapa branca; e Raul Vieira de Carvalho⁷, à direita.

³. Luiz Pereira Barreto teve a honra de ser o primeiro presidente da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1895-1896.

⁴. Arnaldo Vieira de Carvalho teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais não consecutivos: 1901-1902 e 1906-1907.

⁵. José Ayres Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

⁶. Felice Buscaglia foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Raul Vieira de Carvalho era filho de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho e presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1940-1941.

Em 1912, Arnaldo foi designado pelo então presidente do estado, Francisco de Paula Rodrigues Alves, com total apoio do secretário do Interior, Altino Arantes, para implantar definitivamente o ensino médico no estado de São Paulo. Assim, criada pela lei 1.357, de dezembro de 1912, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que sucedia a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia mencionada, iniciou suas atividades depois de sua regulamentação, o que se deu em 1913. O ensino clínico e cirúrgico sob sua orientação era praticado nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia.

Acresce notar que São Paulo, no início do século XX, tinha por volta de 300.000 habitantes e já contava, nessa época, com intelectuais dispostos a elevar a metrópole à condição de reduto cultural do país, polarizando concomitantemente grande transformação social. Contudo, em contrapartida, havia falta de assistência médica, pelo pouco número de profissionais nessa área, principalmente nas regiões Sul e Sudeste. Somando-se a isso, aumentava muito a emigração trazendo com ela doenças epidêmicas que grassavam por todo o estado, razão pela qual era imperiosa e urgente a fundação de uma faculdade de medicina.

Em face de todos esses motivos, Arnaldo propôs para a faculdade recém-criada o método moderno de adequar as aulas teóricas às práticas de laboratório, dando oportunidade aos estudantes de receberem uma formação mais dinâmica e completa, primando pela parte científica e não simplesmente clínica.

Durante os anos de 1913 a 1920, Arnaldo foi o seu primeiro diretor, sendo em janeiro desse último ano lançada a pedra fundamental de sua sede própria, na então Estrada do Araçá (defronte ao cemitério), que, a partir de 1931, passou a ter o seu nome.

Arnaldo como diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo sempre foi lembrado como benemerente, audacioso e heroico, que enfrentara junto com seus alunos a gripe espanhola de 1918.

Lamentavelmente, a 5 de junho de 1920, aos 53 anos, por volta das 13 horas, uma fatídica morte, completamente inesperada e abominável – advinda de um ferimento na mão, coincidentemente provocado por um bisturi, durante a prática de uma cirurgia que evoluiu rapidamente para uma brutal septicemia –, ceifou a vida daquele que tanto fez para os homens sem nada pedir em troca, senão o intuito de mitigar a dor alheia, desfazendo as trevas que põem em risco a existência humana.

O sentimento naquele momento era de dor inconsolável, irmanando todas as classes do povo, sendo decretado estado de luto na capital paulista.

Vergueiro Steidel⁸ refere que Arnaldo “era o médico dos desprovidos, aquele que se inquietava com a dor dos pacientes da Santa Casa. Revoltava-se contra a pobreza; mesmo no momento em que agonizava em seu leito e horas antes de sua morte teria dito à sua amantíssima esposa, quando ela velava sua cabeceira, que novos e magníficos argumentos lhe acudiam ao espírito sobre essa questão social”.

“Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho extinguiu-se. O bronze já lhe fixou as linhas corretas do perfil augusto, e a História, não lhe podendo retratar o espírito, cantará a sua obra gigantesca⁹”.

⁸. Revista de Medicina, São Paulo, ano VI, nº 21, 1922, página 14.

⁹. Orcezi, Nazareno – A Faculdade de Medicina homenageia seu fundador. O Estado de S. Paulo, 6/6/1930, página 3 – Discurso.

8º PRESIDENTE: 1902-1903 E 1909-1910

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

SERGIO DE PAIVA MEIRA 1857-1917

Sergio Florentino de Paiva Meira, mais conhecido por Sergio de Paiva Meira ou simplesmente por Sergio Meira, nasceu na Vila do Pilar, no estado da Paraíba, em 7 de setembro de 1857. Era filho de João Florentino de Paiva Meira² e de Maria Augusta de Paiva, ambos nascidos em Itabaiana (PB).

Fez seus estudos preparatórios em Recife (PE), de onde migrou para a cidade do Rio de Janeiro. Aí, em 1875, se matriculou na Faculdade de Medicina, graduando-se em 1880. Iniciou sua vida profissional como interno e assistente dos professores Torres Homem³ e Visconde de Saboia.

Transferiu-se para Campinas (SP) em 1881, onde clinicou até 1888. Casou-se com Adelaide Egydio de Souza Aranha, filha de tradicional família campineira. Teve um renomado filho médico, Sergio de Paiva Meira Filho, que seria, em 1916, professor da disciplina de anatomia topográfica, operações e aparelhos da Faculdade de Medicina de Cirurgia de São Paulo, assim como, em 1930, professor da disciplina de técnica operatória⁴.

Sérgio Florentino de Paiva Meira radicou-se na cidade de São Paulo, onde viveu até o seu falecimento. Além de médico foi fazendeiro e possuiu várias propriedades agrícolas. Nessa atividade atuou por muito tempo com diretor da Sociedade Paulista de Agricultura.

Ainda durante o Império foi nomeado inspetor-geral de Higiene de São Paulo, agência estadual criada em 1891 e voltada para questões de saúde pública. Com a reforma dos serviços, foi nomeado diretor de Higiene de São Paulo, em 30 de julho de 1892, permanecendo nesse órgão, mesmo após a proclamação da República, por

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². João Florentino de Paiva Meira bacharelou-se pela Faculdade de Direito em 1851, sendo logo nomeado procurador da Comarca de Pilar (PB). Afiliado ao Partido Liberal, foi deputado e juiz da província do Ceará; senador pela Paraíba em 1880, no ano seguinte, recebeu a nomeação de governador da província de Minas Gerais. Também ocupou o cargo de ministro da Marinha em 1882. Em seu primeiro casamento, João Florentino teve seis filhos, sendo três homens e três mulheres: Sérgio Florentino, médico, radicado em São Paulo; João Florentino, farmacêutico e fundador da Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo; Gentil Augusto, almirante da Marinha de Guerra do Brasil; Maria Amélia; Emília, professora; e Sarah.

³. João Vicente Torres Homem é o patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Sérgio de Paiva Meira Filho foi também diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo (1930-1932) e é honrado com a patronímica da cadeira nº 111 da Academia de Medicina de São Paulo.

aproximadamente 3,5 anos (21/8/1889 a 21/3/1893), sendo sucedido por Emílio Marcondes Ribas⁵ (1862-1925).

Homem dotado de farta cultura e grande atividade administrativa, Sérgio Meira foi o organizador do laboratório de análises químicas do Instituto Bacteriológico. Com a colaboração do professor Le Dantc, organizou a Farmácia do Estado. Outrossim, organizou a Policlínica e a “Gota de Leite”. Foi ainda diretor da clínica da Beneficência Portuguesa; médico e mesário da Santa Casa de Misericórdia e membro da Comissão Permanente do Instituto Pasteur, além de exercer outros cargos com grande brilho e eficiência.

Sérgio Florentino de Paiva Meira e Mathias de Vilhena Valladão⁶, dois renomados representantes da classe médica paulista do final do século XIX, foram os grandes entusiastas e protagonistas da fundação da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Sérgio de Paiva Meira, juntamente com Amarante Cruz⁷, Erasmo do Amaral⁸, Ignácio Marcondes de Resende⁹ e Mathias de Vilhena Valladão, formaram uma comissão encarregada de redigir os Estatutos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo apresentados na Assembleia Extraordinária de 18 de fevereiro de 1895. Nessa ocasião ficou definida a data de 7 de março de 1895 para a fundação desse sodalício. A reunião preparatória para a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo ocorreu em 24 de fevereiro de 1895, no escritório de Sérgio Florentino de Paiva Meira, situado na Rua de São Bento, nº 230, onde também foi a primeira sede da entidade.

Nesta reunião preparatória estiveram presentes outros expoentes da classe médica paulista como Theodoro Reichert¹⁰, Luiz Pereira Barreto¹¹, Ignácio Marcondes de Rezende, Pedro de Resende¹², Amarante Cruz¹³, Cândido Espinheira¹⁴, Erasmo do Amaral, Luiz de Paula¹⁵, Marcos de Oliveira Arruda¹⁶ e Evaristo da Veiga¹⁷.

Luiz Pereira Barreto foi aclamado presidente da novel entidade e, ao tomar posse, convidou Mathias de Vilhena Valladão e Sérgio Florentino de Paiva Meira para ocuparem os cargos de secretários. A entidade tinha como objetivos zelar pelos interesses da classe médica e contribuir para sua solidariedade. Segundo a ata dessa primeira

⁵. Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Mathias de Vilhena Valladão presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

⁷. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 97 desse sodalício.

⁸. Erasmo do Amaral foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

⁹. Ignácio Marcondes de Rezende foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁰. Theodoro Reichert foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

¹¹. Luiz Pereira Barreto foi membro fundador e o primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1895-1896, e é o patrono da cadeira nº 1 desse sodalício.

¹². Pedro de Resende foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

¹³. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 97 desse sodalício.

¹⁴. Cândido Espinheira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 129 desse sodalício.

¹⁵. Luiz de Paula foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁶. Marcos de Oliveira Arruda foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁷. Evaristo da Veiga foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 107 desse sodalício.

reunião, cada um dos seus associados contribuiria com seu “manancial científico obtido em sua vasta clínica e no acurado estudo de seu gabinete desta arte para o ensinamento de todos”. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi instalada em 15 de março de 1895, no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, gentilmente cedido por seu diretor, o Barão de Ramalho.

Já na gestão presidida por Carlos José Botelho¹⁸, Sergio Florentino de Paiva Meira era seu secretário e participou, juntamente com outros confrades, da comissão organizadora do 4º Congresso de Medicina e Cirurgia que, infelizmente, apesar dos esforços, foi cancelado pela falta de recursos¹⁹.

Sergio Florentino de Paiva Meira teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandados anuais não consecutivos, entre 1902-1903 e 1909-1910, sendo seu oitavo presidente.

Sergio Florentino de Paiva Meira faleceu na cidade de São Paulo, em 30 de abril de 1917, aos 59 anos. Após o seu falecimento, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo resolveu homenageá-lo, instituindo o Prêmio Sérgio Meira, destinado a galardoar a melhor tese de doutoramento apresentada pelos alunos que se graduavam pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Seu nome é também honrado com uma rua no bairro de Santa Cecília da capital paulista.

¹⁸. Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente, num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

¹⁹. Esse congresso foi realizado em 1900, no Rio de Janeiro. A cidade de São Paulo sediou apenas em 1907, um Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, cuja organização foi de responsabilidade da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

9º PRESIDENTE: 1903-1904

Admissão: 7/3/1895

Helio Begliomini¹

ARTHUR VIEIRA DE MENDONÇA



Arthur Vieira de Mendonça, mais conhecido por Arthur de Mendonça, era natural de Minas Gerais. Foi nomeado por Arnaldo Vieira de Carvalho² chefe de 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (Figura 2), cargo que conservou até o fim de seus dias.

Foi também o fundador, juntamente com Victor Godinho, da “Revista Médica de São Paulo”. Além de Arnaldo Vieira de Carvalho, era contemporâneo de Affonso Régulo de Oliveira Fausto³, Luiz Gonzaga de Amarante Cruz⁴, Diogo de Faria⁵, tendo com eles bom relacionamento hospitalar.

Na enfermaria, examinava cuidadosamente os doentes com a preocupação, entretanto, das pesquisas microscópicas. Era cercado do afeto de seus assistentes, que o admiravam pela rara envergadura de sua conduta médica.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo o patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

³. Affonso Régulo de Oliveira Fausto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e é o patrono da cadeira nº 67 desse sodalício.

⁴. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 97 desse sodalício.

⁵. Diogo de Faria foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905.

Arthur de Mendonça exerceu pouca atividade clínica. Trabalhou também no Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo (Figura 3), onde pesquisou sobre a varíola, sendo um dos primeiros assistentes de Adolpho Lutz⁶.



Figura 2 – Médicos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 26 de novembro de 1903. Identificação dos nomes da esquerda para a direita.

Na primeira fila: sentados: João Sodine, Delfim Cintra, Affonso Régulo de Oliveira Fausto, Arnaldo Vieira de Carvalho, comendador Nuno de Andrade, Luiz Gonzaga de Amarante Cruz⁷, João Alves de Lima⁸ e José Pires Neto.

Na segunda fila: Alcino Braga, Marino Freire, José Egídio de Carvalho, Arthur Mendonça, comendador Alberto de Souza, mordomo do Hospital Central; Macedo de Castro, Aristides Seabra, Francisco Queiroz Matoso e João Fairbanks.

Na terceira fila: Luiz do Rego; médico visitante italiano, Azurem Furtado, Roberto Gomes Caldas, Euzébio de Queiroz Matoso, Olegário de Moura⁹, Arthur Fajado, Corte Real, Diogo de Faria e Valmor de Souza.

Foi um dos primeiros médicos que estabeleceu, em São Paulo, um laboratório de análises químicas e microscópicas, numa época em que começaram a aparecer, como elemento de diagnóstico, as pesquisas laboratoriais. Era, então, tudo rudimentar, e as indagações que se faziam muito restritas, limitando-se a exame de urina; procura dos bacilos nos escarros, nas secreções do nariz e na faringe; hematozoários no sangue e ovos nas fezes.

⁶. Adolpho Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz é o patrono da cadeira nº 97 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. João Alves de Lima presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

⁹. José Olegário de Almeida Moura presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1914-1915.



Figura 3 – Da esquerda para a direita: Martins Bonilha de Toledo, Vital Brazil¹⁰ e Arthur Vieira de Mendonça, no Instituto Bacteriológico, em 1898.

Segundo seu contemporâneo e biógrafo, Rubião Meira¹¹, Arthur de Mendonça “era concentrado e muito dedicado no seu trabalho, tendo hábitos modestos. Era retraído, aparentava ar taciturno, mas tinha caráter ímpoluto. Por vezes se irritava com coisas que os outros não se importavam tanto. Gozou do respeito dos que dele se aproximaram, tendo deixado mais admiradores que amigos, pois seu temperamento, pouco expansivo, não provocava o cultivo de amizades”.

Arthur Vieira de Mendonça (Figura 4) pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu nono presidente, exercendo seu mandato anual entre 1903-1904.



Figura 4 – Arthur Vieira de Mendonça

¹⁰. Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹¹. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Foi vítima de câncer hepático, de que ele mesmo suspeitou. Faleceu em outubro de 1915, 20 dias após o diagnóstico, como um justo, sem recriminação e sem revolta, particularmente para quem ainda tinha muito a produzir. Sua missa de 7^a dia foi celebrada na Igreja da Consolação, na capital paulista¹².

As palavras do dr. Palmeiras Ripper, por ocasião de seu sepultamento, sintetizam sua personalidade e correspondem à verdade: “Mendonça não sabia geometria, embora fosse ilustrado. Não conhecia as linhas curvas, sinuosas, tortuosas, quebradas – era só a linha reta. E sua vida foi numa direção única do bem e do trabalho”. Ao que Rubião Meira complementou: “Arthur de Mendonça serviu de exemplo aos que procuram um caráter inatacável, firme, digno e honesto”.

¹². Dados obtidos no jornal O Estado de S. Paulo – Edição de 22 de outubro de 1915 (sexta-feira).

10º PRESIDENTE: 1904-1905

Patrono da Cadeira nº 58

Helio Begliomini¹

DIOGO TEIXEIRA DE FARIA



1867-1927

Diogo Teixeira de Faria, também conhecido simplesmente por Diogo de Faria, nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1867. Ainda enquanto acadêmico de medicina, veio a São Paulo em comissões sanitárias encarregadas de debelar a febre amarela em Jaú, assim como noutras cidades do interior paulista.

Graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese, em 5 de janeiro de 1893, sobre **Patogenia e Formas Clínicas do Puerperismo Infeccioso**.

Logo após a sua formatura foi nomeado por Cesário Mota² chefe da Comissão Sanitária de Campinas. Iniciou, em seguida, seu trabalho na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo logo indicado para a chefia da 1ª Enfermaria de Medicina, em 1895. Tratava seus doentes com muito amor, carinho e humanismo. Prestou grandes serviços aos paulistanos, sobretudo numa época em que grassava a febre amarela.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta Magalhães Júnior é o patrono da cadeira nº 45 da Academia de Medicina de São Paulo.

Atuou também como administrador, na função de chefe do Desinfetório Central, sendo muito estimado pelos seus subordinados. Sucedeu ao insigne Arnaldo Vieira de Carvalho³, constituindo-se no terceiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, ocasião em que readaptou os serviços e deu ao antigo hospital novo aspecto estrutural e científico.

Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, silogeu que teve a honra de presidir durante um mandato anual entre 1904-1905. Deu grande impulso às atividades desse sodalício, tornando sua gestão uma das mais destacadas dos primórdios da entidade.

Rubião Meira⁴, que o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1905-1906 e 1911-1912), salientava que Diogo de Faria era de uma “fisionomia moral muito semelhante à de Miguel Couto, que, por seu saber e sua bondade, nunca desceu um degrau do ápice da escada em que a popularidade e a sua ciência o colocaram. (...) Ele teve o condão raro de prender na afabilidade admirável de seu caráter as afeições humanas.”.

Arnaldo Vieira de Carvalho, primeiro diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, convidou-o para ser o professor da 1ª cadeira de clínica médica, responsabilidade e honraria de que ele declinou.

Diogo de Faria era dotado de grande conhecimento, intuição, tirocínio e notória capacidade de observação. Carlos da Silva Lacaz⁵, seu biógrafo e também presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963), refere que entre seus pares era “considerado o ‘primeiro ouvido de São Paulo’, tal era a sua sensibilidade na ascultação. (...) Carinhoso e dedicado aos enfermos, inspirava ilimitada confiança a todas as famílias pela sua inatacável probidade profissional. Coração largo, caráter varonil, espírito agudo, legou à Santa Casa em doações comovedoras a imensa riqueza dos seus predicados clínicos sem par e das virtudes de homem bom, de homem limpo, de homem correto. Tudo o que ele possuía, tudo esteve até o seu último suspiro ao serviço incondicional da velha Santa Casa”.

Diogo de Faria era muito entusiasmado com o exercício da clínica que lhe absorvia todo o tempo. Foi médico do conselheiro Antônio da Silva Prado (1840-1929), lavrador, político e notório empresário brasileiro.

Ovídio Pires de Campos⁶, que também o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1918-1919 e 1935-1946), assinalou que “a obra escrita de Diogo de Faria é um nada, um grão de areia em meio à vastidão do seu saber clínico”. Quase nada deixou publicado, conhecendo-se dele apenas alguns trabalhos: um escrito na Gazeta Clínica sobre “Câncer do Fígado”; outro escrito na Revista Médica de São Paulo intitulado “Aorta Abdominal Pulsátil”; além de “Terapêutica das Lesões Cardíacas”; “Tumores do Pâncreas”; estudos sobre o “Mal do Engasgo”; e ação terapêutica de algumas plantas, entre as quais a “tesneira” ou “tanaceto” (*Tanacetum vulgare*), que demonstrou ineditamente *in vivo* suas qualidades peristálticas. Publicou também um opúsculo intitulado **Os Inimigos de Nossos Livros**, obra sobre os insetos papirófagos.

Diogo Teixeira de Faria foi um dos grandes clínicos de São Paulo. Competente, conquistou grande reputação em mais de 30 anos devotados à medicina e à causa pública. Faleceu no auge de sua fama em 1927.

Plínio Barreto (1882-1958), advogado, político e brilhante jornalista de São Paulo, pronunciou as seguintes palavras à beira de seu túmulo: “Poucos o terão igualado e nenhum excedido no carinho, na dedicação, no desprendimento, no amor com que ele deu para a sua obra humanitária todas as luzes do espírito, todas as energias do caráter e todas as doçuras do coração”.

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁴. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

⁵. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

⁶. Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

Diogo Teixeira de Faria é honrado com a patronímica da cadeira nº 58 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; perenizado num busto em bronze (Figura 2) feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSP); e dá nome a uma rua no bairro de Vila Clementino da cidade de São Paulo.



Figura 2 – Busto em bronze de Diogo Teixeira de Faria feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no hall dos Provedores do Museu da ISCMSP.

11^o PRESIDENTE: 1905-1906 E 1911-1912

Patrono da Cadeira nº 51

Helio Begliomini¹

DOMINGOS RUBIÃO ALVES MEIRA



1878-1946

Domingos Rubião Alves Meira, mais conhecido por Rubião Meira, nasceu em Barra do Piraí, estado do Rio de Janeiro, aos 4 de junho de 1878. Diplomou-se com 21 anos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1901, após ter exercido passageiramente a clínica na cidade de Piuí, no estado de Minas Gerais, transferiu-se para a capital do estado de São Paulo, onde, a partir de 1916, foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, até o seu falecimento.

Sua tese inaugural versou sobre **Estudo Semiótico do Coma** (1899). Foi o primeiro a exercer a livre-docência de clínica médica, em São Paulo, antes da fundação da faculdade de medicina. Em 1907 e 1908 concorreu em dois concursos para preenchimento da vaga de catedrático de clínica médica na Faculdade Nacional de Medicina, obtendo, em ambos, honrosa classificação.

Dentre as publicações de Rubião Meira sobressaem: **Valor dos Novos Métodos e Processos de Diagnóstico em Clínica Médica**, tese de livre-docência à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1912); **Perfis e Lutas**, coletânea de discursos e escritos vários (1913); **Trabalhos e Lições de Clínica Médica**, volume de 300 páginas, coletânea de artigos já publicados e de lições proferidas na 1^a clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo (1916);

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Turbilhões (contos – 1917); **Da Tribuna** (discursos – 1920); **Médicos de Outrora**, crônica biográfica de saudades (1936) e **In Memoriam do Dr. João Alves Meira – 1842-1916** (1942).

Presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912.

A Universidade de São Paulo muito deve a Rubião Meira, que foi um de seus primeiros reitores, cargo que serviu com eficiência e dignidade de 5/4/1939 a 21/5/1941.

De todas as atividades que Rubião Meira exerceu, nenhuma sobrepujou a do clínico. Foi acima de tudo médico e médico exemplar, assinalou com razão o professor José Barbosa Corrêa.

Desfez-se sempre em ternuras para com os doentes; passou a vida a lenir dores, a consolar aflições, a restaurar os corpos doentes e a reanimar os espíritos abatidos. Para Rubião Meira, a missão do clínico era a de fazer o bem. Em 1920, no centro acadêmico Oswaldo Cruz, referia: *Aprendei, desde já, que entre os seus deveres de clínico, aquele que sobrepuja aos demais, não é o de tratar o físico, quando não podeis fazê-lo com vantagem, nos casos em que a medicina deixa cair por terra, por imprestáveis, as suas armas, mas sim o de cuidar do espírito do indivíduo, afugentando-lhe o espectro doloroso do fim implacável que o espera. Esse é o maior de seus deveres, Senhores, porque aí então a sua profissão confunde-se com a do missionário, encarregado da salvação das almas; vós sereis, também, nesses momentos, sacerdotes, com os mesmos direitos que os que vestem as roupagens de apóstolos da religião católica; vós tendes, então, a religião da caridade em mãos, mas da caridade elevada e digna que não se confunde com essa outra que faz dar a esmola pela mão direita e obriga a esquerda a publicar, com estardalhaço, o feito. É a assistência moral o maior dos deveres que competem ao médico socorrer o indivíduo com a unção de sua palavra evangélica, consolar seu espírito, retirando-lhe a dúvida do termo final que se aproxima, levando-lhe aos lábios o cálice da esperança, erguendo-lhe a fé com meiguice de seu verbo inflamado.*

Rubião Meira também foi homem de letras: escreveu contos e pertenceu à cadeira nº 28 da Academia Paulista de Letras. Foi honrado com o título de médico honorário da Santa Casa de Misericórdia. A Associação Paulista de Medicina muito lhe deve; estruturou em novas bases esta agremiação de médicos, tendo sido um de seus primeiros presidentes. Em 1930, quando Alberto Nupieri, Potiguar Medeiros, Barbosa Corrêa, Felipe Figliolini, Cesário Matias, Oscar Monteiro de Barros e muitos outros resolveram fundar a Associação Paulista de Medicina, levados pelo ideal de reunir a todos os médicos de São Paulo, foi de Rubião Meira que eles obtiveram logo não só o estímulo e aplausos, senão também colaboração decidida e prestigiosa. Ele assinou a convocação para a assembleia de fundação, presidiu-lhe a reunião inaugural e foi eleito presidente da instituição nascente.

Deixou grandes discípulos, mestres das novas gerações de médicos paulistas e um filho dileto – João Alves Meira, exemplo de bondade e de honradez, reprodução fiel do modelo paterno.

Médico, professor de medicina, homem de letras, orador, cidadão, político, Rubião Meira acima de tudo foi médico, para quem a medicina foi a sua vida. Como médico viveu e como médico morreu. Dele disse seu filho João Alves Meira, em belo discurso de paraninfo (1958): “Todas as qualidades do verdadeiro médico ele as possuía, exercendo a medicina como sacerdócio, com elevação, com desprendimento, com dedicação integral ao doente, qualquer que fosse a posição social deste, sem se preocupar com recompensas materiais, sem outra ambição que a de prestar o amparo de sua proficiência e a satisfação de cumprir com desvelo o seu dever de profissional consciente. Nos quarenta e cinco anos ininterruptos de prática médica, espargiu Rubião Meira com as dádivas de seu saber, a mancheias, os benefícios de seu coração caridoso a todos os que, sem distinção dele, necessitados, se acercavam”.

Rubião Meira, disse Barbosa Corrêa, com inteira razão, “permanecerá na memória de seus discípulos, amigos e colegas, como excelso exemplo de competência, honestidade e bondade, no exercício de nossa penosa profissão”.

Mestre de várias gerações de médicos, foi durante toda a sua vida um nababo da generosidade, um perdulário da bondade. Como médico, refere Almeida Prado, “nunca distinguiu o rico do pobre, e o dinheiro nunca teve, para ele, nenhuma significação material”.

Rubião Meira faleceu em 1946, na cidade de São Paulo, com 68 anos incompletos.

12º PRESIDENTE: 1905-1906 E 1916-1917

Patrono da Cadeira nº 67

Helio Begliomini¹

AFFONSO REGULO DE OLIVEIRA FAUSTO



1866-1930

Affonso Regulo de Oliveira Fausto² nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1866. Era filho do conselheiro dr. Manoel de Oliveira Fausto e de Luiza Emília da Costa Fausto.

Fez seus estudos de humanidades no Colégio D. Pedro II em sua cidade natal – então capital federal. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando à cadeira de botânica e zoologia, em 30 de setembro de 1890, tese dedicada ao seu pai e intitulada **Da Evolução Ontogênica do Embrião Humano em suas Relações com a Filogênese** (Figura 2).

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Seu nome original, apostado na capa de sua tese, era Affonso Regulo d'Oliveira Fausto (Figura 2).

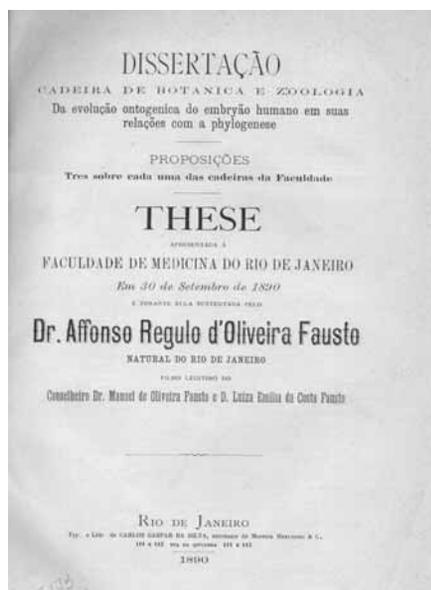


Figura 2 – Capa da tese de formatura de Affonso Regulo de Oliveira Fausto.

Logo após sua formatura fez viagem ao exterior, visando aprimoramento nos conhecimentos. Tempos após seu regresso, radicou-se na cidade de São Paulo, sendo membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia.

Regulo de Oliveira Fausto publicou vários trabalhos e foi membro de diversas associações científicas, dentre as quais a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sendo seu presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917.

Foi nomeado cirurgião do Hospital de Juqueri, cargo que deixou em 1916, por ocasião de seu ingresso na congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo como professor substituto de clínica cirúrgica. Galgou o cargo de professor catedrático de patologia cirúrgica, exercendo-o de 31/3/1927 a 29/6/1930, sendo nessa data surpreendido em sua brilhante atuação pela morte, poucos dias antes de completar 64 anos.

Affonso Regulo de Oliveira Fausto foi um modelo dentro da faculdade de medicina, que sempre procurou honrar e dignificar. Foi uma figura de relevo dentre seus pares paulistas. Era intransigente quando os assuntos se referiam à ética profissional. Tinha grande cultura médica, filosófica e sociológica.

Em seu enterro, ocorrido no dia seguinte ao seu passamento, proferiam oração fúnebre à beira da sepultura o professor Flamínio Fávero³, em nome da congregação da faculdade; o doutorando J. F. da Silva Braga, pelos sextanistas; e o acadêmico Miguel Scavone, em nome dos demais alunos.

³. Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse silogeu.

13º PRESIDENTE: 1907-1908 E 1913-1914

Helio Begliomini¹

JOÃO ALVES DE LIMA



1872-1934

João Alves de Lima, mais conhecido por Alves de Lima, nasceu em 30 de junho de 1872, na cidade de Piracicaba (SP). Bacharelou-se pelo Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, em ciências e letras.

Enquanto contava com 17 anos, partiu para a Europa com o intuito de estudar medicina. Realizou seu sonho na Faculdade de Medicina de Paris, onde foi aluno de grandes nomes da medicina da época, tais como Faraboeuf, Cornil, Gautier, Dieulafoy, Guyon, dentre outros. Graduou-se em 1897, defendendo a tese *De la Fréquence des Lésions Annexièlles dans les Rétrodeviations Douloureuses de l'Uterus*. Nessa ocasião obteve o diploma *d'État*, que lhe dava o direito de exercer a profissão na França.

De regresso ao Brasil, iniciou sua atividade profissional em 1898, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde, durante 36 anos, foi chefe da 2ª Clínica Cirúrgica.

Alves de Lima pertencia a uma tradicional família paulista. Casou-se com uma filha dos barões de Piracicaba, que o puseram ainda em maior destaque na sociedade.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

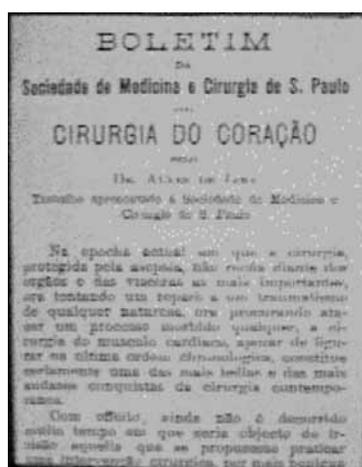
De acordo com seu biógrafo Rubião Meira², Alves de Lima foi “um dos mais completos cirurgiões que o Brasil já possuiu. Operador de raça, tinha rara elegância. Francês até a medula dos ossos, operava com rapidez e acerto; diagnosticava com precisão e tinha encantos que seduzia a clientela. Era simpático, muito vivo, muito culto e inteligente. Era muito cotado na sociedade paulista e elemento de destaque na elite intelectual”.

Alves de Lima foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914. Era também membro da Sociedade de Cirurgia de Paris e do *American College of Surgeons*.

Teve grande clientela na capital paulista, sobretudo de pacientes oriundos das colônias francesa e síria. Houve época em São Paulo em que, com Arnaldo Vieira de Carvalho³ e Cândido de Camargo⁴, dominou a cirurgia, constituindo-se os três os maiores cirurgiões de seu tempo.

Alves de Lima foi redator-proprietário da “Gazeta Clínica”, periódico fundado em 1904 com a colaboração de Xavier da Silveira, Bernardo de Magalhães⁵, Nicolau de Moraes Barros⁶ e Rubião Meira. Nessa revista publicou parte de seus artigos de cirurgia.

Carlos da Silva Lacaz⁷, seu outro biógrafo, refere que Alves de Lima foi “o introdutor, entre nós, da neurocirurgia”. Por sua vez, Iseu Affonso da Costa⁸ assevera que ele, em 1905, foi o primeiro a praticar uma sutura cardíaca em nosso país, comunicando esse feito à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (Figura 2).



**Figura 2 – Comunicando o caso de sutura cardíaca realizada por João Alves de Lima.
Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**

². Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1905-1906 e 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁴. Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

⁵. Bernardo de Magalhães foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1900-1901.

⁶. Nicolau de Moraes Barros foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1912-1913, e é o patrono da cadeira nº 17 desse sodalício.

⁷. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

⁸. Professor emérito da Universidade Federal do Paraná.

Dentre os diversos artigos por ele publicados, salientam-se: “Abscesso do Fígado” (1898); “Um Caso de Parto Duplo” (1898); “Cura Radical das Hérnias” (1898); “Abscesso Inguinoescrotal Simulando Hérnia Estrangulada” (1901); “Meningite Purulenta e Necrose da Sela Túrcica” (1901); “Drenagem Contínua da Ascite Consecutiva a Cirrose do Fígado” (1901); “Traumatismo da Região Lombar, Paralisia, Laminectomia, Cura” (1907); “Fratura do Crânio, Hemiplegia, Craniotomia, Cura” (1908); “Um Caso de Craniotomia” (1912); e “Craniotomia por Ferimento Penetrante” (1913).

Com a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Alves de Lima tornou-se – a convite de Arnaldo Vieira de Carvalho – professor de clínica cirúrgica para os alunos do 5º ano (Figura 3). Nessa instituição de ensino foi durante vários anos vice-diretor, mas nunca quis ser diretor, pois seus diversos afazeres não lhe permitiam que se dedicasse com afinco a esse cargo.



Figura 3 – João Alves de Lima, enquanto professor de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo apreciava operar diante dos alunos, que admiravam seus diagnósticos e sua grande destreza cirúrgica. Nesse nosocômio protagonizou, juntamente com amigos, a construção do Pavilhão de Cirurgia, onde teve seu serviço instalado em dois andares, com sala cirúrgica privativa.

Alves de Lima fez estágio de aperfeiçoamento na famosa Clínica Mayo, nos Estados Unidos da América, em 1921.

Foi um dos fundadores da Associação Paulista de Medicina em 1930 e, em 1933, enquanto dignitário máximo dessa instituição, presidiu o Congresso Médico Paulista, que foi encerrado com um banquete nos salões do Clube Comercial, com a presença de Armando Sales de Oliveira⁹, então interventor federal em São Paulo. Foi também um dos entusiastas e fundadores do Liceu Franco-Brasileiro, hoje, Liceu Pasteur, tendo sido eleito vice-presidente e exercido a presidência por diversas vezes nessa instituição.

Carlos da Silva Lacaz refere que “além da cultura eminentemente cirúrgica, Alves de Lima possuía espírito dotado de contínua curiosidade intelectual, embora não alardeasse essa sua qualidade. Durante muitos anos, com grande regularidade, lia e anotava todos os números da famosa ‘Revue de Paris’. Sem esquecer, em absoluto, as linhas dominantes de sua formação intelectual, tinha mentalidade amplamente aberta para os pendores progressistas de seu tempo. Cirurgiões dos mais hábeis, operava com enorme destreza e ensinava com as mãos. Foi sem dúvida um triunfador e viveu sempre cercado de larga estima pública.”

Em decorrência de relevantes serviços prestados à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Alves de Lima recebeu dessa instituição de benemerência os títulos de “Irmão Benfeitor” e “Irmão Protetor”. Após a sua morte, por iniciativa de Synésio Rangel Pestana¹⁰, a mesa administrativa, numa justa homenagem, deu o seu nome à sala de operações do Pavilhão de Cirurgia de Homens, constando essa deferência numa placa de bronze.

⁹. Armando Sales de Oliveira foi engenheiro graduado pela Escola Politécnica de São Paulo, político, interventor federal em São Paulo entre 21 de agosto de 1933 e 11 de abril de 1935, e governador eleito pela Assembleia Constituinte, de 11 de abril de 1935 a 29 de dezembro de 1936.

¹⁰. Synésio Rangel Pestana foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1910-1911, e é o patrono da cadeira nº 116 desse sodalício.

João Alves de Lima faleceu em 7 de novembro de 1934, aos 62 anos, ocasião em que era vice-diretor clínico da Beneficência Portuguesa e do Sanatório Santa Catarina. A oração fúnebre a ele dedicada tanto na FMUSP quanto na APM, foi proferida pelo seu grande amigo Rubião Meira.

Alípio Corrêa Netto¹¹, eminente cirurgião brasileiro e aluno do professor João Alves de Lima, fascinado pela figura desse mestre, dedicou-lhe uma avantajada obra intitulada “Um Mestre da Cirurgia – Biografia do Professor Dr. João Alves de Lima” (1963), prefaciada pelo professor Pedro de Alcântara.

João Alves de Lima é honrado também com uma rua no bairro do Brás, na cidade de São Paulo.

¹¹. Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

14º PRESIDENTE: 1908-1909

Helio Begliomini¹

SYLVIO MAIA



Sylvio Azambuja de Oliva Maia, mais conhecido por Sylvio Maia, era filho do doutor João Carlos de Oliva Maia e de Ernestina Macedo de Azambuja.

Graduou-se em medicina e exerceu sua profissão na cidade de São Paulo, destacando-se pela sua educação não somente como médico, mas também como chefe de família.

Era simpático, cortês, afável e de agradável trato. Segundo seu contemporâneo e biógrafo Rubião Meira², era “alto e magro, possuía cabeleira preta que o tornavam um belo homem”.

Casou-se, em 1866, na cidade Piracicaba (SP), com Sophia Tobias de Aguiar, sua prima.

Dedicou-se à obstetrícia, sendo diretor da maternidade, tempo em que essa casa de saúde – de aspecto precário – se localizava na ladeira de Santa Efigênia. Contudo, devido à sua grande influência social e auxiliado pela

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

A foto foi obtida no Museu Histórico “Professor Carlos da Silva Lacaz” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

². Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

generosidade das damas da alta sociedade paulistana, conseguiu fundar uma nova maternidade na rua Frei Caneca – Maternidade São Paulo –, onde todos os recursos da ciência da época se achavam reunidos. Aí, na condição de diretor, deu ao novel nosocômio sua feição e sua alma.

Sylvio Maia foi um consagrado parteiro e durante diversos anos era a última palavra na especialidade, pois associava seu notório conhecimento médico à sua personalidade afável e carismática.

Ao lado de Amâncio Carvalho, José Valeriano de Souza, Meira de Vasconcelos, Américo Braziliense³, José Frederico Borba, Buarque de Holanda e tantos outros que honraram São Paulo com seus trabalhos, foi professor da Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo.

Sylvio Maia pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser presidente durante um mandato anual entre 1908-1909⁴.

Nesse sodalício, Sylvio Maia integrou a comissão organizadora, presidida por Arnaldo Vieira de Carvalho⁵, para a realização do I Congresso Médico Paulista. O evento foi realizado na capital de 4 a 9 de dezembro de 1916, tendo como temas oficiais as principais endemias e epidemias presentes em terras paulistas: tuberculose, lepra, disenteria, febre tifoide e ancilostomose. Os temas de cirurgia e os diversos aspectos da higiene urbana também estiveram presentes. O I Congresso Médico Paulista contou com a participação de médicos, veterinários, dentistas, parteiras, farmacêuticos e engenheiros oriundos de várias regiões do país. Junto ao evento foi realizada uma Exposição de Higiene, na qual foram apresentados produtos farmacêuticos, químicos e alimentícios.

Por ocasião da fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Sylvio Maia foi contratado, em 17 de janeiro de 1917, para ser o primeiro lente da cátedra de obstetrícia (1917-1924). Desenvolveu a função, embora não tivesse grande inclinação ao magistério. Ademais, nessa ocasião, já estava se retirando das atividades clínicas, além de ter se tornado lavrador e proprietário de fazendas, o que lhe absorvia tempo com outras preocupações.

Assim se referiu Rubião Alves Meira: “Era muito estimado pelos alunos e respeitado por todos os que viviam sob sua direção. Nunca abandonou o lugar de diretor da Maternidade, onde sempre se dedicou, mesmo nas horas de maior atrapalhão que suas lavouras lhe davam, e conservou o lugar até o seu falecimento. Mas da faculdade ele se retirou cedo, após alguns ensinamentos”.

Cientificamente produziu pouco, escrevendo alguns artigos para a “Revista Médica de São Paulo” editada por Victor Godinho e Artur de Mendonça⁶.

Sylvio Maia foi sucedido, através de concurso, na cátedra de obstetrícia, por Raul Briquet⁷, que, com notória capacidade didática e vasta cultura médica, deu grande desenvolvimento ao ensino da especialidade.

Com o falecimento de Sylvio Maia, São Paulo privou-se não somente de um dos mais notórios obstetras de seu tempo, mas também de um homem reto, justo, bondoso, fidalgo, sereno, pacífico e empreendedor.

Sylvio Maia faleceu em 10 de abril de 1933⁸.

³. Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1924-1925, é o patrono da cadeira nº 100 desse sodalício.

⁴. Sylvio Maia havia sido vice-presidente, durante um mandato anual, na gestão antecedente de João Alves Lima, entre 1907-1908.

⁵. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁶. Arthur de Mendonça foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1903-1904.

⁷. Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. O Estado de S. Paulo – Edição de 16 de abril de 1933 (domingo), página 12.

15º PRESIDENTE: 1910-1911

Patrono da Cadeira nº 116

Admissão: 1899

Helio Begliomini¹

SYNÉSIO RANGEL PESTANA



1874-1962

Synésio Rangel Pestana, embora descendesse de tradicionais famílias paulistas, nasceu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1874. Aí fez seus primeiros estudos, graduando-se na Faculdade Nacional de Medicina em 1897, ocasião em que defendeu tese intitulada **Patogenia da Apendicite**, primeiro trabalho brasileiro sobre o assunto.

Quando se encontrava em férias, vinha a São Paulo e frequentava a Santa Casa de Misericórdia, onde aprendeu não somente as lições iniciais da arte de examinar pacientes, como também manteve contato com renomados médicos de seu tempo, tais como Luís de Paula Monteiro Vianna, que lhe deu as primeiras lições de pequenas cirurgias; assim como Vital Brazil² e Arnaldo Vieira de Carvalho³.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Após a formatura radicou-se na cidade de São Paulo com sua família. Logo no início de 1898 começou a frequentar a Santa Casa de Misericórdia, sendo recebido por Arnaldo Vieira de Carvalho. Em 1900 foi nomeado médico interno desse nosocômio e a ele se dedicou por mais de 50 anos de trabalho!

Em 1903, por ocasião da epidemia de peste bubônica, Synésio Rangel Pestana ingressou no Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, onde atuou como inspetor sanitário.

Na condição de médico adjunto da Santa Casa participou de diversos serviços, sendo nomeado, em 1907, pelo próprio Arnaldo Vieira de Carvalho, à mercê de suas qualidades, chefe da 1ª Clínica Médica de Mulheres, cargo que ocupou até 1910. Nesse ano tornou-se chefe do Asilo de Expostos, prestando relevantes serviços até 1927. Em decorrência do falecimento de seu grande amigo Diogo Teixeira de Faria⁴, foi designado para substituí-lo no cargo de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, em fevereiro de 1927.

Nessa função, ampliou e melhorou todos os serviços da instituição, transformando-a num dos maiores hospitais do gênero da América do Sul. A fim de conseguir recursos financeiros promoveu, de 31 de março a 7 de abril de 1929, a “Semana da Santa Casa”, durante a qual, pessoalmente, pediu cooperação aos seus amigos. Em poucos dias conseguiu reunir a apreciável quantia de 2.400 contos, montante suficiente para realizar as reformas e a construção de um hospital para tuberculosos.

Outra dentre suas principais realizações foi a construção do Pavilhão “Fernandinho Simonsen”, inaugurado em 1931. Nesse mesmo ano inaugurou, do bloco cirúrgico “Arnaldo Vieira de Carvalho”, a secção feminina “Dr. Diogo de Faria” e o Pavilhão da Enfermaria do Asilo dos Expostos.

Synésio Rangel Pestana foi também médico do Seminário das Educandas; instalou e dirigiu vários hospitais de sangue e serviços de assistência durante os infaustos dias da Revolução de 1932. Ainda nesse ano, inaugurou o Hospital para Tuberculosos “São Luiz Gonzaga”, no bairro de Jaçanã.

Em 1934 criou, do bloco cirúrgico “Arnaldo Vieira de Carvalho” no Hospital Central da Santa Casa, a secção masculina “Oscar Pinto de Araújo Cintra”. Em 1937 inaugurou a secção “Teotônio de Lara Campos”, o bloco da oftalmologia masculina e o belo ambulatório “Conde Lara”, para aonde afluíam, diariamente, milhares de pacientes carentes em suas diversas especialidades.

Em 1938 Synésio Pestana completou 40 anos de ingresso e de atividades ininterruptas na Santa Casa de Misericórdia. A mesa administrativa prestou-lhe significativas homenagens pela efeméride, oportunidade em que lhe foram pronunciados diversos discursos, salientando não somente seus préstimos à instituição, mas também a personalidade do ilustre cidadão paulista.

Dentre seus pacientes teve o ilustre inventor Alberto Santos-Dumont, que, encontrando-se adoentado num momento de sua vida, recebia visita quase que diária de seu médico Synésio Pestana, sendo recomendado por ele a passar uma temporada no Guarujá, a fim de tratar de sua delicada saúde.

Synésio Rangel Pestana ingressou, em 1899, na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, atuando nessa instituição como: 2º secretário (1904-1905); bibliotecário (1906-1907); vice-presidente (1909-1910); e presidente (1910-1911), em cuja gestão recebeu os professores Erdarelli, Bovvi e Castelino. Foi o segundo a receber o título de sócio-benemérito em 1905, sendo precedido apenas por Carlos José Botelho⁵. Atuou também na Associação Médico-Beneficente de São Paulo, tendo sido seu tesoureiro (1905-1907) e presidente (1909-1911).

Escreveu artigos na Revista Médica de São Paulo, então respeitado periódico da classe médica, assim como na Gazeta Clínica e em O Estado de S. Paulo, dentre outros jornais, onde publicou temas relativos à medicina.

Dentre outras atividades de que participou salientam-se: médico durante 35 anos do Grêmio dos Empregados de O Estado de S. Paulo, desde a sua fundação até a sua dissolução; médico do Grêmio dos Empregados do Comércio e, durante 11 anos, da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos. Ingressou como membro da mesa administrativa

⁴. Diogo Teixeira de Faria foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

⁵. Carlos José Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

da Santa Casa de Misericórdia em 1930, sendo reeleito até 1948. Nessa Irmandade foi eleito e atuou como tesoureiro (1939-1946); diretor clínico por 20 anos (1927-1947), quando recebeu os títulos de “Diretor Clínico Emérito” e de “Irmão Protetor”.

Ainda na Santa Casa fundou a biblioteca e deu a ela o nome de “Augusto Meireles Reis”, seu amigo e antigo mordomo do Hospital Central. Não somente conseguiu a cooperação de seus amigos, mas doou seus próprios livros médicos a essa biblioteca, dedicando-lhe seus derradeiros anos de vida na condição de diretor, quando comparecia diariamente, não somente classificando o fichário, mas fazendo assinaturas das mais modernas revistas científicas da época.

Por relevantes serviços prestados a diversas colônias de estrangeiros radicadas em São Paulo, recebeu as seguintes comendas: grande oficial da Ordem do Grão-Duque Gedimina (Lituânia); comendador da Ordem das Três Estrelas (Letônia); comendador da Ordem da Cruz Vermelha (Estônia, Portugal e Alemanha); comendador da Ordem da Coroa e cavaleiro da Ordem de São Maurício e São Lázaro (Itália).

Synésio Rangel Pestana faleceu em 1962, nas dependências da Santa Casa de Misericórdia, hospital ao qual se dedicou por mais de meio século de sua existência.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 116 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; perenizado com um busto em bronze (Figura 2) feito pelo escultor Galilleu Emendabili, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSP); e dá nome a uma rua no bairro de Vila Prudente, na capital paulista.



Figura 2 – Busto em bronze de Synésio Rangel Pestana feito pelo escultor Galilleu Emendabili, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da ISCMSP.

16º PRESIDENTE: 1912-1913

Patrono da Cadeira nº 17

Admissão: 1910

Helio Begliomini¹

NICOLAU DE MORAES BARROS



1876-1959

Nicolau de Moraes Barros, mais conhecido por Moraes Barros, nasceu aos 18 de agosto de 1876, na cidade de Piracicaba (SP). Fez seus primeiros estudos no Colégio Piracicabano.

Graduou-se, em 1902, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de formado seguiu para a Europa, onde, durante quatro anos, em duas viagens, se especializou em ginecologia e obstetrícia, frequentando e trabalhando nos serviços de maior prestígio naquela época. Em Berlim, esteve com os renomados médicos Stoeckel e Bumm; em Paris, com Pinard e Pozzi; e, principalmente em Viena, com Schauta Hitschman, Adler e Chrobak.

De regresso ao Brasil, radicou-se na cidade de São Paulo, onde exerceu as funções de médico assistente da Maternidade de São Paulo e cirurgião-adjunto da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1920, quando faleceu Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho², catedrático de ginecologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, surgiu-lhe a oportunidade de concorrer à sua sucessão, disputando com grandes especialistas da época.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

Em 1921, conquistou, por concurso, a cátedra de ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), função que exerceu por 23 anos, até 1944, quando se aposentou por limite de idade, sendo distinguido com o título de professor emérito.

Nicolau de Moraes Barros estruturou a Escola Paulista de Ginecologia, em cuja sombra se formou uma plêiade de discípulos de elite, que difundiram os seus ensinamentos pelo país.

Sua grande projeção clínica e social o fez respeitado e acatado como figura exponencial da medicina paulista. Possuiu grande fortuna, pois era oriundo de uma família de banqueiro. Contudo tinha espírito democrático; era encantador no trato de nobres sentimentos; possuía a verdadeira expressão do médico por suas atividades elevadas e cavalheirescas, sem a vulgaridade que a tantos diminui.

De acordo com seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz³, Nicolau de Moraes Barros foi um “professor incomparável e didata nato. Suas aulas, sempre calçadas nos postulados da escola alemã, tornaram-se famosas. Sabia, como ninguém, transmitir aos seus alunos os tesouros da ginecologia. Fiel às doutrinas da escola alemã, lutou anos seguidos para implantar em nossos meios a conduta abstencionista, antimutiladora, de respeito ao órgão e por amor à função. Em nosso meio, no tratamento das anexites e nos processos inflamatórios genitais da mulher imperava a conduta intervencionista, mutiladora”.

“Limitou, igualmente, as indicações cirúrgicas do fibromioma do útero, operação fácil espetaculosa, mas altamente demolidora, pois removendo o útero ia suprimir a função menstrual em mulheres ainda moças, com todo o cortejo de funestas consequências. Incentivou a radioterapia entre nós. Na lendária enfermaria de clínica ginecológica da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, instalou, com um de seus assistentes, dr. Erich Muller Carioba, recém-chegado de Freiburg, o primeiro aparelho de radioterapia do Brasil e que se tornou o marco inicial da luta sem tréguas contra o câncer do útero.”

Na parte técnica, foi o introdutor da “via baixa”, condenando a “via alta”, a única em uso até então nos tratamentos das ginocopatias.

O professor Jose Medina⁴, que o sucedeu na cátedra, destacou, em oportuno trabalho, o que promoveu Nicolau de Moraes Barros para a prevenção do câncer ginecológico. O renomado mestre foi o primeiro a introduzir no Brasil a colposcopia, pois trouxe da Alemanha o colposcópio de Zweifel, aparelho rudimentar para a época atual. Tratava-se de uma pequena lupa, visando ampliar ligeiramente as condições do colo do útero.

Nicolau de Moraes Barros publicou poucos trabalhos, mas é de sua lavra o livro **Lições de Clínica Ginecológica** (1944), com 107 ilustrações, registrando as aulas que proferiu em seu serviço.

Nicolau de Moraes Barros foi membro e sócio benemérito da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1912-1913. Foi também membro da Associação Paulista de Medicina, *American College of Surgeons*; Academia Peruana de Cirujanos; e Sociedade Brasileira de Ginecologia (membro honorário), dentre outras.

Nicolau de Moraes Barros faleceu em 7 de março de 1959, aos 83 anos.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 17 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma escola estadual na cidade de Santo André. Na cidade de São Paulo dá nome a uma rua no bairro Jardim das Bandeiras; outra no bairro de Pinheiros, e uma praça no bairro da Barra Funda.

³. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

⁴. Jose Medina é o patrono da cadeira nº 19 da Academia de Medicina de São Paulo.

17º PRESIDENTE: 1914-1915

Helio Begliomini¹

JOSÉ OLEGÁRIO DE ALMEIDA MOURA



José Olegário de Almeida Moura², mais conhecido por Olegário de Moura, graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese **Da Insuficiência Renal. Suas Complicações Mentais** (1903). Durante seu curso foi contemporâneo e amigo de José Ayres Netto (1878-1969)³.

Logo após a sua formatura radicou-se na capital paulista, onde atuou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, como médico interno, galgando grande reputação como clínico (Figura 1).

Tornou-se também professor da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Livre de São Paulo⁴.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². José Olegário de Almeida Moura, médico, teve um homônimo que era formado em direito e foi major do Exército.

³. José Ayres Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse sodalício.

⁴. A Universidade Livre de São Paulo, instituição particular de ensino, foi a primeira no gênero que surgiu no Brasil. Foi fundada pelos médicos Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães (1860-1931), reitor; Luiz Pereira Barreto e Ulysses Paranhos, em 4 de dezembro de 1911. Começou a funcionar em março de 1912, num prédio da Rua Senador Queiroz. A entidade era apoiada por um grupo de advogados, engenheiros e farmacêuticos. Entretanto, a Universidade Livre de São Paulo desmoronou ante a negativa de seu reconhecimento pelo Conselho Nacional de Ensino, por partidatismo político da época, sendo extinta em 1917.



**Figura 1 – Médicos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 26 de novembro de 1903.
Identificação dos nomes da esquerda para a direita.**

**Na primeira fila, sentados: João Sodine, Delfim Cintra, Affonso Régulo de Oliveira Fausto⁵, Arnaldo Vieira de Carvalho⁶, comendador Nuno de Andrade, Luiz Gonzaga de Amarante Cruz⁷, João Alves de Lima⁸ e José Pires Neto.
Na segunda fila: Alcino Braga, Marino Freire, José Egídio de Carvalho, Arthur Mendonça⁹, comendador Alberto de Souza, mordomo do Hospital Central; Macedo de Castro, Aristides Seabra, Francisco Queiroz Matoso e João Fairbanks.
Na terceira fila: Luiz do Rego; médico visitante italiano; Azurem Furtado, Roberto Gomes Caldas, Euzébio de Queiroz Matoso, Olegário de Moura, Arthur Fajado, Corte Real, Diogo de Faria¹⁰ e Valmor de Souza.**

Olegário de Moura, assim como outros intelectuais da época, era simpatizante da eugenia, teoria que buscava produzir uma seleção nas coletividades humanas baseada em leis genéticas, a fim de melhorar a raça humana.

Antonio Carlos Pacheco e Silva, José Louzã e Paulo Raia, dentre outros alunos, terminaram o curso médico no Rio de Janeiro ou na Bahia. In: "Médicos Italianos em São Paulo", de Carlos da Silva Lacaz. Gráfica Editora Aquarela S. A., 1989.

⁵. Affonso Régulo de Oliveira Fausto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e é o patrono da cadeira nº 67 desse sodalício.

⁶. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁷. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 97 desse sodalício.

⁸. João Alves de Lima presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

⁹. Arthur Mendonça presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1903-1904.

¹⁰. Diogo Teixeira de Faria presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

Foi um dos fundadores, em 15 de janeiro de 1918, da Sociedade Eugênica de São Paulo (Sesp), a primeira no gênero na América Latina. Contava com cerca de 140 associados, entre médicos e membros de diversos setores da sociedade que estavam dispostos a “discutir a nacionalidade a partir de questões biológicas e sociais”.

A Sesp¹¹ teve em sua diretoria figuras importantes como: Arnaldo Vieira de Carvalho, presidente e então diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, cujo nome parece ter contribuído fundamentalmente para angariar o interesse da elite médica e da imprensa em torno dessa instituição; Olegário de Moura, Bernardo de Magalhães¹² e Luiz Pereira Barreto¹³ (vice-presidentes); Renato Kehl (secretário-geral), médico e farmacêutico¹⁴; T. H. Alvarenga e Xavier da Silveira (segundos secretários); Arthur Neiva, sanitarista; Franco da Rocha, fundador do Hospital Psiquiátrico do Juquery; e Rubião Meira¹⁵ (conselho consultivo).

A Sesp era constituída, em sua maior parte, por médicos da capital. Suas reuniões eram amplamente divulgadas e festejadas pela imprensa, e seus membros publicavam suas ideias em periódicos de grande circulação, como *Jornal do Commercio*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*.

Para o médico e eugenista Olegário de Moura, vice-presidente da Sesp, saneamento e eugenia deveriam ser compreendidos como sendo a mesma coisa. Dizia: “*sanear é eugenizar*”, e complementava: “*saneamento-eugenia é ordem e progresso*”. Ademais, argumentava que, independentemente de o nome ser eugenia ou saneamento, “*ao Brasil, o que interessa, é que a questão caminhe; é que a questão se apresente a todos; é que a questão se vá derramando sobre a coletividade brasileira e se vá infiltrando na consciência nacional*”.

Em uma palestra sob a égide da Sesp, em 1918, Olegário de Moura disse: “*Nacionalismo é querer um Brasil sempre unido e forte, progressista, saneado e eugenizado em caminho seguro para a civilização*”. Dentre os artigos que escreveu salienta-se “Saneamento-Eugenia-Civilização¹⁶”.

Olegário de Moura foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SMCSP), hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu 17º presidente, exercendo um mandato anual entre 1914-1915. Em sua presidência foi realizado um acordo com a Policlínica¹⁷, celebrado em ata da reunião de 15 de dezembro de

¹¹. A eugenia brasileira desse período se caracterizou por um modelo de “eugenia preventiva”. Os membros dessa instituição a proclamavam como uma “organização científica” de estudos e aplicação da eugenia no Brasil, tendo como finalidades as “questões da hereditariedade, descendência e evolução para a conservação e aperfeiçoamento da espécie humana”.

Os estatutos da Sesp definiam como seus fins: o estudo da legislação, dos costumes e das influências do meio sobre as “aptidões físicas, morais e intelectuais das gerações futuras”; estudo da hereditariedade; a regulamentação do meretrício, do matrimônio, da obrigatoriedade do exame pré-nupcial, das técnicas de esterilização, além da divulgação da eugenia entre o público.

¹². Bernardo de Magalhães foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1900-1901.

¹³. Luiz Pereira Barreto foi membro fundador e o primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1895-1896, e é o patrono da cadeira nº 1 desse sodalício.

¹⁴. Renato Kehl foi o grande mentor e propagandista da purificação da raça brasileira. Escreveu vários livros sobre o tema, tais como “A Cura da Fealdade” (1923), “Lições de Eugenia” (1929) e “Por Que Sou Eugenista” (1937).

¹⁵. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

¹⁶. Anais de Eugenia da Sociedade Eugênica de São Paulo. Editora da Revista do Brasil, 1919, páginas 80-92.

¹⁷. Em agosto de 1895, diversos membros da SMCSP decidiram organizar um posto médico no qual os sócios prestassem atendimento aos pobres, em suas respectivas especialidades. Em 1896, a sede da SMCSP foi transferida da Rua São Bento para o prédio da Rua da Travessa da Sé, nº 15, onde cedeu uma de suas salas para a instalação de uma Policlínica. A Policlínica foi inaugurada em 7 de março de 1896 e, em 9 de agosto, iniciou seus serviços atendendo, gratuitamente, aqueles que a procuravam, tendo como diretor Mathias de Vilhena Valladão. Em seu primeiro ano de funcionamento atendeu a um grande número de pacientes (cerca de 2.000), sobretudo nos serviços de pediatria e de clínica médica. Sob a direção de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, em 1897, foi incorporado à policlínica um serviço de vacinação antivariólica, transformado em posto avançado do Instituto Vacinogênico.

Em 1912, Mathias de Vilhena Valladão, diretor-presidente da Policlínica, e Nicolau de Moraes Barros, presidente da SMCSP,

1914, mediante o qual a Policlínica voltava para a Rua da Travessa da Sé com a SMCSP, a qual arcaria com parte de suas despesas.

assentaram as bases de um acordo em que fossem reunidos os bens das duas associações para a construção de um prédio para a sede comum.

18º PRESIDENTE: 1915-1916

Patrono da Cadeira nº 66

Admissão: 1910

Helio Begliomini¹

ANTÔNIO CÂNDIDO DE CAMARGO



1864-1947

Antônio Cândido de Camargo nasceu em Campinas, aos 6 de agosto de 1864. Ingressou na faculdade de direito, mas desistiu do curso quando estava no terceiro ano, ocasião em que foi para Genebra, graduando-se em ciências físicas e naturais e em ciências médicas, em 1887. Doutorou-se em medicina em 2 de novembro de 1891, defendendo tese intitulada **O Enfisema Espontâneo das Submucosas**.

Tornou-se assistente da disciplina de anatomia patológica dirigida pelo professor F. W. Zahn. Posteriormente, ingressou no serviço do professor Jacques Reverdin, um dos grandes nomes da medicina de então, onde desenvolveu a prática cirúrgica.

Regressou ao Brasil e iniciou suas atividades em 1893, na cidade de Limeira (SP), onde foi chefe de cirurgia da Santa Casa de Misericórdia por 15 anos, transformando seu serviço num centro de referência cirúrgica. Aí recebeu a honrosa visita do afamado cirurgião paulista Arnaldo Vieira de Carvalho².

Em 1907 transferiu-se para a cidade de São Paulo e, juntamente com Baeta Neves, fundou o Instituto Paulista. Teve consultório na Avenida Brigadeiro Luís Antônio.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

A convite de Arnaldo Vieira de Carvalho, tornou-se chefe, em 1916, da 1ª Clínica Cirúrgica de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde desenvolveu intensa atividade cirúrgica, tanto no ensino quanto na pesquisa, até a sua aposentadoria em 1934.

Teve grande influência na formação e no ensino da cirurgia. Exercia suas atividades dentro dos preceitos éticos e hipocráticos e era admirado pela sua personalidade de médico integral. Apesar de sua grande audácia cirúrgica, praticava as suas cirurgias dentro do maior censo ético e jamais sacrificava o doente em favor da técnica.

Com o renomado anatomista Alphonso Bovero, estudou a anatomia e patologia do gânglio de Gasser. Foi pioneiro das alcoolizações nervosas; modificou a operação de Heller e, com Walter Seng, foi o iniciador da neurocirurgia em São Paulo.

Antônio Cândido de Camargo orientou diversas teses de doutoramento e trabalhos apresentados em sociedades médicas. Teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1915-1916. Presidiu também a Associação Paulista de Medicina, de 1934-1935.

Antônio Cândido de Camargo, Antônio Prudente e Celestino Bourroul³, motivados pelo aumento do número de óbitos por tumores malignos e lutando contra o preconceito e o medo, à época, de enfrentar essa doença, tiveram a ideia de fundar a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC), em 1934.

Em 10 de dezembro de 1934, por ocasião do jantar em comemoração ao 70º aniversário de Antônio Cândido de Camargo, ele foi aclamado, pelo professor Antônio Prudente, o presidente da Associação Paulista de Combate ao Câncer. Eis um excerto do discurso que Camargo proferiu nessa efeméride: *“Um estudo acurado e sério vos fará compreender a necessidade imprescindível de pôr sempre em prática estes grandes preceitos – o respeito consciente ao princípio da autoridade, a moralidade intransigente na vida cívica e a honestidade e proficiência na vida profissional. A generalização desta prática, destes princípios é o melhor dissolvente para as doutrinas que nos querem conduzir à inquietação e ao desespero social”*.

Os três eminentes médicos puseram mãos à obra: esclareceram e divulgaram a ideia à população durante três anos, vindo a lume o primeiro estatuto da APCC em 1936. Entretanto, apenas em 1943 obtiveram os primeiros donativos – 100 contos de Réis –, e, em 23 de abril de 1953, a entidade começou a atender pacientes no Instituto Central que, posteriormente, em homenagem a Antônio Cândido de Camargo, passaria a se chamar Hospital do Câncer A. C. Camargo.

A APCC transformou-se na Fundação Antônio Prudente, em 1974, e, em homenagem à dedicação prestada por Celestino Bourroul, seu nome foi dado à Escola de Cancerologia, entidade que abrange o ensino ministrado no Hospital do Câncer A. C. Camargo. Assim, os três visionários e protagonistas da Associação Paulista de Combate ao Câncer foram honrosamente imortalizados.

Antônio Cândido Camargo foi professor de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina de São Paulo e assim pensava com relação ao aprendizado de seus alunos: *“A leviandade nos estudos, como em todos os atos do homem, é de graves resultados e de consequências imprevisíveis. No dia em que a mocidade estudar, mas, estudando sem a preocupação exclusiva dos títulos profissionais, com o fito essencial de saber, dentro das noções precisas e exatas da verdadeira ciência, eu vos asseguro que a vida se aproximará bem mais da felicidade social”*.

Ainda, indagado sobre seus futuros concorrentes, respondeu: *“Tudo que eu fizer em prol de meus discípulos nada mais é que minha obrigação; além do mais, que maior alegria pode ter um professor do que ver seus alunos progredirem e vencerem na profissão”*.

Antônio Cândido de Camargo faleceu na cidade de São Paulo, em 21 de janeiro de 1947, contando com 82 anos de idade.

Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 66 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; numa praça no bairro da Barra Funda da cidade de São Paulo, e numa rua no bairro Jardim Piratininga da cidade de Limeira.

³. Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

19º PRESIDENTE: 1917-1918 E 1938-1939

Cadeira nº 38 – Patrono

Helio Begliomini¹

CELESTINO BOURROUL



1880-1958

Celestino Bourroul nasceu em 13 de novembro de 1880, na cidade de São Paulo. Era filho único dos primos Paulo Bourroul e Sebastiana Bourroul, de ascendência francesa, especificamente de Antibes, na região da Provença.

Celestino Bourroul inicialmente estudou na Escola do Padre Hipólito e, aos 13 anos, foi matriculado no Colégio São Luís, de Itu (SP), que, desde 1867, recebia famílias de nível socioeconômico elevado. Sua inteligência e assiduidade nos estudos diferenciavam-no dos demais alunos, qualidades essas logo notadas pelos seus professores. Concluiu o curso de humanidades de forma exemplar e voltou a São Paulo, onde, inspirado no exemplo de seu pai, Paulo Bourroul, decidiu cursar medicina.

A fim de seguir sua vocação, matriculou-se na centenária Faculdade de Medicina de Salvador (BA), no início de 1899, preterindo a Faculdade Nacional de Medicina na cidade do Rio de Janeiro, em virtude de o município albergar surtos periódicos de varíola e febre amarela.

Novamente, sobressaiu-se dentre seus colegas de turma devido à sua inteligência e excepcional aproveitamento escolar, graduando-se, com distinção, em 1904. Era o começo da trajetória de um dos mais conceituados médicos do Brasil.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Sua tese de formatura – praxe obrigatória à época – intitulou-se **Mosquitos do Brasil**, considerada inusitada. Esse trabalho foi fruto de uma pesquisa na ilha de Itaparica, onde criou um mosquito a partir da água das bromeliáceas. Descreveu sete novas espécies, sendo uma delas por ele descoberta, contribuindo assim, ainda como estudante, ao estudo da parasitologia. Recebeu a nota máxima, lamentando a banca examinadora não existir louvor superior para distingui-lo. Como prêmio, foi contemplado com uma viagem à Europa.

Celestino Bourroul era católico fervoroso e, no preâmbulo de sua tese, fez uma bela homenagem à Virgem Santíssima.

Retornou a São Paulo em 1904 e seguiu para a França, onde aperfeiçoou seus estudos com o professor Grasset, de renome internacional. Complementou seus conhecimentos no Instituto Pasteur de Montpellier, onde foi estimulado pelo professor Rolart, famoso bacteriologista, para que organizasse um curso de microbiologia. Transferiu-se para Berlim e estagiou no laboratório de anatomia patológica do professor Orth. Na sequência, partiu para Viena, onde fez estudos em clínica médica, radiologia e anatomia patológica.

Ao retornar ao Brasil, abriu consultório na cidade de São Paulo e começou sua aproximação dos intelectuais, cientistas e religiosos. Em consequência de sua educação e da fidalguia com que atendia as pessoas, recebeu, com o passar do tempo, dos propagandistas farmacêuticos, o epônimo de professor emérito.

A admiração era recíproca entre ele e Adolfo Lutz², cientista que o orientou no seu trabalho de formatura. Essa dupla serviria de modelo, durante vários anos, a pesquisadores do jaez de Oswaldo Cruz³, Carlos Chagas⁴ e Artur Neiva. Os artigos que escreveu nos afamados centros médicos europeus da França, Alemanha e Áustria contribuiriam para torná-lo conhecido e respeitado. Aos trinta anos, Celestino Bourroul já era um médico afamado.

Esposou, em 1912, Maria da Conceição Monteiro de Barros, que contava com 19 anos e era aluna da Escola Normal Caetano de Campos⁵. Esse conúbio foi sólido por mais de 30 anos e gerou oito filhos. A atração de Celestino pela sua esposa era tal que, após o falecimento dela, jamais deixou de expressar seu luto.

Celestino Bourroul tornou-se catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo em 5 de agosto de 1914, onde regeu a disciplina de história natural médica, posteriormente denominada de parasitologia. Nessa casa de ensino também foi diretor (1922), catedrático da disciplina de doenças tropicais e infecciosas em 1925 e, anos mais tarde, diretor do Departamento de Higiene.

Tornou-se representante da Fundação Rockefeller, dos Estados Unidos da América, após estabelecimento de convênio técnico-financeiro firmado em 1921.

Essa fundação, juntamente com o auxílio de Júlio Prestes, então presidente do estado de São Paulo, patrocinou a construção, a partir de 1928, do prédio da Faculdade de Medicina de São Paulo, obra acompanhada com grande zelo por Celestino Bourroul. Sua inauguração se deu em 1930 e tornou essa instituição de ensino do mesmo nível dos padrões federais. Em 1934 foi integrada à Universidade de São Paulo e, em 1950, quando Bourroul era seu vice-diretor pelo terceiro mandato, foi considerada pelo *Council on Medical Educations and Hospitals of the American Medical Association and Executive Council of the Association of Medical College* dentre as escolas médicas de elevado nível de ensino.

Celestino Bourroul tornou-se chefe do Serviço de Clínica Médica do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia, em 7 de outubro de 1921. Ao lado de suas atividades administrativas, expressava seu humanismo entre seus pacientes, tratando-os carinhosamente. Comemorava com seus enfermos as efemérides cristãs. A 6ª Enfermaria de Homens que chefiava organizou, no Natal de 1937, uma comemoração, ocasião em que ele cumprimentou e confortou todos os pacientes em seus leitos.

Dentre as entidades a que pertenceu salientam-se: Associação Paulista de Medicina, Sociedade Francesa de Cardiologia, Academia de Medicina da Argentina, Academia Nacional de Medicina (honorário, 30/11/1922) e

². Adolfo Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Carlos Justiniano Ribeiro Chagas é o patrono da cadeira nº 46 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Antônio Caetano de Campos é o patrono da cadeira nº 95 da Academia de Medicina de São Paulo.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, entidade que teve a honra de presidir em dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939.

Antônio Cândido Camargo⁶, Antônio Prudente e Celestino Bourroul, motivados pelo aumento do número de óbitos por tumores malignos e lutando contra o preconceito e o medo, à época, de enfrentar essa doença, tiveram a ideia de fundar a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC), em 1934. Esclareceram e divulgaram a ideia à população durante três anos, vindo a lume seu primeiro estatuto em 1936. Entretanto, apenas em 1943 obtiveram os primeiros donativos – 100 contos de Réis –, e, em 23 de abril de 1953, a entidade começou a atender pacientes no Instituto Central – Hospital A. C. Camargo. Indicado para presidi-la, Celestino Bourroul só o faria em 1957, respondendo humildemente na ocasião: “*Precisam de alguém com real prestígio. Eu não serei de grande utilidade*”.

A APCC transformou-se na Fundação Antônio Prudente em 1974 e, em homenagem à dedicação prestada por Celestino Bourroul, seu nome foi dado à Escola de Cancerologia, entidade que abrange o ensino ministrado no Hospital do Câncer A. C. Camargo. Assim, os três visionários e protagonistas da Associação Paulista de Combate ao Câncer foram honrosamente imortalizados.

Celestino Bourroul foi professor por 36 anos (!) e afastou-se da cátedra de doenças tropicais e infecciosas em novembro de 1950, por indicação médica em decorrência de distúrbios cardiovasculares. Mesmo assim, manteve atendimento à tarde, em seu consultório, até 1955, e comparecia na enfermaria da Santa Casa de Misericórdia pela manhã, não deixando sua rotina de examinar os pacientes, com o seguinte argumento: “*Quem cuidará dos que não podem pagar?*”. Entretanto, poucos anos após, foi forçado a deixar essa prática com imensa tristeza e, com ela, o exercício da medicina que tanto amou e honrou.

Segundo sua biógrafa, a acadêmica Yvonne Capuano⁷, “ele tinha como princípio a ética no amor ao doente. Baseava seu trabalho na bondade, na paciência, competência e amor a Deus. Nunca deixou que a fama afetasse sua personalidade simples e humana. Exigente no ensino, tinha um caderno de assiduidade, aproveitamento, nome e fotografia dos alunos, onde assinalava o *currículum* anual de cada um. Embora enérgico, os alunos consideravam-no um mestre perfeito, orientando-os não só nos problemas médicos como pessoais”.

Dentre as homenagens que se lhe fizeram salientam-se a condecoração, pelo imperador do Japão, por ter atendido graciosamente a comunidade nipônica de São Paulo, e o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Medicina de Montevidéu.

Celestino Bourroul, um dos mais notórios médicos brasileiros, baseou sua vida no estudo, trabalho, fé e humanismo caridoso. Ao final de sua existência escreveu: “*A todos um ‘Deus lhes pague’ e um Adeus – até no céu onde nos encontraremos um dia, sem mais separação, para sempre*”.

Entregou sua alma a Deus em 9 de outubro de 1958, um mês antes de completar 78 anos.

Ele é também honrado com a patronímica da cadeira nº 38 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; numa avenida na cidade de São Paulo e numa escola estadual no município de Santo André, que levam o seu nome.

⁶. Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

⁷. Yvonne Capuano foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato bienal entre 2009-2010.

20º PRESIDENTE: 1918-1919 E 1935-1936

Patrono da Cadeira nº 83

Admissão: 1910

Helio Begliomini¹

OVÍDIO PIRES DE CAMPOS



1884-1950

Ovídio Pires de Campos nasceu em Tatuí (SP), em 8 de maio de 1884.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e aí fez os quatro primeiros anos, transferindo-se, posteriormente, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde graduou-se em 1905. Foi companheiro de estudos, em Salvador, de Celestino Bourroul², Zephirino do Amaral, Enjolras Vampré³, Abílio Martins Castro, João Florêncio Gomes e tantos outros que mais tarde se tornaram expressões ilustres da medicina brasileira.

Iniciou sua carreira em Sorocaba (SP) e aí permaneceu quatro anos. Em 1910 e 1911 residiu na Europa. Em fevereiro de 1914 foi nomeado professor substituto da cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo e, em 1915, professor catedrático. Em 1917 transferiu-se para a cátedra de clínica médica.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

³. Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

Ovídio Pires de Campos, disse Aloysio de Castro, “se deu a conhecer pelas suas obras, na perfeição moral de seu exercício; fiel aos princípios intransgressíveis e imutáveis da medicina”.

Fez escola na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Foram seus discípulos, entre outros, Ernesto de Souza Campos⁴, José de Toledo Mello, Floriano de Almeida, Flamínio Fávero⁵, Franklin de Moura Campos⁶, os irmãos Urbano e Tácito Silveira, Menotti Sainatti, Armando Valente Júnior, José Silveira Araújo, Reynaldo Chiaverini e tantos outros.

Plínio Barreto, saudoso jornalista, retratando a vida de Ovídio como homem público, referiu ter sido o grande professor “um colaborador constante de todos os movimentos cívicos em que São Paulo se envolveu. Médico de larga clientela, sem necessidades de ordem material, professor numa escola de medicina da qual viria a ser diretor, nunca se fechou, como tantos outros, dentro do seu egoísmo, para se afastar da vida pública, que, não sendo tempestuosa, é sempre desagradável. O prestígio de seu nome nunca recusou a todas as campanhas de feição cívica e patriótica”.

Sucedeu a Arnaldo Vieira de Carvalho⁷, por ocasião de sua morte, na direção da Faculdade de Medicina de São Paulo, contribuindo, com o seu devotamento, para o progresso dessa grande casa de ensino e de pesquisa. Em todos os cargos que exerceu, sempre o fez com a rigorosa noção do dever.

Trabalhador de uma honestidade intransigente, de invulgar probidade científica, altruísta, Ovídio Pires de Campos foi, no dizer do amigo Zephirino do Amaral, uma “autêntica expressão do verdadeiro sacerdócio médico”.

A Faculdade de Medicina de São Paulo muito lhe deve, principalmente durante o período de formação e de consolidação dessa casa de ensino.

Seu aluno Carlos da Silva Lacaz⁸ assim se referiu a ele: “Na 3ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde o conheci, Ovídio Pires de Campos prestou assinalados serviços. Era sempre pontual em sua chegada, às oito horas, não tolerando descuidos e delongas prejudiciais ao doente e à marcha de trabalho em seu serviço”.

“Escravo do dever, chegava sempre antes de seus auxiliares, dando elevada prova de assiduidade e devoção ao trabalho”.

“Aluno que fui de Ovídio Pires de Campos, sempre o admirei como professor e como homem, cômico de seus deveres para com a pátria. Em longos anos de professorado, ele serviu e honrou a Faculdade de Medicina de São Paulo”.

Ovídio Pires de Campos foi uma das personalidades médicas de maior relevo. Professor de clínica, apreciava os temas de neurologia e de endocrinologia. Versado na medicina clássica e na medicina moderna, seu nome ficará entre os mais elevados nos anais da medicina paulista.

Em 14 de maio de 1949, Ovídio Pires de Campos foi alvo de grandes manifestações de simpatia da classe médica e da sociedade paulistana, por ocasião de seu jubileu professoral.

Galgou os mais altos postos de sua classe, sendo eleito, por dois mandatos anuais não sucessivos, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo (1918-1919 e 1935-1936). Dirigiu, igualmente, a Cruz Vermelha de São Paulo, onde deixou traços marcantes de sua passagem.

A vida de Ovídio Pires de Campos, disse com razão Hernani de Campos Seabra, “foi lição e exemplo, padrão de dignidade, sentimento do dever, a que não faltou traço superior do humano. Outra coisa ela não haveria de inspirar, senão respeito, louvor, honra e consideração. Sua escola foi a ciência de ética e de humanismo”.

Ovídio Pires de Campos faleceu em São Paulo, em 3 de julho de 1950, com 66 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 83 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Ernesto de Souza Campos é o patrono da cadeira nº 118 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

⁶. Franklin de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1941-1942.

⁷. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁸. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

21^o PRESIDENTE: 1919-1920 E 1934-1935

Patrono da Cadeira nº 105

Admissão: 15/3/1902

Nadim Farid Safatle¹

JOSÉ AYRES NETTO



1878-1969

José Ayres Netto, ilustre cirurgião brasileiro, nasceu a 8 de julho de 1878, na cidade do Rio de Janeiro. Fez o curso secundário em São Paulo, como aluno interno do Colégio Ivaí, na antiga Ladeira Porto Geral.

Aos 11 anos, testemunhou a transformação do regime político do Brasil, em 15 de novembro de 1889, presenciando a queda, em São Paulo, do presidente general Couto de Magalhães.

Em 1896 partia para o Rio de Janeiro, a fim de matricular-se na Faculdade de Medicina. Ali viveu como estudante pobre, tomando refeições em casa de parentes, alojando-se em pensões modestas, em companhia de colegas, no mesmo quarto, dividindo as despesas. Alcides Ferreira Alves, primeiramente, e depois Olegário de Moura foram seus constantes companheiros. Ao deixar as aulas do 2º ano foi nomeado interno no desempenho de várias atividades. Trabalhou, mais tarde, no serviço de cirurgia abdominal e de obstetrícia e ginecologia. Colou grau, com distinção, em 16 de dezembro de 1901, jamais abandonando a clínica ginecológica, mas socorrendo-se dela para preparar sua

¹. Titular e emérito da cadeira nº 105 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de José Ayres Netto.

Nótula do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro: José Ayres Netto teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais não consecutivos: 1919-1920 e 1934-1935.

tese de doutoramento. Pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro já se havia diplomado em farmácia, em 6 de fevereiro de 1899.

Vindo para São Paulo, procurou Arnaldo Vieira de Carvalho², na velha Santa Casa de Misericórdia, onde foi seu assistente durante longos anos.

Durante toda sua vida, Ayres Netto dedicou-se de corpo e alma à Santa Casa de Misericórdia, onde um serviço especializado lhe consagrara o nome. É ele conhecido pelos inúmeros trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras e pelas magníficas instalações obtidas à custa de donativos de almas caridosas que respondiam generosamente às “cartas de amor” do chefe inesquecível, nome pelo qual, na enfermaria, se apelidaram as “facadas epistolares”. De fato, assinalou Altino Antunes, Ayres Netto pedia para seu serviço como mendigo, obtendo sempre o apoio irrestrito de todos.

O encontro de Ayres Netto com Arnaldo Vieira de Carvalho datou de 1902. Em 1952 comemorou-se o cinquentenário de sua constante colaboração à Santa Casa de Misericórdia. Em 1962 renderam-lhe ali homenagem por 60 anos de grandes serviços. E ele já contava então com 84 anos. Saudou-o o provedor dessa instituição, o dr. Christiano Altenfelder Silva. Em um dos trechos de sua formosa oração referiu: “Devo curvar-me diante da pessoa de José Ayres Netto, como reverência e homenagem pelos 60 anos, nos quais sua ciência e sua mão abençoada vêm fazendo tanto pelos doentes pobres de todo o país”.

Assistente de Arnaldo Vieira de Carvalho, ao se criar a Faculdade de Medicina de São Paulo e ao se instalar, em 1918, a cadeira de ginecologia, Ayres Netto foi nomeado assistente e, com a morte de Arnaldo, assumiu a regência da cátedra, até que esta teve provimento efetivo.

Certa feita, Oswaldo Portugal³, saudando-o no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, não fez mais que interpretar com estas palavras os sentimentos de um sem-número de clientes do eminente e autêntico médico: “Certa vez já o comparei a São Francisco de Assis pela grandeza de alma, amor ao próximo, pela humildade e pela candura”. Ao vê-lo agora partir para sempre, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo perde um pedaço de si mesma. Outros virão substituí-lo, mas a lembrança do seu nome jamais se apagará dentro das velhas paredes daquela benemérita instituição.

De grande nobreza de sentimentos, coração sempre aberto a todos os desígnios elevados, Ayres Netto deixou de sua presença uma lembrança impagável que o tempo não fará senão avultar.

Ayres Netto foi membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o 2º mestre da história do Capítulo de São Paulo, de 1943 a 1945.

Seu filho, dr. Pedro Ayres Netto⁴, foi médico ginecologista da Santa Casa durante muitos anos, tendo sido o 2º vice-provedor no triênio 1984-1987.

Faleceu o eminente cirurgião José Ayres Netto, na cidade de São Paulo, no dia 6 de novembro de 1969, contando com 91 anos.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

³. Oswaldo Pimentel Portugal foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1931-1932.

⁴. Pedro Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1948-1949.

22º PRESIDENTE: 1920-1921

Patrono da Cadeira nº 115

Helio Begliomini¹

LUIZ MANUEL DE REZENDE PUECH



1884-1939

Luiz Manuel de Rezende Puech, mais conhecido por Luiz Rezende Puech, nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de maio de 1884. Fez o curso de humanidades em Petrópolis (RJ) e graduou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira no Hospital Juqueri.

Aprimorou-se como cirurgião infantil e ortopedista, obtendo renome internacional. Tornou-se catedrático da antiga cadeira de clínica ortopédica e cirurgia infantil da Faculdade de Medicina de São Paulo, posteriormente integrada à Universidade de São Paulo (FMUSP), instituição de ensino na qual desempenhou também o cargo de vice-diretor.

Fez muitos discípulos e impulsionou a especialidade ortopédica, então incipiente em São Paulo. Era dotado de excepcional cultura e de profundo conhecimento científico. Pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, entidade que teve a honra de presidir num mandato anual entre 1920-1921.

Em 25 de outubro de 1934 foi eleito membro honorário da vetusta Academia Nacional de Medicina.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Idealizada nas dependências do Pavilhão “Fernandinho Simonsen”, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo – considerado o berço da ortopedia brasileira –, Luiz Manuel de Rezende Puech, juntamente com Luiz Ignácio Barros Lima e Achilles Ribeiro de Araújo, foram os fundadores da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, tendo Rezende Puech a honra de ter sido seu primeiro presidente (1935-1936, Figura 2).



Figura 2 – Participantes do I Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia em 1936. Na primeira fila, da esquerda para a direita: José Londres, Vittorio Putti, Luiz Rezende Puech, Roberto Freire, Domingos Define e L. I. Barros Lima.

Luiz Rezende Puech deixou vários trabalhos científicos, convindo destacar dentre eles “O Problema da Luxação Congênita do Quadril no Brasil”, que foi apresentado como tema oficial no II Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1937.

Cantídio de Moura Campos² assim referiu de Rezende Puech: “Tão alto elevou o nome da especialidade, que era muito justamente considerado o maior dos ortopedistas nacionais, para ele convergindo clientela de vários pontos do país, atraída pela fama de sua arte”.

Rezende Puech estudou também problemas relacionados à construção e à administração de hospitais. Juntamente com Ernesto de Souza Campos³ – engenheiro, médico e professor universitário –, dedicou-se à construção dos edifícios da FMUSP e do Hospital das Clínicas.

Devido à sua autoridade nesse mister, eram-lhe submetidos numerosos projetos e plantas de hospitais para serem construídos no estado de São Paulo e em outros estados da federação brasileira. Dentre eles, cita-se, particularmente, sua colaboração na construção do pavilhão “Fernandinho Simonsen”, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde chefiou a clínica ortopédica e de cirurgia infantil. Em decorrência de seus relevantes serviços prestados nesse hospital, teve a honra de ter seu retrato na galeria da Irmandade com o título de “Irmão Protetor”.

Rezende Puech foi indicado, por Armando Sales de Oliveira – governador do estado de São Paulo (1935-1936) e protagonista da criação da Universidade de São Paulo em 1934 –, presidente da Comissão de Assistência Hospitalar do Estado de São Paulo. Nessa comissão, Puech fez um amplo levantamento da condição hospitalar paulista, que resultou em dois trabalhos: **Censo Hospitalar do Estado de São Paulo** e **O Problema Hospitalar do Estado de São Paulo**.

Luiz Manuel de Rezende Puech faleceu na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1939, contando com 54 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 115 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

². Cantídio de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1928-1929, e é o patrono da cadeira nº 128 desse sodalício.

³. Ernesto de Souza Campos é o patrono da cadeira nº 118 da Academia de Medicina de São Paulo.

23º PRESIDENTE: 1921-1922

Patrono da Cadeira nº 54

Admissão: 1910

Helio Begliomini¹

ENJOLRAS VAMPRÉ



1885-1938

Enjolas Vampré nasceu em 4 de julho de 1885, em Laranjeiras (SE). Era filho do dr. Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré e de Mathilde de Andrade Vampré.

Fez os estudos preparatórios no Ginásio Ciências e Letras de São Paulo. Graduiu-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 19 de dezembro de 1908, defendendo a tese **Ligeiras Considerações Sobre as Perturbações Nervosas e Mentais da Peste Bubônica**, obtendo aprovação com distinção.

Durante o curso acadêmico foi interno da cadeira de clínica psiquiátrica e moléstias nervosas. Em 1906 foi nomeado interno do Hospital de Isolamento da peste bubônica, tendo sido designado, em 1907, para chefe da comissão para saneamento da cidade de Alagoinhas.

Estudante ainda, foi presidente da Sociedade Beneficente Acadêmica. Destacou-se como o melhor aluno de sua turma. Obteve espaço de honra no Panteão da Faculdade de Medicina da Bahia, com a conquista do prêmio professor Manoel Victorino Pereira, instituído em 1892, por ter obtido a maior média global nas disciplinas, além do prêmio de viagem à Europa.

Logo depois de diplomado cooperou na fundação da Sociedade Médica da Bahia.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1910, Enjolras Vampré ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, onde desempenhou vários cargos: primeiro secretário (1914); bibliotecário (1919); vice-presidente (1920); presidente no mandato anual entre 1921-1922.

Em 1911 foi nomeado médico interno do Hospício de Alienados de Juqueri e, em 1912, diretor da seção de neuropsiquiatria do Instituto Paulista.

Suas atividades como professor iniciaram em 1925, quando foi contratado para reger a cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas na Faculdade de Medicina de São Paulo.

Comissionado pela faculdade, voltou à Europa em 1925, ocasião em que frequentou, em Paris, os serviços de Babinski, Dejèrine, Foix, Guillain e Bertrand, bem como em Berlim, na Alemanha, o serviço neuropsiquiátrico da Charité. Ainda na Alemanha, estudou nos serviços de Daldorf, Wuhlgarten, Herxberg e Brech.

A congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1932, por decisão unânime, enviara aos poderes competentes longo e documentado memorial propondo-o para regência definitiva, independentemente de concurso. A isso Enjolras Vampré se recusou e, dando notável exemplo de amor à disciplina e grande elegância moral, insistiu para que fossem abertas as inscrições para concurso. Viu realizados seus desejos em fins de 1935, dando pública demonstração de suas capacidades científico-professorais no tocante à neurologia. Esse concurso – realizado aos 50 anos de idade – veio coroar sua extraordinária atividade profissional, revelada não só pela vultosa clínica particular, como também pela capacidade didática e organizadora e, ainda, pela relação de trabalhos publicados. Assim, em 1935, desdobrando-se a cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas, passou a reger a de neurologia.

Enjolras Vampré foi um dos fundadores da Associação Paulista de Medicina (APM), sendo seu quarto presidente, em 1936. Na APM fundou a Seção de Neurologia e Psiquiatria, sendo seu primeiro presidente, em 1930. Foi, também, membro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro; membro correspondente da Sociedade de Neurologia de Paris; membro honorário da Academia Nacional de Medicina; e presidente honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier.

Enjolras Vampré foi redator da revista *Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia* e escreveu também para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Entre seus artigos citam-se: Hospício do Juqueri; Um Caso de Paranoia; A Taquipneia na Peste Bubônica; Profilaxia da Lepre; Uma Epidemia de Polinevrites Arsenicaes; Epilepsia Psíquica com Síndrome de Stockes; Responsabilidade Criminal dos Epilépticos; Um Caso de Intoxicação por *Cysticercus cellulosae*; Síndromes de Villaret (Síndrome Retroparotídea Posterior) e de Jaccod (Síndrome Petrosfenoidal); Tumores Múltiplos do Eixo Cerebrospinal; Síndromes Neuropsicoanêmicas; Tumor do Quarto Ventrículo ao Nível do Bulbo, Determinando Dissociação da Sensibilidade do Tipo Cortical: Diagnóstico Diferencial com os Tumores Parietais; e Tratamento das Síndromes Pós-Encefálicas por Injeções Raquídias de Electrargol.

Como professor, Enjolras Vampré nunca pôs à parte o que considerava como dever, sacrificando suas obrigações pessoais em prol do ensino. Suas aulas, cheias de ensinamento e eminentemente práticas, nunca tiveram cunho livresco ou literário.

Premiando-o, todas as turmas de alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo o homenagearam. Foi paraninfo dos médicos diplomados em 1928. Sua febril atividade foi causa de sua morte prematura, ocorrida durante uma aula que proferia. Faleceu em 17 de maio de 1938, três semanas antes de completar 53 anos, e em pleno apogeu de sua produção científica.

Fez discípulos, devendo-se salientar Adherbal Tolosa², que o substituiu na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e Paulino Longo³, catedrático de neurologia da Escola Paulista de Medicina, onde constituiu serviço nos moldes em que se formara.

Enjolras Vampré foi um dos pioneiros da neurologia brasileira e é considerado unanimemente como o pai da neurologia do estado de São Paulo. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 49 da Academia Nacional de Medicina; patrono da cadeira nº 54 da Academia de Medicina de São Paulo; patrono da cadeira nº 38 da Academia

². Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

³. Paulino Watt Longo é o patrono da cadeira nº 85 da Academia de Medicina de São Paulo.

Paulista de Psicologia e patrono da cadeira nº 11 da Academia Sergipana de Medicina, além de dar nome a uma rua no bairro Jardim da Saúde, na zona sul da capital paulista.

24º PRESIDENTE: 1922-1923

Patrono da Cadeira nº 22

Nelson Guimarães Proença¹

ADOLPHO CARLOS LINDENBERG



1872-1944

O Hospital Central da Santa Casa de São Paulo, inaugurado em 1884, teve suas enfermarias distribuídas separadamente para homens e mulheres. Essas enfermarias foram numeradas e confiadas a médicos de renome da capital, que passaram a ser seus chefes. Na época eram enfermarias gerais, pois na acanhada e provinciana São Paulo de então não tinham sido desenvolvidas as especialidades médicas.

No início do século XX mudou para a capital de São Paulo o dr. Adolpho Carlos Lindenberg, que havia feito sua formação em dermatologia na Europa, com Lesser (em Berlim), Riehl (em Viena) e ainda Brocq e Sabouraud (em Paris). Graças a seu conhecimento científico e prestígio, conseguiu que fosse criada a clínica de dermatologia da Santa Casa de São Paulo, por ato da Mesa Administrativa, datado de 20 de abril de 1907. Duas semanas depois, em 3 de maio de 1907, foram iniciadas as atividades de seu ambulatório.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 22 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Adolpho Carlos Lindenberg.

Nótula: O aditamento biográfico ao final do texto foi feito pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Na época, a 2ª Medicina de Mulheres era dirigida pelo dr. Ribeiro de Almeida, o qual, após entendimentos com o dr. Lindenberg, reservou metade de seus leitos para internação de mulheres com doenças de pele. Isto ocorreu em 1909. Somente em 1914 foi criada a 4ª Enfermaria de Homens, a qual passou a receber casos de dermatologia, sendo a chefia entregue a Lindenberg.

Ao ser criada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1912, o dr. Lindenberg foi nomeado catedrático de dermatologia. Posteriormente, já em 1922, foi escolhido para diretor da faculdade. Nesses primeiros anos de atividade da clínica, na segunda e na terceira décadas do século XX, foram seus primeiros colaboradores: José Ataliba Ferraz Sampaio, Abílio Álvaro Martins de Castro e José Moacyr de Alcântara Madeira.

Como se vê, a criação da clínica de dermatologia da Santa Casa de São Paulo antecedeu a da própria Faculdade de Medicina e Cirurgia. Ela é, portanto, o berço da dermatologia no estado de São Paulo².

². Adolpho Carlos Lindenberg nasceu na cidade de Cabo Frio (RJ), em 12 de setembro de 1872, e seus progenitores foram Adolpho Lindenberg e Francisca Hummel Lindenberg. Diplomou-se em 1896 pela Faculdade Nacional de Medicina, defendendo a tese intitulada **Dos Raios X**.

Embora fosse de origem fluminense, radicou-se na cidade de São Paulo, onde fez toda sua carreira e constituiu família.

Como assistente do Instituto Bacteriológico do Estado, revelou pendor para a medicina experimental, com notáveis contribuições à dermatologia tropical, sobretudo com relação às micoses e, mui particularmente, à actinomicose, descrevendo um novo tipo de micetoma produzido pelo *Actinomyces brasiliensis*, espécie por ele denominada de *Discomyces brasiliensis*.

Lindenberg foi professor catedrático de dermatologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, de 29 de fevereiro de 1916 a 22 de maio de 1929, quando se aposentou por problemas de saúde relacionados à cardiopatia. Foi diretor dessa instituição de ensino de 1922 a 1924.

Presidiu a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1922-1923.

Lindenberg dedicou-se principalmente ao estudo da leishmaniose tegumentar americana, lepra e pênfigo foliáceo (fogo selvagem). Identificou leishmânias nos doentes acometidos pela “úlcer de Bauru” (leishmaniose tegumentar). No mal de Hansen destacou-se nos estudos clínicos, profiláticos e terapêuticos, com um estudo original sobre o mecanismo de ação do chalmogra. Nos últimos anos de sua vida dedicou-se ao estudo clínico-experimental do pênfigo foliáceo, acreditando que sua etiologia fosse viral.

Especialista de renome e muito estudioso, tinha personalidade austera. Morreu pesquisando. Publicou diversos trabalhos científicos, particularmente sobre a “úlcer de Bauru”, também conhecida por “úlcer de Avanhandava”, “úlcer do Noroeste” ou “ferida braba”; assim como artigos relacionados à lepra e ao pênfigo foliáceo.

Adolpho Carlos Lindenberg faleceu em 6 de dezembro de 1944, aos 72 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 22 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

25º PRESIDENTE: 1923-1924

Helio Begliomini¹

DELPHINO PINHEIRO DE ULHÔA CINTRA



Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra, mais conhecido por Pinheiro Cintra, nasceu na cidade de Campinas (SP), em 24 de setembro de 1877. Seu pai era Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra (1837-1895), o barão de Jaguará², médico e político notável em São Paulo. Seu sobrinho, Antônio Barros de Ulhôa Cintra (1907-1998), viria ser professor catedrático de clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e um dos pioneiros da endocrinologia em nosso meio³.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte dos dados aqui consignados foi obtida no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e no Museu Histórico “Professor Carlos da Silva Lacaz”, ambas, instituições da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

². Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra foi o primeiro presidente da Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo, fundada em 7 de setembro de 1888. Instalada no edifício da Faculdade de Direito, reunia 70 sócios fundadores. Foi considerada a primeira sociedade médica da capital paulista. Contudo, teve curta existência, sendo dissolvida em 1891.

³. Antônio Barros de Ulhôa Cintra foi também reitor da Universidade de São Paulo (1960-1963) e secretário da Educação do Estado de São Paulo, ocasião em que criou a Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. É o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

Delphino Cintra fez seu curso secundário na Alemanha e ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1903. Enquanto estudante de medicina foi interno de cirurgia do professor Lima e Castro, com quem sempre andou muito ligado, advindo daí sua inclinação para a arte operatória.

Após a sua formatura clinicou algum tempo em Espírito Santo do Pinhal (SP). Logo após, transferiu-se para a cidade de São Paulo e ingressou na Santa Casa de Misericórdia como cirurgião, onde granjeou renome pela impecabilidade de suas atitudes e pelo rigor ético que norteava sua vida profissional. Tratava seus pacientes com grande entusiasmo e carinho, sobremodo nos momentos de dor.

Atuou como cirurgião pediátrico e foi o precursor da ortopedia em São Paulo. Da clínica que chefiou na Santa Casa, teve como médico adjunto outro ilustre cirurgião infantil e ortopedista, Luiz Manuel de Rezende Puech⁴, que com ele aprendeu os primeiros passos.

Delphino de Ulhôa Cintra atuou também no Instituto Bacteriológico de São Paulo. Quando ocorreu a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, foi nomeado, em 1917, o primeiro lente da cadeira de pediatria, ocasião em que ministrou o curso de clínica pediátrica e puericultura. Tornou-se um dos mais renomados médicos de seu tempo no Brasil.

Segundo seu biógrafo Rubião Meira⁵, Delphino Cintra “distinguia-se na faculdade não só por ser moço que estudava, como pela fidalguia de seus gestos, de sua palavra; pela nobreza que encarnava em sua pessoa. (...). Escrevia e trabalhava com amor.”.

Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Trabalhou na Policlínica dessa entidade, ambulatório que tinha a finalidade de atender pacientes carentes, além de ter tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1923-1924.

Pinheiro Cintra casou-se em 1926, na cidade de Aparecida, com Virgínia Rabello.

J. Teixeira de Oliveira assim se referiu a Delphino Cintra: “Não fruiu as ruidosas vantagens da popularidade porque nunca foi ambicioso; porque era naturalmente refugio à curiosidade das turbas e jamais consentiu que os frutos de sua bondade fossem apreciados além dos limites das quatro paredes”.

Em 1942, por ocasião do 25º aniversário como catedrático de pediatria⁶, foi feita uma expressiva homenagem organizada por amigos, discípulos e admiradores a Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra, no Pavilhão Condessa Álvares Pentead, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Nessa efeméride estavam presentes Antonio de Padua Salles, provedor da Santa Casa; Benedicto Montenegro⁷, diretor da faculdade; Synésio Rangel Pestana⁸, diretor clínico da Santa Casa; Cardoso de Melo Neto, diretor da faculdade de direito; Oscar Rodrigues Alves, Henrique Armbrust e Renato Toledo, dentre outros médicos e amigos.

No início da solenidade falou, em nome dos associados do Centro de Estudos “Dr. Pinheiro Cintra”, seu presidente, dr. Joaquim Leme da Fonseca, que, após comentar a obra de Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra como professor,

⁴. Luiz Manuel de Rezende Puech foi o primeiro catedrático de ortopedia da Faculdade de Medicina de São Paulo. Presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1920-1921. Juntamente com Luiz Ignácio Barros Lima e Achilles Ribeiro de Araújo, fundou a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, tendo Rezende Puech a honra de ter sido seu primeiro presidente (1935-1936). Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 115 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Domingos Rubião Alves Meira presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por meio mandato anual entre 1905-1906, e por um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

⁶. Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra foi professor catedrático de 1917 a 1945. Informação contida no livro “Faculdade de Medicina – Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola”, de Carlos da Silva Lacaz (1985).

⁷. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

⁸. Synésio Rangel Pestana presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1910-1911, e é o patrono da cadeira nº 116 desse sodalício.

cientista, profissional e amigo, passou a palavra à dra. Carlota Pereira de Queiroz⁹, chefe do laboratório da clínica. Ela lembrou seu primeiro encontro com o homenageado. Era ainda estudante de medicina e fora aconselhada pelo professor Miguel Couto a procurar o professor Pinheiro Cintra – “um sábio e um grande professor”. Disse ainda: “Esta festa se passa na intimidade do lar científico. Quisemos, a princípio, fazê-la mais íntima, uma manifestação do nosso apreço e admiração pelo mestre e amigo. Mal, porém, divulgamos nosso intento, a homenagem assumiu aspecto de verdadeira consagração. A projeção de vosso nome, professor Pinheiro Cintra, não permite mais restrições. Da homenagem quiseram participar vossos alunos, colegas, admiradores e centenas de pais agradecidos pelas vidas dos filhos que lhes salvastes”. Ao final da cerimônia foi inaugurada, no vestibulo do Pavilhão Condessa Álvares Penteado, uma placa de bronze com a efígie do homenageado contendo os dizeres: “Dr. Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra. Professor de Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina, 1917-1942. Homenagem de seus amigos, colegas e discípulos por ocasião do seu jubileu profissional”.

Por ocasião de seu passamento, assim se expressou o médico Ulysses Paranhos, um dos fundadores da Academia Paulista de Letras: “Desaparece levando a saudade de nós todos, que o amávamos e tínhamos por ele esse suavíssimo afeto (...). E qual de nós não se lembra se sua insinuante figura de rapaz, andando sempre às pressas como que receiando fazer esperar os doentes; e do seu sorriso inigualável que era como iluminura de sua fisionomia simpática, eternamente tranquila, onde nunca se refletiu o ódio nem se exteriorizavam o egoísmo e a inveja”.

Delphino Cintra foi enterrado no cemitério da Consolação. Coube ao professor Rubião Meira¹⁰, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, pronunciar à beira do túmulo a oração fúnebre, dizendo, entre outras palavras: (...). “Foi atacado por uma insidiosa moléstia que o levou fora do país, onde faleceu. Delphino Cintra foi sempre leal companheiro; fidalgo no caráter; de espírito bondoso, caritativo, altruísta e cheio dessa coragem que é o apanágio da mocidade que não teme as asperezas da vida, não enxerga os desvios da estrada; vence as alturas e domina as multidões”.

Juntamente com outros professores eméritos de pediatria, Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra recebeu homenagem perene (*in memoriam*) no anfiteatro do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP.

⁹. Carlota Pereira de Queiroz é a patronesse da cadeira nº 71 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁰. Domingos Rubião Alves Meira faleceu em 1946. Não se conseguindo a data de morte de Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra, infere-se que tenha falecido entre 1945 e 1946.

26º PRESIDENTE: 1924-1925

Patrono da Cadeira nº 100

Helio Begliomini¹

AMÉRICO BRASILIENSE DE ALMEIDA MELLO FILHO



1864-1942

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho nasceu na cidade de São Paulo, em 24 de março de 1864. Era oriundo de tradicional e ilustre família paulista, tendo por pai Américo Brasiliense de Almeida Mello² e, por

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: As fotos e parte dos dados aqui consignados foram gentilmente fornecidas pelo sr. Maurílio José Ribeiro, da Seção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

A foto em epígrafe foi publicada no jornal A Gazeta, em 8 de abril de 1942.

². Américo Brasiliense de Almeida Mello nasceu em Sorocaba (SP), em 8 de agosto de 1833. Graduiu-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1855, onde também foi lente. Destacou-se como político, jurisconsulto, abolicionista, republicano e escritor brasileiro. Foi um dos fundadores da Loja América, organização similar à Maçonaria. Ocupou diversos cargos públicos no País, sendo presidente das províncias da Paraíba e do Rio de Janeiro. Em São Paulo foi vereador (1881-1882) e deputado provincial (1868-1889). Foi nomeado o terceiro governador de São Paulo e o primeiro a ser eleito pelo voto popular, exercendo o cargo de 7 de março a 11 de junho de 1891. Continuou no poder como primeiro presidente do estado em decorrência da Constituição de 1891, que estabeleceu o título de presidente para o chefe do Executivo, presidindo-o de 11 a 13 de junho e de 16 de junho a 15 de dezembro de 1891, sendo substituído nas datas intermediárias por Cerqueira César. Enfrentou um período de grandes conturbações em São Paulo e deixou o cargo antes de completar o mandato.

Coube a Américo Brasiliense de Almeida Mello promulgar a primeira Constituição do estado, além de elaborar o primeiro projeto

mãe, Marcellina Lopes Chaves de Mello³. Teve sete irmãos: Alice, Eponina, Zuleika, Rute, Francisco, Perciano e Lourival.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1889, e exerceu atividade clínica por algum tempo na então capital federal. Regressou, em 1892, à cidade de São Paulo, tendo se distinguido como um dos mais conceituados clínicos.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho se destacou por suas elevadas qualidades morais e intelectuais. Filho de um dos mais notáveis chefes republicanos da antiga província de São Paulo, manteve-se coerente com suas convicções políticas, pois foi sempre monarquista intransigente, jamais tendo renunciado a sua crença nas antigas instituições do País. Serviu fielmente ao Partido Conservador, ocupando cargos de confiança no tempo do Império. Após a proclamação da República, afastou-se inteiramente de qualquer atividade política, dedicando-se exclusivamente ao exercício de sua profissão.

Foi um dos fundadores, em 12 de outubro de 1898, da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, da qual foi por mais de trinta anos professor catedrático de matéria médica e terapêutica, ombreando-se com outros ilustres lentes dessa instituição de ensino. Aí, de forma interina, lecionou outras matérias e tornou-se vice-diretor por dez anos, tendo recusado a diretoria, embora a tivesse exercido por mais de uma vez, também em caráter interino.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho (Figura 2) prestou relevantes trabalhos ao Serviço Sanitário do Estado como inspetor em comissão, tendo sido auxiliar de confiança do notável higienista Emílio Ribas⁴, de quem foi secretário médico. Outrossim, exerceu cargos temporários de assistente do Instituto Bacteriológico e do Hospital de Isolamento. Por sua vez, recusou o cargo de assistente do Instituto Butantã, adrede criado para ele, o qual visava aproveitar sua capacidade.



Figura 2 – Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho.
Foto publicada no *Jornal do Commercio* (RJ), em 9 de abril de 1942.

A partir de 1903 desempenhou a chefia de clínica do Asilo de Inválidos, desde quando estava instalado na Rua da Glória até a transferência para a Chácara Jaçanã. Prestou, por mais de 30 anos, excelentes serviços à Santa Casa

da Constituição federal, em 1891. Faleceu na cidade Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 25 de março de 1896, quando ocupava o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. É homenageado no município de Américo Brasiliense (SP), além de dar nome a uma escola estadual na cidade de Santo André (SP) e a ruas nos municípios de São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Campinas, São Bernardo do Campo e Maringá (PR).

³. Marcellina Lopes Chaves de Mello era irmã de Francisco Lopes Chaves, segundo barão de Santa Branca; de Licínio Lopes Chaves, segundo barão de Jacarehy; do dr. Joaquim Lopes Chaves, senador federal; e filha do primeiro barão de Santa Branca.

⁴. Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

de Misericórdia de São Paulo, galgando, nos últimos tempos, a condição de membro da Mesa Administrativa, função que exerceu até 1941. Em retribuição aos seus préstimos foi-lhe conferido o título de “Irmão Protetor”, a mais alta dignidade dessa instituição.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Nesse sodalício atuou em diversos cargos da diretoria, assim como teve participação na comissão organizadora do I Congresso Médico Paulista⁵, presidida por Arnaldo Vieira de Carvalho⁶, tendo como demais membros: Affonso Regulo de Oliveira Fausto⁷, Francisco Franco da Rocha, Sylvio Azambuja de Oliva Maia⁸, Vital Brazil⁹, José Ayres Netto¹⁰, Alsino Braga e Xavier da Silveira. Ademais, num período de lutas internas, seu nome foi indicado como candidato de conciliação para comandar os destinos da entidade. Foi aceito por ambas as facções, o que lhe resultou no título de “Pacificador da Classe Médica”. Teve a honra de ser o 26º presidente do sodalício, exercendo seu mandato anual entre 1924-1925¹¹. Desempenhou sua difícil missão com esmerada diplomacia.

Dentre outras entidades de que participou em suas respectivas diretorias salientam-se o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, da qual foi por muito tempo vice-presidente. Durante mais de 30 anos, ao lado de Clemente Ferreira¹², serviu à Liga Paulista Contra a Tuberculose, onde ocupou diversos cargos na diretoria, inclusive o de vice-presidente, que o levou a dirigir longamente essa instituição. Prestou também serviços durante cerca de 50 anos à Real e Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa, galgando a condição de diretor clínico e presidente na Sociedade dos Médicos. Nesse nosocômio recebeu o título de “Diretor Clínico Honorário” e sócio Cruz de Honra, a mais alta distinção honorífica. Durante a pandemia de gripe espanhola de 1918, enquanto chefe de clínica médica do Hospital São Joaquim dessa instituição, pôde prestar grandes socorros aos doentes que se apinhavam nas dependências do hospital, uma vez que só ele, dos médicos da casa, não adoecera.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi uma das figuras mais conhecidas da classe médica paulista, destacando-se pela nobreza de seu caráter e pela austeridade de sua vida. Tinha inteligência lúcida; aprimorada cultura médica e geral e era possuidor de grande prática hospitalar. Foi protagonista de acendrada ética profissional; portador de cativante bondade e extrema simpatia, qualidades que o tornaram não somente um dos mais eminentes e acatados médicos de São Paulo, mas também um dos mais ilustres cidadãos de seu tempo.

Foi, durante muitos anos, colaborador da Gazeta Clínica, o mais antigo e prestigioso periódico médico de São Paulo.

⁵. O I Congresso Médico Paulista foi realizado na cidade de São Paulo, de 4 a 9 de dezembro de 1916. Apresentou como temas oficiais as principais endemias e epidemias presentes em terras paulistas: tuberculose, lepra, disenteria, febre tifoide e ancilostomose. Os temas da cirurgia e os diversos aspectos da higiene urbana também estiveram presentes. O I Congresso Médico Paulista contou com a participação de médicos, veterinários, dentistas, parteiras, farmacêuticos e engenheiros oriundos de várias regiões do País. Junto ao evento foi realizada uma Exposição de Higiene, na qual foram apresentados produtos farmacêuticos, químicos e alimentícios.

⁶. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

⁷. Affonso Regulo de Oliveira Fausto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e é o patrono da cadeira nº 67 desse sodalício.

⁸. Sylvio Azambuja de Oliva Maia foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1908-1909.

⁹. Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁰. José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse sodalício.

¹¹. Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante 47 anos!

¹². Clemente Miguel da Cunha Ferreira é o patrono da cadeira nº 24 da Academia de Medicina de São Paulo.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi casado com Francisca de Souza Rezende, filha do barão de Rezende. Faleceu na cidade de São Paulo, em 8 de abril de 1942, aos 78 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 100 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a uma rua no bairro de Santo Amaro, na capital paulista.

27^o PRESIDENTE: 1925-1926

Helio Begliomini¹

EDUARDO RODRIGUES ALVES



Eduardo Rodrigues Alves trabalhou no Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo². Em 1912 foi deslocado para a Secção de Proteção à Infância e, em seu lugar, foi nomeado Manuel Pais de Azevedo como médico assistente.

Em 1918 o Instituto Pasteur de São Paulo foi reinaugurado. A instituição havia passado a ser estadual em 1916. O prédio tinha sido reformado, o que lhe deu novas feições. Por ocasião de sua reinauguração, foi convidado a dirigi-lo o médico Eduardo Rodrigues Alves (Figuras 2, 3 e 4), que permaneceu 30 anos à frente da entidade.

Nessa segunda fase do Instituto Pasteur de São Paulo³, devido ao pequeno número de funcionários, os recursos

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro. As fotos foram gentilmente cedidas pela biblioteca do Instituto Pasteur de São Paulo.

². O Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo recebeu essa denominação em 1893, sendo fundado no ano anterior (1892) como Laboratório de Bacteriologia do Estado de São Paulo. Em 1940 passou a denominar-se Instituto Adolfo Lutz.

³. O Instituto Pasteur de São Paulo nasceu como uma instituição privada e filantrópica através de um grupo de médicos e beneméritos paulistas interessados no desenvolvimento das ciências biomédicas e da saúde coletiva no estado. A iniciativa foi do jovem médico Ulysses Paranhos e do clínico português Bittencourt Rodrigues, que moveram uma campanha com o objetivo de se criar uma instituição antirrábica na cidade. Logo, Ignácio Wallace da Gama Cochrane, ex-deputado e diretor da Superintendência de Obras Públicas do estado, e o desembargador José Maria do Valle encamparam a ideia, conseguindo fundos junto à elite econômica paulista para estabelecer o instituto, que foi inaugurado em 5 de agosto de 1903.

A organização do instituto previa a existência de um conselho diretor, que foi composto por Ignácio Wallace da Gama Cochrane (presidente), Bittencourt Rodrigues (vice-presidente), José Maria do Valle (tesoureiro), Alberto Seabra e Joaquim José da Nova

foram aplicados no aperfeiçoamento de técnicas de fabricação de vacina, no soro antirrábico e no diagnóstico e tratamento da raiva. Os relatórios de Eduardo Rodrigues Alves à direção da Saúde Pública mostravam que sua principal preocupação era o controle da doença, que se deveria dar pela eliminação dos cães vadios. Em vários trechos desses documentos ele apresentou propostas para a melhoria dos serviços de recolhimento de cães e o estabelecimento de normas para a criação doméstica destes animais.

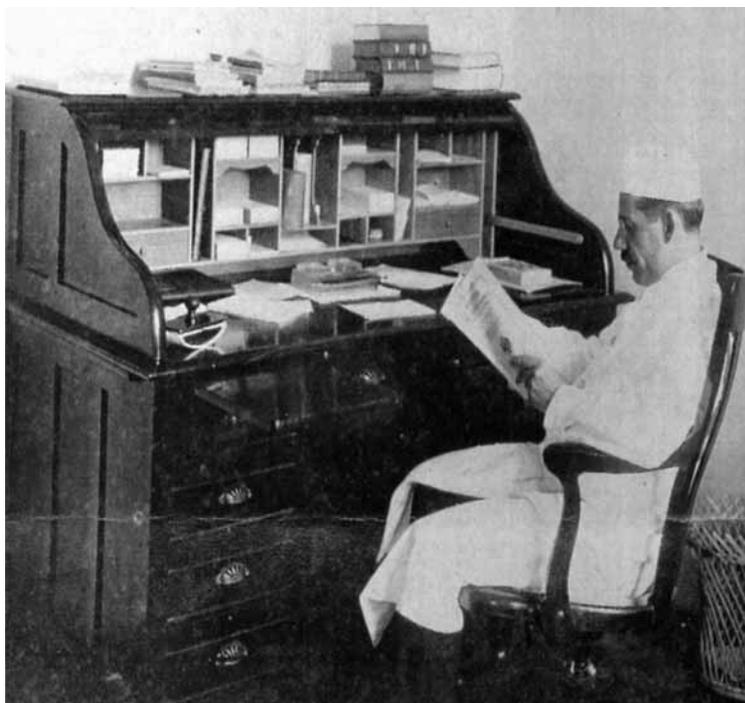


Figura 2 – Eduardo Rodrigues Alves em sua escrivaninha de trabalho no Instituto Pasteur de São Paulo, em 1918.

(ambos secretários). Para o cargo de diretor técnico foi contratado o médico italiano Ivo Bandi, que permaneceu apenas um mês na direção do instituto. Após várias tentativas de se contratar um renomado cientista estrangeiro para dirigir a instituição, no final de 1905, o médico italiano Antonio Carini, na época trabalhando em Berna (Suíça), aceitou ocupar o cargo.

O período de 1906 a 1915 foi bastante profícuo para o Instituto Pasteur, que sob a direção de Carini transformou-se numa importante instituição antirrábica, também voltada para pesquisa e atividades de formação de quadros técnicos no campo da microbiologia. Além disso, produzia e comercializava diversos produtos de uso médico e veterinário, como vacinas, soros e reagentes para diagnósticos.

A partir de 1914, com as dificuldades econômicas provenientes do advento da I Guerra Mundial e em virtude do desenvolvimento de instituições estaduais que desempenhavam algumas das funções do instituto, como o Butantan, fabricante de um grande número de produtos biológicos; e a Faculdade de Medicina, responsável pela formação médica, a visibilidade da instituição começou a declinar e, junto com ela, as doações que a mantinham também se reduziram. Logo ingressou em uma forte crise financeira, agravada ainda mais com a progressiva diminuição dos subsídios vindos de diversas municipalidades e do governo estadual, e em pouco tempo as rendas auferidas tornaram-se insuficientes para a manutenção do instituto no âmbito privado.

Por se tratar de um serviço voltado à saúde pública, o governo estadual interessou-se em dar continuidade às atividades antirrábicas já desenvolvidas pelo Instituto Pasteur. Assim, celebrou-se um acordo com a instituição, transferindo-a para o Serviço Sanitário do estado. Pelos termos do acordo, ficava o serviço público responsável somente pela preparação da vacina e pelo atendimento aos vitimados por animais suspeitos. Em 21 de março de 1916 efetivou-se a doação da instituição ao governo paulista, marco de encerramento da primeira fase do Instituto Pasteur de São Paulo. In: Teixeira LA, Sandoval MRC, Takaoka NY. "Instituto Pasteur de São Paulo: Cem Anos de Combate à Raiva." História, Ciências, Saúde – Manguinhos [online]. Vol 11 (3): 751-766, 2004.



Figura 3 – No primeiro plano: Altino Arantes, com bengala, presidente do estado de São Paulo; Eduardo Rodrigues Alves, com avental e gorro brancos, diretor do Instituto Pasteur de São Paulo; e Washington Luís, prefeito da cidade de São Paulo.



Figura 4 – Eduardo Rodrigues Alves, com avental branco, cercado de autoridades não identificadas, na frente do Instituto Pasteur de São Paulo.

Eduardo Rodrigues Alves (Figuras 5 e 6) foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu 27^a presidente, exercendo um mandato anual entre 1925-1926.



Figuras 5 e 6 – Eduardo Rodrigues Alves.

28º PRESIDENTE: 1926-1927

Helio Begliomini¹

OLYMPIO PORTUGAL



1862-1934

Olympio Viriato Portugal, mais conhecido por Olympio Portugal, nasceu na Fazenda de Sant'Anna, região de Capivari, no município de Rio Claro, estado do Rio de Janeiro, em 29 de maio de 1862. Era filho do tenente-coronel José Gonçalves de Souza Portugal e de Carolina Amália Pereira Portugal.

Fez seus estudos preparatórios e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1887. Foi médico do Hospital de São João Batista, de Niterói, durante 7 anos.

Em 1893, a convite do barão de Araras, transferiu sua residência para Araras, interior paulista, onde amealhou grande clientela. Muito estudioso e competente, sobressaiu-se atendendo a todos com atenção e delicadeza, qualidades marcantes de sua personalidade. Aí clinicou por vários anos e tornou-se muito benquisto pelos seus pacientes e amigos. Era reconhecido como um médico bom e exemplar.

Atuou também como jornalista e fez um texto descritivo e estatístico – longo e minucioso – de apresentação geral da cidade de Araras em suas mais diversas áreas, o qual foi publicado no suplemento Revista da Semana.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Colaborou também com artigos no jornal ararense *Tribuna do Povo*, quando pertencia a Virgílio Tavares. É muito provável que seja de sua autoria a letra do Hino das Árvores, cuja música é creditada ao maestro J. B. Julião. Em sua residência hospedou representantes da imprensa paulista e carioca.

Olympio Portugal era médico assistente da família Lacerda e atendeu por muito tempo o barão de Araras. Teve também atuação política, sendo vereador da cidade de Araras e vice-presidente do Sport Clube Progresso, fundado em maio de 1906. Nesse mesmo ano fundou o jornal *Cidade de Araras*, cujo *slogan* era “governar não é nomear”. Seu nome ficou ligado por muitos anos ao Largo da Misericórdia, que em sua homenagem também se chamou de Largo Dr. Portugal e posteriormente cedeu lugar à escola municipal de ensino infantil Hemínio Ometto.

Entretanto, em 19 de agosto de 1909, mudou-se para São Paulo, centro de onde irradiaria sua grande cultura e intelectualidade. Nesta cidade exerceu vários cargos técnicos no Serviço Sanitário, inclusive na Assistência de Proteção à Primeira Infância e como chefe da Seção de Profilaxia da Tuberculose. Fez-se irmão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e mordomo do Hospital São Luiz Gonzaga, no bairro de Jaçanã, para onde iam os tuberculosos dessa benemérita instituição. Trabalhou também na Associação Maternidade de São Paulo, onde havia um pavilhão que recebeu seu nome.

Olympio Portugal tinha grande amizade com Júlio César Ferreira de Mesquita, jornalista, advogado e diretor do jornal *O Estado de S. Paulo* (1891-1927); e Plínio Barreto, também advogado, jornalista e articulista desse jornal.

Olympio Portugal fez palestras no Rio de Janeiro, com Machado de Assis, na famosa Livraria Garnier, onde aconteciam reuniões literárias envolvendo celebridades como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Nabuco, dentre outros.

Tornou-se membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, silogeu que teve a honra de presidir num mandato anual entre 1926 e 1927.

Dedicou-se com amor à sua profissão. Trabalhador operoso, conquistou, pela sua inteligência e vasta cultura, posição de destaque profissional e social na capital.

Rubião Meira², seu biógrafo, assinalou que “Olympio Portugal foi um luminoso presidente. (...). Tinha qualidades de comando e sabia dirigir os amigos com afabilidade, os impressionando pela facilidade de falar, com correção, e pela inteligência que abordava os assuntos. (...). Desde logo, consagrado dentre as primeiras inteligências de São Paulo. Era amador das boas letras; escrevia com muita elegância e correção; estilo agradável, demonstrando grande cultura de seu espírito, não só de medicina, como de literatura. Bondoso, maneiroso, gozou de grande prestígio dentre os médicos”.

Em São Paulo, Olympio Portugal não teve clínica tão grande quanto em Araras, mas desenvolveu outras de suas múltiplas qualidades. Fazia parte do que então se chamava de “grupo do Arnaldo”, que ficou melhor evidenciado após a morte de Arnaldo Vieira de Carvalho³. Tratava-se de médicos que foram inflamados e imbuídos pelos ideais do insigne professor e líder, a fim de se desenvolver a cultura médica em São Paulo. Nesse particular, Olympio Portugal era figura de proa que se destacava pela paixão que emanava de seus atos e palavras.

Era enérgico e ao mesmo tempo afável e bondoso, não se abatendo pelas ingratidões a que a política predispõe. Cantídio de Moura Campos⁴, na condição de diretor da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, assim se referiu ao destacado rio-clarense: “Nem mesmo a política que não conhece a piedade, com o cortejo terrível das difamantes agressões e com os processos nefandos das suas artimanhas, quebrou a elegância natural de suas atitudes; tocado do feitiço que resumam as seduções políticas, não ficou indiferente às contendas partidárias como simples contemplativo, à margem tranquila da torrente impetuosa que vai rolando as suas águas em turbilhão, tragando nos novelos de suas curvas ou projetando no fragor de seus cachões todos os que vão colhendo na cegueira fatal do seu percurso”.

². Nota: Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo por dois mandatos anuais não consecutivos, entre 1905-1906 e 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse silogeu.

³. Nota: Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo por dois mandatos anuais não consecutivos, entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

⁴. Nota: Cantídio de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo num mandato anual, entre 1928-1929, e é o patrono da cadeira nº 128 desse silogeu.

Olympio Portugal escreveu vários trabalhos médicos e uma **Monografia sobre Campos do Jordão**, além de colaborar com o jornal O Estado de S. Paulo. Participou de várias campanhas cívicas, sempre com o mesmo entusiasmo de moço, sendo acompanhado por seu filho Oswaldo Portugal⁵, que, igualmente, muito fez pelo progresso da medicina paulista.

Olympio Portugal, embora não se dedicasse à oratória, foi um brilhante orador. Com exposição clara e concisa, sua palavra era influenciada por uma profunda cultura do vernáculo que, manejado com raro primor, demonstrava sua maestria intelectual. Assim testemunhou Rubião Meira: “Uma vez, em um banquete que os médicos ofereceram ao professor Aloísio de Castro, revivendo, com facilidade, a figura dominante de Francisco de Castro, não sabia mais o que admirar, se os conceitos profundos ou a forma limada com que a apresentou. E eu, que nunca fui de seus íntimos, antes mesmo considerado, sem razão, como seu adversário, fiquei impressionado com a revelação daquele robusto talento, que sabia tão bem vestir seus pensamentos”.

Olympio Portugal foi casado com Rosa Pimentel Portugal, com quem teve quatro filhos: Rodolfo Pimentel Portugal, falecido em São Paulo em 1934; Silvio Pimentel Portugal, magistrado, ex-ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo, ex-presidente do Tribunal Eleitoral de São Paulo e ex-secretário do Interior e Justiça; Oswaldo Pimentel Portugal, médico e diretor do Instituto de Radium “Dr. Armando Vieira de Carvalho” e do Serviço de Radioterapia do Hospital Humberto Primo; Heitor Pimentel Portugal, engenheiro e diretor da Sociedade Comercial e Construtora Limitada.

Olympio Portugal foi dotado de grandes qualidades intelectuais e morais. Influenciou seus pares, sendo por eles muito respeitado. Terminou seus dias cercado de admiração pelo seu bom coração e brilhante inteligência. Faleceu na cidade de São Paulo em 29 de maio de 1934, aos 72 anos. Seu nome é honrado com uma rua no bairro da Mooca, na capital paulista.

⁵. Nota: Oswaldo Portugal também foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, num mandato anual entre 1931-1932.

29º PRESIDENTE: 1927-1928 E 1950-1951

Patrono da Cadeira nº 80

Helio Begliomini¹

JOSÉ PEREIRA GOMES



1882-1968

José Pereira Gomes, também conhecido simplesmente por Pereira Gomes, nasceu em Itapetininga, em 21 de agosto de 1882. Aí estudou na Escola Normal e demonstrou pendor para a poesia. Foi orador de sua turma de jovens professores e exerceu o magistério primário na cidade de São Paulo, entre 1899 e 1903.

Em 1899 fundou “A Jacy”, um jornal literário que posteriormente tornou-se uma revista, onde tinha a colaboração de diversos colegas, destacando-se Amadeu Mendes.

Ingressou na Faculdade Nacional de Medicina na cidade do Rio de Janeiro em 1904, interessando-se pela oftalmologia, ainda na condição de acadêmico, tendo sido interno dos professores Abreu Fialho e Rêgo Lopes.

Pereira Gomes era talentoso desenhista, referiu seu biógrafo e também oftalmologista Sylvio de Almeida Toledo. Fez, sob o pseudônimo de “Pego”, numerosas *charges* na revista “Fon-Fon”. Da mesma forma, sob suas mãos foram caricaturados renomados lentes de sua época na Faculdade Nacional de Medicina, tais como Silva Santos,

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Feijó Júnior, Marcos Cavalcanti, Simões Corrêa, Almeida Magalhães, Miguel Couto, José Martins Teixeira, Paes Leme, Leitão da Cunha, Azevedo Sodré, Abreu Fialho e Pedro Severiano de Magalhães, alcunhado de “Flexão”.

Pereira Gomes manteve contato com diversos escritores, poetas e jornalistas de seu tempo, que, aliás, era de grande efervescência intelectual e literária. Tornou-se amigo do médico e afamado poeta paulista Martins Fontes², o qual, posteriormente, diria que ele tinha “alma perfeita de artista”.

Pereira Gomes teve, em 1908, sob a coordenação de Nelson Líbero, o privilégio de participar da embaixada acadêmica que representou o Brasil no I Congresso Latino-Americano de Estudantes em Montevideu, no Uruguai. Em 1909 foi indicado pelo barão do Rio Branco para integrar a delegação de estudantes brasileiros que representaram o país nas comemorações do acordo concernente ao Tratado do “Condomínio da Lagoa Mirim”, lagoa transfronteiriça entre o Brasil e o Uruguai.

José Pereira Gomes diplomou-se em medicina em 1909, defendendo a tese de doutoramento intitulada **Estudo Clínico do Reumatismo Tuberculoso Articular**, sendo aprovado com distinção.

Após a sua formatura, retornou a Itapetininga, onde lecionou francês na Escola Normal, entre 1910 e 1912, ocasião em que era diretor desse estabelecimento o renomado educador Pedro Voss.

Em 1912 transferiu-se para a capital paulista, passando a trabalhar na 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sob a chefia de Euzébio de Queiroz Mattoso. Em 1914 viajou à Europa, tendo como objetivo aprimorar seus conhecimentos oftalmológicos.

Após seu regresso ao Brasil, tornou-se assistente da disciplina de oftalmologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1916-1936), instalada em 14 de fevereiro de 1916 e tendo como primeiro professor catedrático João Paulo da Cruz Britto³. Em 1920 tornou-se chefe da 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em decorrência de suas excepcionais habilidades como cirurgião, seu serviço começou a atrair grande número de estudiosos de sua especialidade.

Novamente seu biógrafo, Sylvio de Almeida Toledo, que lhe dedicou um belo ensaio, refere que “a todos Pereira Gomes paternalmente orientava, fornecendo um tema para estudo ou tese, e colocando à disposição dos interessados sua biblioteca particular, rica em obras de medicina, literatura nacional e alienígena, onde apreciava receber os amigos em ambiente acolhedor. (...). Tinha grande cultura humanística; era autêntico líder a quem foi dado realizar um profícuo trabalho construtivo para o bem da ciência e da cultura”.

Pereira Gomes foi um dos fundadores da escola oftalmológica paulista e mestre invulgar. Juntamente com João Paulo da Cruz Britto e João Penido Burnier, elevou a reputação da oftalmologia paulista, formando numerosos seguidores. Trabalhou ativamente na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo até 1956, lugar que ele considerava o prolongamento de seu próprio lar.

José Pereira Gomes foi membro da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício por dois mandatos anuais não consecutivos, entre 1927-1928 e 1950-1951.

Pereira Gomes também contribuiu ativamente na fundação do “Instituto Padre Chico”, obra de benemerência e auxílio aos cegos paulistas. Em sua primeira gestão à frente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, organizou, em 7 de setembro de 1927, a Semana Oftalmo-Neurológica, ocasião em que pediu recursos para auxílio aos portadores de cegueira, que eram em número cada vez mais crescente e estavam completamente desamparados. Sensibilizaram-se com essa ideia autoridades estaduais, municipais e eclesiásticas, sendo designada pelo então arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), uma comissão de senhoras para a concretização dessa obra, que recebeu doação de terreno em 18 de fevereiro de 1928 e se chamou “Instituto Padre Chico”, em homenagem ao venerando monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, figura eminente do clero paulista, falecido em 21 de junho de 1915.

². José Martins Fontes é o patrono da cadeira nº 77 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. João Paulo da Cruz Britto é o patrono da cadeira nº 27 da Academia de Medicina de São Paulo.

Carlos da Silva Lacaz⁴, seu outro biógrafo que também o sucedeu na presidência da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963), refere que Pereira Gomes era um “médico de probidade impecável, cidadão exemplar, notável oftalmologista e hábil cirurgião especializado. Até 1955 havia operado cerca de 5.000 cataratas, durante o período em que exerceu a chefia da 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. (...). Foi, indiscutivelmente, uma das mais expressivas figuras da oftalmologia brasileira”.

José Pereira Gomes faleceu em São Paulo, aos 14 de setembro de 1968, contando com 86 anos de idade. É honrado com a patronímica da cadeira nº 80 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro Jardim Meliunas, na capital paulista.

⁴. Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

30º PRESIDENTE: 1928-1929

Patrono da Cadeira nº 128

Admissão: 16/12/1918

Helio Begliomini¹

CANTÍDIO DE MOURA CAMPOS



1889-1972

Cantídio de Moura Campos nasceu em Botucatu (SP), aos 21 de outubro de 1889. Era filho de Rafael A. de Moura Campos e de Ana Joaquina de Arruda Lima. Realizou seus primeiros estudos em São Manuel e em Jacareí, completando o curso ginásial no Ginásio do Estado.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1912, radicando-se em São Paulo, onde passou a exercer as funções de docente na Faculdade de Medicina. Nessa escola foi preparador, professor substituto e catedrático de fisiologia até 1929, quando passou para a cátedra de terapêutica clínica.

Foi chefe de clínica do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia, galgando a condição de professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

Dentre outros cargos que ocupou, destacaram-se os de diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, 1932-1935); secretário da Educação de São Paulo (1935-1937); diretor clínico do Hospital das Clínicas da FMUSP (1946-1961); vice-reitor e reitor em exercício da Universidade de São Paulo; e membro da Academia de Medicina de São Paulo e da Academia Nacional de Medicina.

Teve a honra de presidir a Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1928-1929; a Sociedade Franco-Brasileira de Medicina de São Paulo e a Escola de Odontologia e Farmácia.

Sua ligação com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) originou-se na USP, onde estava envolvido. O governo do Estado de São Paulo nomeou o professor Cantídio de Moura Campos para instalar a Faculdade de

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Medicina de Campinas, em 1958, designando-o seu diretor *pro tempore*. Entretanto, nesse período não foram providos os recursos necessários para tal instalação.

Em 1961, Cantídio de Moura Campos integrou o grupo de trabalho constituído pelo reitor da USP, Antonio Barros de Ulhôa Cintra², para estudar e propor um núcleo universitário em Campinas. O projeto, elaborado pelo grupo, resultou na lei 7.655 de 1962, que criou a Unicamp e abrangeu a Faculdade de Medicina de Campinas, que ainda não havia sido instalada.

Em 13 de janeiro de 1963, Cantídio de Moura Campos assumiu o cargo de reitor da Unicamp, exercendo-o por apenas oito meses, com a responsabilidade principal de promover a sua instalação. Em fevereiro foi contratado o primeiro docente, professor Walter August Hadler, para a cadeira de histologia e embriologia. Também em fevereiro foi nomeado o diretor da faculdade de medicina, o médico oftalmologista Antonio Augusto de Almeida. Em abril foi realizado o primeiro vestibular, para o qual se inscreveram 1.592 candidatos para as 50 vagas existentes. No mês de maio foi instalada a faculdade de medicina, com aula inaugural realizada em 20 de maio pelo reitor da USP, professor Antônio Barros de Ulhôa Cintra. No mesmo mês foi instalado o Conselho de Curadores da Universidade, sendo sua primeira reunião em 8 de maio. Em agosto, o governo paulista nomeou para a função de reitor o professor Mário Degni, que tomou posse em outubro. Sua gestão foi até setembro de 1965.

Cantídio de Moura Campos assim, durante o curto período em que permaneceu como reitor, tomou as primeiras medidas para a instalação da Unicamp e de sua primeira unidade, a Faculdade de Medicina de Campinas, constituindo os quadros de docentes e funcionários e realizando o primeiro concurso vestibular.

Cantídio de Moura Campos faleceu no dia 29 de abril de 1972, na cidade de São Paulo, aos 82 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 128 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

². Antonio Barros de Ulhôa Cintra é o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

31º PRESIDENTE: 1929-1930

Patrono da Cadeira nº 89

Helio Begliomini¹

ADOLPHO SCHMIDT SARMENTO



1883-1939

Adolpho Schmidt Sarmento, mais conhecido simplesmente por Schmidt Sarmento, nasceu em 1883 e graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1906. Segundo seu colega de turma, Mario Ottoni de Rezende², Schmidt Sarmento cursou a faculdade com dificuldades financeiras, tendo, para se manter, de trabalhar, durante o curso, muitas vezes noites a fio.

Após a formatura, partiu para o sertão do estado de São Paulo, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. Aí, sem ajuda, teve seu primeiro contato com pessoas simples do agreste, onde campeava infrene o curandeirismo boçal. Esse trabalho permitiu-lhe amediar dinheiro, fazendo com que fosse aprimorar-se na Europa, realizando estágio em otorrinolaringologia em Viena, Áustria, e em Berlim, na Alemanha.

Em Viena, a especialidade era entusiasticamente ensinada pelos luminares: Politzer, Urbantschitach, Chiari, Gruber, Juraez, Schrotter, dentre outros. Nessa cidade também encontrou Henrique Lindenberg, de quem se fez

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Mario Ottoni de Rezende, por ocasião de sua graduação, também em 1906, defendeu tese intitulada Balneoterapia nas Infecções Agudas. Foi presidente da Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1936-1937, e é o patrono da cadeira nº 126 desse sodalício.

amigo, e, com pequena diferença de meses, ambos vieram fixar residência em São Paulo, tornando-se pioneiros da cirurgia otorrinolaringológica na capital.

Schmidt Sarmento ingressou, em 1912, como adjunto de otorrinolaringologia do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, nosocômio a que dedicou 27 anos de sua vida. Foi o segundo chefe do serviço de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Sucedeu ao professor Henrique Lindenberg (1913-1928), que tinha também especialização na Áustria e na Alemanha. Ambos foram convidados por Arnaldo Vieira de Carvalho³ para integrar a cadeira de otorrinolaringologia, sendo Lindenberg designado o primeiro professor dessa especialidade da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, permanecendo no cargo até o seu falecimento.

Além de Schmidt Sarmento, eram assistentes de Henrique Lindenberg e, na ocasião, também assistentes da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: Mário Ottoni de Rezende, Francisco Hartung, Silvestre Passy, Paula Santos, Ângelo Mazza, Roberto Oliva, Silvio Ognibene, Antônio Vicente de Azevedo e Ernesto Moreira.

Deve-se ressaltar que a primeira tonsilectomia realizada no Brasil foi feita, em 1920, por Schmidt Sarmento. Ele utilizou o instrumento de Ballanger-Sluder, retirando-lhe o corte da lâmina e fazendo dele uma pinça fórceps de apreensão em que o dedo indicador fazia a dissecação extracapsular das amígdalas.

Schmidt Sarmento tornou-se assistente e livre-docente da Faculdade de Medicina de São Paulo, assumindo, interinamente, a direção da cadeira em 1923, quando Lindenberg viajou à Europa, e, numa segunda vez, em 1926, num período que precedeu a morte desse catedrático.

Em ambas as oportunidades ficaram patenteados sua capacidade, dedicação e amor ao magistério, transmitindo a seus discípulos, com carinho, tudo de moderno que conhecia sobre a especialidade e orientando-os tanto na prática quanto na teoria, nessa disciplina da qual era expoente.

Após a morte de Lindenberg, Paula Santos⁴ assumiu a cadeira de otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 14 de março de 1929, que passou a funcionar no Instituto Radium, inaugurado em 1921 e anexo ao Hospital Geral. Na ocasião, o regulamento da Faculdade de Medicina de São Paulo, num dos seus artigos, previa a possibilidade de transferência entre as chamadas cátedras afins, e, nessa situação, encontrava-se Paula Santos, então titular da cadeira de patologia geral desde 1920, mas que praticava a otorrinolaringologia em seu consultório.

Por sua vez, o Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passou a ser chefiado por Schmidt Sarmento, que tinha como assistentes: Mario Ottoni de Rezende, Ernesto Moreira, Francisco Hartung, Rebelo Neto, José Eugênio de Paula Assis, Plínio de Mattos Barretto⁵, Jorge Fairbanks Barbosa, Silvestre Passy, Paulo Saes, Roberto Oliva, Vicente de Azevedo, Arnaldo Barrela e Ângelo Mazza (Figura 2).

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

⁴. Antônio de Paula Santos é o patrono da cadeira nº 59 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Plínio Freire de Mattos Barretto é o patrono da cadeira nº 91 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Em pé, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Antonio Vicente de Azevedo, Paulo Saez, José Eugenio de Paula Assis, José Rebelo Neto, Arnaldo Barrella e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Roberto Oliva, Ernesto Moreira, Schmidt Sarmento, Mario Otoni de Rezende e Francisco Hartung.

Foto tirada provavelmente em 1929 e cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Na ocasião fora feito um acordo: os pacientes que procurassem o setor de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia seriam divididos alternativamente, sendo dois dias da semana para a clínica do professor Paula Santos e dois outros para o serviço do dr. Schmidt Sarmento.

Adolpho Schmidt Sarmento casou-se com Laura Beatriz de Moura Ribeiro Schmidt Sarmento. Sua filha, Lucia Beatriz Schmidt Sarmento, nascida em 1^a de setembro de 1923, casou-se com o administrador de empresas Caio Lacerda de Arruda Botelho, em 28 de dezembro de 1944.

Schmidt Sarmento foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sodalício que teve a honra de presidir, por um mandato anual entre 1929-1930. Em sua gestão organizou a memorável “Semana de Conferências”, que reuniu médicos de todos os rincões do país, divulgando e elevando o nome do silogeu.

Em 1932, seu nome se impôs como o primeiro presidente da Seção de Otorrinolaringologia da Associação Paulista de Medicina, entidade fundada em 1930. Aí impulsionou o desenvolvimento da especialidade e estimulou, tanto os jovens quanto os mais velhos, a fazerem da medicina verdadeira ciência e da clínica um sacerdócio.

Adolpho Schmidt Sarmento chefiou o Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo até o seu falecimento, aos 56 anos, ocorrido em 26 de novembro de 1939, após longa enfermidade (Figura 3). Era cavalheiro no seu agir, extremamente bondoso, amigo leal e chefe estimadíssimo pelos seus subordinados. Gozou de ilimitado apreço dos que o cercavam no mourejar do trabalho diuturno.

Em decorrência de sua enfermidade, licenciou-se, deixando como chefe interino o professor Mário Ottoni de Rezende, que veio assumir o cargo definitivamente, após a morte do amigo, de quem era também colega de turma. Mário Ottoni de Rezende atuou como chefe do serviço de 1933 a 1955 e criou setores de cirurgia bucomaxilofacial, cirurgia plástica e endoscopia peroral.

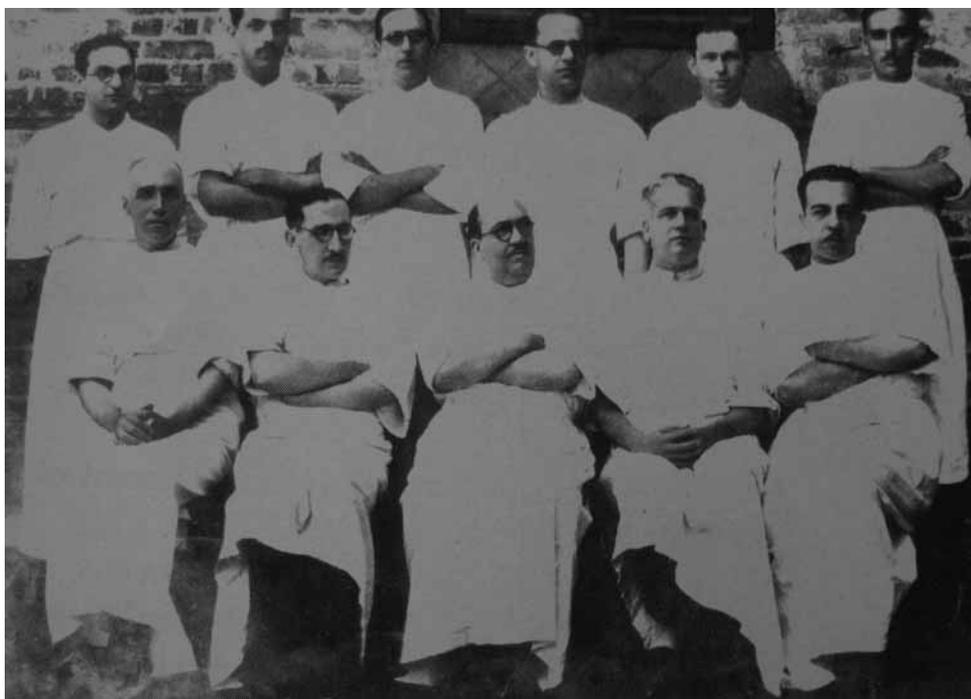


Figura 3 – Em pé, da esquerda para a direita: Ângelo Mazza, Bueno Galvão, Vicente de Azevedo, Paulo Saez e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Mário Ottoni, Schmith Sarmento, Roberto Oliva e José Rebello Neto.

Foto de 1933, cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Adolpho Schmidt Sarmento é honrado com a patronímica da cadeira nº 89 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. A Revista Brasileira de Otorrinolaringologia consignou a ele, grande vulto da medicina paulista, um editorial e uma merecida homenagem em 1939⁶, reunindo discursos de expoentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, proferidos por ocasião de seu falecimento.

⁶. Nota: Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, hoje, *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*, volume 7 (fascículo 6 – novembro/dezembro): 551-651, 1939.

32º PRESIDENTE: 1930-1931

Patrono da Cadeira nº 102

Helio Begliomini¹

ANTÔNIO DE ALMEIDA PRADO



1889-1965

Antônio de Almeida Prado nasceu na cidade de Itu (SP), em 13 de junho de 1889. Era filho de Francisco de Almeida Prado e de Isabel de Almeida Prado.

Graduou-se, em 1912, pela Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese intitulada **Das Variações Volumétricas do Baço nas Cirroses Hepáticas**.

Após sua formatura, transferiu-se para São Joaquim da Barra (SP), onde fixou residência com a família e passou a clinicar. A convite de Arnaldo Vieira de Carvalho² mudou-se para a capital, a fim de integrar o corpo docente da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo, exercendo nessa instituição de ensino o cargo de professor de clínica médica.

Tinha por Miguel Pereira, seu antigo mestre, de quem fora interno, particular afeição. Na obra “Vultos e Temas Médicos” (São Paulo, Saraiva, 1952) prestou ao grande clínico, logo nas primeiras páginas, homenagem das mais sinceras.

Almeida Prado foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), onde exerceu o magistério por mais de 30 anos, tornando-se professor emérito. Ensinou a várias gerações de médicos. Publicou diversos livros de clínica médica, alguns redigidos em francês.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Exerceu numerosos cargos, deixando em todos eles traços profundos e marcantes de sua inteligência e operosidade. Além de ter sido diretor da Faculdade de Medicina³, foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; reitor da Universidade de São Paulo (1946-1947); secretário da Educação e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1930-1931).

Como secretário de Educação, na interventoria de Laudo de Camargo, nomeou a primeira comissão constituída pelos professores Alcântara Machado, Lúcio Martins Rodrigues, Raul Briquet⁴, Fernando de Azevedo e dr. Júlio de Mesquita Filho, para estudar as bases da Universidade Paulista. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras redigiu o regulamento dessa instituição, com a notável colaboração do professor Aguiar Pupo.

Almeida Prado era cultor da literatura, da história e do teatro, demonstrando nessas e noutras ciências e artes a exuberante riqueza de seu espírito e de sua personalidade.

Tinha grande cultura humanística e foi um mestre também na filosofia da arte médica. Dentre seus livros, escreveu **As Doenças Através dos Séculos** – que é uma obra de ciência, de arte e de benemerência.

Abordou em seus escritos uma grande diversidade de assuntos: medicina e médicos na literatura atual; rumos novos da medicina; à margem da medicina psicossomática; Brasil, paraíso das drogas; congressos médicos; cultura médica e pletora profissional; cultura e formação médica profissional; ensino oficial e docência-livre; eficiência do ensino e limitação de matrícula, dentre vários outros.

Em 1941, por ocasião das festas jubilares de sua atividade como professor de medicina, proferiu magnífico discurso de agradecimento, referindo que sempre recebera em sua vida, no que tocava a posições e honrarias, tudo quanto dela poderia esperar, mesmo dentro das raias da mais desenfreada ambição.

Para o grande professor e historiador da medicina Carlos da Silva Lacaz⁵, Almeida Prado foi “o mestre inesquecível, um esteio, uma trave mestra que nos orientou em muitos passos da nossa vida. Dele sempre recebemos as provas mais eloquentes de uma alentadora e dignificante amizade. Por isto, haveremos sempre de celebrar-lhe a memória com os hinos de nosso afeto, recordando sempre, com imperecível fidelidade, sua magnífica obra de educador, para que os pósteros o tenham como exemplo de humanidade superior e exemplo de grandeza moral. Ele foi, na realidade, o verdadeiro padrão para os meios médicos de todo o país”.

Antônio Prado faleceu na cidade de São Paulo, em 7 de junho de 1965, uma semana antes de completar 76 anos. O jornal O Estado de S. Paulo assim registrou a sua morte: “Com o falecimento do professor Antônio de Almeida Prado, São Paulo perde, na verdade, um dos mais vigorosos representantes dessa personalidade tipicamente paulista, que se manifesta pela inteligência sólida e cultivada e aberta a todos os aspectos da vida cultural moderna. Tendo obtido as maiores láureas nos estudos, nas pesquisas e nas atividades médicas, não se limitou, entretanto, o professor Almeida Prado ao campo exclusivamente científico, no qual deixou uma obra que perdurará para sempre”.

³. Nótula: Sua filha, Beatriz de Almeida Prado (1914-2006), casou-se com seu ex-aluno Paulo de Almeida Toledo (1909-1990), que viria a se tornar catedrático de radiologia e diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

⁴. Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

33º PRESIDENTE: 1931-1932

Admissão: 15/3/1920

Helio Begliomini¹

OSWALDO PORTUGAL



1893-1980

Oswaldo Pimentel Portugal, mais conhecido simplesmente por Oswaldo Portugal, nasceu em Niterói (RJ), em 2 de março de 1893. Era filho do médico Olympio Viriato Portugal² e de Rosa Pimentel Portugal.

Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Como acadêmico foi interno da 19ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, onde funcionava a cadeira de dermatologia, sob a chefia do professor Fernando Terra; foi também interno, por concurso, do Hospital dos Lázaros. Graduiu-se em 18 de novembro de 1914, defendendo tese perante a cadeira de clínica dermatológica intitulada **Blastomycose** (Figura 2), sendo aprovado com distinção.

Ao lado de seu pai exerceu a profissão durante seis anos, como clínico geral, antes de se dedicar à dermatologia e, particularmente, à radioterapia no combate ao câncer.

Transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde, a convite de Arnaldo Vieira de Carvalho, tornou-se assistente de física da novel Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Foi por ele escolhido para aprimorar seus conhe-

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Olympio Viriato Portugal foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1926-1927.

cimentos na França, onde conheceu os trabalhos de Regand, a maior autoridade da época em sua disciplina. Esteve também nos Estados Unidos da América, onde frequentou o *Memorial Hospital*, que dispunha de grande experiência com o rádio para o tratamento do câncer.



Figura 2 – Capa da tese de Olympio Viriato Portugal encadernada em percalux; 21x27 cm, contendo 477 páginas.

De volta ao Brasil, fez carreira universitária, tornando-se livre-docente e professor substituto de física, além de encarregado de examinar os candidatos que desejavam ingressar no curso médico.

Idealizado em 1920 por Arnaldo de Carvalho³, então diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, um instituto que tratasse de pacientes que sofriam do flagelo do câncer, a ideia ganhou força em 1921.

Foi então formada uma comissão com membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que reunia Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, Oswaldo Pimentel Portugal e Raphael Penteado de Barros⁴. Porém, somente em 5 de novembro de 1929, o hospital conseguiu abrir suas portas em terreno cedido pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde funciona até hoje. Desde então, não deixou mais de prestar essencial serviço à comunidade. Arnaldo Vieira de Carvalho não teve tempo suficiente para ver a concretização de sua obra, vindo a falecer em 1920, no mesmo ano em que foi concebido esse projeto.

Assim, Oswaldo Portugal, além de ter sido membro fundador, foi o primeiro diretor técnico do Instituto de Radium Arnaldo Vieira de Carvalho, função que exerceu por diversos anos. Esse instituto tornou-se famoso no tratamento do câncer através do rádio – elemento radioativo –, além de outros métodos eletrofísicos e cirúrgicos.

Oswaldo Portugal também desempenhou a chefia do Serviço de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e atuou como vice-presidente da Secção de São Paulo da Cruz Vermelha Brasileira, nos tempos difíceis da 2ª Guerra Mundial. Foi também, por muitos anos, diretor médico do Hospital Nossa Senhora Aparecida e da Casa de Saúde Matarazzo.

Pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu presidente, num mandato anual entre 1931-1932 (Figuras 3 e 4).

³. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

⁴. Raphael Penteado de Barros é patrono da cadeira nº 49 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 3 – Sessão de inauguração da sede, na Rua do Carmo, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Na primeira fila, o primeiro da direita para a esquerda, de barba, é provavelmente José Ayres Netto⁵ e, ao seu lado, Oswaldo Pimentel Portugal. Foto gentilmente cedida pelo seu neto, Oswaldo Pimentel Portugal Neto.

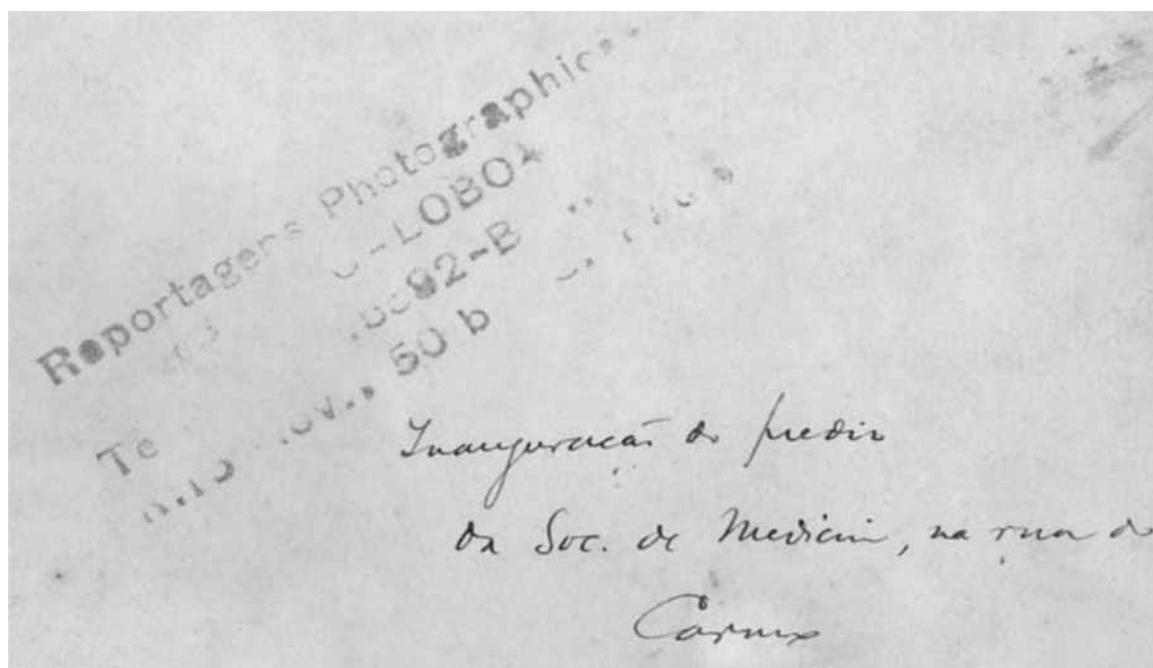


Figura 4 – Verso da foto, onde se encontra anotação com a caligrafia de Oswaldo Pimentel Portugal. Foto gentilmente cedida pelo seu neto, Oswaldo Pimentel Portugal Neto.

⁵. José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

Oswaldo Portugal exerceu a profissão médica, na capital paulista, por mais de 50 anos. Foi um dos pioneiros na introdução da radioterapia no Brasil com bases científicas, tendo formado uma plêiade de discípulos em sua especialidade. Conquistou renome e grande clientela. Publicou diversos trabalhos científicos; fez conferências e discursos, sempre relacionados a assuntos médicos. Foi laureado com a medalha cultural Oscar Freire; a medalha Vital Brazil; e a medalha Nina Rodrigues.

Intelectual de escol e sensível poeta, deixou indeléveis ensinamentos às gerações que o sucederam. Publicou

Em Pouco Verso e Menos Prosa...

Oswaldo Pimentel Portugal faleceu na cidade de São Paulo, em 8 setembro de 1980, aos 87 anos.

34º PRESIDENTE: 1932-1933

Helio Begliomini¹

ZEPHERINO DO AMARAL



1885-1962

Zepherino Alves do Amaral, mais conhecido por Zepherino do Amaral, nasceu em Atibaia (SP), em 30 de novembro de 1885. Era filho de Claudino Alves do Amaral e de Maria Jacintha da Silveira, cujo nome de casada mudou-se para Maria Alves do Amaral.

Iniciou seu curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia e o completou na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, graduando-se em 1908.

Logo após a sua formatura, viajou para Paris e Alemanha, a fim de aprimorar-se em cirurgia, permanecendo na Europa por mais de um ano, época em que tomou contato com os trabalhos de Bier. Regressando ao Brasil, iniciou sua atividade profissional em Bragança Paulista (SP) e em Atibaia, vindo, após um ano, radicar-se na capital paulista.

Esposou Evelina Vairo, sua prima, e tiveram cinco filhos: Claudino, Walter, Vera, Célia e Lia.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto e parte dos dados consignados foram obtidos no Museu Municipal João Batista Conti, de Atibaia.

Começou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, instituição a que dedicou longos anos de sua profissão. Aí se tornou assistente de Arnaldo Vieira de Carvalho², fundador da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSF); chefe da 2ª Cirurgia de Homens; 1º assistente da cadeira de clínica cirúrgica (1916), tendo como catedrático Antônio Cândido de Camargo³; professor substituto de obstetrícia; e professor substituto de cirurgia da FMCSF.

Zepherino Amaral ficou célebre por ter sido o introdutor da anestesia regional intravenosa no Brasil. Era irmão de Tarsila do Amaral, famosa pintora paulista.

Foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ter sido seu presidente num mandato anual entre 1932-1933.

Teve também atuação política, sendo deputado pelo partido republicano na 14ª Legislatura (1928-1930) da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde atuou na Comissão de Agricultura, Colonização, Minas e Terras Devolutas.

Zepherino do Amaral prestou grandes serviços à população de Atibaia. Em 1945 comprou um prédio na Praça Miguel Vairo e doou para a instalação de um abrigo de menores, instituição que recebeu o nome de sua mãe, Mariquinha Alves do Amaral. Outrossim, em 1952, financiou totalmente a construção e a instalação do primeiro posto de puericultura de Atibaia – que recebeu o nome de seu pai, Claudino Alves –, quando era prefeito Walter Engrácia de Oliveira.

Admirador das artes, construiu uma capela em sua fazenda, no bairro do Tanque, com projeto, peças e afrescos do seu amigo Victor Brecheret, obra essa tombada pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Atibaia.

Zepherino Alves do Amaral foi um grande cirurgião paulista da primeira metade do século XX e cidadão benemerente. Faleceu em 13 de novembro de 1962, duas semanas antes de completar 77 anos. Seu nome é honrado numa rua no centro de Atibaia, e no bairro de Vila Rosa, na capital paulista.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

³. Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, num mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse silogeu.

35º PRESIDENTE: 1933-1934

Patrono da Cadeira nº 127

Admissão: 16/6/1928

Helio Begliomini¹

ANTÔNIO CARLOS PACHECO E SILVA



1898-1988

Antônio Carlos Pacheco e Silva nasceu na cidade de São Paulo, aos 29 de maio de 1898. Era filho do coronel Pêrsio Pacheco e Silva e de Escolástica de Lacerda Pacheco e Silva. Foi casado em primeiras núpcias com Lavínia Souza Queiroz Pacheco e Silva e, em seguida, com Dirce Rudge Pacheco e Silva.

Realizou os seus estudos primários na Escola Americana e cursou, a seguir, o Ginásio Nogueira da Gama e o Mackenzie College. Diplomou-se, em 1920, na cidade do Rio de Janeiro, pela Faculdade Nacional de Medicina, e, logo após, fez vários cursos de aperfeiçoamento em neurologia e psiquiatria em várias clínicas europeias.

Assim, empreendeu viagem à Europa, matriculando-se na Faculdade de Medicina de Paris. Frequentou a Clínica Charcot, na Salpêtrière – Serviço do professor Pierre Marie, onde se tornou assistente voluntário, em 1921. Acompanhou também as consultas do professor Babinsky e seguiu os cursos dos professores Dumas, Dupré, Sicard, Pierre Janet e Claude.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Retornando a São Paulo, em maio de 1921, foi nomeado médico anatomopatologista do Hospital do Juqueri, do qual, antes mesmo de haver completado 25 anos, se tornou diretor, em março de 1923, por indicação do professor Franco da Rocha, que acabava de deixar a direção daquele estabelecimento por ter se aposentado.

Franco da Rocha, em carta endereçada a Antônio Carlos, já traçava um esboço de sua têmpera e capacidade: *“procu- rei um homem moço, correto, de moral irrepreensível e grande estudioso, cientista por temperamento e capaz de se sacrifi- car por amor à ciência. É você quem vai tomar aos ombros esta pesada tarefa, que aos outros, menos conscientes, parecerá coisa simples e lucrativa. Aceite você esta carga em benefício do Estado, pelo qual nós todos devemos nos sacrificar”*.

A previsão se realizou. Concluiu o novo pavilhão para mulheres, aparelhou o laboratório de biologia e anatomia patológica. Iniciou a publicação das “Memórias do Hospital Juqueri” e instalou a seção de radiologia. Criou, em 1930, a Assistência Geral dos Psicopatas do Estado de São Paulo, à qual se subordinavam o departamento de psicopatologia da faculdade de medicina, a clínica psiquiátrica e o ambulatório de higiene mental, sendo o seu primeiro diretor. Em 1933, inaugurou o manicômio judiciário, deixando esse cargo em 1938, por imposição constitucional, para optar pela cátedra da faculdade de medicina.

Amigo dos estudantes, foi paraninfo da turma de 1938. Impregnado da cultura gaulesa, desde cedo em Paris, recebeu o influxo desse maravilhoso país, glória da latinidade.

Em 1926, comissionado pelo governo do estado de São Paulo, percorreu os Estados Unidos da América e vários países da Europa, com a finalidade de estudar a organização dos diversos departamentos de assistência aos alienados e menores anormais, penitenciárias e manicômios judiciários.

Reunidos em relatório os resultados dessa viagem, o trabalho recebeu um voto de louvor da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental.

Pacheco e Silva realizou várias pesquisas sobre moléstias do sistema nervoso, tendo seus trabalhos largamente sido citados em revistas e tratados da especialidade.

Em 1932 foi convidado pela diretoria da faculdade de direito para reger, por contrato, a cadeira de psiquiatria clínica e forense do curso de doutorado, cargo que exerceu nos anos de 1932 e 1933.

Em 1935, em virtude da reforma do ensino médico, a então denominada cadeira de clínica psiquiátrica e neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) foi desdobrada em duas: a de clínica neurológica, ocupada, após concurso, pelo professor Enjolras Vampré², e a de clínica psiquiátrica. Esta, de início, foi regida, mediante contrato, por Pacheco e Silva, o qual, em março de 1936, após memorável concurso, conquistou a cátedra de clínica psiquiátrica da USP, ocupando-a até 1967.

Foi também catedrático de clínica psiquiátrica e fundador da Escola Paulista de Medicina.

A ideia da fundação de uma nova escola de medicina em São Paulo surgiu em 1933, diante da necessidade de se ampliar o ensino médico. E São Paulo, generoso, ouviu os clamores do grupo de idealistas que transformaram em realidade estas justas aspirações. Dentro desse grupo, dois tinham seus consultórios médicos no mesmo prédio – o Prédio Glória –, na Praça Ramos de Azevedo. Eram eles, Octávio de Carvalho³ e Antônio Carlos Pacheco e Silva. E ali naqueles consultórios nasceu a semente que iria frutificar, e a união dos demais idealistas permitiu que, a 15 de julho de 1933, à Rua Oscar Porto, fosse proferida a aula inaugural que marcava das atividades da Escola Paulista de Medicina. Proferiu-a Antônio Carlos Pacheco e Silva. Disse ele na ocasião: *“Não seria sincero se procurasse esconder a convicção em que estou de que esta solenidade se reveste de excepcional relevo, como marco inicial que é de uma série indefinida de lições, que irão anos afora, através de gerações, honrando a cultura e as tradições da medicina paulista. Eu creio firmemente no êxito deste empreendimento, porque ele nasce em São Paulo, esta amada terra nossa, onde tudo cresce, vive e prospera”*.

E aí está, para comprovar suas proféticas palavras, a pujança conquistada pela Escola Paulista de Medicina.

Desde 1933 até 1960, Pacheco e Silva exerceu o cargo de professor catedrático de psiquiatria na Escola Paulista de Medicina, tendo passado por suas mãos centenas de jovens que se tornaram médicos, alguns dos quais seguiram a mesma especialidade e são hoje profissionais de renome, que honram quem os preparou.

². Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

³. Octávio de Carvalho é o patrono da cadeira nº 2 da Academia de Medicina de São Paulo.

Homem dotado de energia fora do comum, suas atividades não cessaram quando deixou a cátedra em mãos mais jovens. Pelo contrário, Pacheco e Silva continuava em plena atividade, elevando cada vez mais o prestígio da psiquiatria brasileira com sua participação pessoal, inteiramente às próprias expensas, participando ativamente de quase todos os congressos, simpósios e reuniões nacionais e internacionais que se realizaram, tendo a mais destacada atuação em todos eles.

As dificuldades de se manter a Escola Paulista de Medicina foram, com o correr dos anos, se agravando. Chegou-se a uma época em que a Escola não poderia ser mantida sem regular auxílio oficial.

A ideia da federalização da Escola dividiu a opinião dos catedráticos. Pacheco e Silva foi, desde logo, decisivamente favorável a ela, e, a seu pedido, no dia 7 de dezembro de 1950, na Câmara dos Deputados foi apresentado o projeto número 1.024/1950, de autoria do deputado federal Luiz Toledo Piza Sobrinho, cuja justificação contou também com a assinatura do deputado federal Aureliano Leite, pelo qual, se transformando em lei, a Escola Paulista de Medicina seria federalizada.

A falta de unanimidade dos catedráticos em torno da federalização, aliada a outros fatores de natureza diversa, fizeram que os anos se passassem sem que o projeto 1.024/1950 fosse convertido em lei.

Em 1955, a situação havia se agravado muito. Achava-se na direção da Escola, nessa fase crucial de sua existência, José Maria de Freitas, a quem foi confiada a incumbência de prosseguir nos trabalhos que visavam a federalização. O então diretor da Escola, amparada pela colaboração dos professores, entre os quais Otto Bier⁴ e Pacheco e Silva, conseguiu levar a bom termo a incumbência recebida. A Escola Paulista de Medicina foi federalizada, sem quebra de seus princípios, sem alienação dos propósitos de seus fundadores, respeitados todos os direitos do corpo docente, discente e dos funcionários, em plano elevado que muito honrou a todos os que se empenharam na sua consecução.

Tomando parte ativa em todos esses momentos de lutas e vitórias, Pacheco e Silva foi convidado para proferir o discurso de 4 de maio de 1957, de comemoração da federalização. Disse na ocasião: *“Estamos hoje aqui reunidos, em cordial convívio, para comemorar festivamente a concretização de uma velha aspiração da maioria dos professores da Escola Paulista de Medicina, que almejavam vê-la federalizada, capacitados dessa necessidade imperiosa, para que pudesse ela prosseguir, sem impasses ou tropeços, na realização dos propósitos que levaram os seus fundadores, ao lado de Octávio de Carvalho, do pranteado Lemos Torres, de Álvaro Guimarães Filho⁵, de Jairo Ramos⁶ e de José Maria de Freitas, todos, sem exceção, prestaram a ela inoxidáveis serviços e se tornaram credores de nosso maior reconhecimento”*.

Além desses, Pacheco e Silva ocupou outros destacados cargos militares, científicos e políticos. Foi soldado da epopeia constitucionalista de 1932, deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1934 e deputado à Assembleia Constituinte e Legislativa de São Paulo, em 1935, cabendo-lhe a honra de apor sua assinatura na Constituição Federal de 16 de julho de 1934 e na Constituição Estadual de 9 de julho de 1935.

Foi presidente da *World Federation for Mental Health*, presidente do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo, professor da cadeira de serviços sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, deputado à Assembleia Estadual do Estado de São Paulo, membro do Conselho de Peritos em Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (ONU), membro da Academia Paulista de Letras (cadeira número 34), presidente da Aliança Francesa (São Paulo), presidente-fundador da União Cultural Brasil-Estados Unidos (São Paulo), presidente do comitê France-Amérique (São Paulo), presidente da Associação Psiquiátrica Brasileira, presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1933-1934), presidente do departamento de psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, presidente do departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, presidente no centro Cultural Brasil-Suécia, presidente do “Idort”, presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo (1951-1952), presidente da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (1974-1976), presidente do “Fórum Roberto Simonsen”, da Federação das Indústrias de São Paulo, vice-presidente da fundação Moinho Santista,

⁴. Otto Guilherme Bier é o patrono da cadeira nº 104 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Álvaro Guimarães Filho é o patrono da cadeira nº 61 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

diretor do Hospital do Juqueri, membro do conselho técnico de economia, sociologia e política da Federação do Comércio, presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina de São Paulo, presidente da comissão de relações públicas do Hospital das Clínicas, presidente do conselho científico da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego, membro do conselho de administração do Hospital das Clínicas, membro do conselho executivo da Assistência Mundial de Psiquiatria, membro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, membro da Associação Paulista de Medicina, presidente do “Genepsi” – Centro de Neuropsicocirurgia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Representou o Brasil em diversos congressos de psiquiatria, neurologia, higiene mental, criminologia e histopatologia, realizados na Argentina, México, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Suíça, tendo sido presidente, vice-presidente e relator oficial em vários desses eventos.

Duílio Crispim Farina⁷ define Pacheco e Silva como *“humanista, acadêmico, escritor, cultor do vernáculo, sempre haurido em límpidas fontes dos mestres clássicos; embaixador permanente da ciência e da cultura e homem de erudição polimorfa e polifacetada. O lar familiar, as tradições de sua gente, a roda de seres afins, a cultura gaulesa, sua alma generosa e altaneira, depreendida e exuberante de civismo fizeram-se desde a mocidade um verdadeiro democrata. Esta é a feição inconfundível de sua personalidade”*.

Entre suas condecorações merecem ser assinaladas: Ordem Nacional do Mérito (Grande Oficial), Ordem do Mérito Médico (Grã-Cruz), Ordem do Mérito Militar (Comendador), Legião de Honra da França (Oficial), medalha Mérito Tamandaré, medalha Ordem Nacional do Mérito Educativo, Ordem da Saúde Pública da França (Comendador) e a medalha *Ordre Nationale du Mérite* – França (Comendador), medalha MMDC, medalha Nina Rodrigues, medalha da Constituição (São Paulo), medalha Merecimento União Cultural Brasil-Estados Unidos, medalha de Prata da Cidade de Paris, medalha “Visitante Distinguido” do México e medalha da Sociedade dos Dinamarqueses amigos do Brasil.

Antônio Carlos Pacheco e Silva permaneceu sempre em grande atividade, procurando elevar cada vez mais o nome da psiquiatria brasileira, participando de congressos nacionais e internacionais.

Foi membro de várias sociedades nacionais e estrangeiras. Publicou os seguintes livros: **Direito a Saúde**, prefácio de Miguel Couto (1934); **O Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo** (1935); **Problemas de Higiene Mental** (1936); **Serviços Sociais** (1937); **Misticismo e Loucura** (1939); **Curso de Aperfeiçoamento de Psiquiatria de Guerra** (1943); **A Assistência a Psicopatas no Estado de São Paulo** (1945); **A Psiquiatria e a Vida Moderna** (1948); **Medicina Psicossomática em Ginecologia** (1950); **Psiquiatria Clínica e Forense**, obra premiada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2ª edição, 1951); **Psiquiatria Infantil** – conferências (1952); **Serviços Medicossociais na Suécia** (1953); **Um Brasileiro na Dinamarca** (1957); **Armando de Salles Oliveira**, biografia do estruturador e construtor da Universidade de São Paulo (2ª edição, 1966); **Compêndio da Medicina Psicossomática** (2ª edição, 1976); **Aspectos da Psiquiatria Social; Cuidados aos Psicopatas; Neurosífilis; Palavras de Psiquiatria; Assistência aos Psicopatas nos Estados Unidos e na Europa; Ações Psicológicas na Guerra Moderna; Desajustes Psicossociais; Crises Convulsivas e Equivalentes; e Envelhecer sem Esmorecer**.

Publicou cerca de 1.200 trabalhos (artigos, conferências, monografias etc.) de caráter científico e cultural, em várias revistas estrangeiras e nacionais, sempre demonstrando uma linguagem apurada e uma beleza ímpar de estilo.

Conquistou o Prêmio do Concurso Monografia sobre o tema “A Violência e a Segurança Nacional”, promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Adesg, em 1980. Recebeu os prêmios “Sérgio Meira”, “Casa de Arnaldo” e “Oscar Freire”.

Participou ativamente da revolução de 1932. Foi um dos fundadores do M.M.D.C. e membro do Estado Maior dessa organização, durante todo o movimento revolucionário. A sigla evoca Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, mártir e glória da trincheira que não se rendeu.

Fez parte da comissão encarregada de angariar fundos para a construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932.

7. Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

Dentre tantas atividades relevantes, cumpre salientar o grande esforço empreendido por Pacheco e Silva para transferir a cadeira de clínica psiquiátrica para o *campus* do Hospital das Clínicas. Esta era, desde 1915, lecionada em parte no Hospital do Juqueri, em parte no antigo Recolhimento das Perdizes, e também no laboratório anatomopatológico da Santa Casa. A partir de 1936, passou a funcionar no antigo casarão do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo, à Av. Brigadeiro Luís Antônio.

Para obter isso, atuou juntamente com o professor Benedicto Montenegro⁸ (então diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) e o professor Jorge Americano (então reitor da Universidade de São Paulo), conseguindo do governo do estado (gestão do doutor Fernando Costa), através do decreto-lei número 14.456 de 11/1/1945, que fosse construído o atual Instituto de Psiquiatria.

Concluído o edifício em abril de 1952, deu-se a inauguração do ambulatório, e, em outubro de 1953, iniciaram-se as atividades da primeira enfermaria do instituto.

A construção de uma clínica universitária psiquiátrica no campus do Hospital das Clínicas representou para São Paulo um acontecimento de excepcional relevo, imprimindo novos rumos à assistência, ao ensino e à pesquisa.

Atendimentos ambulatoriais e nas enfermarias, utilização de valioso material para as aulas práticas, estudos minuciosos de casos enriquecidos com a disponibilidade de preciosos recursos subsidiários criaram, desde logo, condições objetivas para realização de pesquisas e publicação de trabalhos, monografias e teses que foram aparecendo naturalmente nos anos que se seguiram.

Além de construir o prédio da clínica psiquiátrica, imprimir orientação técnico-científica e iniciar a composição do quadro de valores humanos do Instituto, Pacheco e Silva estruturou a residência médica e, ao aposentar-se, deixou a primitiva cátedra de psiquiatria desdobrada em três disciplinas: psicologia médica, medicina psicossomática e psiquiatria clínica, lecionadas, sucessivamente, nas três últimas séries do curso médico.

Antônio Carlos Pacheco e Silva, professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, faleceu em sua terra natal, aos 89 anos de idade, no dia 27 de maio de 1988. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 127 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

36º PRESIDENTE: 1936-1937

Patrono da Cadeira nº 126

Helio Begliomini¹

MARIO OTTONI DE REZENDE



1883-1969

Mario Ottoni de Rezende nasceu em Leopoldina (MG), no dia 1º de julho de 1883. Fez o curso primário com os jesuítas no Colégio São Luiz, na cidade de Itu (SP), e o curso secundário no Colégio Nogueira da Gama, na cidade de Jacareí (SP).

Partiu para o Rio de Janeiro, onde se graduou pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, versando sua tese sobre **Balneoterapia nas Infecções Agudas**.

Iniciou sua vida profissional em Sales de Oliveira, município perto de Ribeirão Preto (SP), onde permaneceu durante cinco anos. Em 1910 realizou sua primeira viagem à Europa, aprimorando-se em cirurgia e urologia.

Em 1912 resolveu radicar-se na cidade de São Paulo, onde trabalhou como médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ao lado de Benedicto Montenegro², Sergio Meira Filho³ e Francisco Salles Gomes Júnior.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

³. Sergio de Paiva Meira Filho é o patrono da cadeira nº 111 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1916 decidiu se dedicar à otorrinolaringologia, passando a trabalhar com o professor Henrique Lindenberg, aprendendo com ele os fundamentos da especialidade. Em 1921 realizou nova viagem à Europa, agora, para se aperfeiçoar nessa especialidade, tornando-se um renomado profissional. Assim, esteve no Hospital Charité com Seiffert, primeiro assistente do afamado professor Killian, que tinha há pouco tempo falecido. Frequentou ainda cursos com os professores Passow, Beyer e Brühl, aprimorando seus conhecimentos otológicos. Com o professor Weingartner aprendeu a manejar o broncoscópio de Brünnings para intervenções na árvore respiratória e digestiva e, por fim, esteve com Halle, renomado rinologista, com quem aprendeu sua técnica de abordagens endonasais.

Após produtivo estágio em Berlim, seguiu para Viena, onde conheceu os grandes mestres da otologia. Aí frequentou a célebre clínica do professor Neumann.

Em 1922 voltou a São Paulo, retornando ao Serviço de Otorrinolaringologia chefiado pelo professor Lindenberg. Henrique Lindenberg, primeiro chefe do Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1913-1928), foi substituído pelo professor Schmidt Sarmiento⁴ (1928-1933), e, com sua morte, assumiu a chefia Mario Ottoni de Rezende (1933-1955), que formou numerosos discípulos. Possuía uma das mais ricas bibliotecas da especialidade.

Ottoni de Rezende com Homero Cordeiro fundaram, em 1933, a Revista de Oto-Laringologia de São Paulo, que futuramente viria a ser chamada Revista Brasileira de Otorrinolaringologia. Era seu editor e redator responsável. Inúmeros foram os trabalhos de sua autoria.

Em 1922 publicou o livro **Fisiopatologia do Aparelho Vestibular**, no qual expôs de modo compreensível os estudos e experiências de Barany sobre o nistagmo e canais semicirculares, temas candentes à época.

Mario Ottoni de Rezende teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1936-1937, sendo também honrado com a patronímica da cadeira nº 126 desse sodalício.

Em 5 de janeiro de 1946 pediu demissão da chefia do ambulatório de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, alegando que essa função *“deveria ter caráter rotativo para que os jovens pudessem mostrar suas qualidades de dirigentes e inculcar nos serviços o espírito moço e sadio, necessário ao progresso da ciência médica”*. Apesar de sua convincente argumentação, seu pedido não fora aceito na época. Finalmente, em 21 de março de 1953, contando com quase 70 anos, apresentou seu segundo pedido de demissão, sendo dessa vez aceito. Foi sucedido pelo professor J. Eugênio Rezende Barbosa (1955-1969).

No dizer de José Soares Hungria Filho, Mário Ottoni de Rezende *“foi um grande professor sem cátedra, de elevada estatura moral e científica; franco e sincero, ensinando com prazer, mas exigindo frequência e pontualidade dos seus auxiliares no horário”*.

Na efeméride de seu 70º aniversário, seus colegas e amigos prestaram-lhe significativas homenagens na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Sílvio Marone sintetizou a ténpera de Ottoni de Rezende, grande vulto da otorrinolaringologia brasileira, em duas palavras: *“estudo e trabalho”*, virtudes que garantiram seu êxito.

Da mesma forma, por ocasião de seu 70º aniversário, a Revista Brasileira de Otorrinolaringologia (janeiro-fevereiro, 1954) dedicou-lhe um número especial, uma justa e merecida homenagem pela sua brilhante atuação no domínio da especialidade desde 1916.

José Soares Hungria Filho, uma vez mais, disse de Mário Ottoni de Rezende: *“Ele foi um homem de grande envergadura moral, de infatigável capacidade de trabalho e de lúcida inteligência, procurando sempre, através de seus ensinamentos e rígida linha de conduta, dar aos que dele se cercavam alta consciência profissional e moral”*.

Mário Ottoni de Rezende faleceu na cidade de São Paulo em 1969. O Centro de Estudos de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo leva seu nome, assim como uma rua no bairro de Capivari, do município de Campos do Jordão (SP).

⁴. Adolpho Schmidt Sarmiento foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1929-1930, e é o patrono da cadeira nº 89 desse sodalício.

37º PRESIDENTE: 1937-1938

Patrono da Cadeira nº 10

Data de admissão: 19/12/1925

Djalma Camargo Outeiro Pinto¹

FLAMÍNIO FÁVERO



1895-1982

Flamínio Fávero formou-se em 1919, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que veio a se constituir numa das unidades da Universidade de São Paulo (USP).

¹. Titular e emérito da cadeira nº 10 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Flamínio Fávero.

Nótulas:

1. As informações aditadas abaixo foram consignadas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.
2. Flamínio Fávero nasceu na cidade de São Paulo em 1895 e faleceu em 1982. Foi o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo. Presidiu também o Sindicato dos Médicos de São Paulo; Conselho Penitenciário do Estado; Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo; Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Sociedade Paulista da História da Medicina; e a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo (1937-1938).
3. Flamínio Fávero destacou-se como escritor e conferencista; enriqueceu as letras médicas com magníficas obras e, dentre elas, o **Tratado de Medicina Legal**, adotado por muitas décadas como referência. Essa obra foi editada várias vezes, chegando a ter três volumes (1938; 1945; 1958; 1962; 1966; 1975; 1980 e 1991). São também de sua autoria: **A Questão Sexual** (conferência - 1930); **Código Penal Brasileiro - Crimes Contra a Saúde Pública** (1950) e **Código Penal Comentado** (1950).

Foi discípulo do professor Oscar Freire de Carvalho, catedrático de medicina legal. A convite desse mestre tornou-se, logo após a sua formatura, assistente da cátedra. Após o falecimento do professor Oscar Freire, tornou-se professor catedrático titular, por concurso, em 1923.

Flamínio Fávero foi diretor da Faculdade de Medicina da USP, tendo sido também professor de medicina legal da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Dedicou toda a sua vida ao desenvolvimento da medicina legal, da deontologia médica e da medicina do trabalho.

Foi o idealizador do Conselho de Medicina, sendo o seu primeiro diretor na gestão de 1955 até 1958, e reeleito para a gestão seguinte (1958 -1964). Sua inscrição no Conselho Regional de Medicina de São Paulo é a de número 001.

De formação religiosa, foi pastor presbiteriano. Devotado ao ensino, orientou mais de 160 teses de doutoramento.

Personalidade vibrante e forte, embora pessoa serena, ponderada e sábia, nela têm-se espelhado gerações de discípulos e assistentes que o vêm sucedendo através dos anos, mantendo sua obra no ensino da medicina legal e ética médica, e no exercício da cátedra que ele tanto enobreceu.

Foi homenageado pelo povo paulistano, representado pela Câmara Municipal e Prefeitura Municipal de São Paulo, numa das ruas da capital que recebeu seu nome: "Rua Professor Flamínio Fávero".

A cadeira número 10 da Academia de Medicina de São Paulo foi enaltecida e ganhou novo fulgor ao ser patroneada com o nome do insigne mestre.

38º PRESIDENTE: 1939-1940

Patrono da Cadeira nº 75

Admissão: 1/2/1929

Nelson Roque Paladino¹

JAIRO RAMOS



1900-1972

Jairo de Almeida Ramos nasceu no ano de 1900². Formou-se na sexta turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1923.

Manteve-se ligado à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na época em que as disciplinas de clínica, cirurgia e especialidades da Faculdade de Medicina se utilizavam das dependências e enfermarias desse tradicional hospital.

Formado, Jairo Ramos permaneceu no desempenho da clínica médica, frequentando a enfermaria do professor Rubião Meira³, do qual se tornou assistente. Manteve-se aí em atividade constante até que a Santa Casa inaugurou o Hospital São Luiz Gonzaga, em Jaçanã, especializado em doenças pulmonares, onde atuou juntamente com outros

¹. Titular e emérito da cadeira nº 75 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Jairo de Almeida Ramos.

Nota: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Jairo de Almeida Ramos nasceu na cidade de Valença (RJ) e era filho de Atila de Almeida Ramos e de Evangelina Siqueira Ramos.

³. Domingos Rubião Alves Meira presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

profissionais, tais como Alípio Corrêa Netto⁴, Eduardo Etzel e Euryclides de Jesus Zerbini⁵. Tornou-se médico adjunto da Santa Casa e participante das atividades desse hospital, tendo sido posteriormente seu diretor clínico.

Exercia atividade profissional em seu consultório e integrou-se como médico auxiliar no Instituto de Higiene de São Paulo.

Jairo Ramos ingressou na Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo em 1929, entidade que presidiu entre 1939-1940.

Em 1931, já como assistente de clínica médica da Faculdade de Medicina, nas dependências da recém-inaugurada Associação Paulista de Medicina e sob o patrocínio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz⁶ (Caoc), realizou um curso de eletrocardiografia clínica em dez aulas, que, em 1935, transformou-se em livro editado pela Cia. Ed. Nacional.

Em maio de 1931 assinou, com cerca de outros 500 participantes, um manifesto a respeito da situação política em São Paulo. Em seguida tornou-se livre-docente de clínica médica da Faculdade de Medicina.

Em 1933 ocorreram em São Paulo várias reuniões de médicos, das quais Jairo Ramos sempre participou, face aos problemas que se tornaram frequentes não só entre os médicos, como entre aqueles que pretendiam ingressar no curso médico – o número de vagas limitadas e a impossibilidade de médicos que desejavam ingressar no ensino médico.

Jairo Ramos e outros médicos assistentes ou integrantes das várias disciplinas da Faculdade de Medicina resolveram pela criação de uma segunda Escola Médica em São Paulo, que recebeu o nome de Escola Paulista de Medicina (EPM), de acordo com o Manifesto publicado na imprensa em 6 de junho de 1933.

Dessa época até 1965, Jairo Ramos ocupou inúmeros cargos administrativos na EPM, tendo sido o quarto diretor, de 1952 a 1954. Foi professor de propedêutica médica de 1933 a 1965, ocasião em que recebeu o título de professor emérito. Criou, em 1951, o Departamento de Clínica Médica, que modificou o ensino e a prática médica para aqueles que já a integravam ou para os que se formavam.

Com todas essas atividades, em 1930, através da ideia do dr. Alberto Nupieri⁷ e por proposta da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, fundou-se uma Associação Médica: a Associação Paulista de Medicina. Nessa entidade associativa Jairo Ramos também participou ativamente, tendo sido presidente de 1945 a 1952 e de 1955 a 1956.

Em sua gestão, o dr. Fernando Costa, interventor em São Paulo, através de pedido de seu médico particular, dr. Oscar Monteiro de Barros, doou um terreno na Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Mediante doações particulares de seus associados e empréstimo bancário, foi possível construir o prédio que é, hoje, a sua sede própria, inaugurada em 1950.

Em 1948 Jairo Ramos foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Cardiologia, sendo seu presidente de 1955 a 1956. Foi também editor fundador dos Arquivos Brasileiros de Cardiologia, de 1948 a 1953. Em 1951 participou da criação da Associação Médica Brasileira e da Revista Brasileira de Medicina e, em 1956, do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Foi também sócio fundador da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Em 1957 lançou o livro de **Atualização Terapêutica**, com os professores Felício Cintra do Prado⁸ e José Ribeiro do Valle, que já atingiu 198 edições.

Pode-se concluir, pelas suas características constantes e jamais modificáveis, que o professor Jairo de Almeida Ramos era ríspido, enérgico, autoritário e disciplinador. Faleceu em 1972.

⁴. Alípio Corrêa Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

⁵. Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Alberto Nupieri é o patrono da cadeira nº 72 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. Felício Cintra do Prado presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1953-1954, e é o patrono da cadeira nº 41 desse sodalício.

39º PRESIDENTE: 1940-1941

Admissão: 2/5/1919

Helio Begliomini¹

RAUL VIEIRA DE CARVALHO



Raul Vieira de Carvalho era filho de Arnaldo Vieira de Carvalho² e de Constança Vieira de Carvalho, cujo nome de solteira era Constança de Melo e Oliveira. Teve quatro irmãos: Carlos, Arnaldo, Alice e Marina³ (Figuras 2 e 3).

Arnaldo Vieira de Carvalho, seu pai, foi o fundador da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1912, e um dos próceres da cirurgia paulistana de sua época, além de chefe de serviço na Santa Casa Misericórdia de São Paulo.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial e parte dos dados aqui consignados foram gentilmente fornecidas pelo sr. Maurílio José Ribeiro, da Secção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

². Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

³. Marina Vieira de Carvalho Mesquita casou-se com Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal O Estado de S. Paulo; Alice Vieira de Carvalho Mesquita casou-se com Francisco Mesquita, diretor do jornal O Estado de S. Paulo; Carlos Vieira de Carvalho casou-se com Judith Mesquita Vieira de Carvalho.

Inspirando-se na carreira de seu pai, Raul resolveu segui-lo na profissão. Iniciou o curso médico na Faculdade de Medicina de Genebra, na Suíça, antes da I Guerra Mundial, concluindo-o no Brasil (Figura 4).

Orientou seus pendores e atividades junto de seu pai e mestre, prestando serviços constantes na 1ª Clínica Cirúrgica de Mulheres da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (Figura 5). Teve dedicação redobrada com a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Ao lado de José Ayres Netto⁴ e de João Egydio de Carvalho, tomou parte ativa e intensa no serviço cirúrgico.



Arnaldo com a esposa
Constança e os filhos
Carlos, Raul, Arnaldo,
Alice e Marina

Figura 2 – Arnaldo Vieira de Carvalho com a esposa Constança e os filhos: Carlos, Raul, Arnaldo, Alice e Marina⁵.



Figura 3 – Raul Vieira de Carvalho com farda⁶.

⁴. José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

⁵. Foto extraída do livro “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas em São Paulo (1988-1938)”, de autoria de André Mota e Maria Gabriela S. M. C. Marinho. CD.G Casa de Soluções e Editora – São Paulo, 2009, 132 páginas.

⁶. Foto gentilmente fornecida pelo Museu Histórico “Professor Carlos da Silva Lacaz”, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).



Figura 4 – Estudantes brasileiros em Genebra, reunidos para festejar os candidatos civis. Da esquerda para a direita, sentados: Américo de Barros, J. Ferreira, Raul Vieira de Carvalho, Júlio Mesquita Filho e Godinho Cintra. Em pé: Adriano de Barros e José Bonifácio Pereira⁷.



Figura 5 – No portão do Hospital Umberto I, em 1904. Ao centro, Arnaldo Vieira de Carvalho, ladeado, da esquerda para a direita, por Ayres Netto e Felice Buscaglia⁸; e, à direita, pelo seu filho Raul Vieira de Carvalho.

Ainda em plena I Guerra Mundial, em 1918, Raul Vieira de Carvalho tomou parte da Missão Médica Brasileira enviada à França, que tinha como meta prestar assistência aos combatentes aliados. Houve uma sessão solene na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo para homenagear os representantes paulistas dessa missão, que

⁷. Foto do jornal O Estado de S. Paulo – edição de 21 de fevereiro de 1912 (quarta-feira), página 3, coluna 7.

⁸. Felice Buscaglia foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

contou também com Benedicto Montenegro⁹, Raphael Penteado de Barros¹⁰, Adolpho Corrêa Dias Filho, Christiano de Souza, Baeta Neves, além dos adidos João Monlevade e Arsênio Galvão Filho. Receberam reconhecida distinção por parte do governo francês.

Dotado de qualidades naturais, Raul Vieira de Carvalho tornou-se um hábil e renomado cirurgião. Publicou numerosos trabalhos científicos em revistas médicas nacionais e do exterior. Permaneceu na 1ª Clínica Cirúrgica de Mulheres da Santa Casa até 1934, então sob a direção de José Ayres Netto. Nessa ocasião, devido ao seu valor e dedicação a esse nosocômio, foi convidado pela mesa diretora para dirigir a 1ª Clínica Cirúrgica de Homens da Santa Casa, levando apreciável experiência.

O que muito cativou seus novos assistentes foi o fato de não ter trazido nenhum dos médicos para o novo serviço, convidando todos aqueles que lá já se encontravam como seus colaboradores. Ademais, era fidalgo e cortês no trato com seus semelhantes, virtudes que o tornaram muito estimado pelos seus assistentes.

Proporcionou à 1ª Clínica Cirúrgica de Homens da Santa Casa um desenvolvimento apreciável, estimulando atividades científicas e de ensino, que fizeram com que vários de seus assistentes realizassem concursos de docência na Faculdade de Medicina de São Paulo.

Raul Vieira de Carvalho era proprietário do sítio Mandaqui. Contraiu núpcias com Alda Soares Viera de Carvalho e teve três filhos: Arnaldo Vieira de Carvalho, casado com Maria Emília Vieira de Carvalho; Eduardo Vieira de Carvalho, casado com Maria Cecília Pedreira Vieira de Carvalho; e João Vieira de Carvalho, casado com Yolanda Maria Vieira de Carvalho.

Paralelamente à sua atuação hospitalar, ingressou, em 2 de maio de 1919, como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Tornou-se, 21 anos após, o 39º presidente desse sodalício, exercendo seu mandato anual entre 1940-1941, e nele permanecendo por 37 anos!

Raul Vieira de Carvalho foi um dos mais representativos elementos da classe médica de sua época. Manteve a elevada tradição cirúrgica de seu saudoso pai. Serviu à 1ª Clínica Cirúrgica de Homens da Santa Casa com constância e zelo, deixando-a somente quando foi acometido por uma insidiosa doença. Embora afastado e não podendo mais trabalhar, visitava-a constantemente e, sentindo que não mais podia continuar a missão que lhe fora confiada, teve mais uma atitude de nobreza: solicitou a sua exoneração voluntária do serviço. Foi galardoado pela Santa Casa com o raro título de “cirurgião emérito”.

Em todo o transcurso de sua doença foi portador de grande estoicismo e, durante longo tempo, alimentou esperanças de poder voltar às suas estimadas atividades cirúrgicas. Entretanto, vencido pela doença, faleceu em 27 de maio de 1956, cercado dos cuidados de sua família, amigos e colegas. Seu sepultamento ocorreu no dia seguinte, às 15 horas, no Cemitério da Consolação, quando se fizeram representar a Academia de Medicina de São Paulo, através do seu secretário Fortunato Gabriel Giannoni; o Instituto de Rádio da Santa Casa, através de Dario Carvalho Franco; e a Policlínica de São Paulo, através de Pedro Ayres Netto¹¹. Usaram a palavra José Ayres Netto, em nome da mesa da Irmandade da Santa Casa de São Paulo; Paulo Godoy Moreira, em nome do corpo clínico; Costa, na condição de diretor clínico da Santa Casa; e Sebastião Hermeto Júnior, em nome dos antigos assistentes e médicos da 1ª Clínica Cirúrgica de Homens, serviço do qual foi chefe.

Raul Vieira de Carvalho é honrado com uma rua no bairro do Mandaqui, na zona norte da capital paulista.

⁹. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

¹⁰. Rafael Penteado de Barros é o patrono da cadeira nº 49 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹¹. Pedro Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1948-1949.

40º PRESIDENTE: 1941-1942

Helio Begliomini¹

FRANKLIN DE MOURA CAMPOS



1896-1962

Franklin Augusto de Moura Campos, mais conhecido como Franklin de Moura Campos, nasceu na cidade de Tietê (SP) em 1896. Era filho de João de Moura Campos e de Luiza de Almeida Campos. Graduou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1919, sendo, logo em seguida, convidado para ser assistente da cadeira de fisiologia.

Tornou-se bolsista da Fundação Rockefeller de 1926 a 1928 e trabalhou no laboratório de fisiologia da Universidade de Harvard, ao lado de Walter B. Cannon, e na Universidade da Sorbone, juntamente com o casal Lapique.

Ao retornar ao Brasil, conquistou, por concurso, em 1929, a cátedra de fisiologia e química fisiológica na instituição de ensino onde havia se graduado apenas dez anos antes. Aí empreendeu intensas atividades didáticas e científicas.

Com a colaboração de seus assistentes Otávio de Paula Santos e José Dutra de Oliveira, reorganizou os cursos práticos da disciplina, adotando ensino formativo. Obteve doação de equipamentos da Fundação Rockefeller, e outros foram fabricados numa oficina por ele criada em seu laboratório, o que permitiu que os próprios alunos realizassem os experimentos, fato inovador à época. Sua generosidade fez com que tais equipamentos desenvolvidos em suas

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

instalações pudessem ser fabricados para várias escolas médicas do país, permitindo que outros alunos se beneficiassem dos conhecimentos práticos que eles podiam auferir.

Em seu laboratório foram realizados trabalhos sobre metabolismo basal, cronaxia, ações fisiológicas e farmacológicas de venenos de sapos, serpentes e vegetais, que originaram diversas teses de doutorado sob sua orientação.

Em 1933, com o trabalho de seu assistente José Dutra de Oliveira, intitulado “Ensaio sobre Avitaminoses”, seu laboratório iniciou uma intensa atividade sobre nutrição experimental, que se prolongou por 30 anos, tornando seu serviço no maior centro de pesquisas em nutrição da América Latina. Nesse campo de investigação foram estudados temas como digestibilidade de alimentos, valor biológico, teor proteico e lipídico; taxas de cálcio, potássio e ferro; influência da adubação; valor nutritivo de variedades do mesmo alimento; vitamina E em óleos; vitamina A e provitamina A em óleos e outros alimentos; teor de vitamina C em frutas e verduras; teor de vitamina B1 em diversos alimentos; valor nutritivo de peixes do Nordeste; estudos sobre carência proteica e carência de vitaminas A, D, B1 e E, dentre outros. Complementando as pesquisas que eram realizadas, promoveu diversos cursos e publicações.

A partir de 1950 seu laboratório começou a se interessar sobre os aspectos fisiológicos das carências alimentares, tendo como assuntos pesquisados a absorção e excreção de vitaminas e ação da colina no metabolismo proteico, dentre outros. Paralelamente, seus assistentes pesquisavam outros assuntos, como metabolismo basal em diversos grupos etários, endocrinologia experimental, hipertensão nefrogênica, ações fisiológicas e farmacológicas dos polipeptídeos e eletrofisiologia.

Franklin de Moura Campos era dotado de excepcionais qualidades morais, granjeando muitos amigos e admiradores, tanto dentro quanto fora do meio universitário. Foi para os seus colaboradores não somente um orientador, mas um amigo confidente, que os apoiava mesmo em problemas pessoais. Sabia adaptar-se às adversidades das personalidades de seus assistentes. Desse temperamento tornou excelente o ambiente da disciplina de fisiologia, onde a individualidade de cada um era respeitada.

Durante os 33 anos em que chefiou, em período integral, a disciplina de fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, deixou sempre abertas as portas do seu laboratório para todos aqueles que quisessem se iniciar nas atividades científicas. Nesse período foram publicados, pela disciplina, 497 trabalhos, e vários de seus assistentes tornaram-se professores catedráticos, tais como Jayme Cavalcanti, Demosthenes Orsini, Joaquim Ribeiro do Valle, Wilson Teixeira Beraldo e Luiz Uchoa Junqueira, além de ter formado diversos outros docentes.

Franklin de Moura Campos teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1941 e 1942. Em 10 de agosto de 1957 tornou-se, juntamente com outros expoentes das ciências básicas, membro fundador da Sociedade Brasileira de Fisiologia. Era membro honorário e sócio benemérito de diversas sociedades científicas e culturais.

Dentre as numerosas láureas que recebeu, algumas das quais da Academia Nacional de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Associação Paulista de Medicina, dentre outras renomadas entidades, destacam-se: prêmio Miguel Couto (1934 e 1936); prêmio Alvarenga (1940); prêmio Nacional de Alimentação (1947 e 1952); prêmio Diógenes Sampaio (1951 e 1952); e prêmio Nestlé (1953).

Casou-se com Vitalina Toledo de Moura Campos, de cujo matrimônio nasceram João Campos, casado com Maria Raphaela Campos; Sergio Campos, casado com Maria Tereza Campos; Luiza Augusto de Oliveira, casada com Jair de Oliveira; e Franklin Campos.

Franklin Augusto de Moura Campos era culto e muito dedicado ao trabalho; com invulgares qualidades de chefe, formou uma numerosa escola de pesquisadores e docentes. Apesar da longa enfermidade que o levou ao óbito, não deixou de lecionar e de participar de suas pesquisas.

Faleceu na cidade de São Paulo, no dia 4 de outubro de 1962, sendo sepultado no dia seguinte em sua cidade natal – Tietê, com grande afluxo de participantes.

Seu nome é honrado numa escola estadual na região central da cidade de Tietê e numa escola municipal, no bairro do Tucuruvi, da cidade de São Paulo.

41º PRESIDENTE: 1942-1943

Admissão: 4/1/1932

Helio Begliomini¹

JOSÉ AFONSO DE MESQUITA SAMPAIO



1900-1977

José Afonso de Mesquita Sampaio, mais conhecido por Afonso de Mesquita Sampaio, nasceu na cidade de São Paulo, em 19 de março de 1900. Era filho de Geraldo de Mesquita Sampaio e de Ismália de Souza Queiroz Sampaio. Teve família numerosa. Foram seus 10 irmãos: Marcelo, Eduardo, Geraldo, Maria, Antonia, Fernando, Luiz, Paulo, Oswaldo e Margarida de Mesquita Sampaio².

Fez seus estudos preliminares no Ginásio São Bento (1911) e na Escola Americana (1915). Ingressou na Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo em 1916, graduando-se farmacêutico em 1918.

Matriculou-se, em 1921, na Faculdade Nacional de Medicina, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no então Distrito Federal, diplomando-se em 1925.

José Afonso de Mesquita Sampaio dedicou-se à carreira universitária na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Foi professor assistente efetivo de clínica médica nas áreas de propedêutica, laboratório e

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial e parte das informações aqui consignadas foram obtidas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com a bibliotecária Maria Itália Causin – Livro “Quem é Quem no Brasil” – volume 4, páginas 734-736, 1955.

². O Estado de S. Paulo – edição de 19 de novembro de 1948, página 7, e O Estado de S. Paulo – edição de 18 de maio de 1978, página 27.

patologia médica, na cátedra regida pelo professor Antonio de Almeida Prado³ (1926-1946), galgando a condição de professor livre-docente dessa instituição de ensino. Lecionou na 15ª cadeira e trabalhou ao lado dos doutores Samuel Leite Ribeiro, Ariovaldo Caselli de Carvalho e do professor Otávio Augusto Rodvalho, que por um tempo exerceu a chefia interina.

José Afonso de Mesquita Sampaio foi fundador e redator da revista São Paulo Médico em 1928. Nesse mesmo ano tornou-se sócio fundador e membro da primeira diretoria do Sindicato Médico de São Paulo.

Em 1936 tornou-se colaborador efetivo da revista O Hospital, editada no Rio de Janeiro, e vice-presidente da Liga da Luta Contra a Tuberculose.

De fevereiro a agosto de 1937 empreendeu viagem de estudos à Europa, comissionada pela FMUSP e pelo Hospital Municipal, realizando cursos de aperfeiçoamento em Viena – Áustria, e, em 1938, assumiu o cargo de redator chefe da revista São Paulo Médico.

Dentre outros cargos que exerceu salientam-se: médico efetivo da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Estrada de Ferro Sorocabana (1934-1936); chefe interino de clínica do Hospital Municipal da Prefeitura de São Paulo (1936-1937); e chefe da Secção de Glândulas Endócrinas do ambulatório de neurologia da Santa Casa de Misericórdia e da FMUSP (1939-1944). Atendeu também em consultórios particulares localizados na Rua da Consolação e na Avenida 9 de Julho.

Orador, fez diversas palestras, discursos e conferências, tendo como ilustrações: “Tireoide e Estados Renais” (1931); “Sintomatologia Clínica do Hipertireoidismo”⁴; “Alcoolismo como Fator de Velhice Precoce” (1935); “Discurso de Despedida para a sua Viagem de Estudos à Europa” (1937); “Saudação ao Professor Benedito de Paula Santos” (1942); “Hipotensão Arterial” (1945); palestrante do III Congresso Médico-Social Brasileiro⁵; “Como Diagnosticar Tuberculose Ocular” (1953); e “Infecções – Sistema Endócrino e Alergia”⁶, dentre outras apresentações.

José Afonso de Mesquita Sampaio elaborou e publicou, solo ou em coautoria, diversos trabalhos, tendo como exemplos: “Em Torno da Chamada Hipertensão Solitária e da sua Terapêutica Baseada na Conceção Etiopatogênica Atual” (1930); “Hipertireoidismo – Sua Etiopatogenia, Classificação, Sintomatologia e Terapêutica” (1937); “O Problema da Luta Contra a Tuberculose em Alguns dos Principais Centros Europeus” (1937); “Impressão de sua Estadia em Alguns dos Principais Centros Europeus” (1937); “Em Memória de Francisco de Castro” (1938); “Transtornos de Crescimento e Glândulas de Secreção Interna” (1940); “A Propósito do Êxito do II Congresso Pan-Americano de Endocrinologia” (1941); “O Valor Médico-Social da Endocrinologia Moderna” (1941); “Conexões dos Reumatismos Crônicos com as Paratireoides” (1941); “A Endocrinologia em Face das Infecções Otorrinolaringológicas” (1941); “Síndromes de Hiperparatireoidismos” (1942); “Estudo Clínico das Afecções Ósseas e Osteoartrosicas Ligadas às Paratireoides” (1942); “Desenvolvimento e Glândulas Endócrinas” (1942); “Contribuição para o Estudo da Hematologia nas Diferentes Endocrinopatias” (1942); “Os Distúrbios das Glândulas Endócrinas como Problema Social” (1943); “Fisiopatologia dos Grandes Queimados à Luz da Endocrinologia” (1943); “Endocrinologia e Medicina Clínica” (1944); “O Problema das Amigdalites em Patologia Geral” (1945); “Estudo Crítico de 397 Casos de Hipertireoidismo – Estudados sob o Aspecto Hematológico (1945); “Estudo Crítico da Prova de Viggo-Schmidt em 287 Casos” (1945); “Puberdade Precoce por Tumor da Região Pineal e por Tumor da Suprarrenal – Considerações Anatomoclínicas Sobre Dois Casos” (1947); “Tireoide e Anemias” (1948); “Hipertireoidismo e Parasitoses Intestinais” (1950); “Tireoidites Agudas – Estudo Clínico e Terapêutico – A Propósito de Três Casos” (1950); “Diabete e Catarata – Estudo Fisiopatológico e Terapêutico” (1950); “Terreno Endocrinopático e Infecção – Estudo Clínico e Experimental” (1950); “Diabete Melito com Síndrome de Kimmelstiel e Wilson. Considerações a Propósito de um Caso” (1950).

³. Antonio de Almeida Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

⁴. Apresentada na Secção de Medicina da Associação Paulista de Medicina. In: O Estado de S. Paulo – edição de 6 de dezembro de 1935, página 4.

⁵. Realizado em Porto Alegre e iniciado em 2 de outubro de 1947. In: O Estado de S. Paulo – edição de 2 de outubro de 1947, página 7.

⁶. Proferida na Santa Casa de Ribeirão Preto – SP. In: O Estado de S. Paulo – edição de 28 de março de 1958, página 14.

José Afonso de Mesquita Sampaio tornou-se membro correspondente da Academia Nacional de Medicina (1943) e recebeu os seguintes prêmios desse silogeu: Prêmio Miguel Couto de Endocrinologia, com o trabalho “Estudo da Hematologia no Hipertireoidismo” (1943); Prêmio oficial, com o trabalho “Fisiopatologia e Clínica do Hiperparatireoidismo” (1943); e o Prêmio Alvarenga, com o trabalho “Amígdalas – Infecção Focal. Estudo Clínico, Hematológico e Anatomopatológico” (1944).

Foi igualmente membro da Associação Paulista de Medicina (sócio fundador, 1930; 1º secretário da Seção de Medicina, 1930; e presidente da Seção de Medicina Geral, 1936); Academia Germano-Ibero-Americana de Berlim (1937); Sociedade Paulista de História da Medicina (titular e fundador, 1940); Academia Brasileira de Medicina Militar (correspondente, 1942); Sociedade de Medicina de Porto Alegre (correspondente, 1942); Sociedade Médica da Santa Casa de Barretos (honorário, 1943); Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (irmão benfeitor, 1943); Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (honorário, 1943); Associação Médica do Instituto Penido Burnier de Campinas (honorário, 1943); Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1944); Sociedade de Medicina Interna de Buenos Aires (correspondente, 1945); e Associação Médica Argentina (correspondente, 1945).

José Afonso de Mesquita Sampaio (Figura 2) fez parte do conselho científico da Revista Médica Pan-Americana (Recife, 1945). Teve sua inscrição sob o número 1.460 no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), em 18 de março de 1957, nas especialidades de clínica médica e endocrinologia.



Figura 2 – José Afonso de Mesquita Sampaio, imagem microfilmada.

Publicou a coletânea **Discursos, Entrevistas, Artigos e Prefácios** (1946) e o opúsculo **Ambulatório da Endocrinologia do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo – Sua Inauguração Oficial** (1947).

Em reunião ocorrida na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 30 de agosto de 1954, tornou-se, ao lado dos professores Waldemar Berardinelli (RJ) e Antonio Barros de Ulhôa Cintra⁷ (SP), e dos doutores: Ulisses Lemos Tôrres, Arnaldo C. Sandoval, Luciano Decourt e Eugênio Chiorbolli, dentre outros, fundador da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem).

Fez também parte, em 1959, dos patrocinadores da Campanha de Arrecadação de fundos para a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo⁸.

José Afonso de Mesquita Sampaio ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 4 de janeiro de 1932, com a apresentação do trabalho “Considerações em Torno de um Caso de Adamantinoma”. Nessa instituição atuou como 1º secretário (1935-1936); vice-presidente (1941-1942); e, dez anos após seu ingresso, como 41º presidente, exercendo seu mandato durante um ano, entre 1942-1943. Posteriormente, presidiu a Seção de Medicina Geral (1950-1951). Permaneceu nesse sodalício por 45 anos (!) e recebeu os títulos de sócio emérito e benemérito.

José Afonso de Mesquita Sampaio faleceu em 16 de março de 1977, três dias antes de completar 77 anos.

⁷. Antonio Barros de Ulhôa Cintra é o patrono da cadeia nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. O Estado de S. Paulo – edição de 12 de dezembro de 1959, página 10.

42º PRESIDENTE: 1943-1944

Admissão: 15/7/1919

Helio Begliomini¹

ROBERTO OLIVA



Roberto Oliva especializou-se em otorrinolaringologia e trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Nesse nosocômio fazia parte do Departamento de Otorrinolaringologia, criado em 1913, e que teve por primeiro chefe Henrique Lindenberg, especializado na Alemanha e Áustria.

Em 1914, um ano após a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, foi criada a cadeira de otorrinolaringologia, com suas instalações nas dependências da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo convidado Henrique Lindenberg para sua chefia.

Roberto Oliva e outros renomados otorrinolaringologistas integravam, nessa ocasião, a equipe do professor Lindenberg, que era constituída por Schmidt Sarmento², Mário Ottoni de Rezende³, Francisco Hartung, Silvestre Passy, Paula Santos⁴, Ângelo Mazza, Silvio Ognibene, Antônio Vicente de Azevedo e Ernesto Moreira.

Henrique Lindenberg chefiou o Departamento de Otorrinolaringologia até sua morte, ocorrida em 1928. Desta data em diante foram constituídos dois grupos de otorrinolaringologistas: Paula Santos tornou-se catedrático de otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, que se estabeleceu no Instituto Radium, enquanto

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Adolpho Schmidt Sarmento foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1929-1930, e é o patrono da cadeira nº 89 desse sodalício.

³. Mário Ottoni de Rezende foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1936-1937, e é o patrono da cadeira nº 126 desse sodalício.

⁴. Antônio de Paula Santos é o patrono da cadeira nº 59 da Academia de Medicina de São Paulo.

o Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passou a ser chefiado por Schmidt Sarmento, que também possuía especialização no exterior, em Berlim e Viena.

Roberto Oliva ficou atuando na equipe de Schmidt Sarmento, ao lado de Mário Ottoni de Rezende, Ernesto Moreira, Francisco Hartung, Rebelo Neto, José Eugênio de Paula Assis, Plínio de Mattos Barretto⁵, Jorge Fairbanks Barbosa, Silvestre Passy, Paulo Saez, Vicente de Azevedo, Arnaldo Barrella e Ângelo Mazza (Figura 2).



Figura 2 – Em pé, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Antonio Vicente de Azevedo, Paulo Saez, José Eugênio de Paula Assis, José Rebelo Neto, Arnaldo Barrella e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Roberto Oliva, Ernesto Moreira, Schmidt Sarmento, Mário Ottoni de Rezende e Francisco Hartung.

Foto tirada provavelmente em 1929 e cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Em 1933, com o falecimento de Schmidt Sarmento, Mário Ottoni de Rezende assumiu a chefia do Serviço de Otorrinolaringologia, modernizando-o. Roberto Oliva (Figuras 3 e 4), que tinha uma aprimorada formação austríaca com os professores Neuman e Alexander, tornou-se o subchefe do serviço.

Quando Mário Ottoni de Rezende completou 60 anos, pensou em renunciar em favor dos mais jovens. Entretanto, num almoço organizado por Roberto Oliva, foi feito um apelo a que ele permanecesse no cargo, o que aconteceu, retirando-se somente aos 70 anos, em 1953.

Roberto Oliva era dotado de vasta cultura. Presidiu e participou como relator ou comentarista de inúmeras sessões de otorrinolaringologia realizadas na Associação Paulista de Medicina, estando consignadas na Revista Brasileira de Otorrinolaringologia as dos anos 1934, 1935, 1936, 1939, 1940, 1942, 1943 e 1947.

⁵. Plínio Freire de Mattos Barretto é o patrono da cadeira nº 91 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 3 – Roberto Oliva em 1933. Contribuição do dr. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

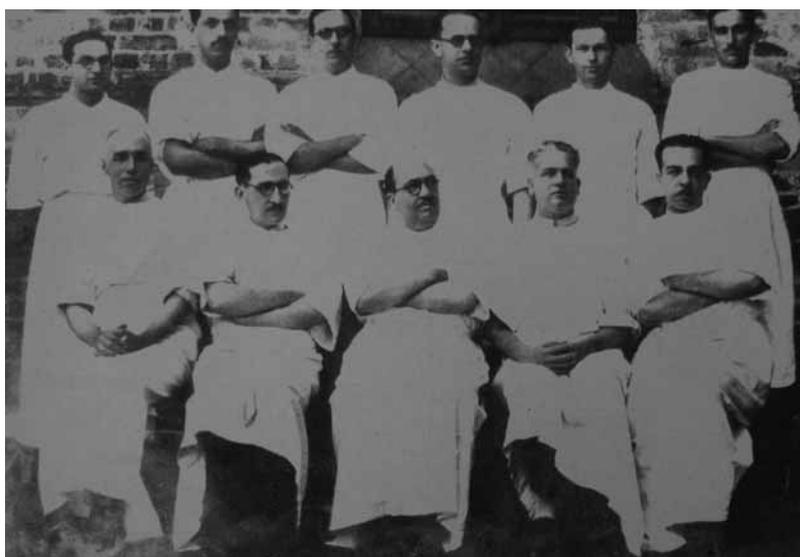


Figura 4 – Em pé, da esquerda para a direita: Ângelo Mazza, Bueno Galvão, Antônio Vicente de Azevedo, Paulo Saez e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Mário Ottoni de Rezende, Schmith Sarmento, Roberto Oliva e José Rebelo Neto.

Foto de 1933, cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Publicou sete trabalhos na Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, hoje, *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*. Dentre eles tem-se como exemplo: “Estudo Anatomoclínico do Rochedo (Em Torno de Alguns Casos de Pedrosite⁶)”.

Roberto Oliva ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 15 de julho de 1919, tendo tido a honra de ser o 42º presidente desse sodalício, exercendo um mandato anual entre 1943-1944.

⁶. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia 3 (2): 93-102, 1935.

43º PRESIDENTE: 1944-1945

Admissão: 16/8/1934

Helio Begliomini¹

ANTÔNIO CARLOS DA GAMA RODRIGUES



1904-1963

Antônio Carlos da Gama Rodrigues, também conhecido por Carlos Gama, nasceu na cidade de Cruzeiro (SP), em 16 de abril de 1904. Era filho de Antônio Gama Rodrigues², natural de Salvador (BA), e de Leduína Braga da Gama Rodrigues, natural de Lorena (SP).

Gama Rodrigues matriculou-se em 1914, no Ginásio São Joaquim, em Lorena, onde fez o curso secundário. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 6 de fevereiro de 1920, graduando-se em 1925, sendo discípulo do renomado professor de neurologia Enjolras Vampré. Sobressaiu-se durante todo o curso médico e, por ocasião de sua formatura, defendeu tese de doutoramento intitulada **Cirurgia das Vias Lacrimais**, em 27 de março de 1926, sendo aprovado com grande distinção, grau 10. Esse trabalho recebeu o prêmio Carlos Botelho, em 1926, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Ainda enquanto quintoanista prestou serviço na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo como encarregado auxiliar da 4ª Enfermaria Suplementar, criada emergencialmente durante o movimento revolucionário de 1924; e na Assistência Pública, como auxiliar médico voluntário, onde mais tarde seria nomeado oficialmente auxiliar do posto médico da Assistência Policial. No desempenho dessas funções, mereceu menção verbal, mais tarde referendada, por escrito, pelo então diretor da Assistência Policial, dr. Raul de Frias Sá Pinto.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Antônio da Gama Rodrigues (1876-1955) foi um importante clínico e cirurgião do interior paulista. Além de médico, historiador e escritor, teve atuação política, sendo presidente da Câmara Municipal de Lorena (1926 e 1936); prefeito de Lorena e deputado estadual. Foi um dos primeiros a defender uma reforma agrária.

Terminado o curso médico, fez longa viagem pela Europa e Oriente próximo. Ao regressar, instalou em Guaratinguetá (SP) o “Instituto Cirúrgico Gama Rodrigues”, hospital que manteve em funcionamento desde abril de 1926 até maio de 1928. Foi diretor e um dos cirurgiões desse hospital, tendo se destacado como cirurgião e médico. Nesse período também foi cirurgião da Santa Casa de Misericórdia de Guaratinguetá. Em virtude de serviços prestados à Santa Casa de Misericórdia de Lorena, recebeu desse nosocômio o título de cirurgião honorário, em 2 de fevereiro de 1928.

Durante o tempo que residiu em Guaratinguetá, cooperou também com os médicos do Serviço Sanitário dessa região em várias campanhas educativas, além de tomar parte ativa em reuniões científicas.

Fechou o hospital que mantinha em Guaratinguetá em 1928, ocasião em que se transferiu para São Paulo, onde iniciou sua clínica particular. Em dezembro desse mesmo ano instalou o serviço de assistência médica para os empregados da Empresa Paulista de Laticínios Ltda. Entretanto, em 1930, a empresa foi desativada.

Carlos Gama, em 1928, convidado por Enjolras Vampré³, professor da disciplina de clínica psiquiátrica e moléstias nervosas – mais tarde denominada de clínica psiquiátrica e neuropsiquiatria –, tornou-se assistente e ministrou, durante três, anos aulas sobre nevralgias do trigêmeo e alcoolização do gânglio de Gasser. Realizou as primeiras neurocirurgias em 1929, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Juntamente com José Ribe Portugal (RJ)⁴ e Elyseu Paglioli (RS)⁵, sem se conhecerem, tornaram-se pioneiros da neurocirurgia brasileira.

Esses três cirurgiões gerais, Portugal (RJ), Carlos Gama (SP) e Paglioli (RS), foram autodidatas e se transformaram em neurocirurgiões, abrindo caminho a uma especialidade⁶.

Em junho de 1930, Carlos Gama foi nomeado interinamente médico cirurgião do Asilo Colônia de Santo Ângelo, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Trabalhou durante quase um ano como cirurgião da Santa Casa de Misericórdia de Cruzeiro (25 de agosto de 1931 a 9 de julho de 1932), atendendo à Rede Sul-Mineira.

Em 5 de outubro de 1931 foi nomeado adjunto do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Por ocasião da Revolução de 1932, foi designado pelo governo do Estado para atuar junto ao Serviço Sanitário e organizar o Serviço de Saúde de Guerra. Nesse local, mais tarde, foi comissionado superintendente da zona da Central do Brasil, de acordo com o comando superior do referido movimento.

Em novembro de 1933, seguiu para os Estados Unidos da América, onde fez um curso de especialização em neurocirurgia na *Harvard Medical School*, na cidade de Boston, Massachusetts. Retornando ao Brasil, foi médico dos alunos, professores e empregados do Liceu Coração de Jesus, na capital (1934-1935), e médico-cirurgião do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (1935).

Antônio da Gama Rodrigues casou-se com Simy da Costa Mesquita Alkaim em 2 de fevereiro de 1935, matrimônio que lhe deu dois filhos: Marita Simy Gama (21/9/1936), casada com Armand Naggar; e Antônio Carlos da Gama Rodrigues Filho (28/7/1938).

Até 1935, Carlos Gama já tinha conseguido reunir 1.014 intervenções em neurocirurgia, cifra que por si só demonstrava o seu alto grau de especialização. Aliás, fez brilhante carreira universitária na cadeira de clínica neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), que pode ser assim sumariada:

³. Enjolras Vampré (1885-1938) foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse silogeu.

⁴. José Ribe Portugal (1901-1992), natural de Cachoeiro de Minas (MG), graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Incentivado por Antônio de Austregésilo, tornou-se o “pai da neurocirurgia brasileira”, realizando as primeiras intervenções, no Rio de Janeiro, em 1928.

⁵. Elyseu Paglioli (1898-1985), natural de Caxias do Sul (RS), formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, foi o pioneiro da neurocirurgia nesse estado.

⁶. Portugal, Carlos Gama e Paglioli foram audazes, inteligentes, criativos e desprendidos. Com grande capacidade de trabalho, tiveram a oportunidade e souberam usá-la, tornando-se os pioneiros da neurocirurgia no Brasil. Defasados aproximadamente cinco décadas em relação à Europa e aos Estados Unidos da América, deram início a essa nova especialidade. Através de viagens internacionais e intercâmbio com neurocirurgiões de outros países, foram incrementando seus conhecimentos, a ponto de seus seguidores fazerem com que a neurocirurgia brasileira, após décadas de evolução constante e vertiginosa, fosse respeitada e equiparada aos grandes centros do mundo.

assistente extranumerário (1936); 2º assistente interino (1938); e, por concurso, em novembro de 1938, obteve, com distinção, a média final 9,68 com a tese de livre-docência intitulada **Contribuição para o Estudo das Nevralgias do Trigêmeo**. Em 1942 foi membro da comissão examinadora no concurso à docência-livre da clínica neurológica da FMUSP.

Durante as férias de 1940-1941, fez uma viagem de estudos à Argentina, permanecendo em contato assíduo com os serviços dos professores Manuel Balado, Pio Del Rio Hortega e Vicente Dimitri, dentre outros.

Durante a II Guerra Mundial foi convocado pelo Serviço de Saúde do Exército para ministrar várias aulas em cursos de medicina de guerra organizados na capital paulista.

Antônio Carlos da Gama Rodrigues tornou-se chefe da clínica neurológica da Santa Casa de Misericórdia em 1943, além de irmão remido e irmão benfeitor desse nosocômio. Dentre outros títulos, cargos e funções que teve salientam-se: membro do Conselho Consultivo do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da FMUSP (desde 1933); membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraguai (correspondente, 1939); representante oficial do governo do estado de São Paulo e da FMUSP nas comemorações do 1º centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco (1941); membro da Sociedade de Medicina de Recife (honorário, 1941); membro da Associação Médica de Marília (correspondente, 1942); membro fundador da Associação Paulista de Medicina e, nessa instituição, organizador e presidente (1942) do Departamento de Neuropsiquiatria; presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1944-1945; fundador e organizador das primeiras regionais no Brasil e primeiro presidente da Seção Brasileira do *International College of Surgeons* (1949); e secretário da Saúde e Assistência Social do estado de São Paulo.

Carlos da Gama Rodrigues destacou-se como conferencista, apresentando temas em renomadas instituições, tais como na Associação Paulista de Medicina (1932); Sociedade de Medicina e Cirurgia de Assunción, Paraguai (“Tumores Císticos da Cisterna Magna Comprimindo o IV Ventrículo”, 1939); Academia Nacional de Medicina (“Contribuição para o Estudo das Ventriculografias Direitas”, 1940); e Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (“Cirurgia de Hipófise”).

Participou ativamente de numerosos congressos nacionais e internacionais de cirurgia na qualidade de presidente de delegações brasileiras. Escreveu mais de 180 trabalhos científicos, muitos dos quais citados na literatura estrangeira.

Paulo de Godoy, seu amigo, disse que “Carlos Gama foi sempre um homem bom, mas principalmente um homem digno”. Nutriu elevado espírito público, organizando, com sucesso, em 1962, o 1º Congresso das Santas Casas do Estado de São Paulo. Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz⁷, Gama Rodrigues “procurou amparar essas beneméritas instituições em todo o território brasileiro, recebendo gratidão popular. Figura das mais brilhantes da neurocirurgia brasileira, seu nome deve ser reverenciado como médico dos mais ilustres, dotado de espírito renovador, tendo realizado, também, obra de valor na aproximação cultural dos cirurgiões de nossa terra com os de outros países. A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com a morte de Carlos Gama, perdeu um de seus maiores e mais dignos servidores.”

Antônio Carlos da Gama Rodrigues faleceu na cidade de São Paulo, em 25 de agosto de 1963, aos 59 anos. O jornal “A Gazeta” notificou no dia seguinte seu passamento, que foi “vítima de grave desastre, provocado por motorista irresponsável que se evadiu.” Seu corpo esteve exposto à visitação no Hospital das Clínicas e foi sepultado no cemitério da Consolação, na capital paulista.

⁷ Carlos da Silva Lacaz (1915-2002) foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse silogeu.

44º PRESIDENTE: 1945-1946

Helio Begliomini¹

EDUARDO MONTEIRO



1889-1945

Eduardo Monteiro nasceu em Portugal, aos 19 de março de 1889. Veio para o Brasil, onde se graduou em medicina e exerceu sua profissão, tendo enorme clientela e conquistando, pelos seus trabalhos, reputação nacional.

Eduardo Monteiro foi médico clínico da Policlínica de São Paulo e da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde era assistente do professor Almeida Prado. Em ambos os lugares era muito assíduo nas tarefas que desempenhava. Trabalhava todos os dias, examinando os doentes pobres que buscavam o remédio e o alívio para os seus males. Era sempre o primeiro a chegar e um dos últimos a deixar o serviço. Em suas atividades sempre fazia amigos.

De acordo com seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz², para Eduardo Monteiro “o magistério e o trabalho escrito foram sua verdadeira vocação. Didata nato, sabia transmitir com facilidade e segurança. Gerações e gerações de médicos aprenderam e aperfeiçoaram a sua formação profissional nos vários cursos que mantinha na Policlínica

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

de São Paulo. Não tinha predileção por este ou aquele setor da medicina. Escreveu sobre todos, com igual carinho.” “O respeito aos direitos e às prerrogativas dos outros tocava nele às raias do exagero. Nunca se sentou, por exemplo, na poltrona de preferência do professor Antonio Prado, seu mestre, na saleta de seu serviço clínico na Santa Casa, pela deferência que lhe merecia a posição do catedrático.”

Eduardo Monteiro deixou diversos artigos publicados, tais como: “Estudo Clínico das Adenopatias”; “Propedêutica Respiratória”; e “Fisiologia e Patologia no Metabolismo Celular”, dentre outros. Entretanto, sua obra foi sobremodo expositiva e didática. Publicou, em 1942, o livro **Clínica e Patologia**, onde abordou diversos temas de forma abrangente. Encerrou sua esmerada atividade científica com o livro **Introdução ao Estudo da Patologia Renal**. Trata-se de uma avantajada obra de mais de 700 páginas, cujas correções no transcurso de sua edição fê-las enquanto se encontrava com doença avançada, chegando, contudo, a vê-la publicada. Segundo Almeida Prado³, “este livro adquire o direito de figurar entre os poucos livros básicos de nossa literatura clínica”.

Carlos da Silva Lacaz salienta que Eduardo Monteiro era um “publicista de fôlego e um purista do vernáculo. Em todos os seus escritos notava-se a preocupação da exposição clara, precisa e sintética.”

Eduardo Monteiro proferiu numerosas conferências sobre os mais diversos assuntos, destacando-se: Eritema Nodoso; Estudo Clínico do Abdômen Agudo; O Câncer da Pleura; Apendicites; Persistência do Canal Arterial; Tromboangiite Obliterante; Estenose do Istmo da Aorta; Espasmo Arteriolar na Insuficiência Cardíaca; Aerofagia; Aneurisma Reumatismal; e Síndrome da veia Ázigo, dentre outros.

Refere Almeida Prado, seu dileto amigo, que Eduardo Monteiro “foi única e exclusivamente médico, tão visceralmente médico que não lhe sobrou tempo para ser mais nada. De moral ilibada, sua bela e cultivada inteligência, a bondade sem limites e sua infalível operosidade haviam de conduzi-lo fatalmente às mais insignes e destacadas posições na profissão. Foi uma dessas singulares organizações psicológicas, pouco exuberantes em superfície, mas solidamente cavadas em profundidade. Cerimonioso, comedido em tudo, de atitude recolhida, era dono de coração aberto, extremamente vibrátil.”

Eduardo Monteiro foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício por um mandato anual entre 1945-1946, que, infelizmente, não conseguiu concluí-lo.

Quando sentiu o primeiro aviso do mal que haveria de subtrair sua vida, não comunicou o fato a ninguém, como fazia sempre em tudo quanto se relacionasse à sua pessoa, reservando exclusivamente para si a gravidade da advertência. Aceitou a doença como aceitava tudo na vida, calmamente, sem alardes e recriminações.

Enfermo mas, durante um período de acalmia da doença, pediu lhe permitissem voltar parcimoniosamente aos seus afazeres. Queria rever seu consultório, alguns clientes e estar presente na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da qual era seu presidente. Voltou por pouco tempo à clínica e às aulas; presidiu sessões do sodalício; reviu provas tipográficas do seu livro **Introdução ao Estudo da Patologia Renal**, ganhando, com isso, novo alento e esperança perante os achaques infligidos pela doença. Apesar de debilitado, passava horas a fio em seu consultório, à Rua São Bento, no centro da cidade.

Entretanto, os sintomas cardíacos ressurgiram e, nas últimas semanas, viveu com a ajuda ininterrupta de oxigênio, num quadro sombrio que não lhe afetou as virtudes de sua personalidade. Recebeu os sacramentos da Igreja e predisso os sinais derradeiros do mal, com calma e delicadeza no falar e nos gestos.

Eduardo Monteiro foi professor, autor, escritor e, mui particularmente, um grande clínico. Faleceu às vésperas do Natal de 1945, aos 56 anos, após um ano de cruciante sofrimento físico.

³. Antônio de Almeida Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

45º PRESIDENTE: 1946-1947

Helio Begliomini¹

OSCAR CINTRA GORDINHO



1889-1954

Oscar Cintra Gordinho, mais conhecido por Oscar Gordinho, nasceu aos 10 de julho de 1889. Concluiu o curso secundário em 1906, no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Em 1907 partiu para a Europa a fim de estudar na Universidade de Genebra, onde se graduou em medicina. Após a sua formatura clinicou em hospitais de Paris, regressando ao Brasil em 1914.

Foi o primeiro que necessitou revalidar seu diploma para exercer a profissão em nosso País, passando por todas as provas na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Cumprido mais essa etapa legal, dedicou-se particularmente à atividade cirúrgica. Trabalhou como chefe de clínica no serviço do professor Alves de Lima² na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Por ocasião da instalação

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

². João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

da 2ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1917, tornou-se assistente do professor Alves de Lima, permanecendo nesse cargo até o falecimento desse catedrático.

Posteriormente, galgou a condição de adjunto da 1ª Clínica Cirúrgica de Homens e, logo em seguida, tornou-se chefe substituto desse serviço até sua nomeação para administrador da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Nessa função reorganizou os diferentes serviços do Hospital Central, assim como melhorou o centro cirúrgico, equipando-o e deixando-o como um dos mais atualizados de então. Também criou e desenvolveu o serviço de farmácia.

Oscar Cintra Gordinho foi presidente da secção brasileira do *International College of Surgeons*. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Nesse sodalício foi muito atuante. Na gestão de Antonio Carlos Gama Rodrigues³ (1944-1945), exerceu o cargo de tesoureiro e, na gestão seguinte, de Eduardo Monteiro⁴ (1945-1946), o cargo de vice-presidente, tendo que assumir interinamente a presidência já em 1945, por ocasião das comemorações do 50º aniversário da entidade.

Juntamente com Antonio Carlos Gama Rodrigues e Pedro Ayres Netto⁵, Oscar Gordinho participou da Comissão de Redação dos Anais do Segundo Congresso Médico Paulista promovido, em 1945, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sob a presidência de Antonio Carlos Gama Rodrigues. Esse evento teve sua sessão de encerramento no Teatro Municipal de São Paulo, em 7 de março de 1945, e contou com autoridades tais como o dr. Sebastião Nogueira de Lima, secretário da educação e representante do dr. Fernando Costa, interventor federal em São Paulo. Nessa efeméride, Oscar Gordinho discursou em nome do presidente eleito, Eduardo Monteiro, que não pôde comparecer por motivo de força maior.

Oscar Cintra Gordinho tornou-se o 45º presidente, na gestão seguinte, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, exercendo seu mandato anual entre 1946-1947. Como presidente teve oportunidade de desenvolver as secções científicas; iniciar e manter simpósios sobre diversas questões de clínica e terapêutica cirúrgica. Implementou, pela primeira vez em nosso meio, uma campanha visando um estudo das diferentes especialidades farmacêuticas, procurando controlar o valor terapêutico dos diversos preparados. Ademais, auxiliou as instituições oficiais encarregadas desse controle.

Oscar Cintra Gordinho era abastado e teve também penetração e interação nos meios políticos de sua época, caracterizando-se como um democrata. Faleceu em 27 de maio de 1954, aos 64 anos. Seu nome é honrado numa rua, no bairro da Liberdade, da cidade de São Paulo.

³. Antonio Carlos Gama Rodrigues foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1944-1945.

⁴. Eduardo Monteiro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1945-1946.

⁵. Pedro Ayres Netto atuou como secretário-geral (1944-1945) e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1948-1949.

46º PRESIDENTE: 1947-1948

Patrono da Cadeira nº 12

Admissão: 2/1/1930

Helio Begliomini¹

ALÍPIO CORRÊA NETTO



1898-1988

Alípio Corrêa Netto nasceu em 14 de janeiro de 1898, no município de Cataguazes (MG). Graduou-se em 1923, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), apresentando tese de doutoramento em 1924, intitulada **Contribuição ao Estudo dos Cystos Congênitos do Pescoço**, monografia aprovada com distinção (Figura 2).

Foi aluno do professor João Alves de Lima², graduado em Paris, e, fascinado pela figura desse mestre, mais tarde, a ele dedicou uma avantajada obra intitulada **Um Mestre da Cirurgia – Biografia do Professor Dr. João Alves de Lima** (1963), prefaciada pelo professor Pedro de Alcântara.

Alípio Corrêa Netto possuía grande vivência como cirurgião de guerra, tendo participado da Revolução de 1932. Em 1934 publicou nos Anais da FMUSP, juntamente com Edmundo Etzel e Francisco Cerrutti, um brilhante trabalho sobre a “Cirurgia de Guerra no Hospital de Sangue de Cruzeiro”.

Fez carreira universitária, galgando a condição de professor catedrático de clínica cirúrgica da FMUSP e atuando nesse cargo de 1935 a 1968. Destacou-se como mestre e foi formador de discípulos de nomeada, tais como:

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

Euryclides de Jesus Zerbini³, Eduardo Etzel, Arrigo Raia⁴, Irany Novah Moraes⁵, Rubens Monteiro de Arruda⁶, Jorge Zaidam, Joaquim Vieira Filho, Antônio Moreira Cunha Campos, Ary do Carmo Russo, José Francisco Monteiro, Puech Leão, Walter Henrique Pinotti, Victor Spina⁷, Orlando Ludovici, Massayuki Okumura⁸, dentre outros de renome internacional.



Figura 2 – Alípio Corrêa Netto, enquanto jovem médico.

Líder entre seus pares, Alípio Corrêa Netto contribuiu para a fundação da Associação Paulista de Medicina em 1930 e, mais tarde, para o surgimento da Associação Médica Brasileira (AMB), fundada em 26 de janeiro de 1951. Dirigiu a AMB de 1951 a 1955, inicialmente como presidente provisório e, posteriormente, como presidente efetivo. Com pulso firme, mas conciliador, estruturou a novel entidade, que ganhou prestígio, além de congregar a classe médica, fortalecendo-a.

Alípio Corrêa Netto atuou como cirurgião e, com a patente de major, foi chefe do Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a II Grande Guerra Mundial, trabalhando intensamente na Itália, ao lado de seu antigo aluno, o anestesista José Monteiro. Mais tarde, escreveu um livro intitulado **Notas de um Expedicionário Médico** (1983), relatando essa marcante experiência em sua vida⁹. Essa obra foi prefaciada pelo seu amigo Reinaldo

³. Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Arrigo Antonio Raia é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Irany Novah Moraes presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984, tornando-se membro honorário desse silogeu.

⁶. Rubens Monteiro de Arruda é o patrono da cadeira nº 123 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Victor Spina é o patrono da cadeira nº 14 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. Massayuki Okumura é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

⁹. A viagem de Alípio Corrêa Netto à Itália iniciou-se em 20 de agosto de 1944, num avião norte-americano que partiu para Acra, no Golfo da Guiné, seguindo para Libéria, Dakar, Casablanca e, finalmente, Nápoles. Alípio atuou no 38º Hospital de Evacuação do V Exército Norte-Americano, comandado pelo general Mark W. Clark.

O hospital de campo, em Pistoia, recebeu a visita do general João Batista Mascarenhas de Moraes. Havia um jargão militar que dizia “a cobra está fumando”, querendo significar “uma situação de perigo”, que aliás, era o que presenciavam constantemente os pracinhas brasileiros na Itália. A 1ª Divisão da FEB deveria conquistar o Monte Castello, em domínio dos alemães, durante o rigoroso inverno entre 1944 e 1945. A denominada Batalha de Monte Castello arrastou-se por três meses, de 24 de novembro de 1944 a 21 de fevereiro de 1945, durante os quais se efetuaram seis ataques, com grande número de baixas, quer por falhas de estratégia quer pelas temperaturas extremamente baixas. Por fim consagrou-se a vitória dos brasileiros, sendo comandados, nos primeiros ataques, pelo general Zenóbio da Costa. Alípio Corrêa Netto regressou ao Brasil, vindo de Nápoles, em 3 de junho de 1945.

Outros médicos brasileiros participaram como oficiais da FEB, encontrando-se dentre eles: João Batista Pereira Bicudo, Paulo Canton, Paulo Araújo Homem de Melo, José Alfio Piason, Massaki Ujihara, Oswaldo Mendes Leite, Paulo Dumangin Santos, João

Ramos de Saldanha da Gama. Pela sua destacada atuação, recebeu elogios do general Mark W. Clark, comandante das Forças Americanas.

Alípio Corrêa Netto foi colega de turma do grande clínico Jairo Ramos¹⁰ e com ele lecionou propedêutica cirúrgica do abdômen, sendo autores do livro **Manual de Propedêutica do Abdômen** (1983). Coube a ele a primazia, em nosso meio, de subdividir sua disciplina por áreas, faturizando um maior desenvolvimento do conhecimento.

Alípio Corrêa Netto ingressou, em 2 de janeiro de 1930, na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina São Paulo, tendo a honra de presidir esse sodalício durante um mandato anual entre 1947-1948. Pela sua competência, foi reitor da Universidade de São Paulo, de 26 de fevereiro de 1955 a 28 de março de 1957; e também professor de cirurgia de cabeça e pescoço, torácica e vascular, durante 20 anos (1933-1953), da Escola Paulista de Medicina, tornando-se o primeiro chefe do Departamento de Cirurgia dessa instituição (1955-1958), do qual foi fundador, juntamente com Antônio Bernardes de Oliveira¹¹ e José Maria Freitas, em 1952. Personalidade multifária, destacou-se também como político atuante, sendo fundador do Partido Socialista, deputado e secretário de estado.

No crepúsculo de sua carreira universitária, publicou, juntamente com diversos colaboradores, o tratado, em cinco volumes, **Clínica Cirurgia Alípio Corrêa Netto** (1965), obra modelar que teve diversas edições. Escreveu também os livros: **A Doença do Aleijadinho** (1965), obra prefaciada por Paulo Duarte. Nela inferiu que a causa da enfermidade que mutilara o notável artista brasileiro, Antônio Francisco Lisboa, teria sido a angiite obliterante¹²; **Guia para o Residente de Cirurgia** (1966, em coautoria com Irany Novah Moraes); **Um Ponto no Infinito**¹³ (1969) e **Metodização da Pesquisa Científica** (1970, em coautoria com Irany Novah Moraes), obra prefaciada pelo professor Lucas Nogueira Garcez¹⁴.

Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz¹⁵, Alípio Corrêa Netto, “no exercício da profissão, comportou-se sempre como um esteta, sabendo compreender e sentir toda a grandeza da medicina, com irreprimível vocação. Do alto de sua onipotência moral e científica, o trabalho do renomado mestre sempre cresceu sob o impulso de uma paixão silenciosa que nunca o abandonou, dispensando sagacidades e ardilezas para se afirmar e vencer. Quando considerado na sua integral figura humana, o renomado professor mais se agiganta. De cada meta atingida, Alípio Corrêa Netto fez sempre um ponto novo de partida”.

Alípio Corrêa Netto faleceu na cidade São Paulo, em 24 de maio de 1988, nonagenário¹⁶. Seu corpo foi velado na FMUSP e, posteriormente, transladado para o Crematório da Vila Alpina, conforme seu desejo. A oração fúnebre em sua homenagem foi feita no dia seguinte, no teatro da FMUSP, pelo seu discípulo e amigo, professor Irany Novah Moraes.

Ângelo Abatayguara, Floresmundo Plastino Zaragosa, José Monteiro e Rubens dos Santos Alves.

¹⁰. Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

¹¹. Antônio Bernardes de Oliveira é o patrono da cadeira nº 109 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹². Sabe-se hoje que a causa mais provável das lesões apresentadas por aleijadinho teria sido a hanseníase em sua forma virchowiana ou, então, a porfiria, segundo o professor Paulo da Silva Lacaz.

¹³. Esse livro foi escrito por ocasião da realização do primeiro transplante cardíaco, no Brasil, por Euryclides de Jesus Zerbini. Trata-se de um belo romance, onde o autor retrata as alterações de personalidade e as mortificações da filosofia de vida do indivíduo submetido a um transplante cardíaco. Assim, Januário Lopes da Silva recebia na “cidade grande” um “coração emprestado”. Sua alma ficou cheia de dúvidas e incertezas.

Esse livro foi prefaciado pelo próprio Euryclides de Jesus Zerbini, sendo a capa de Benedito J. Duarte, o grande artista brasileiro que se notabilizou na elaboração de filmes científicos, inclusive o do transplante cardíaco.

Segundo Carlos da Silva Lacaz, as cinzas de Benedito J. Duarte, por expresso desejo seu, estão colocadas em pequena urna nos jardins da FMUSP.

¹⁴. Lucas Nogueira Garcez foi engenheiro, professor, político e governador do estado de São Paulo, entre 1951 e 1955.

¹⁵. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

¹⁶. Nota do autor: Guardo com ternura e gratidão ter sido o ilustre professor Alípio Corrêa Netto um dos que ratificaram minha entrada na querida Academia de Medicina de São Paulo, fato consumado em 8 de agosto de 1986 (Helio Begliomini).

Por ocasião de seu centenário de nascimento, assim se expressou Carlos da Silva Lacaz: “há um pensamento que se aplica de maneira certa ao eminente professor, ao educador de raros méritos, cirurgião renomado, destacado homem público, ao cultor das boas letras e, acima de tudo, ao médico que soube sentir desde cedo a transcendência da arte divina, localizando-a dentro das grandes categorias do pensamento humano: *‘olhando bem, o tempo não se conta pelo tempo que passou, mas pelo que se fez do tempo. Não se conta pelo que o tempo nos dá, mas pelo que nós damos ao tempo. A gente só possui da vida o que deu de si’*. Nos elogios que fiz à personalidade do professor Alípio Corrêa Netto não existe menor exorbitância afetiva. O querido mestre merece muito mais. Nas lições de sua vigorosa personalidade, pode-se ver um *exegi monumentum*¹⁷ laboriosamente edificado e que haverá de perdurar”.

Alípio Corrêa Netto é honrado com a patronímica da cadeira nº 12 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a um hospital municipal no bairro de Ermelino Matarazzo, a uma escola municipal e a um Centro de Estudos do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, na capital paulista; a uma rua no bairro Vila Tênis Clube, na cidade de Assis; e a uma rua no bairro Vila Júpiter na cidade de São Bernardo do Campo.

¹⁷. *Exegi monumentum* é uma expressão latina que pode ser traduzida por “construiu um monumento” ou “construtor de monumento”.

47º PRESIDENTE: 1948-1949

Admissão: 15/9/1934

Helio Begliomini¹

PEDRO AYRES NETTO



1904-1991

Pedro Ayres Netto nasceu aos 29 de junho de 1904, na cidade de São Paulo. Era filho de José Ayres Netto² e de Cacilda de Moraes Ayres Netto. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), concluindo-o em 1930. Graduou-se em 2 de fevereiro de 1931, depois de defesa de tese que foi aprovada com grande distinção.

Enquanto acadêmico na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, foi interno da 1ª Clínica de Mulheres, em janeiro de 1926, e assistente médico voluntário, lotado na 1ª Clínica Cirúrgica de Mulheres, serviço do dr. Ayres Netto desde de outubro de 1930. Ainda na condição de doutorando, recebeu licença especial para exercer a medicina durante o período revolucionário, recebendo voto de louvor pela atuação no referido plantão.

Pedro Ayres Netto serviu como 1º tenente médico, comissionado na frente norte, durante toda a Revolução Constitucionalista de 1932.

Na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, berço da cirurgia paulista, Pedro Ayres Netto tornou-se pioneiro, no Brasil, na década de 1930, do uso de anestésias com protóxido de azoto, utilizando-se de equipamento importado da *S. S. White Dental*.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². José Ayres Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais não consecutivos entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

No Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho teve os seguintes cargos: médico estagiário do Serviço de Ginecologia (1931); primeiro assistente do Serviço de Ginecologia e Cirurgia Geral (1953), onde ficou encarregado de chefiar a radioterapia ginecológica; chefe emérito (1972); diretor presidente por três triênios consecutivos (1964-1975); e representante nacional e internacional em diversos congressos de cancerologia, nos quais apresentou temas referentes ao câncer do aparelho genital feminino, quer como coordenador quer como participante de mesas-redondas.

Pedro Ayres Netto tornou-se estagiário na Maternidade de São Paulo em 1934. Aí trabalhou e galgou a condição de chefe de clínica obstétrica, exercendo o cargo de 1956 a 1979, sendo que, em 1960, presidiu o Centro de Estudos desse hospital.

Dentre os outros cargos e funções que ocupou salientam-se: membro do Conselho Técnico (1953-1955 e reeleito de 1956-1958); diretor clínico interno dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (outubro de 1957 a 20 de janeiro de 1958); representante do corpo clínico da Santa Casa para compor o conselho dirigente da Faculdade de Enfermagem São José (1951-1978); professor pleno do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo; chefe de clínica emérito da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 1973.

Na Acadêmica de Medicina de São Paulo, Pedro Ayres Netto tornou-se titular, por concurso, da Secção de Cirurgia Geral, em 15 de dezembro de 1934; presidente durante um mandato anual entre 1948-1949; e membro emérito em 1953. Nesse silogeu, juntamente com Carlos Gama e Oscar Cintra Godinho, foi o editor dos **Anais do Segundo Congresso Médico Paulista** (1945).

Na condição de sócio titular da Associação Paulista de Medicina, sagrou-se delegado eleito na Assembleia Geral, nos períodos de 1951-1952 e de 1953-1954; presidente da Comissão Social do 2º Congresso Latino-Americano de Obstetrícia e Ginecologia, e do 4º do Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia.

Na condição de membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões exerceu a função de secretário-geral (1945-1947) e 5º mestre do Capítulo de São Paulo³ (1949-1951). Em seu mandato promoveu algumas sessões científicas, e a entidade totalizava 45 membros. Foi sucedido por Eurico Branco Ribeiro⁴, que atuou como mestre do Capítulo de São Paulo, de 1951-1953.

Pedro Ayres Netto foi também membro fundador do *International College of Surgeons*, onde fez demonstrações em congressos da entidade. Trabalhou durante muitos anos na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, tendo sido o 2º vice-provedor no triênio 1984-1987. Faleceu em 31 de julho de 1991, aos 87 anos.

³. O Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões foi fundado em 7 de julho de 1941 e instalado solenemente em 5 de novembro de 1941. Teve como primeiro mestre (1941-1943) o insigne cirurgião Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse silogeu.

⁴. Eurico Branco Ribeiro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1954-1955, e é o patrono da cadeira nº 114 desse silogeu.

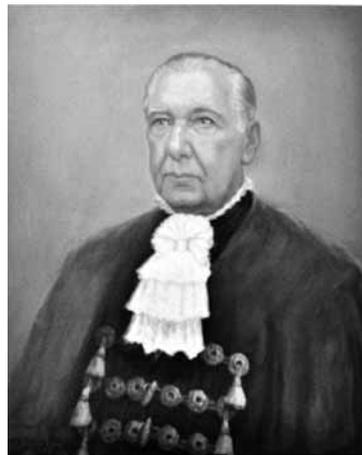
48º PRESIDENTE: 1949-1950

Patrono da Cadeira nº 32

Admissão: 1/7/1934

Domingos Alves Meira¹

JOÃO ALVES MEIRA



1905-1989

João Alves Meira nasceu em São Paulo (SP), em 12 de maio de 1905. Sua formação escolar inicial foi realizada no Curso Primário na Escola Modelo Caetano de Campos e no Ginásio do Estado da cidade de São Paulo. Influenciado pelo exemplo de seu pai, Domingos Rubião Alves Meira matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia em 15 de fevereiro de 1922, graduando-se em 1927, ano em que foi presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz dessa instituição.

Desde o início, sua carreira profissional foi dirigida para a docência e a pesquisa em clínica médica e em doenças tropicais. Assim sendo, foi assistente de clínica médica na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, posteriormente, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). De 1931 a 1934, foi o primeiro assistente de parasitologia, cuja cátedra era exercida pelo professor Samuel Barnsley Pessoa.

¹. Domingos Alves Meira (1932-2012) foi membro titular e emérito da cadeira nº 32 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de João Alves Meira, seu pai. Era neto de Domingos Rubião Alves Meira, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Nótula do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro: João Alves Meira teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1949-1950.

Obteve doutorado em 1928, com a tese **Nephrose Lipóidica**, e a livre-docência em clínica de moléstias tropicais, em 1937.

Foram de grande importância para sua formação em doenças infecciosas e parasitárias os cursos e estágios que seguiu nessa especialidade nos Estados Unidos da América do Norte, nos anos de 1941 e 1942. Assim, frequentou a *Tulane University of Louisiana, School of Medicine*, em Nova Orleans, e a *Duke University Medical School*, em Durham, Carolina do Norte, com bolsas de estudo da *The American Foundation for Tropical Medicine* e da *The Rockefeller Foundation*. Nessas universidades teve o privilégio de ser orientado por Ernest Carrol Faust e Mark Boyd, notáveis pesquisadores das áreas de parasitas intestinais e malária, respectivamente. Completou o Curso de Medicina Tropical e Parasitologia Clínica na *Tulane University*, em primeiro lugar.

Em 1944 dirigiu o Hospital Evandro Chagas, do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), do Ministério da Educação, em Belém do Pará. De 1945 a 1963 exerceu a cátedra de diagnóstico de doenças transmissíveis da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Com sólida formação em clínica médica, experiência em laboratório, conhecimento profundo e especializado do corpo de doutrina de doenças tropicais, além de competência em ensino e pesquisa, disputou e conquistou, em 1951, a cátedra de doenças tropicais e infecciosas da FMUSP. Durante o concurso, defendeu a tese **Esquistossomose Mansonii Hépató-Esplênica**, que incluía a descrição minuciosa dos achados em 64 pacientes por ele estudados. Nesse trabalho, fez a análise clínica e fisiopatogênica dos dados colhidos e confrontados com os da literatura, estabeleceu as relações com a síndrome de Banti e com cirrose hepática, em geral.

Foram várias suas realizações como catedrático: reorganizou o curso de graduação; instituiu o internato no sexto ano médico e a residência na especialidade; criou, organizou e ministrou o Curso de Pós-graduação em Doenças Infecciosas e Parasitárias da FMUSP. Finalmente, transformou a disciplina em departamento, condição privilegiada no contexto do ensino, pesquisa e administração acadêmica na universidade.

Em outubro de 1958 participou, juntamente com os professores Carlos da Silva Lacaz² e Antônio Dácio Franco do Amaral, da criação do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo da USP.

Presidiu a comissão formada por diretores de unidades da USP, atendendo à solicitação do governador Carvalho Pinto, que propôs a criação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (SP). Após a criação dessa faculdade, em 1962, tornou-se seu primeiro diretor, cargo que exerceu até 1963. Nesse período foi realizado o primeiro vestibular e dada a aula inaugural. Deixou a direção dessa faculdade por ter sido nomeado diretor da Faculdade de Medicina da USP, tendo cumprido dois mandatos consecutivos até 1970.

Teve mais de uma centena de trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, dos quais 55 desde a sua formatura, em 1927, até o concurso de cátedra, em 1951. Desses trabalhos, 16 versavam sobre aspectos da esquistossomose mansonii.

A trajetória de João Alves Meira como professor de medicina e especialista em clínica de doenças infecciosas e parasitárias foi muito além da simples responsabilidade profissional. Como autêntico líder acadêmico, abriu caminhos e influenciou a criação de outros núcleos de ensino e pesquisa em doenças tropicais em São Paulo e no país. Acima de tudo, sua obra foi desenvolvida sempre com justiça e dignidade. O que foi por ele construído permanece até hoje, com importância fundamental na formação de profissionais que atuam na especialidade.

². Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

49º PRESIDENTE: 1951-1952

Patronesse da Cadeira nº 112

Admissão: 1/6/1928

Helio Begliomini¹

CARMEN ESCOBAR PIRES



1898-1984

Carmen Escobar Pires nasceu aos 9 de setembro de 1898, na cidade de Santa Rita do Passa Quatro (SP). Era filha de Manoel Bueno Barbosa Pires e de Teresa Escobar Pires.

Formou-se como professora normalista em 1914 e graduou-se, em 1920, na terceira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ocasião em que defendeu a tese **Semiótica dos Pleurises** (Figura 2).

Foi a terceira mulher a se formar em medicina do estado de São Paulo, sendo precedida por Délia Ferraz e Odette N. de Azevedo Antunes, graduadas em 1918, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Interessada por maiores conhecimentos, empreendeu viagem de estudos à Europa, aprimorando-se em Paris. Especializou-se em cirurgia obstétrica.

Retornando ao Brasil, dedicou-se também à carreira universitária, sendo professora de medicina ao longo de sua carreira profissional. Teve grande atuação científica (Figura 3). Não se encontravam textos de mulheres médicas,

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos foram uma gentileza do dr. Rubens Escobar Pires Lodi, médico e sobrinho-neto de Carmen Escobar Pires.

na revista *Gazeta Médica da Bahia*, até 1927, quando Carmen Escobar Pires publicou o artigo intitulado “Sobre um Caso de Síncope Anestésica – Injeção Intracardíaca de Adrenalina – Cura”².



Figura 2 – Carmen Escobar Pires, a única mulher que se graduou na 3ª turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1920, e a 3ª mulher que se formou em medicina no estado de São Paulo.



Figura 3 – Carmen Escobar Pires com um grupo de médicos: a segunda da esquerda para a direita, na primeira fila.

². *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador. Volume XVII, números 7-8 (janeiro-fevereiro), 1927.

Outrossim, são de sua lavra as monografias: **Contribuição ao Tratamento dos Acidentes da Gravidez Tubária** (1928, 31 páginas); **Corioepitelioma Primitivo da Trompa** (1938, 16 páginas) e **Tumor Hipernefroide do Ovário** (1951, 16 páginas em coautoria com Altino Antunes e Carlos Ribeiro Macedo); assim como os artigos “Arrenoblastoma do Ovário” (1938); “Arrenoblastoma: Evolução de um Caso Durante 12 Anos: Refeminização e Posteriormente Gravidez e Parto Normais” (1944); e “Estroma do Ovário” (1945).

Carmen Escobar Pires (Figura 4) era membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Ingressou, com apenas oito anos de exercício profissional, como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de junho de 1928, permanecendo nesse sodalício por 55 anos (!). Teve a honra de ser a primeira mulher presidente, sendo precedida nessa função por 48 expoentes da medicina paulista³. Exerceu seu mandato durante um período anual entre 1951-1952. O mandato presidencial de um ano foi estabelecido desde a fundação da entidade, em 7 de março de 1895, persistindo durante 72 (!) anos até 1967, quando passou a ser bienal.



Figura 4 – Carmen Escobar Pires. Tela de autoria de Oscar P. da Silva⁴ (1924).

Em agosto de 1965, Carmen Escobar Pires (Figuras 5 e 6) ocupou o cargo de assistente-adjunto do então criado Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Associação Evangélica Beneficente. Nessa entidade prestou serviços médicos por mais de 30 anos! Era presbiteriana e participou intensamente da vida de sua igreja, tendo sido diaconisa da 1ª Igreja Presbiteriana Independente em São Paulo.

³. Carmen Escobar Pires não foi a primeira mulher a ingressar na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. De acordo com o pesquisador Luiz Antonio Teixeira, ao que tudo indica, a primeira mulher que praticou a medicina de forma contínua na cidade de São Paulo e a primeira que pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi Marie Rennotte. Nascida na Bélgica em 1852, veio para o Brasil e atuou inicialmente como pedagoga no interior do estado de São Paulo. Posteriormente, graduou-se em medicina na Filadélfia (EUA), em 1892, aos 40 anos de idade. Teve importante atuação na defesa de uma maior participação das mulheres na vida social. In: Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913), de Luiz Antonio Teixeira. Editora Unesp – São Paulo, 2007, 294 páginas.

⁴. Oscar Pereira da Silva nasceu em São Fidélis (RJ), em 29 de agosto de 1865 (ou 1867), e faleceu na cidade de São Paulo, em 17 de janeiro de 1939. Foi pintor, desenhista, decorador e professor.



Figuras 5 e 6 – Carmen Escobar Pires na vida adulta. Primeira mulher que se tornou presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

Carmen Escobar Pires não se casou, tampouco deixou descendentes. Faleceu em 10 de fevereiro de 1984, aos 85 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério dos Protestantes, fundado em 1858 e localizado à Rua Sergipe nº 177, no bairro de Higienópolis. Seu nome é honrado como patronesse da cadeira nº 112 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

50º PRESIDENTE: 1952-1953

Patrono da Cadeira nº 21

Helio Begliomini¹

BENEDICTO AUGUSTO DE FREITAS MONTENEGRO



1888-1979

Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, mais conhecido por Benedicto Montenegro, nasceu em Jaú (SP), aos 7 de abril de 1888. Graduou-se em medicina pela Universidade da Pensilvânia (EUA), em 1909, tendo revalidado seu diploma no Rio de Janeiro.

Atleta por excelência, praticava natação, tênis, salto e luta romana, sendo campeão paulista de futebol pelo Mackenzie.

Iniciou suas atividades profissionais na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, em decorrência de sua dedicação, recebeu anos mais tarde desse nosocômio o título de “cirurgião honorário”.

Em 1917 chefiou a missão médico-militar brasileira enviada à França, na I Guerra Mundial. Cirurgião brilhante, atendendo as vítimas mais graves, foi distinguido com a “Medalha do Pacificador Duque de Caxias”, pelo Exército Brasileiro e elevado pelo governo francês à condição de “Cavaleiro da Legião de Honra da França”. Pela sua liderança, na Revolução Constitucionalista de 1932, foi presidente da “Federação de Voluntários”.

Em sua passagem pela política foi um dos fundadores do Partido Constitucionalista; deputado e, como vice-presidente em exercício da Assembleia Estadual Constituinte, assinou a Constituição de São Paulo, aos 9 de julho de 1935.

Tornou-se, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), professor de clínica cirúrgica (1931-1956, catedrático já em 1934) e diretor (1941-1947), além de ter sido durante três meses, em 1947, reitor da USP.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Benedicto Montenegro foi também professor de cirurgia bucomaxilofacial da Faculdade de Farmácia e Odontologia e, por determinação de Armando de Salles Oliveira, tornou-se diretor (1934-1937) dessa escola, mais tarde integrada à USP. Pelo seu brilhante trabalho foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela USP, por proposta dessa faculdade.

Foi um homem de ampla visão. Enquanto diretor da Faculdade de Medicina teve marcante atuação administrativa, participando da conclusão das obras da primeira etapa de ampliação do Hospital das Clínicas (HC). De 1941 a 1956 presidiu o Conselho Administrativo do HC, época em que deu início às construções do Instituto de Ortopedia e Traumatologia, de Psiquiatria e da Escola de Enfermagem, anexos ao Instituto Central.

Integrou o primeiro Conselho Universitário da USP e foi seu representante junto aos governos da República e do Estado, onde pleiteou e conseguiu para a USP sua autonomia administrativa e didática.

Dirigiu ainda várias entidades de classe, o que lhe valeu dezenas de títulos honoríficos. Foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1952-1953. Presidiu também a Associação Paulista de Medicina no biênio 1953-1954. Outrossim, foi membro titular, fundador e primeiro mestre, em 1941, do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC). Tornou-se membro emérito dessa entidade e teve a honra de receber, em 1970, o primeiro Prêmio “Colégio Brasileiro de Cirurgiões”, outorgado pela sua contribuição ao ensino, progresso e desenvolvimento da cirurgia no Brasil.

Ensinando e formando discípulos durante 42 anos (!), foi fundador da “Escola Cirúrgica Benedicto Montenegro”. Sua dedicação à cirurgia fez dele um pioneiro no Brasil na área gastroduodenal, tendo sido contemplado, em 1947, pelo *American College of Surgeons*, com o título de *Honorary Fellow*.

Montenegro trabalhou também no Hospital da Beneficência Portuguesa, no Sanatório Esperança e no Hospital Santa Catarina, tornando-se, nesse último, em 1934, diretor clínico, cargo que desempenhou até a sua aposentadoria, em 1956.

Em 1978 escreveu **Meus 90 Anos** – autobiografia, testemunho de sua dedicação às Faculdades de Medicina e de Farmácia e Odontologia da USP, bem como de todas as suas atividades políticas, administrativas, didáticas e científicas.

Após uma vida profícua, pródiga de dons e realizações, Benedicto Montenegro faleceu em São Paulo aos 91 anos, em 23 de agosto de 1979, sendo honrado com a patronímica da cadeira nº 21 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, além de dar nome a um prêmio do Capítulo de São Paulo do CBC, que homenageia, anualmente, desde 1985, cirurgiões que tenham atuado no estado de São Paulo e que tenham contribuído ao desenvolvimento da cirurgia brasileira.

51º PRESIDENTE: 1953-1954

Patrono da Cadeira nº 41

Admissão: 3/11/1934

Helio Begliomini¹

FELÍCIO CINTRA DO PRADO



1900-1983

Felício Cintra do Prado nasceu em 20 de maio de 1900, na cidade de Amparo (SP). Fez o curso secundário na cidade de Itu (SP), no Colégio São Luís, dos padres jesuítas. Ingressou em 1918 na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), e graduou-se em 1923, apresentando a tese **Síndrome Pirâmido-Palidal**, trabalho galardoado com o Prêmio Sérgio Meira da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Iniciou sua vida devotando-se à neurologia, mas tinha como meta dedicar-se à gastroenterologia, à época, denominada de moléstias do aparelho digestivo e da nutrição. Em 1926 fez viagem de aperfeiçoamento à Europa, onde frequentou diversos hospitais até 1928. Em Berlim, no Hospital Neukoeln, foi assistente voluntário do professor Rudolph Elamann. Aí, nesse serviço, reuniu material para o seu livro **Colecistite e Patologia Gastrointestinal**, editado em 1929 e prefaciado pelo eminente clínico do Rio de Janeiro Miguel Couto, obra que recebeu o Prêmio Alvarenga da Academia Nacional de Medicina.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Regressando a São Paulo, atuou como clínico geral e, posteriormente, tornou-se chefe do Serviço de Clínica Médica e membro do Conselho Diretor da Policlínica de São Paulo.

Casou-se com Leonor do Prado em 4 de outubro de 1937, e desse conúbio nasceram sete filhos: Luiz Eduardo, Heloísa Campos Pupo, Eleonora Velloso Roos, Fernando, Maria Cristina Prestes Motta, Felício Cintra do Prado Jr. e Patrício.

Com a criação da Escola Paulista de Medicina (EPM), Felício Cintra do Prado foi convidado para o cargo de professor catedrático de terapêutica clínica, em cuja instituição de ensino trabalhou por quase 30 anos (1937-1966)². Aí atuou não somente em sua disciplina, mas foi um ativo membro da congregação da faculdade.

Dentre os cargos e funções que desempenhou, salientam-se: vice-presidente por dois mandatos da Associação Paulista de Medicina (1934-1940); presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo (1936); presidente da Associação dos Antigos Alunos da FMUSP (1942); presidente da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição também por dois mandatos (1950-1952); e presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia (1953-1954), entidade de que foi um dos fundadores, em 22 de outubro de 1949, juntamente com Antônio da Silva Melo³ (RJ); Júlio Croce, representando Benedicto Montenegro⁴ (SP); Galizzi, representando J. Romeu Cançado (RJ); e Geraldo Siffert (RJ).

Felício Cintra do Prado ingressou, em 3 de novembro de 1934, na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1953-1954. Foi também membro correspondente das seguintes entidades: Academia Nacional de Medicina da Argentina, Academia Teuto-Ibero-Americana de Medicina (Alemanha), Sociedade Francesa de Gastroenterologia, Sociedade Venezuelana de Gastroenterologia, Sociedade Uruguaia de Gastroenterologia e membro honorário da Associação Pan-Americana de Gastroenterologia.

Felício Cintra do Prado muito contribuiu para o desenvolvimento da gastroenterologia clínica. Em 1968 foi eleito presidente do XX Congresso Brasileiro de Gastroenterologia, realizado, com sucesso, em São Paulo.

Além de sua vida universitária, associativa e de dedicação à sua clínica privada, publicou mais de uma centena de trabalhos no Brasil e no exterior, salientando-se os seguintes periódicos: *JAMA – Journal of the American Medical Association*, *American Journal of Diagnosis Diseases*, *Presse Medicale*, *La Prensa Medica Argentina* e *Deutsche Medizinische Wochenschrift*.

Escreveu ainda os seguintes livros: **A Medicina e o Médico na Sociedade Contemporânea** (1941); **Curso de Dietética** (1942); **Clínica das Afecções do Estômago** (1950); **Curso de Atualização Terapêutica** (1952, em coautoria com José Ribeiro do Valle); e **Atualização Terapêutica**⁵ (1957, em coautoria com José Ribeiro do Valle e Jairo Ramos⁶; com mais de 19 edições, foi um dos livros mais vendidos na área médica).

Moacyr Pádua Villela⁷, que o conheceu desde o 4º ano de seu curso na EPM, na então Policlínica da Rua do Carmo, refere que Felício Cintra do Prado era um “professor de alto gabarito e ministrava suas aulas com clareza e precisão. Durante nossa convivência por mais de três décadas, jamais apresentou um senão que nos desapontasse; uma palavra que desagradasse a alguém e pudesse ofender um semelhante seu; um gesto que não estivesse à altura

². O ensino de gastroenterologia na EPM tem origem em três fontes: as cátedras de clínica de doenças do aparelho digestivo dirigida por Felipe Figliolini e a de terapêutica clínica dirigida por Felício Cintra do Prado, extintas em 1965; e a Seção de Gastroenterologia, que deu origem à atual disciplina de gastroenterologia, cujas raízes vêm de 1943.

³. Antônio da Silva Melo (1886-1973) foi o quarto ocupante da cadeira nº 19 da Academia Brasileira de Letras.

⁴. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953, e é patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

⁵. Felipe Figliolini, catedrático de clínica de doenças do aparelho digestivo da EPM, colaborou continuamente com Felício Cintra do Prado. Da 1ª à 8ª edição do livro *Atualização Terapêutica* (1957), foi o coordenador da seção “Aparelho Digestivo”. Felício Cintra do Prado, embora catedrático de terapêutica clínica, atuava profissionalmente como gastroenterologista.

⁶. Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

⁷. Moacyr Pádua Villela foi membro titular e o primeiro ocupante da cadeira nº 41 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Felício Cintra do Prado.

de sua dignidade e de seu respeito; uma atitude que não correspondesse ao seu passado. Cavaleiro, fino no trato, elegante, esbelto, amigo de todos com quem ele convivia; de bom relacionamento e digno da amizade de todos” .

Felício Cintra do Prado faleceu em 22 de fevereiro de 1983, com 83 anos incompletos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 41 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro de Vila Império da capital paulista.

52º PRESIDENTE: 1954-1955

Patrono da Cadeira nº 114

Admissão: 1/10/1934

Helio Begliomini¹

EURICO BRANCO RIBEIRO



1902-1978

Eurico Branco Ribeiro nasceu na casa do Largo da Matriz, na cidade de Guarapuava, oeste do Paraná, em 29 de março de 1902. Era filho do paulista Arlindo Martins Ribeiro e da paranaense Hermínia Saldanha Branco, falecida dois anos depois. Arlindo teve mais nove filhos, dessa vez, em segundo casamento realizado com sua cunhada, Maria das Dores.

Aos dez anos, Eurico Branco Ribeiro já escrevia para o jornal semanal “A Nação” de sua terra natal. Aos 12 anos, colaborava no “A Comarca de Guarapuava”. Mudando-se para São Paulo, aos 13 anos, tornou-se redator da edição vespertina “O Estadinho” do jornal O Estado de S. Paulo, tendo participado também do primeiro grupo de redatores da empresa “Folha da Noite”, como repórter policial, advindo talvez daí sua enorme facilidade em descrever situações as mais inusitadas. Desde cedo, além das matérias triviais, começou a estudar francês, alemão e inglês com sua querida avó Alzira Saldanha Branco. Aliás, o hábito de falar inglês foi mantido por oito anos seguidos quando adulto, em reuniões semanais com amigos que apreciavam a mesma língua.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Enquanto se dedicava às atividades jornalísticas, – pois, além de transmitir conhecimentos, precisava reforçar sua mesada –, estudou no famoso Ginásio do Carmo (1916-1917) e, depois, no Ginásio do Estado (1918-1921). Após ter contraído a gripe espanhola, assistiu a uma conferência de Ruy Barbosa, em 1919, no Teatro Municipal de São Paulo, que muito o sensibilizou.

Seguiu, posteriormente, o curso médico, formando-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1927, tendo sido plantonista do serviço sanitário como acadêmico, com tese de graduação, aprovada com Grande Distinção (grau dez), versando sobre **As Águas Medicamentosas Naturais**, tendo pesquisado cinco fontes do município de Guarapuava. Mas foi a partir de 1926 que começou sua dedicação à cirurgia geral.

Tornou-se assistente do renomado professor Benedicto Montenegro, que foi considerado sempre como “seu mestre”. Foi também cirurgião da Beneficência Portuguesa até 1946; do Hospital da Pedreira; do Sanatório Santa Catarina a partir de 1930; da Casa de Saúde Liberdade; da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários do Estado de São Paulo (Capfesp) e da Sociedade dos Choferes do Estado de São Paulo.

Desde sua fundação, em 31 de janeiro de 1939, foi diretor do Sanatório São Lucas, à rua Pirapitingui, nº 80, no bairro da Liberdade, onde trabalhou até o final de sua vida, prédio adaptado da antiga residência de Alfredo Pujol e que possuía belíssima biblioteca, onde, com o tempo, se alojaram, entre outras, cerca de 200 coleções de revistas médicas nacionais e estrangeiras, além de milhares de livros. Posteriormente, uma ala do novo edifício foi inaugurada aos 18 de outubro de 1945, dia de São Lucas.

Nesse Sanatório estagiaram muitos médicos do Brasil e de vários países do mundo, mormente sul-americanos. Em verdade, esse nosocômio foi um verdadeiro hospital universitário, e Eurico, um catedrático sem cátedra, demonstrando que a excelência da medicina não se encontra apenas nas universidades.

Com sua enorme atividade galgou os cargos de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e presidente do departamento de cirurgia da Associação Paulista de Medicina. Quando fora presidente da tradicionalíssima Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1954-1955), o nome da entidade foi alterado para Academia de Medicina de São Paulo.

Foi também membro das seguintes entidades: Colégio Internacional de Cirurgiões; Colégio Americano de Cirurgiões; Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Sociedade Médica São Lucas; Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa (fundador, secretário e presidente); Sociedade Paulista da História da Medicina; Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo; da Sociedade de Leprologia de São Paulo; Associação Argentina de Cirurgia; Sociedade dos Cirurgiões de Santiago do Chile (sócio honorário); Academia Brasileira de Medicina Militar; Sociedade de Cirurgia de Madrid; Sociedade de Gastroenterologia do Uruguai; Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba; sócio correspondente de mais de dez outras sociedades científicas; Colégio Brasileiro de Cirurgiões (mestre do Capítulo de São Paulo), além de diretor e redator, por 45 anos, dos “Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia”, anteriormente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, posteriormente editada pela “Fundação para o Progresso da Cirurgia” e, atualmente, pela Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo; e do “Boletim do Sanatório São Lucas”. Foi um dos mentores da Legião Médica São Lucas, fundada na Argentina e que tinha sede no Brasil, também no Sanatório São Lucas.

Eurico Branco Ribeiro publicou mais de 200 trabalhos científicos em anais de congressos, de sociedades e em outras revistas médicas, condensando quase todos eles em seus **Estudos Cirúrgicos**, em seis volumes (1934-1952), versando sobre extensa temática técnico-clínico-cirúrgica absorvida durante sua vida, além de “A Cirurgia no Sanatório São Lucas”, com colaboradores, nos volumes 1939 a 1954 e 1955 a 1967.

Nesse assunto, destacamos o primeiro trabalho de Eurico, que foi um relato sobre a saúde e condições no clima em Campos de Jordão, em 1924, publicado no “Diário de Medicina”. Em 1926, apresentou tese sobre “Higiene da Imprensa” no 3º Congresso Brasileiro de Higiene. Posteriormente, publicou “A Propósito de um Dente Heterotópico”; “Os Anúncios e a Saúde Pública”; “Sobre Mama Supranumerária” (1931); “Aspectos Cirúrgicos de Caseose dos Nervos na Lepra”; “*Cirurgía Del Nervio Frénico en Afecciones Tuberculosas*”; “Neurofibromatose ou Primeira Moléstia de Recklinghausen (1935)”; “Pesquisa da Alça Jejunal em Cirurgia Gástrica” (1940); “A Hérnia Inguinal em Infortunística” (1940); “Hipertrofia em Anel da Musculatura do Antro-Pilórico”; “Litíase do Apêndice” (1943); “Os Problemas do Tétano”; “Úlceras Múltiplas do Estômago”; “A Moléstia da Raquicentese”; “Quisto Epidermoide

da Falangeta”; “Varicocele” (1946); “A Penicilina por Via Arterial nas Ostemielites” (1947); “Acidente de Trabalho e Hérnia Inguinal”; “*Gastric Ressection of the Ulcer and Cancer*”; “*Duodenal Diverticulum*” e “Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil: Professor Emérito Benedicto Montenegro” (1971), dentre outros.

Escrevia de tudo, por tudo e acima de tudo, era um mestre na comunicação escrita e falada, não deixando de apresentar nada daquilo que via e sentia em seus olhos e em suas mãos de artista. Realizou nada menos do que 31.500 cirurgias em sua vida profissional, tendo sido considerado um dos maiores cirurgiões de gastrectomia do mundo(!), pois, sendo ambidestro, a realizava de “parede a parede”, no prazo máximo de 60 minutos, sempre com admirável destreza e precisão.

Participou de inúmeros congressos médicos nacionais e internacionais em todos os cantos do mundo, ocasiões em que aproveitava para realizar não só um aprofundado “tour” científico e técnico, mas também um festival de acontecimentos artísticos e de conagração. Aliás esse era o seu lazer.

Sua dedicação à cultura geral e à médica, em particular, além de sua característica inata à escrita, fizeram com que adentrasse francamente pelos estudos históricos, descobrindo, por exemplo, nos arquivos públicos de São Paulo, a data da fundação da cidade de Guarapuava, que passou a ser festejada, escrevendo sobre a **História de Guarapuava**, em 1922, e o **Esboço da História no Oeste Paranaense**, ambos publicados pelo Instituto Nacional de Geografia, além de **À Sombra dos Pinheiros** (1925); **Higiene da Imprensa** (1926); **Gralha Azul** (1927); **O Coração do Paraná** (1929); **Viagem às Sete Quedas** (1939); **O Primeiro Bandeirante** (1946); **Breviário dos Vinte Anos** (1952); **O Casamento Ideal** (1956); **Museus Municipais** (1957); **O Primeiro Casamento** (1969); **A Água da Esperança** (1969), além de outras publicações mais simples. O produto da venda de suas obras, cerca de 30, doou a instituições de caridade.

Planejou, durante 30 anos, escrever a vida de São Lucas, autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, particular amigo de São Paulo e patrono dos médicos, que seria realizada em dez volumes, mas a morte o levou após o quarto volume. Essa obra imortal levou o título de **Médico, Pintor e Santo** e é subdividida em quatro volumes: I. **Antes e Depois do Dia Fatal** (1969); II. **Argumentos para uma Tese** (1970); III. **De Autor a Personagem** (1971) e IV. **Simbologia e Evocação** (1974).

Na obra “**Médico, Pintor e Santo**”, Eurico Branco Ribeiro refere que, já em 1463, a Universidade de Pádua iniciava o ano letivo em 18 de outubro, em homenagem a São Lucas, proclamado patrono do “Colégio dos Filósofos e dos Médicos”.

A escolha de São Lucas como “patrono dos médicos” e do dia 18 de outubro como “dia dos médicos” é comum em muitos países, dentre os quais Portugal, França, Espanha, Itália, Bélgica, Polônia, Inglaterra, Argentina, Canadá e Estados Unidos da América.

Infelizmente, pouquíssimos médicos sabem que o dia 18 de outubro, dia de São Lucas, comemorado no Brasil como o “dia do médico”, foi uma conquista árdua graças ao empenho impávido, à inflexível tenacidade e à liderança de Eurico Branco Ribeiro.

Sobre o santo ainda publicou **O Livro que Lucas não Escreveu** (1969), **Lucas, o Médico Escravo** (1974). Tais estudos sobre o evangelista fizeram com que Eurico fosse considerado o maior entendido de Lucas no mundo, pois escreveu a verdadeira vida e não o romance do patrono dos médicos.

Ainda escreveu **Fui um dos Setenta** – novela dos tempos bíblicos (1977) –, na qual encontram-se descrições da fase final da vida de Maria Magdalena. Escreveu ainda um condensado *in memoriam* dedicado ao professor Itapura de Miranda e um estudo sobre o taumaturgo padre jesuíta Ruiz de Montoya, em 1973. Nesse mesmo ano, Eurico redigiu o esboço biográfico de seu pai, Arlindo.

Foi, porém, no Rotary Club de São Paulo – Centro, onde tomou posse como sócio em 1935, que Eurico assumiu inúmeros cargos, inclusive o de presidente (1945-1946), demonstrando grande capacidade de prestação de serviços à comunidade. Viajou pelo Brasil e pelo exterior, relacionando-se com muitas personalidades de diferentes etnias.

No Rotary publicou 11 livros, tais como **Rotary para mim é...** (1942); **Um Lema para Rotary** (1942); **Rotary, o Legado de Paul Harris** (1948); **Assim é o Rotary** (1952); **A Evolução do Objetivo do Rotary** (1952); **O Rotary em Evolução** (1954); **O Rotary aos 50 Anos** (1956); **25 Anos de Rotary** (1960); **Pelas Avenidas do Rotary** (1961); **O Rotary Sexagenário** (1965); **Atividades Internacionais do Rotary** (1965), e outros estudos menores, além de inúmeros relatórios.

Sob sua responsabilidade direta, vinha periodicamente a público a revista “Vida Rotária”, cujo nº 278 – ano XXX – edição especial – foi dedicado à sua memória, tendo colaborado também com a revista “Brasil Rotário” e com o boletim “Servir”.

Participou ativamente da criação da Fundação dos Rotarianos de São Paulo quando, então, foi adquirido o colégio Rio Branco e também formada a Associação de Famílias de Rotarianos de São Paulo, época em que foi construído o edifício Rotary, à Avenida Higienópolis.

Para coroar sua vasta caminhada rotária, Eurico foi galardoado com a famosa medalha “Sócio Paul Harris”, em 1975, alta comenda do *Rotary International*.

Foi também ativo participante e presidente do clube dos 21 Irmãos Amigos, entidade física que congrega um representante de cada estado do país, tendo reativado o clube da cidade de Londrina.

Além de fazer uma magnífica conferência na Academia Paulista de Letras sobre o “Homem que Marcou o Dia de Natal” (1972), tomou posse solenemente nesse sodalício, na cadeira nº 6, em 15 de setembro de 1974, cujo patrono é Couto Magalhães, sendo João Vampré o primeiro ocupante, e o segundo, antecessor de Eurico, o genial Plínio Salgado, autor da portentosa obra “Vida de Jesus”, entre outras. Tomou posse também na cadeira nº 27, em 27 de novembro de 1975, na Academia Cristã de Letras, cujo patrono é São Lucas. Eurico foi ainda membro de diretoria da União Cultural Brasil – Estados Unidos; secretário do Pen Club de São Paulo, membro da União Brasileira de Escritores e fundador, tesoureiro e secretário da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), atual Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames), filiada à *Union Mondiale des Écrivains Médicins* (Umem). Foi indicado patrono *post-mortem* da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina.

Sua atividade cívica foi multifária, cabendo-lhe também o título de fundador do Partido da Mocidade, uma das bases do futuro Partido Democrático, elaborando sua plataforma de lançamento.

Eurico Branco Ribeiro promoveu a criação do Museu Visconde de Guarapuava e da Biblioteca Ruiz de Montoya, também em Guarapuava, em 1956.

À 16ª Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, realizada em Belo Horizonte, em 1954, apresentou proposta relativa à criação de Museus Municipais para a preservação da memória de nossos municípios.

Publicou ainda um alentado estudo sobre “Um Museu Adequado para São Paulo” (Museu da Indústria), em 1962. Estimulou a criação de um museu de anatomia patológica no serviço do mesmo nome, que foi dirigido pelo professor Carmo Lordy, ex-catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e um Museu de São Lucas, inaugurado em 27 de fevereiro de 1962, ambos em seu sanatório, contendo coleção de quadros, imagens e livros sobre o patrono dos médicos. Dizia com razão Silvio Romero: “Povo sem tradições é árvore sem raízes, que qualquer vento derruba”.

O espírito caritativo fez com que Eurico Branco Ribeiro exercesse a presidência da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo por 27 anos consecutivos.

Eurico Branco Ribeiro recebeu diversas comendas e títulos honorários, destacando-se a comenda da ordem do Mérito Médico do Governo Brasileiro; cidadão honorário de Curitiba; prefeito honorário de San Antonio, Texas (EUA); membro honorário da Umem; membro da associação dos Cavalheiros de São Paulo; sendo ainda detentor de muitas outras medalhas de entidades culturais.

Além de cirurgião de rara habilidade foi administrador de arguta competência e escritor de grande sensibilidade, que soube interagir proficuamente nas múltiplas entidades de que participou. Marcou presença em sua família, sendo pai e esposo, além de mestre, esteta e homem caridoso.

Pois “esse incrível Eurico”, no dizer de Oscar Pereira Machado, sempre foi estudioso, escritor e médico disciplinado. Foi também “o pai, a ação, o mestre, o esteta, o bisturi armado em coração, o presidente, o homem bom”, no dizer de Durval Rosa Borges.

Eurico foi adoecendo e nem acreditando que seu fim chegaria, fato que ocorreu em 1º de março de 1978, pouco antes de completar 76 anos, deixando sua esposa Maria Emília e suas filhas Sônia, Dulce, Gláucia e Alda. Dos irmãos pelo lado paterno, Eurico contou com a colaboração valiosa, em seu sanatório, de Luiz, também médico; Alzira, auxiliar geral, além de Sônia, sua filha, como administradora.

Com a morte de Eurico perdeu-se o homem simples, o médico, o diretor de hospital, o escritor, o filantropo,

o civilista, o cavalheiro, o amigo, a máquina organizada para o trabalho e para o conhecimento. A Sbem, hoje a Sobrames, perdeu sua viga-mestra, mas que ficará guardada eternamente em sua memória.

Sua figura ímpar caracterizou uma época durante os anos em que viveu, a tal ponto que seus feitos resistem ao tempo e transcendem sua existência terrena. Ele vive na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, da qual é seu Patrono oficialmente desde 1994.

Eurico Branco Ribeiro escolheu como lema de vida e *ex-libris* de seus livros a célebre frase de Hipócrates que, aliás, estava estampada no vitral de sua janela: *“Conservarei puras a minha vida e a minha arte”*. E ele dignamente assim o fez.

53º PRESIDENTE: 1955-1956

Admissão: 15/1/1940

Helio Begliomini¹

PAULO DE ALMEIDA TOLEDO



1909-1990

Paulo de Almeida Toledo nasceu na cidade de Serra Negra (SP), em 1909. Filho de destacado educador, adquiriu apreço pela leitura, conhecendo a vida e a obra de grandes escritores e ensaístas, em particular, a do renomado representante do realismo e romancista português, José Maria Eça de Queiroz.

Graduou-se em 1932, pela Faculdade de Medicina de São Paulo, integrada, posteriormente, à Universidade de São Paulo (FMUSP). Dedicou-se ao estudo da eletrocardiologia clínica e, posteriormente, à radiologia.

Nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Paulo de Almeida Toledo, com sua privilegiada inteligência, esmerado raciocínio clínico e rigor científico, dedicou-se a uma exitosa carreira científica na área do radiodiagnóstico. Sua tese inicial, que se intitulava **Revelografia dos Cólonos**, foi galardoada com o prêmio Sérgio Meira de 1933.

Três pessoas, duas delas renomados filhos de Hipócrates, exerceram grande influência sobre Paulo de Almeida Toledo: seu pai, advogado e professor de história da Escola Normal Caetano de Campos, da Praça da República,

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

apaixonado pelo ensino, de grande dignidade, reconhecido e afamado dentre os educadores brasileiros; professor Jairo Ramos, homem que tinha o dom de escolher, orientar e moldar seus assistentes; e o professor Antônio de Almeida Prado, de irretocável formação moral, estupenda cultura, visão e sabedoria de vida, que faziam dele uma pessoa encantadora.

Quis o destino que Paulo de Almeida Toledo se casasse, posteriormente, com Beatriz de Almeida Prado (1914-2006), tornando-se genro de seu estimado professor Antônio de Almeida Prado.

Paulo de Almeida Toledo galgou todos os degraus da carreira universitária, tornando, em 1966, após concurso de provas e títulos, professor titular da disciplina de radiologia, exercendo essa função durante 13 anos. Foi também diretor da FMUSP de 1970-1974.

Eis alguns excertos do seu discurso que proferiu por ocasião de sua posse como diretor da FMUSP, que retratam a sua personalidade: *“Curiosa é a inversão total de valores culturais, literários, morais e de costumes do mundo, que se operam ou pelo menos chegaram a nós a partir da II Guerra Mundial.*

“Onde havia respeito à experiência e à idade passou a haver revolta e desprezo por tudo, o que homens ou ideias, têm mais de 40 anos”.

(...) “Onde o aprendizado era estabelecido e fundado no princípio da complexidade progressiva, o ensino passou por uma transformação curiosa em que predomina a inovação a qualquer preço, tornando-se para nós ilógico e desordenado. A alfabetização é pobre e incompleta e a redação correta é descuidada, ultrapassada e ‘fora de moda’, o que irremediavelmente a estigmatiza”.

(...) “As ideias que parecem dominar a época dão-nos a impressão de que ‘se pudermos fazer tudo difícil e complexo, porque então fazê-lo simples e logicamente’. Uma coisa parece certa, é que a definição de ‘bom’ se confunde com a de inovação revolucionária. Isso se estende a todas as formas de atividade humana e atinge preferencialmente a administração, com a ascensão de jovens imaturos, para os quais a experiência é noção pejorativa”.

“Isso se estende também ao exercício da medicina, onde uma reforma funesta, mal concebida e mal-aplicada, tudo completa, tudo dificulta, tudo inverte, amputando e desmembrando a Faculdade da qual foi retirada a organização do ensino básico; da qual foi retirado o currículo dos últimos anos, o que condensa em escassos quatro semestres o ensino de uma medicina que constantemente se amplia”.

“Sei perfeitamente que inovar e estabelecer novos moldes que acompanhem a evolução de nossos conhecimentos é necessário e útil. Mas arrasar tudo o que foi feito pelos que nos antecederam apenas para aplicar às pressas e sem orientação, quase por ouvir dizer, medidas adotadas em outras terras, só porque são diferentes, sem atender às nossas características de desenvolvimento, é perfeitamente estúpido e prejudicial. Naturalmente alguma coisa de útil ficará de toda essa subversão. Mas a inovação foi excessivamente rápida e radical, provocando uma demolição total antes que se fundassem os alicerces da nova ordem”. (...).

Paulo de Almeida Toledo, ao se tornar professor titular, abdicou de sua enorme clínica e dedicou-se em tempo integral à docência e à pesquisa. Participou com entusiasmo de numerosas reuniões científicas do Hospital das Clínicas e esmerou-se de modo particular no curso curricular de radiologia, ministrando a maioria de suas aulas.

Incentivou a pesquisa científica nas áreas de radiologia, radioterapia e medicina nuclear, promovendo a realização de oito concursos de doutoramento; quatro de docência-livre e um de professor adjunto. Por outro lado, diversos trabalhos e teses de outras disciplinas foram realizados no Serviço de Radiologia em sua gestão.

Paulo de Almeida Toledo foi eleito presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas, ocupando o cargo durante quatro anos, numa época particularmente muito difícil. Lutou contra a transferência das cadeiras básicas para o *campus* universitário; preservou o edifício da faculdade de medicina e iniciou a instalação de laboratórios de investigação médica. Preocupou-se com a pós-graduação e com cursos de especialidade nos mais importantes ramos da medicina.

Mesmo afastado temporariamente do Hospital das Clínicas e da FMUSP organizou, juntamente com o professor José Maria Cabello Campos, os Cursos de Patologia da Santa Casa de Misericórdia. Nesse hospital ele propiciou as bases da Escola de Especialização para que culminassem, posteriormente, com a criação da Faculdade de Ciências Médicas.

Paulo de Almeida Toledo teve a honra de presidir a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1955-1956. Presidiu também o Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, onde proferiu diversas aulas e conferências.

Ávido por conhecimentos e dotado de inteligência inquieta e eclética, projetou-se com afinco na vida intelectual de São Paulo. Era provido de grande cultura humanística, escritor de amplos recursos e ensaísta.

Sucedeu-o na cátedra de radiologia o professor Álvaro de Almeida Magalhães, criador do Instituto de Radiologia e Radioterapia, o que deu grande impulso a essas especialidades.

Paulo de Almeida Toledo teve uma vida profícua e foi um dos mais ilustres mestres da medicina brasileira, aposentando-se em 1980. Teve em seu filho Marcelo a continuação de sua trajetória, pois trabalhou como chefe do Serviço de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e prestou grandes serviços ao Museu de História da Medicina “Professor Carlos da Silva Lacaz” da FMUSP.

Paulo de Almeida Toledo faleceu de infarto agudo do miocárdio em 1990. Seu corpo foi velado no teatro da FMUSP, instituição que ele tanto enobreceu com seu trabalho, dedicação e projeção.

Publicou quatro livros: **Eletro-Radiologia Clínica do Coração** (Eletrocardiologia e Radiologia, 1940); **Radiologia Clínica do Aparelho Digestivo** (em dois volumes, 1948); **Temas Avulsos**; e **Radiologia Básica** (1978), publicado com a colaboração de membros do corpo clínico da radiologia do Hospital das Clínicas da FMUSP.

54º PRESIDENTE: 1956-1957

Patrono da Cadeira nº 69

Admissão: 2/8/1920

Helio Begliomini¹

OSCAR MONTEIRO DE BARROS



1894-1978

Oscar Monteiro de Barros nasceu em 8 de setembro de 1894, na cidade de São Paulo. Era filho do médico Thomaz de Aquino Monteiro de Barros e de Coleta Horta Monteiro de Barros.

Estudou no Colégio Santo Agostinho e frequentou, por quase dois anos, o curso de engenharia na Escola Politécnica, pois, nessa época, ainda não havia o curso de medicina em São Paulo, e ele achava muito custoso estudar em outro estado.

Entretanto, ser médico era sua vocação, tanto que se transferiu de curso após a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, graduando-se na segunda turma, em 1919. Trabalhou na 6ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que era chefiada pelo professor Celestino Bourroul², seu cunhado, amigo e orientador.

Continuou sua vida universitária no Hospital das Clínicas, onde se tornou livre-docente da cadeira de doenças tropicais e infecciosas. Esteve de 1949 a 1950 na França, onde aprimorou seus conhecimentos na Sorbone, recebendo o Prêmio Pietre depois da defesa de tese. Em seguida, esteve também na Inglaterra, Itália e Estados Unidos da América do Norte.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

Oscar Monteiro de Barros presidiu a Associação Paulista de Medicina de 1943-1944. Teve também a honra de presidir a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1956-1957. Juntamente com o professor Emílio Athie, foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC – SP) em 1963.

Nessa casa de ensino tornou-se catedrático da disciplina de moléstias infecciosas e parasitárias e diretor do Departamento de Medicina até a formatura da primeira turma, em 1968. Posteriormente, continuou atuando em seu consultório particular até o final de seus dias.

Dentre as honrarias que recebeu salientam-se a medalha Anchieta da Câmara Municipal de São Paulo; homenagem especial da Associação Paulista de Medicina e um lauto banquete quando completou 80 anos, organizado por colegas médicos, amigos e pacientes.

Oscar Monteiro de Barros teve três filhos: Oscar Thomas Monteiro de Barros, Lúcia Nair Monteiro de Barros Maciel, viúva de Péricles Maciel, médico; e Renato Rodrigo Monteiro de Barros. Teve sete netos, dois dos quais médicos, como o pai, avô e bisavô: Rui Monteiro de Barros Maciel, que foi professor titular de endocrinologia da Escola Paulista de Medicina; e Flávio Monteiro de Barros Maciel, pós-graduado em reumatologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Medicina da FCMSC – SP.

Oscar Monteiro de Barros, além de líder da classe médica, era extremamente bondoso para com seus pacientes, exercendo seu mister com muito humanismo.

Carlos da Silva Lacaz³, seu biógrafo, refere que ele era “carinhosamente chamado pelos seus colegas de ‘Oscarzinho’, e que sabia como poucos exercer a sua arte. Tornava-se logo benquisto pelo doente. Era o verdadeiro médico de família, clínico renomado, querido e admirado pelos colegas”.

Oscar Monteiro de Barros faleceu em plena atividade profissional, em 29 de março de 1978, com anos 83 anos, vítima de acidente automobilístico, quando voltava para casa depois de atendimento noturno de um paciente.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 69 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e com uma rua no bairro de Vila Suzana, na cidade de São Paulo.

³. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

55º PRESIDENTE: 1957-1958

Admissão: 2/10/1949

Helio Begliomini¹

MARIO RAMOS DE OLIVEIRA



1918-2004

Mario Ramos de Oliveira nasceu na cidade de São Paulo, em 11 de julho de 1918. Era filho de José Ramos de Oliveira e de Noemia Ramos de Oliveira.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 27 de fevereiro de 1937, graduando-se em 10 de dezembro de 1942. Destacou-se enquanto acadêmico, tendo bom aproveitamento nas diversas matérias que cursou, haja vista as destacadas médias alcançadas.

Mario Ramos de Oliveira fez carreira universitária na FMUSP, tornando-se, em 1953, doutor e livre-docente (Figura 2). Exerceu a chefia durante 10 anos da 3ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas, que engloba os Serviços de Cirurgia Eletiva e de Pronto-Socorro, sucedendo, respectivamente, aos eminentes cirurgiões: Benedicto Augusto de Freitas Montenegro² (12 anos); Alípio Corrêa Netto³ (15 anos) e Arrigo Raia⁴ (5 anos). Foi sucedido nessa função

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte dos dados aqui consignados foi obtida no Museu Histórico “Professor Carlos da Silva Lacaz” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

². Benedicto Augusto de Freitas Montenegro presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse silogeu.

³. Alípio Corrêa Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse silogeu.

⁴. Arrigo Antonio Raia é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

por Dario Birolini⁵, que nela atuou durante 18 anos.



Figura 2 – Retrato de Mario Ramos de Oliveira, docente de cirurgia da FMUSP.

Mario Ramos de Oliveira ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 2 de outubro de 1949, tendo tido a honra de ser presidente desse sodalício durante um mandato anual entre 1957-1958.

Dentre outras atividades que exerceu na FMUSP, salientam-se: membro do Conselho de Ensino e Pesquisa; membro da Câmara de Graduação e diretor da faculdade. No Hospital das Clínicas foi membro da Comissão Administrativa dos Estagiários e presidente do Conselho Deliberativo (1978-1982).

Mario Ramos de Oliveira publicou os seguintes livros: **Normas e Condutas em Cirurgia do Trauma** (1983, em coautoria com R. Y. Morimoto e Dario Birolini) e **Cirurgia do Trauma** (1985, em coautoria com Dario Birolini).

Faleceu em 29 de outubro de 2004, contando com 86 anos de idade.

⁵. Dario Birolini é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

56º PRESIDENTE: 1958-1959

Admissão: 24/5/1933

Helio Begliomini¹

JOÃO MENDONÇA CORTEZ



1896-1978

João Areosa D'Oliveira Mendonça Cortez, mais conhecido por João Mendonça Cortez, nasceu aos 22 de outubro de 1896, na cidade portuguesa de Coimbra, tendo sido naturalizado brasileiro. Era filho de João Gomes D'Oliveira Mendonça Cortes e de Sarah Areosa Mendonça Cortes.

Concluiu com classificação ótima, aos nove anos, a instrução primaria do 2º grau em sua cidade natal. Emigrou, em seguida, com seus pais para o Brasil, estabelecendo-se em Santos, onde finalizou, em março de 1909, o 2º grau no Ginásio Santista, destacando-se particularmente nas disciplinas de português, francês e inglês.

Mudou-se com sua família, em abril de 1909, para Sorocaba, onde cursou o Ginásio Sorocabano, sobressaindo-se uma vez mais nos conhecimentos de idiomas.

Com apenas 17 anos diplomou-se pela Escola de Farmácia de São Paulo, em 1913. Trabalhou na Farmácia Cintra, na Consolação, ao lado de seu pai, e decidiu ser médico.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto e alguns dos dados aqui consignados foram obtidos na biblioteca "João Mendonça Cortez" do Hospital São Joaquim, da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência, com a bibliotecária Elisandra Jacqueline Alfano Ribeiro, nos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia 105 (1): 107-109, 1978.

Graduou-se em 1923, com 27 anos, na sexta turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que, em 1925 teve seu nome trocado para Faculdade de Medicina de São Paulo e, em 1934, para Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Como conclusão de curso apresentou a tese **Das Uricemias Contribuição ao seu Estudo** (1924), obtendo a nota mais alta que a instituição concedia.

João Mendonça Cortez foi contemporâneo de turma de colegas que se tornariam expoentes na medicina paulista, tais como Jairo de Almeida Ramos², Alípio Corrêa Netto³, Adherbal Pinheiro Machado Tolosa⁴ e Matheus Santamaria⁵, dentre outros.

Terminado o curso médico passou a trabalhar como clínico no velho Hospital São Joaquim, da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficência de São Paulo (HSJ – RBSPB – SP), e assumindo também a direção do seu laboratório de análises, à Rua Direita, juntamente com Aristides Guimarães e Oscar Monteiro de Barros⁶.

Em 1928, já com grande tirocínio e fama, tinha conquistado a condição de subchefe de clínica do HSJ – RBSPB – SP⁷. Dedicou a esse nosocômio boa parte de sua vida profissional, onde galgou a condição de chefe clínico em 1935, dada a sua extrema dedicação aos doentes e a sua privilegiada inteligência. Aí, em 1940, constituiu-se, ao lado de Adhemar Nobre, Eurico Branco Ribeiro⁸, Jayme Rodrigues⁹ e Ney Penteado de Castro, redator da revista “Seara Médica”, órgão da Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa¹⁰, fundada nesse mesmo ano por Juvenal da Silva Marques.

João Mendonça Cortez foi ao seu tempo um clínico excepcional, comparado a outros grandes nomes da medicina paulista como Diogo de Faria¹¹, Celestino Bourroul¹², Rubião Meira¹³, Pinheiro Cintra, Eduardo Monteiro¹⁴, Bernardino Tranchesi, Oscar Monteiro de Barros, dentre outros.

². Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

³. Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

⁴. Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

⁵. Matheus Santamaria foi um renomado urologista paulista.

⁶. Oscar Monteiro de Barros foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1956-1957, e é o patrono da cadeira nº 69 desse sodalício.

⁷. O Estado de S. Paulo – edição de 2 de dezembro de 1928, página 17.

⁸. Eurico Branco Ribeiro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1954-1955, e é o patrono da cadeira nº 114 desse sodalício.

⁹. Jayme Rodrigues foi o grande protagonista e primeiro diretor (1968-1973) da Faculdade de Medicina de Jundiá.

¹⁰. A Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa de São Paulo foi fundada em 2 de agosto de 1932, tendo sido seu primeiro presidente José Barbosa de Barros.

¹¹. Diogo Teixeira de Faria foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

¹². Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

¹³. Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

¹⁴. Eduardo Monteiro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1945-1946.

Em 1935 foi eleito presidente do Departamento de Medicina da Associação Paulista de Medicina (APM). Aí participou de seminários¹⁵ e presidiu várias sessões de medicina¹⁶. Ocupou por diversas vezes a presidência da Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa de São Paulo e foi, por muitos anos, diretor clínico da antiga Caixa de Aposentadoria e Pensões da Estrada de Ferro Sorocabana.

Segundo Jayme Rodrigues, que lhe dedicou um necrológico, “João Mendonça Cortez era profundo conhecedor da língua portuguesa. Dono de uma capacidade didática excepcional, suas conferências despertavam o mais vivo interesse. Possuidor de ótima dicção, aliada a raros dotes de oratória, como, por exemplo, o demonstrou ao saudar em nome da Beneficência o cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa”.

Também foi palestrante em fóruns, tendo como alguns exemplos de suas apresentações: “Um Caso de Malária Quartã. Acidentes Transfusoriais”¹⁷ e “Classificação das Leucemias. Indicações e Resultados das Quimioterapias nas Leucemias”¹⁸.

João Mendonça Cortez escreveu numerosos artigos, quer em parceria com Aristides Guimarães, quer sozinho, tendo como ilustrações: “Dietética nas Moléstias Hepatobiliares”; “Disenteria Bacilar”; “Pereirina e Plasmódios”; “A Bilirrubinemia Normal e Patológica. Método de Determinação. Valor Clínico”; “Pneumococos e Processos Infecciosos das Vias Biliares”; “Cloropenia e Cloropexia. Valor Interpretativo Prático da Cloremia”; “Conceito Hodierno da Insuficiência Hepática”; “O Coeficiente de Weltmann nas Icterícias”; e “Icterícias por Coléstase e Icterícia por Hepatite. Diagnóstico”, dentre outros.

É de sua lavra o livro **Icterícias**, em coautoria com seu assistente e amigo João Manoel Rossi.

João Mendonça Cortez ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 24 de maio de 1933, permanecendo nesse silogeu por 45 anos incompletos (!) e de onde também recebeu o título de membro emérito. Atuou em diversos cargos, tais como: presidente da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina, na gestão de Eurico Branco Ribeiro (1954-1955)¹⁹, em cujo mandato teve o nome da entidade modificado para Academia de Medicina de São Paulo; vice-presidente na gestão de Mário Ramos de Oliveira (1957-1958)²⁰; 56º presidente desse sodalício (cinco lustros após o seu ingresso) num mandato anual entre 1958-1959; e na gestão de Carlos da Silva Lacaz²¹ (1962-1963) fez parte da Comissão de Patrimônio²².

Teve sua inscrição de número 1.349 efetivada no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) em 14 de março de 1957, na especialidade de moléstia interna. A propósito, foi também membro efetivo²³ do Cremesp na gestão de Flamínio Fávero (1959-1953)²⁴.

Jayme Rodrigues referiu que “a moléstia que iria vitimar João Mendonça Cortez o apanhou em seu apogeu, quando desfrutava do mais alto prestígio no meio médico paulista, afastando-o, por 14 anos até sua morte, de sua amada medicina”.

¹⁵. Como ilustração cita-se o Seminário sobre Eletrocardiografia realizado pela Academia de Medicina de São Paulo. In: O Estado de S. Paulo – edição de 14 de setembro de 1958, página 22.

¹⁶. O Estado de S. Paulo – edição de 6 de dezembro de 1935, página 4.

¹⁷. O Estado de S. Paulo – edição de 7 de maio de 1953, página 4.

¹⁸. O Estado de S. Paulo – edição de 14 de setembro de 1954, página 10.

¹⁹. O Estado de S. Paulo – edição de 10 de março de 1954, página 4.

²⁰. O Estado de S. Paulo – edição de 8 de março de 1957, página 8.

²¹. Carlos da Silva Lacaz é o patrono da cadeira nº 53 da Academia de Medicina de São Paulo.

²². O Estado de S. Paulo – edição de 13 de março de 1962, página 14.

²³. O Estado de S. Paulo – edição de 29 de maio de 1959, página 9.

²⁴. Flamínio Fávero foi o primeiro presidente do Cremesp, fundado, em 1954, como Conselho Provisório de Medicina. Com a Lei 3.268/57, embora a entidade perdesse o caráter provisório, ele continuou como presidente na gestão inicial de 1959-1963. Flamínio Fávero foi também presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

Com o avançar da idade, João Mendonça Cortez tornou-se inativo no Cremesp em 12 de agosto de 1970. Faleceu na cidade de São Paulo em 21 de fevereiro de 1978, aos 81 anos, sendo enterrado no Cemitério São Paulo²⁵. Sua missa de 30^a dia foi celebrada na capela do Hospital da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, no dia 22 de março de 1978²⁶.

Foi casado com Ana Clara da Cunha Bueno Mendonça Cortez, falecida aos 93 anos e enterrada no Cemitério São Paulo²⁷. Deixou filhos e netos. Teve um filho médico chamado João Amador Mendonça Cortez²⁸, que também trabalhou no HJS – RBSPB – SP.

Seu nome é honrado na Biblioteca Médica “João Mendonça Cortez” do HJS – RBSPB – SP, inaugurada em abril de 1976, portanto, homenagem essa recebida em vida!

²⁵. O Estado de S. Paulo – edição de 22 de fevereiro de 1978, página 30.

²⁶. O Estado de São Paulo – edição de 21 de março de 1978, página 42.

²⁷. O Estado de S. Paulo – edição de 17 de junho de 1997, página 27.

²⁸. Graduado em 1955 pela Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

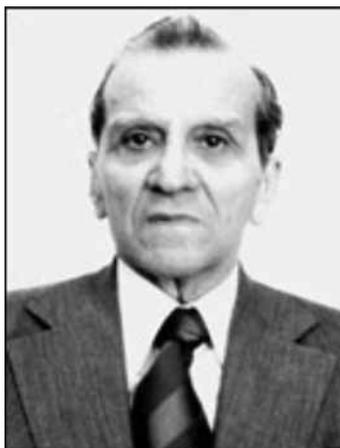
57º PRESIDENTE: 1959-1960

Patrono da Cadeira nº 82

Admissão: 16/1/1931

Helio Begliomini¹

EURICO DA SILVA BASTOS



1901-1991

Eurico da Silva Bastos nasceu no ano de 1901 e era natural da cidade de Recife (PE). Anos mais tarde diria, lembrando suas raízes: *“A influência dominante na minha formação vem do ambiente doméstico onde nasci, todo ele impregnado das figuras queridas dos meus pais. Aí a crença católica e a cultura intelectual ocuparam, juntamente com a intransigência de caráter e o amor ao trabalho, o primeiro plano”*.

Graduou-se em 1924 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando defendeu a tese intitulada **Alterações Hematológicas das Hemorragias Obstétricas**, aprovada com distinção e premiada com a medalha de ouro “Visconde de Saboya”, anualmente conferida ao melhor trabalho sobre ginecologia ou obstetrícia.

Logo em seguida transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde iniciou sua atividade profissional como interno do Sanatório Santa Catarina e, posteriormente, no serviço de cirurgia da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Light.

Eurico Bastos era dinâmico, estudioso e organizado, conseguindo em pouco tempo se dedicar de forma brilhante na solução cirúrgica de problemas causados pela tuberculose pulmonar, assim como nas enfermidades do estômago, duodeno, vias biliares, sistema nervoso, além dos relacionados à traumatologia e à endocrinologia. Em sua época

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

destacou-se como um estudioso do pâncreas, publicando diversos estudos que culminaram na monografia **Cirurgia do Pâncreas**, onde reunia os conhecimentos cirúrgicos da literatura médica, até então esparsos.

Em 1936 fez viagem aos Estados Unidos da América, onde visitou os maiores centros de cirurgia daquela nação.

Em 1940, após disputado concurso de provas e títulos, foi nomeado professor catedrático de técnica cirúrgica e cirurgia experimental na Escola de Medicina do Recife (PE), ocasião em que já era livre-docente da mesma disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Muito provavelmente inscreveu-se no concurso de Recife, pelos liames afetivos que tinha com sua terra natal, como uma espécie de homenagem e gratidão. Contudo, havia se identificado profissional, social e culturalmente com São Paulo, cidade que adotara e em que se radicara, e onde desenvolvia brilhante carreira universitária.

Com sua tese sobre **Cardiomentopexia de O'Shaughnessy e Enfarte Experimental no Cão** foi aprovado em 21 de dezembro de 1944, no concurso para professor catedrático da disciplina de técnica cirúrgica e cirurgia experimental, tendo como comissão examinadora os professores Benedicto Montenegro² (presidente), Renato Locchi³, Antônio Inácio de Menezes, Rivadavia Versiani Murta de Gusmão e Dante Romanó.

Eurico da Silva Bastos foi paraninfo dos graduandos de 1947 da FMUSP, a primeira turma que o teve como professor da disciplina de técnica cirúrgica e cirurgia experimental. Assim, ele demonstrava que desde os primeiros dias de ensino conquistara seus alunos.

Foi também chefe da 3ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas; diretor da FMUSP e presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas (1959-1963). Destacou-se em cursos de extensão universitária; participou de várias bancas examinadoras em concursos de livre-docência e de cátedra em diversas escolas médicas do país; publicou 50 trabalhos científicos e pronunciou muitas conferências. Já foi também considerado por alguns como pioneiro da cirurgia de cabeça e pescoço em nosso meio.

Segundo Duílio Crispim Farina⁴ ele era “autêntico, puro, sincero; senhor de alto poder de comunicação; em suas exposições, conciso e preciso; a tudo se impunha sua personalidade marcante e despreziosa. (...) São Paulo o nidou e o incorporou para sempre em sua História de trabalho, de bondade e de alta medicina...”.

Eurico da Silva Bastos tinha espírito associativo e foi membro da Associação Paulista de Medicina; Sociedade Paulista de História da Medicina; Sociedade de Medicina e Cirurgia de Pernambuco (correspondente); *American College of Surgeons (fellow)*; Academia de Medicina de São Paulo, tendo a honra de presidi-la num mandato anual entre 1959-1960. Da mesma forma foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o primeiro médico de São Paulo a ocupar a presidência dessa renomada entidade (1967-1969).

Alípio Corrêa Netto⁵, que o precedeu 12 anos na presidência da Academia de Medicina de São Paulo (1947-1948) e era seu companheiro de congregação na FMUSP, assim sublinhou a seu respeito: “o esforço, a probidade intelectual, tendo a seu serviço inteligência de escol, abriram-lhe os caminhos do sucesso no exercício da mais fascinante das profissões”.

Eurico da Silva Bastos recebeu, em 1985, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões – Capítulo de São Paulo, o prêmio Benedicto Montenegro, destinado àquele que tenha contribuído de maneira inequívoca para o desenvolvimento da cirurgia brasileira.

Para Ernesto Lima Gonçalves⁶, assistente e colaborador de Eurico da Silva Bastos, com quem durante muitos anos privou de permanente convívio, ele era “modesto como só sabem e podem ser os que são verdadeiramente grandes; caráter íntegro e reto associado a uma afabilidade de trato ímpar; inteligência lúcida que lhe permitia abarcar as grandes linhas de problemas, mas também espírito curioso e indagador, sempre em busca dos pormenores;

². Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

³. Renato Locchi é o patrono da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Alípio Corrêa Netto é o patrono da cadeira nº 12 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Ernesto Lima Gonçalves foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1971-1972, e é membro honorário desse sodalício.

tenaz dedicação ao trabalho e ao estudo, a ele se poderia aplicar a frase com que Rui Barbosa definia seu horário de pesquisa intelectual: ‘nunca o sol nascente ou nado me encontrou adormecido’”. Para aqueles que conviviam com o professor Eurico da Silva Bastos, o aspecto que mais impressionava a sua personalidade era o “espírito profundamente humanitário e cristão com que ele se dedicava a seus doentes, sem consideração de cor, classe social ou de nível econômico”.

Eurico da Silva Bastos, após longa e produtiva carreira, tornou-se professor emérito da FMUSP. Faleceu em 1991, nonagenário.

Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 82 da Augusta Academia de Medicina de São Paulo e numa escola estadual no município de Itapeçerica da Serra (SP) que leva o seu nome.

58º PRESIDENTE: 1960-1961

Patrono da Cadeira nº 25

Admissão: 13/2/1931

Helio Begliomini¹

ADHERBAL PINHEIRO MACHADO TOLOSA



1899-1973

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa, mais conhecido por Adherbal Tolosa, nasceu na cidade de São Manoel do Paraíso (SP), em 22 de dezembro de 1899. Completou seu curso primário na capital paulista, onde também fez seu curso secundário, diplomando-se em ginásio do estado.

Desde cedo demonstrou pendor pelos estudos. No ginásio do estado bacharelou-se em ciências e letras, ocasião em que recebeu o prêmio “Antonio de Godoi”, dado ao aluno que mais se distinguisse dentre os formandos.

Ingressou, em 1918, na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), graduando-se em 1923, ocasião em que defendeu sua tese de doutoramento.

Durante a vida acadêmica manteve grande interesse pelos estudos, meticulosidade nos trabalhos, assim como dedicação aos pacientes, tornando-o um dos líderes de sua turma. Exemplo disso tem-se que, em 1921, foi nomeado interno do posto da Liga de Combate à Sífilis, mantida pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz², função que desempenhou até a conclusão do curso médico.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1922 e 1923 foi interno da 3ª Enfermaria de Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, dirigida pelo professor Ovídio Pires de Campos³. Após a formatura não deixou suas atividades diárias nesse nosocômio, passando a trabalhar na Liga Paulista contra a Tuberculose, no Dispensário Clemente Ferreira, onde adquiriu experiência do diagnóstico e tratamento das moléstias do aparelho respiratório, atuando aí até 1938.

Adherbal Tolosa trabalhou também, de 1925 a 1938, como clínico consultante da clínica obstétrica dirigida pelo professor Raul Briquet⁴. *Pari passu*, fez carreira universitária na FMUSP. Por ocasião da criação da nova cadeira de clínica médica, em 1924, tendo como responsável o professor Antonio de Almeida Prado⁵, foi convidado para o cargo de assistente extranumerário, atuando na 1ª Enfermaria de Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Recebeu, em 1926, o título de docente-livre da clínica neurológica e psiquiátrica, desempenhando ativamente e com grande didatismo suas funções de ensino.

Atuou também durante as Revoluções de 1924 e de 1932, respectivamente, como interno em hospital de emergência e como neurologista à disposição do comando da II Região Militar.

Adherbal Tolosa granjeou sólidos conhecimentos em clínica geral, em virtude de sua participação em diversas frentes de trabalho. Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz⁶, em 15 de janeiro de 1937, Tolosa foi reconduzido, mediante concurso de títulos, à docência-livre da clínica neurológica, uma vez que a então cadeira de neuriatria e neurologia já havia sido desmembrada. Como consequência, em 1938, deixou todas as atividades que vinha desempenhando, passando a se dedicar exclusivamente à neurologia. Nesse mesmo ano, tendo em vista o prematuro falecimento do professor Enjolras Vampré⁷, foi nomeado para reger interinamente essa cátedra.

Carlos da Silva Lacaz refere também que Adherbal Tolosa “tinha temperamento reservado e era avesso à conquista fácil de simpatias; sempre relutou em fazer comunicações fora do âmbito da Faculdade de Medicina de São Paulo e nunca se sentiu bem nas agitadas reuniões de congressos médicos. Entretanto, nunca se recusou a cooperar em iniciativas visando o progresso da medicina e, em particular, da neurologia. (...). Como catedrático, sempre procurou incentivar os seus colaboradores da clínica, destacando-se pela lógica dos argumentos e pelas soluções adotadas após madura reflexão. Embora racionalista, sempre se sentia sob a armadura do frio administrador e da brilhante inteligência, o calor humano de um grande coração”.

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa cooperou na fundação da Associação Paulista de Medicina em 1930, ocupando o cargo de 2º secretário em 1935 e presidindo o Departamento de Neuropsiquiatria em 1934. Foi também sócio honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier de Campinas (SP, 1934); membro correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia; titular e presidente eleito da primeira diretoria (1962-1964) da Academia Brasileira de Neurologia – filiada à Federação Mundial de Neurologia.

Tornou-se membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 13 de fevereiro de 1931, tendo tido a honra de presidir esse sodalício durante um mandato anual entre 1960-1961.

Desempenhou também o cargo de diretor clínico do Hospital das Clínicas de 1962 a 1969, no qual demonstrou senso de responsabilidade, energia, disciplina e ponderação.

No final de 1968, com auxílio de diversos colaboradores, publicou o livro **Propedêutica Neurológica: Temas Essenciais**.

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa faleceu na cidade de São Paulo, em junho de 1973, com 74 anos incompletos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 25 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

³. Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

⁴. Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Antonio de Almeida Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

⁶. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

⁷. Enjolras Vampré presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

59º PRESIDENTE: 1961-1962

Admissão: 11/1/1935

Helio Begliomini¹

NAIRO FRANÇA TRENCH



1909-1984

Nairo França Trench, mais conhecido por Nairo Trench, era filho de Claudionor Trench e de Isaltina França. Nasceu em Itapira (SP), em 9 de julho de 1909. Teve mais duas irmãs, chamadas Clais França Trench e Claidemar França Trench.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1934. Manifestou sua criatividade desde os tempos de estudante. Dentre suas façanhas, idealizou a construção da piscina do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz², da FMUSP, obra de grande envergadura para a época, constituindo-se numa das primeiras piscinas semiolímpicas de competição construídas em São Paulo³.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo; na biblioteca do Instituto Adolpho Lutz, assim como fornecida pelo acadêmico Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos, fundador da cadeira nº 97 da Academia de Medicina de São Paulo.

². Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. Essa piscina foi revestida de mármore de Carrara, aproveitado das sobras da construção da Faculdade de Medicina de São Paulo. Idealizada por Nairo França Trench e construída por Raul de Almeida Braga, ela foi inaugurada em 1934.

Desde 1932, ainda enquanto acadêmico, começou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, continuando após sua formatura. Aí se dedicou à cirurgia, começando a trabalhar como assistente voluntário da 1ª Clínica de Homens, tendo como chefe o professor Antônio Cândido de Camargo⁴. Nesse nosocômio criou e dirigiu o Serviço de Cirurgia de Tórax, onde foi feita, com sucesso, a primeira intervenção para a cura de um paciente com comunicação interatrial, constituindo-se precursor da cirurgia cardíaca em nosso meio.

Com a transferência de diversos médicos da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital das Clínicas, entre 1942 e 1944, Nairo Trench foi o grande incentivador do movimento de renovação desse tradicional hospital paulista. Assim, redigiu o “Memorial dos Médicos”, onde protestava contra a decadência do hospital e pedia energicamente providências. Ademais, sugeria novas diretrizes para a entidade, o que incluía remodelações físicas e funcionais.

Sua esmerada dedicação, assim como seu espírito dinâmico, fizeram-no organizar diversos cursos de aprimoramento na enfermaria de cirurgia do tórax da Santa Casa de Misericórdia, assim como na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, onde ingressou em 11 de janeiro de 1935, tendo tido a honra de presidi-la durante um mandato anual entre 1961-1962, constituindo-se no 59º presidente desse sodalício.

Nairo França Trench secretariou uma sessão presidida por Benedicto Montenegro⁵ no II Congresso Médico-Paulista, realizado na capital, em 1945.

Em 2 de junho de 1961, durante sua gestão na Academia de Medicina de São Paulo, houve reforma estatutária da entidade, ocasião em que se introduziu a figura do “presidente eleito”, a exemplo do *American College of Surgeons*. O presidente eleito acompanhava os trabalhos da diretoria vigente e, ao término do mandato, estaria apto para assumir o cargo de presidente na gestão seguinte⁶.

Com a fundação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo em 1963, Nairo Trench tornou-se professor dessa escola. Anos mais tarde, ao comentar com seus discípulos sua saga em percorrer os difíceis caminhos na cirurgia torácica, assim se expressava: “*vocês começam no centésimo degrau, mas eu comecei no primeiro*”.

Na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Nairo Trench foi também um dos diretores do afamado Curso de Patologia, juntamente com Oscar Monteiro de Barros⁷ e Walter Maffei⁸, que contribuiu sobremaneira para o aprimoramento profissional de muitos médicos.

Nairo França Trench, juntamente com os professores Febus Gikovate, Domingos Minervino, Pedro Fava, Salvador Mercúrio Netto e Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos⁹, tornou-se importante no ensino da pneumologia paulista, fazendo-se sócio fundador da Sociedade Brasileira de Pneumologia, em 1974.

Sempre demonstrou grandes conhecimentos em medicina interna e, principalmente, em cirurgia, tendo três temas prediletos: empiema pleural, esternocondroplastias e bolhas gigantes enfisematosas. Era muito criativo, idealizando técnicas originais para tratar diversas doenças. No empiema pleural construiu um aparelho de drenagem. Explicava a fisiopatologia da bolha gigante enfisematosa com a Lei de Laplace: a bolha se insufla em virtude de possuir paredes mais delgadas do que a pulmonar e, portanto, subtrai ar do pulmão. Com relação às deformidades torácicas publicou diversas técnicas.

⁴. Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

⁵. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

⁶. A figura do “presidente eleito” foi abolida na reforma estatutária aprovada na Assembleia Geral Extraordinária de 12 de novembro de 2004, e registrada no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

⁷. Oscar Monteiro de Barros foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1956-1957, e é o patrono da cadeira nº 69 desse sodalício.

⁸. Walter Edgard Maffei é o patrono da cadeira nº 98 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁹. Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos é o fundador da cadeira nº 97 da Academia de Medicina de São Paulo.

São de sua lavra os seguintes livros: **Hiperelevações Diafragmáticas – Hérnias Diafragmáticas e Hérnias pelo Hiato Esofágico** (1964, em coautoria com José Monfort); **Afecções Cirúrgicas do Mediastino** (1968, em coautoria com Febus Gikovate, José Donato de Próspero e José Monfort); e **Cirurgia Torácica** (em 3 volumes – 1983 e 1986, em coautoria com Roberto Saad Júnior).

Além de escrever os livros, Nairo França Trench (Figura 2) tinha grande habilidade manual para desenhar as figuras anatômicas e, não raro, ele mesmo era o ilustrador de suas obras.



Figura 2 – Nairo França Trench.

Em seus raros momentos de lazer, gostava de descansar numa casa que possuía em frente ao mar, onde levou diversos colegas e residentes para reuniões informais.

Em 1979 aposentou-se compulsoriamente como médico na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, após longa carreira nesse hospital. Contudo, continuou como voluntário, tanto na área assistencial quanto no ensino.

Nairo França Trench faleceu em 9 de julho de 1984¹⁰, aos 75 anos. Prestou grandes serviços à medicina e ao próximo, sendo um exemplo de retidão de caráter.

¹⁰. Informação obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

60º PRESIDENTE: 1962-1963

Patrono da Cadeira nº 53

Admissão: 17/5/1949

Helio Begliomini¹

CARLOS DA SILVA LACAZ



1915-2002

Carlos da Silva Lacaz nasceu aos 19 de setembro de 1915, em Guaratinguetá (SP). Era filho de Rogério da Silva Lacaz, professor de matemática, de quem também foi aluno, e de Judith Limonge Lacaz. Esposou a senhora Dinah Maria Martins Lacaz. Em 1934, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo feito todo o curso sempre classificado em 1º lugar. Em decorrência, conquistou, como acadêmico, os prêmios Rockefeller (cadeiras básicas), La Royale (curso de graduação) Medicina Legal, Paulo Montenegro e Alves Lima. Ocupou vários cargos, inclusive o de presidente do departamento científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Era autodidata. Diplomou-se em 1940 e ingressou, na carreira universitária, no departamento de microbiologia e imunologia. Galgou todos os postos, sempre com distinção, assumindo a cátedra da disciplina, em 1953.

Em decorrência de sua atuação e capacidade profissional, foi galardoado numerosas vezes com prêmios, medalhas e homenagens especiais, destacando-se na área de micologia a Medalha Rhoda Benham da *Medical Mycological Society of the Americas*; o prêmio Alfredo Jurzykowsky da Academia Nacional de Medicina; o prêmio da Fundação Rockefeller e o prêmio Lucille K. Georg da *International Society for Human and Medical Mycology*.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Dizia que “*se nem todos podem ser gênios, todos podem ser úteis*”. E ele foi agraciado por possuir uma inteligência brilhante associada a um profundo empenho em melhorar as condições de vida dos enfermos, razão de ser médico, além de inolvidáveis contribuições à ciência.

Em reconhecimento à sua pujante atividade de ensino e pesquisa, Taborda e colaboradores, em 1999, deram-lhe o raro privilégio de ver seu nome expresso na denominação *Lacazia loboi*, como proposta à comunidade científica internacional para um novo gênero de fungo como agente etiológico da doença de Jorge Lobo.

Lacaz foi membro de diversas entidades médicas nacionais e estrangeiras, destacando-se Academia Nacional de Medicina, *Academia de Medicina Del Instituto de Chile*, *Académie Royale des Sciences d’Outre-Mer* (Bruxelas, Bélgica), *American Academy of Microbiology*, *International Society for Human and Animal Mycology* e *Inter-American Society for Chemotherapy*.

Foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963); da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; da Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia e da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Lacaz foi o 3º presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (1968-1970), sucedendo e antecedendo, respectivamente, a dois eminentes médicos e literatos, ambos otorrinolaringologistas, quais sejam, Paulo Mangabeira Albernaz e Octacílio de Carvalho Lopes.

Dedicou-se, nas horas de lazer, ao estudo da historiografia médica brasileira, publicando quatro volumes sobre **Vultos da Medicina Brasileira** (1953, 1961, 1966 e 1977); **Médicos Brasileiros Dicionaristas** (1972); **Médicos Sírios e Libaneses do Passado** (1982); **Faculdade de Medicina. Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola** (1985); **Médicos Italianos em São Paulo. Trajetória em Busca de Uma Nova Pátria** (1989) e **História da Faculdade de Medicina – USP** (1999).

Dizia com frequência: “*Bem-aventurados os que vivem na glória de seus feitos, no ensino dos discípulos, na sequência dos continuadores. Que os moços saibam recordá-los com imperecível fidelidade*”. Certamente ele é um bem-aventurado, pois manter-se-á vivo na lembrança e na história da medicina brasileira, visto que formou dezenas de discípulos de vários estados do Brasil, bem como oriundos da Argentina, Colômbia, Venezuela, Peru e Uruguai, nos campos da microbiologia, imunologia e medicina tropical, sobretudo após ter criado, em 1959, o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, anexo à Faculdade de Medicina, contribuindo assim para o advento de melhorias em setor indispensável, se consideradas as doenças transmissíveis abundantes no território nacional.

Carlos Lacaz cooperou também no campo da patologia tropical, no Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas.

Integrou o corpo de peritos da Organização Mundial da Saúde em doenças infecciosas e parasitárias. Foi também professor titular do departamento de medicina tropical e dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Carlos da Silva Lacaz auxiliou, direta ou indiretamente, a criação de três Faculdades de Medicina, a saber: Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdade de Medicina de Jundiaí e a Faculdade de Medicina de Campinas, sendo nas duas primeiras o primeiro titular do departamento de microbiologia e imunologia.

Carlos da Silva Lacaz publicou diversos livros e monografias na área médica, destacando-se **Lições de Micologia Médica**, **Tratado de Micologia Médica**, **Introdução à Geografia Médica do Brasil**, **Doenças Iatrogênicas**, **Infeções por Agentes Oportunistas**, **Antibióticos**, **Imunopatologia Tropical**, **Alergia nas Regiões Tropicais**, **O Grande Mundo dos Fungos**, e **Candidíases**.

Recebeu títulos de Professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará, Universidade Nacional Del Nordeste (Resistência, Argentina), Universidade Federal da Bahia e da Associação Médica de Israel.

Foi secretário de Higiene e Saúde do Município de São Paulo, ocasião em que criou o prestimoso Centro de Controle de Zoonoses. Lacaz foi vice-diretor por duas vezes (1963-1970 e 1978-1982) e diretor (1974-1978) da Faculdade de Medicina; diretor da Escola de Enfermagem (1979-1983) e pró-reitor da Universidade de São Paulo (1974-1978). Foi convidado para paraninfo e patrono de diversas turmas do curso médico e de áreas afins, como reconhecimento às suas qualidades didáticas.

Lacaz era contrário à iconoclastia do mundo moderno, que já galopava acentuadamente na segunda metade do século passado. Ele se destacou como um notório historiador da medicina. Não somente cultuava os valores e os

protagonistas da milenar ciência de Hipócrates, como também se tornaram famosos seus cursos afins. Criou galerias e painéis enaltecendo os heróis da arte de curar.

Nessa frente de trabalho, liderou a fundação, em 1977, do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sendo seu diretor, e onde se encontra vastíssimo acervo relacionado à medicina e a médicos de antanho. Em 1985, a congregação da faculdade o indicou para ocupar o cargo de diretor honorário-vitalício e, em 1993, teve a honra de ver essa instituição receber o epíteto de Museu Histórico da Faculdade de Medicina – “Professor Carlos da Silva Lacaz”, em reconhecimento à sua dedicação científica e humanística.

Carlos Lacaz exerceu, por mais de 40 anos, o jornalismo médico, tendo publicado centenas de artigos na “Folha de S. Paulo” e em outros periódicos.

Jamais ouvi alguém que defendesse como ele, com tanto ardor, amor e retórica, o médico e a medicina como profissão nobre, digna e sacerdotal. Seu candente humanismo e vasta cultura eram ingredientes sólidos de sua exímia capacidade oratória que encantavam e plasmavam indelevelmente a alma de seus ouvintes.

Dizia, já em idade provecta: *“Vi todas as agonias da carne e da alma. Todas as misérias do pobre corpo humano. Todas as suas dores. Todas as suas desagregações. Todas as suas mortes, todas as suas batalhas”. (...) “Mais de meio século tenho vivido mergulhado em uma profissão humana, augusta, bela, sacrossanta, divina, mas triste, terrível e tétrica ao mesmo tempo, pois, ela trabalha e lida com a vida e com a morte, esta sempre invencível, incombátível e triunfante”. (...) “Ao final de uma longa carreira médica, sou daqueles que acreditam no caráter teocrático ou sacerdotal de nossa profissão. Amei generosamente o meu semelhante para melhor servi-lo”.*

Lacaz, que foi professor, diretor, escritor, humanista, editor, administrador, pensador, cientista e esteta de escol, acreditava explicitamente em Deus, mostrando que ciência e fé são compatíveis e complementares, até porque a ciência é limitada em seu mister.

Carlos da Silva Lacaz era lépido no raciocínio e versátil no pensamento, exercendo e transmitindo, intensamente, com amor, a arte hipocrática, por 61 anos. Embora valorizasse a vida, tinha sempre na morte um ponto de meditação.

Lacaz tinha personalidade inquieta e movida por incansável vontade de estipular progressos. Mantinha-se constantemente ativo. Apesar de ser aposentado por força de lei, em 1985, continuou trabalhando como professor emérito até o último de seus dias na Casa de Arnaldo, a casa que sempre foi sua também. Quando faleceu, era chefe do laboratório de investigação médica do Hospital das Clínicas e do laboratório de micologia do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

Não foi apenas um humanista teórico, mas um humano de coração. Sou testemunha de sua excelsa bondade. Tratava a todos, desde os mais humildes aos mais sábios, com o mesmo amor e dedicação. Nunca dizia não quando lhe era solicitado dentro de sua área.

A sua morte, ocorrida em 23 de abril de 2002, trouxe uma lacuna irreparável em nossa sociedade. Com o seu passamento, a medicina brasileira perdeu um dos seus maiores patrimônios da contemporaneidade, pois ele soube, como poucos, amar a medicina como profissão sacerdotal e servir à sua precípua finalidade naqueles que padecem.

Carlos da Silva Lacaz, em poucas e densas palavras, expressou sua grandeza, humildade e resignação: *“Lutei, venci e guardei sempre a fé em Deus, por quem serei julgado”.*

61º PRESIDENTE: 1963-1964

Admissão: 18/5/1951

Helio Begliomini¹

PLÍNIO BOVE



1909-1995

Plínio Bove, neto de italianos, nasceu na cidade de São Paulo, em 13 de março de 1909. Era filho de Miguel Bove e de Anna Faraone Bove.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1933 (FMUSP). Ainda como acadêmico, participou da Revolução de 1932, prestando serviços no Hospital Militar, ocasião em que teve contato com a cirurgia de guerra e socorros de urgência.

Iniciou suas atividades na 2ª Clínica Cirúrgica da FMUSP, onde ocupou os cargos de assistente voluntário, assistente extranumerário, subchefe e chefe de grupo e de professor. Teve grande participação no Departamento de Cirurgia, sendo valiosa sua colaboração no curso de pós-graduação dessa disciplina. Foi um dos precursores do estudo da gastroenterologia no Brasil e criador de técnicas próprias, tanto no que se refere ao diagnóstico de patologias, quanto a inovações cirúrgicas dessa especialidade, posteriormente adotadas por outros profissionais.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Na pesquisa dedicou-se, de modo particular, à cirurgia das vias biliares e do pâncreas, tendo publicado mais de 100 trabalhos nessa subespecialidade. É também de sua lavra o livro **Processos Inflamatórios da Junção Colédoco-Pancreatoduodenal. Contribuição ao seu Diagnóstico e Tratamento** (1953).

Plínio Bove sempre se interessou pela difusão do conhecimento médico-científico. Auxiliado pelos médicos Ubiratan Dellape e Felipe Figliioni Filho, foi o primeiro cirurgião a realizar uma intervenção cirúrgica televisada no Brasil. O feito fez parte do programa da 2ª Jornada Pan-Americana de Gastroenterologia ocorrida em São Paulo, em 1950. A intervenção realizada – coroada de êxito – foi uma colecistectomia. Essa e outras intervenções foram realizadas no Hospital das Clínicas e televisadas para uma grande plateia médica reunida em salas especiais, no Edifício Saldanha Marinho, a cerca de quatro quilômetros de distância. O evento foi patrocinado pela *E. R. Squibb and Sons* e pela *General Electric*, que ofertaram e instalaram a aparelhagem televisora e os materiais pertinentes, constando, entre eles, 20 aparelhos receptores de televisão com telas de 16 polegadas, que permitiram adequada recepção visual e auditiva dos procedimentos.

Essa efeméride foi noticiada também fora do estado de São Paulo. Em “O Jornal do Rio de Janeiro” – órgão dos Diários Associados –, foi registrada, em 27 de julho (quinta-feira) de 1950 (Figura 2), uma matéria sobre essa façanha. Dentre outras informações acima mencionadas, salientava: “Antes de ter início a primeira operação a ser televisada, o professor Benedicto Montenegro², presidente da 2ª Jornada Pan-Americana de Gastroenterologia, ressaltou a importância do feito e frisou as possibilidades ilimitadas que oferece a televisão ao ensino médico, em virtude de permitir o estudo de imagens detalhadas por grandes auditórios e a grandes distâncias”.

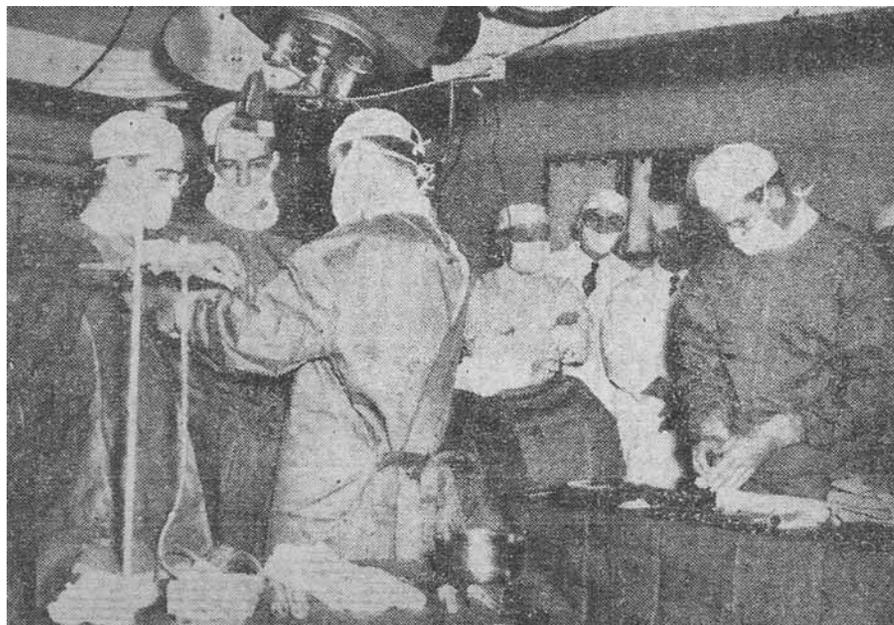


Figura 2 – Fotografia publicada em “O Jornal do Rio de Janeiro” – órgão dos Diários Associados –, em 27 de julho (quinta-feira) de 1950, consignando que Plínio Bove foi o primeiro cirurgião brasileiro a realizar uma cirurgia (colecistectomia) televisada no Brasil.

Plínio Bove participou, em 1954, por ocasião do IV Centenário da cidade de São Paulo, ao lado de expoentes da cirurgia paulista, na condição de tesoureiro da Comissão Executiva, da organização do IV Congresso Pan-Americano de Gastroenterologia e o VI Congresso Brasileiro de Gastroenterologia, eventos, respectivamente, da Associação Interamericana de Gastroenterologia e da Federação Brasileira de Gastroenterologia.

². Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

Ademais, esteve presente em inúmeros congressos, elevando o prestígio da cirurgia brasileira. Pertenceu a 20 entidades médicas do Brasil e do exterior. Ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 18 de maio de 1951, tendo tido a honra de ser o 61^o presidente desse sodalício, num mandato anual entre 1963-1964.

Plínio Bove foi um insigne profissional, além de cidadão e pai de família exemplar. Faleceu na cidade de São Paulo, em 27 de agosto de 1995, aos 86 anos. Seu nome é honrado com uma praça na cidade de São Paulo, no bairro Alto de Pinheiros.

62º PRESIDENTE: 1964-1965

Admissão: 3/6/1949

Helio Begliomini¹

CARLOS DE OLIVEIRA BASTOS



1910-2003

Carlos de Oliveira Bastos nasceu em Mogi Mirim (SP), em 28 de março de 1910. Era filho do dr. José A. Bastos e de Noemi de Oliveira Bastos.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1932.

Dedicou-se à carreira universitária, ganhando a condição de professor livre-docente da Escola Paulista de Medicina² (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Integrou o Conselho da Fundação Lafi na função de secretário³. Outrossim, atuou como 1º secretário da Associação Paulista de Medicina (1953-1954)⁴; vice-presidente da Sociedade Médica São Lucas (1961-1962)⁵; membro do conselho técnico-científico da Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC)⁶ e membro titular da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo⁷.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². O Estado de S. Paulo – Edição de 30 de outubro de 1951, terça-feira, página 6.

³. O Estado de S. Paulo – Edição de 29 de julho de 1971, quinta-feira, página 22.

⁴. O Estado de S. Paulo – Edição de 27 de janeiro de 1953, terça-feira, página 5.

⁵. O Estado de S. Paulo – Edição de 21 de fevereiro de 1961, terça-feira, página 14.

⁶. O Estado de S. Paulo – Edição de 22 de maio de 1968, quarta-feira, página 14.

⁷. O Estado de S. Paulo – Edição de 22 de dezembro de 1951, sábado, página 3.

Carlos de Oliveira Bastos destacou-se como conferencista; ministrou aulas em múltiplos eventos médicos; participou diversos debates científicos e de comissões julgadoras.

Foi também diretor do Hospital de Isolamento “Emílio Ribas” de São Paulo, na década de 1970⁸. Em sua administração enfrentou uma grande epidemia de meningite meningocócica que grassava a cidade, na época.

Ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Academia de Medicina de São Paulo, em 3 de junho de 1949, tendo tido a honra de ter sido seu 62º presidente, num mandato anual entre 1964-1965. Permaneceu nesse sodalício por quase 54 anos!

Dentre os trabalhos que publicou têm-se como ilustração: “Meningite Meningocócica em São Paulo – Informe Preliminar”⁹ e “*Liver Involvement in Mumps. A Clinical, Laboratorial, Pathological of Four Cases*”¹⁰.

No livro intitulado “Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil – Professor Emérito Benedicto Montenegro”¹¹ (1971), editado sob os auspícios da Fundação para o Progresso da Cirurgia, Carlos de Oliveira Bastos (Figura 2) escreveu o capítulo “Mestre e Discípulo”, onde homenageia Eurico Branco Ribeiro¹², grande cirurgião, administrador, rotariano e literato, discípulo de Montenegro.



Figura 2 – Foto microfilmada de Carlos de Oliveira Bastos.

Carlos de Oliveira Bastos foi casado com Nilza Lacaille Bastos e não teve filhos¹³. Teve como irmãos Fernando de Oliveira Bastos, que foi professor titular da cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Maria Bastos Bitencourt, José de Oliveira Bastos, Elza de Oliveira Bastos e Zélia de Oliveira Bastos¹⁴.

Faleceu em 17 de maio de 2003, aos 93 anos. Foi sepultado no Cemitério da Consolação¹⁵ e a missa de sétimo dia em sufrágio de sua alma foi celebrada no dia 26 de maio de 2003, na Igreja Nossa Senhora do Brasil¹⁶.

⁸. Na pesquisa efetuada constatou-se que atuou como diretor clínico do Hospital Emílio Ribas, pelo menos de 1971 a 1976.

⁹. Em coautoria com Augusto de E. Taunay, Arary da Cruz Tiriba e Paulo Augusto Ayroza Galvão. Boletim de la Oficina Sanitária Panamericana 54-62 (julho), 1975.

¹⁰. Em coautoria com Paulo Augusto Ayroza Galvão, Mario Rubens Montenegro e Günther Hoxter. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo 3 (3): 127-136, 1961.

¹¹. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

¹². Eurico Branco Ribeiro presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1954-1955, e é o patrono da cadeira nº 114 desse sodalício.

¹³. O Estado de S. Paulo – Edição de 19 de setembro de 2006, terça-feira; Caderno C, página 6.

¹⁴. O Estado de S. Paulo – Edição de 10 de setembro de 1985, terça-feira, página 15.

¹⁵. O Estado de S. Paulo – Edição de 20 de maio de 2003, terça-feira; Caderno C, página 6.

¹⁶. O Estado de S. Paulo – Edição de 26 de maio de 2003, segunda-feira, Caderno C3, página 27.

63º PRESIDENTE: 1965-1966

Admissão: 17/6/1952

Helio Begliomini¹

WALDYR DA SILVA PRADO



1916-2000

Waldyr da Silva Prado nasceu em Itatinga (SP), aos 16 de fevereiro de 1916. Foram seus pais Francisco Gomes da Silva Prado e Adelina Lopes da Silva Prado. Era irmão de Francisco Gomes da Silva Prado.

Atuou na Revolução Constitucionalista de 1932, e o museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo conserva seu capacete de combatente nessa epopeia paulista.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na 22ª turma, em 1939. Especializou-se em cirurgia e, particularmente, na área gastroenterológica.

Dedicou sua vida à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde tomou posse como diretor clínico em 7 de fevereiro de 1966. No exercício dessa função publicou o **Formulário e Memento Farmacoterápico**, em 1968 (Figura 2).

Foi também um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, onde atuou como professor pleno de cirurgia.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial foi obtida na Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.

Waldyr da Silva Prado ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 17 de junho de 1952. Logo em seguida, já estava atuando como secretário (Figura 3), na gestão de Felício Cintra do Prado². Teve a honra de ser o 63º presidente dessa entidade, num mandato anual entre 1965-1966. Pertenceu a esse sodalício por 48 anos (!), galgando a condição de membro emérito.

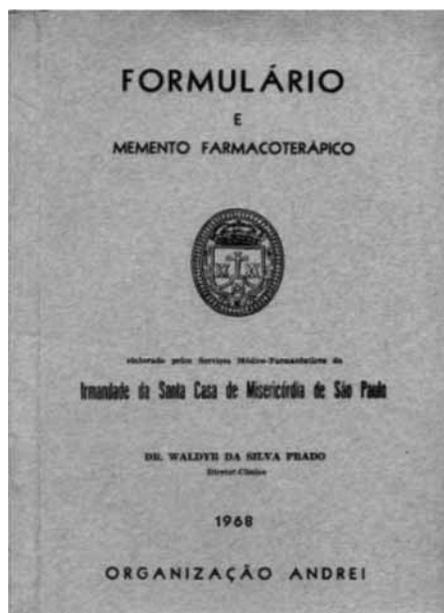


Figura 2 – Capa do livro de Waldyr da Silva Prado publicado enquanto era diretor clínico da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



Figura 3 – Waldyr da Silva Prado falando em pé, na condição de secretário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, no término da gestão de Felício Cintra do Prado³.

². Felício Cintra do Prado foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1953-1954, e é o patrono da cadeira nº 41 desse sodalício.

³. O Estado de S. Paulo – edição de 10 de março de 1954 (quarta-feira), página 4.

Foi também membro das seguintes entidades: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (fundador, em 1950); *International College of Surgeons* (secretário do Capítulo Brasileiro⁴); Colégio Brasileiro de Cirurgiões (titular e emérito); Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo (titular e presidente entre 1976-1979⁵) e Sociedade Brasileira de Coloproctologia (titular).

Waldyr da Silva Prado produziu trabalhos, muitos dos quais publicados em veículos internacionais. Conquistou diversos prêmios nacionais e internacionais na sua especialidade. Dentre os artigos que escreveu na imprensa leiga cita-se como exemplo “Asilo de Inválidos da Santa Casa⁶”.

Segundo seu filho, Antonio Carlos Camargo da Silva Prado, fiel ao Juramento de Hipócrates, seu *ex-libris* resumia sua visão do mundo: “*Sedare dolorem opus divinum est*”, ou seja, “Aliviar a dor é obra divina”.

Devido a uma longa vida devotada à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, recebeu o título de médico emérito e consultor dessa tradicional casa de saúde, em 5 de março de 1982⁷.

Sua dedicação e espírito público puderam ser comprovados em sua longa e ininterrupta carreira na Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, atuando aí também como sanitarista. Em virtude de seu profundo conhecimento de saúde pública, foi nomeado secretário de saúde do estado no governo Carvalho Pinto, atuando, nessa pasta, de 1962-1963.

Em sua gestão, em 1963, a vacinação antitetânica dos alunos das escolas primárias públicas e particulares tornou-se compulsória. Coube também a Waldyr da Silva Prado o planejamento e a execução de toda a vacinação antipoliomielite, em massa, com a vacina Sabin, nos municípios do interior do estado de São Paulo⁸. É dessa época seu artigo “Aplicação da Vacina Sabin no Interior do Estado de São Paulo⁹”.

Ainda como secretário da saúde do estado de São Paulo, dentre tantas atividades desenvolvidas, cita-se que, por ocasião da fundação da sede da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente, em 13 de outubro de 1962, entidade filiada à Associação Paulista de Medicina, proferiu palestra sobre “Poliomielite”.

Waldyr da Silva Prado casou-se na Igreja de São Bento em São Paulo, em 18 de maio de 1940, com Olívia Guedes Penteado de Camargo, que passou a se chamar Olívia Camargo da Silva Prado¹⁰. Desse conúbio nasceram quatro filhos: Maria Thereza da Silva Prado Godoy, casada com Fábio Antonio Cintra Godoy; Waldyr da Silva Prado Júnior, casado com Sonia Franco do Amaral da Silva Prado; Antonio Carlos Camargo da Silva Prado, casado com Ângela Maria de Azevedo Lima da Silva Prado; e Paulo Penteado da Silva Prado, casado com Teresa Cristina Vieira Franco de Godoy da Silva Prado. Deixou seis netos e cinco bisnetos¹¹.

Waldyr da Silva Prado faleceu em 29 de dezembro de 2000, aos 84 anos. Seu corpo foi velado no Hospital Oswaldo Cruz e enterrado no Cemitério da Consolação. A missa de 7^a dia em sufrágio de sua alma foi celebrada na capela do Colégio Nossa Senhora do Sion, em 5 de janeiro de 2001. Foram também celebradas missas de 30^a dia de falecimento nos dias 24 e 29 de janeiro de 2001, respectivamente, na capela do Hospital Central da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e na capela do Colégio Nossa Senhora do Sion.

⁴. O Estado de S. Paulo – edição de 31 de maio de 1952 (sábado), página 10.

⁵. O Estado de S. Paulo – edição de 29 de outubro de 1976 (sexta-feira), página 32.

⁶. O Estado de S. Paulo – edição de 8 de agosto de 1989 (terça-feira), página 20.

⁷. O Estado de S. Paulo – edição de 4 de março de 1982 (quinta-feira), página 35.

⁸. Mascarenhas, Rodolfo dos Santos. História da Saúde Pública no Estado de São Paulo. Revista de Saúde Pública 7: 433-446, 1973.

⁹. Prado, Waldyr da Silva. Aplicação da Vacina “Sabin” no Interior do Estado de São Paulo. Arquivos de Higiene 27 (94): 353-360, 1962.

¹⁰. Correio da Manhã – edição de 16 de maio de 1940 (quinta-feira), página 6.

¹¹. O Estado de S. Paulo – edição de 23 de janeiro de 2001 (terça-feira); Caderno C, página 7.

64º PRESIDENTE: 1966-1967

Patrono da Cadeira nº 8

Admissão: 3/3/1959

Durval Rosa Borges¹

DURVAL SARMENTO DA ROSA BORGES



1912-1999

Durval Sarmiento da Rosa Borges nasceu no Recife, em 18 de agosto de 1912, e faleceu em São Paulo, em 10 de julho de 1999. Sempre usou, social e profissionalmente, o nome Durval Rosa Borges, e não seu nome completo. As inevitáveis confusões com seu filho, Durval Rosa Borges, também médico, para ele eram diversão e para o filho motivo de orgulho.

Aos 16 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou médico em 1933, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (Praia Vermelha). Mas veio para São Paulo onde, em março de 1936, inaugurou seu laboratório de análises. Assim relatou sua aproximação, por etapas, com a cidade de São Paulo:

Chamava-se Pensão Bandeirante e nela, no ano de 1931, viriam pernoitar, em quatro camas paralelas, quatro estudantes pernambucanos do Rio de Janeiro, se iniciando em São Paulo. Situava-se o importante estabelecimento hoteleiro numa Praça da Sé que não mais existe.

O segundo contato foi no dia 1º de julho de 1932, começo de quinzena de férias e colhida a meio caminho pelo movimento cívico de São Paulo; nele ingressei no Serviço Público, deixando a família sem notícias

¹. Titular e emérito da cadeira nº 8 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Durval Sarmiento da Rosa Borges.

durante três meses. Retornei no Trem Sanitário, acompanhando os doentes e feridos que se destinavam aos hospitais da capital, então pacificada.

O “contato imediato” e final “de 3º grau” se daria simbolicamente no dia 31 de dezembro de 1935 quando aqui desembarquei de trem, para começar Novo Ano e a carreira de médico. Na realidade iniciei uma nova vida.

A afinidade com a terra e com a gente escolhidas foi completa, pois aqui encontrara a mesma formação familiar do Nordeste, acrescida de elementos novos de outras culturas e de outras épocas. Sentia-me, entretanto, no Brasil e não atemorizava em pisar chão diferente, apesar de trazer comigo apenas o nome e nenhum outro recurso senão a vontade de trabalhar. E em São Paulo estes dois elementos serão sempre suficientes para começar.

No início ele trabalhava só no laboratório: recebia o paciente, preenchia a ficha, colhia o material necessário, realizava os exames, datilografava os resultados e os entregava ao paciente. A sorologia foi a área de seu particular interesse, tendo estagiado em 1953, com bolsa da Organização Mundial de Saúde, com pesquisadores norte-americanos dedicados ao controle de moléstias venéreas: R. Kahn (em Ann Arbor), S. Olanski (no VDRL na Georgia) e E. Maltaner (em Albany).

Na década de 1940 publicou 3 livros: **Estudos sobre a Sífilis** (Livraria Ateneu, 1941), **Socialização da Medicina** (Editora Civilização Brasileira, 1943) e **Seguro Social no Brasil** (Livraria José Olympio Editora, 1948). No período de 1954 a 1963, foi assistente da cadeira de microbiologia e imunologia aplicadas da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Representou esta faculdade em Genebra, por ocasião da Conferência Internacional de Poliomielite (1957). Publicou, em 1959, “Laboratório de Análises Clínicas em São Paulo. Pequena Contribuição à sua História” (Suplemento 1 do volume 55 da Revista Paulista de Medicina), trabalho laureado com o Prêmio “José Almeida Camargo”, conferido pela Associação Paulista de Medicina.

Sua vida associativa foi intensa e, dado seu temperamento, por vezes conflituosa. Na Associação Paulista de Medicina (APM) foi presidente do Departamento de Previdência no período 1946-1952, quando foi criado o selo médico; e presidente do Departamento de Cultura Geral de 1960 a 1963. Foi representante da APM na criação da Associação Médica Brasileira (Belo Horizonte, 1951). Presidiu a Academia de Medicina de São Paulo (1966-1967) e o Rotary Club de São Paulo, no período de seu cinquentenário (1973-1974). Piloto amador que era, no Rotary, coordenou a edição do livro **O Vôo da Paz**, e entregou um exemplar pessoalmente ao Papa João Paulo II, em Roma.

Viajante, foi o primeiro brasileiro a ir à Antártida, onde desfraldou a bandeira do Brasil. Desta aventura resultou o livro **Um Brasileiro na Antártida** (edição da Sociedade Geográfica Brasileira, 1959). Caçador, reuniu lembranças no livro **Amanhã Pode Chover** (Martins Fontes Editora, 1978). Sonhador, escreveu **Nove Histórias Fantásticas e uma Verdadeira** (Editora Klaxon, 1981). Para o lançamento desse livro escreveu o monólogo “Autobiografia do Enfarte do Otimista”, lido na ocasião por seu amigo Paulo Autran.

Fazendeiro, criou gado em Angatuba, no interior de São Paulo e, a seu estilo, nas margens do Rio Araguaia. Filho do Capibaribe, encantou-se com o Araguaia e escreveu **Rio Araguaia – Corpo e Alma** (Editora da Universidade de São Paulo, 1987). Esse livro mereceu dos irmãos Villas Bôas o comentário: “O Araguaia é o único rio brasileiro que tem sua história bem contada. Nada escapou do historiador e do geógrafo. O rio foi descrito das nascentes à foz. As vilas, cidades e as gentes foram lembradas. Os índios, donos do rio, não foram esquecidos. O **Araguaia – Corpo e Alma**, do historiador Rosa Borges, atingiu plenamente aquilo a que se propôs” (A marcha para o Oeste, Editora Globo, 1994, p. 611).

Além da clínica privada em seu laboratório atendeu, em diferentes períodos, institutos (como o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários) e hospitais. O envolvimento hospitalar mais significativo foi com a Beneficência Portuguesa de São Paulo, de 1969 a 1983. Ao deixar o hospital, o laboratório realizava 3.000 exames/dia; empreendimento só possível graças a seu precoce reconhecimento do papel da automação no laboratório de análises. Dois aspectos devem ser destacados nessa atuação hospitalar. O primeiro aspecto é que a introdução da automação na rotina laboratorial foi acompanhada do desenvolvimento de programas próprios de controle de qualidade, divulgados em congressos e em revistas especializadas. O segundo aspecto é que àquela época os hospitais não tinham laboratórios, por incrível que isso possa hoje parecer. Existiam nos hospitais sistemas de coleta de mate-

rial, material este que era levado a laboratórios externos, onde os exames eram realizados. Com o desenvolvimento da cirurgia cardíaca, essa distância entre laboratório e hospital passou a ser fator limitante. A implantação de um laboratório completo e autossuficiente dentro do hospital colaborou para o reconhecimento da medicina laboratorial como especialidade; a interação entre o corpo médico do laboratório e o corpo clínico do hospital passou a ser de 24 horas por dia, sete dias por semana.

Foi casado desde 1942 com Maria Albertina, filha do otorrinolaringologista José Eugenio de Paula Assis. O casal teve dois filhos (Durval e Alfredo) e seis netos. À esposa dedicou o poema “A Mão de Maria”, em cuja última estrofe se resume:

*História pequena
que eu contarei
começa e termina na mão de Maria
pedida, roubada, tomada, nem sei
E quem saberia?
Só sei que essa história,
que é minha e pequena
começa e termina na mão de Maria.*

65º PRESIDENTE: 1967-1968

Patrono da Cadeira nº 40

Admissão: 1/9/1948

Helio Begliomini¹

VIRGÍLIO ALVES DE CARVALHO PINTO



1913-1983

Virgílio Alves de Carvalho Pinto, mais conhecido por Carvalho Pinto, nasceu em São Paulo, em 22 de março de 1913. Era filho de Virgílio de Carvalho Pinto e de Virgília R. A. C. Pinto. Graduiu-se, em 1936, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil², no então Distrito Federal, localizado no estado do Rio de Janeiro.

Logo após a sua formatura, retornou para sua cidade natal e atuou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde se dedicou à carreira universitária. Não demorou muito para surgir seu interesse profissional, docente e de investigador na área de cirurgia pediátrica, constituindo-se um grande protagonista dessa especialidade cirúrgica em nosso meio.

Carvalho Pinto tinha grande capacidade e foi um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cirurgia pediátrica. Não foi uma tarefa fácil convencer seus pares de que a criança e, sobretudo o recém-nascido,

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Associação Paulista de Medicina. As fotos foram obtidas no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

². Dados obtidos no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp).

são pacientes especiais, quer do ponto de vista físico (características anatômicas e fisiológicas próprias; mecanismos especiais de resposta aos agravos, morbidade específica), quer do ponto de vista psicossocial, pois a criança – cirúrgica ou não – é um paciente diferente, necessitando de atenção especializada para o seu conforto físico e segurança emocional.

No Brasil, os primeiros procedimentos cirúrgicos pediátricos tiveram início em 1902, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo realizados por ortopedistas. Entretanto, a introdução de procedimentos realizados por especialistas da área só foi possível graças a Virgílio Alves de Carvalho Pinto, no final da década de 1940, enquanto atuava no Hospital Matarazzo, em parceria com os médicos Roberto de Vilhena Moraes, José Pinus, Plínio Campos Nogueira e, posteriormente, José Reis Gonçalves Salvador.

Virgílio Alves de Carvalho Pinto publicou diversos artigos, destacando-se a obra **Comunicação Interatrial Experimental** (1955).

Foi um dos grandes incentivadores e fundadores da Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (Cipe), tornando-se seu primeiro presidente, cuja sessão solene de posse ocorreu no salão nobre da FMUSP, em 31 de janeiro de 1964.

Atuou como mestre do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1969-1971) e promoveu, em 1970, o I Encontro Científico sobre Conduta Cirúrgica.

Carvalho Pinto incentivou também a constituição da Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (Sobope), em 13 de maio de 1981, durante a realização dos Congressos Integrados Latino-Americanos de Cancerologia, sendo presidente dessa entidade já na primeira diretoria, entre 1981-1983.

No dia 22 de março de 1983, após exercer brilhante carreira universitária (Figura 2), Carvalho Pinto completou 70 anos de idade e, por isso, foi aposentado compulsoriamente. Contudo, seu espírito, sua capacidade de trabalho, sua disposição para a luta nada tinham a ver com seus 70 anos de idade civil.



Figura 2 – Virgílio Alves de Carvalho Pinto atuou no Instituto da Criança da FMUSP como professor, de 1977 a 1983.

Não foi sem razão que, no dia 23 de março de 1983, apenas um dia após a sua aposentadoria, a congregação da FMUSP outorgou-lhe o título de professor emérito, justo reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à medicina brasileira.

Virgílio Alves de Carvalho Pinto ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de setembro de 1948, tendo tido a honra de ser seu 65º presidente. Em sua gestão, o mandato que era anual passou a ser bienal, governando a entidade no biênio 1967-1968.

Segundo José Roberto de Souza Baratella³, “experiências parecidas também foram realizadas em outros centros urbanos do país, porém, Carvalho Pinto recebeu o mérito pelo pioneirismo. Ele não foi o primeiro a operar crianças em nosso meio, mas foi, sem dúvida, o que mais contribuiu para a solidificação da especialidade; e a ele se atribuem o marco e o pioneirismo da cirurgia pediátrica no Brasil, também por ter sido o fundador e primeiro presidente da Cipe, em 1964”.

Murillo Ronald Capella, cirurgião pediátrico de Florianópolis (SC), refere que Carvalho Pinto foi “um chefe incomparável, sempre antevendo e apoiando os que tinham capacidade para crescer. Um professor emérito, que

³. José Roberto de Souza Baratella é membro titular e o 1º ocupante da cadeira nº 40 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Virgílio Alves de Carvalho Pinto.

não descansou enquanto não viu brotar a semente da especialidade nas faculdades de medicina do nosso País. Um progressista que se preocupava com o desenvolvimento da cirurgia pediátrica no Brasil e no resto do mundo. Um idealista que viu seus ideais concretizados”.

“O que seria da cirurgia pediátrica brasileira se, em janeiro de 1964, Virgílio Alves de Carvalho Pinto não tivesse congregado em torno de si especialistas procedentes de todo o País para fundar a Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica? Qual teria sido a história da cirurgia pediátrica brasileira sem Virgílio Alves de Carvalho Pinto?”

“É uma pergunta atirada à reflexão de cada um, à consciência de seus amigos e ao íntimo de seus ex-alunos. Apenas sei que ele partiu muito cedo, porque muito havia por realizar. No entanto, acredito que a luz que acendeu, em cada um dos especialistas brasileiros, permanecerá brilhante eternamente, porque eterna é a chama que emana de todo pioneiro.”

Virgílio Alves de Carvalho Pinto faleceu em 29 de novembro de 1983, aos 70 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 40 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma rua na cidade de São Paulo, no bairro de Pinheiros, e a outra na cidade de Morungaba, no bairro de Vila Nova. Dá também nome a dois auditórios: um em Ouro Preto (MG) e outro na Rua Cardeal Arcoverde, na cidade de São Paulo.

66º PRESIDENTE: 1969-1970

Admissão: 19/2/1964

Helio Begliomini¹

MICHEL ABU-JAMRA



1916-1999

Michel Abu-Jamra nasceu na cidade de São Paulo, em 13 de agosto de 1916. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1934, graduando-se em 1940.

Ainda enquanto acadêmico, mostrou-se interessado pela hematologia, iniciando, no Departamento de Histologia e Embriologia, sob a orientação do professor José Ória², estudos nessa área. Seu primeiro trabalho publicado em coautoria com seu mestre veio a lume em 1939, e intitulou-se “Contribuição para o Estudo das Células Sanguíneas e do Quadro Histológico-Hemopoético da Mononucleose Infecciosa, Febre Ganglionar de Pfeiffer-Glanzmann”. Seguiram-se outros trabalhos publicados, destacando-se: “Estudo Hematológico – Hemo e Mielograma de 13 Casos com Pênfigo Foliáceo” (1940, em coautoria com Ernesto Mendes e Emílio Mattar); e “Contribuição para o Estudo da Medula Óssea na Schistosomíase Mansonii, com Algumas Observações sobre o Esplenograma” (1940, em coautoria com João Alves Meira³).

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². José Ória é patrono da cadeira nº 125 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. João Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo,

Abu-Jamra iniciou suas atividades clínicas na disciplina de terapêutica clínica do Hospital das Clínicas sob a orientação do professor Cantídio de Moura Campos⁴. Posteriormente tornou-se assistente da clínica de moléstias infecciosas sob a chefia do professor Alves Meira.

Abu-Jamra galgou todos os postos da carreira universitária. Defendeu tese de doutorado em 1946 e, em 1947, a de docência-livre, com trabalho que abrangia os aspectos clínicos e laboratoriais da anemia perniciosa, em sua época designada por anemia de Addison-Biermer. Finalmente, em 1977, tornou-se professor titular do Departamento de Clínica Médica e chefe da disciplina de hematologia e hemoterapia da FMUSP.

Foi diretor, até 1954, da Secção de Hematologia do laboratório central do Hospital das Clínicas⁵, ocasião em que foi fundado o Serviço de Hematologia ligado à 1ª Clínica Médica regida pelo professor Antônio Barros de Ulhôa Cintra⁶. O Serviço de Hematologia passou a contar com um laboratório próprio, especializado, e leitos para internação de pacientes com hemopatias. Ademais, tornou-se um importante centro de formação de muitos médicos e paramédicos, não somente da capital e do interior, mas de outros estados e até mesmo de países vizinhos, tais como Argentina e Uruguai. Através da realização de cursos de graduação, de aperfeiçoamento e de extensão universitária e, após 1979, de cursos de pós-graduação, tem desempenhado um papel difusor do conhecimento na área⁷.

Dentre os primeiros discípulos de Abu-Jamra encontram-se: Domingos M. de Cillo, Victorio Maspes, Therezinha Verrastro, Eurico Coelho, Therezinha Ferreira Lorenzi⁸, Norma Wollner, João Targino de Araújo⁹, Orlando César de Oliveira Barreto e Waltraut Lay.

Dentre outros que com ele estagiaram durante um a dois anos e, retornando a seus estados de origem, tornaram-se proeminentes hematologistas, têm-se: Romeu Ibrahim de Carvalho, Sidney de Moraes Rêgo, Dilson José Fernandes, Meirione Costa e Silva, Romildo Lins, Estácio Gonzaga Filho, Gilson Saraiva de Mello, Linete Vasconcelos Rocha, Luiz Gonzaga dos Santos, Maria Helena Pitombeira e Jaime Asfora.

O Serviço de Hematologia liderado por Michel Abu-Jamra tornou-se, paulatinamente, não somente um centro irradiador de conhecimentos, mas caracterizou-se numa própria escola hematológica. Proporcionou a realização de diversos ensaios clínicos; a publicação de inúmeros trabalhos científicos, quer de cunho estritamente clínico quer laboratorial, além do desenvolvimento de técnicas especializadas no estudo das anemias, coagulopatias e neoplasias hematológicas. O número crescente de estagiários, bolsistas e residentes, sobretudo a partir de 1971, propiciou a elaboração de várias teses de mestrado, doutorado e de docência-livre.

O desdobramento da hematologia em disciplina de hematologia e hemoterapia, e a criação do Hemocentro de São Paulo, em 1982, coroaram de êxito toda uma saga que Abu-Jamra protagonizou desde os idos de 1950.

Michel Abu-Jamra ingressou, em 19 de fevereiro de 1964, na Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de exercer a presidência desse silogeu num mandato bienal entre 1969-1970.

Dentre outras entidades nacionais e internacionais das quais participou, salientam-se: Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia (sócio-fundador, 1950); Colégio Brasileiro de Hematologia¹⁰ (1965, Figuras 2 e 3);

por um mandado anual entre 1949-1950, e é o patrono da cadeira nº 32 desse silogeu.

⁴. Cantídio de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandado anual entre 1928-1929, e é o patrono da cadeira nº 128 desse silogeu.

⁵. A Seção de Hematologia do Hospital das Clínicas teve seu início em meio às dificuldades trazidas pela II Guerra Mundial. Havia escassez de material, e a importação era necessária. Nessa fase muito contribuíram Fernando Teixeira Mendes e Günter Hoxter, assistentes diretos de Abu-Jamra.

⁶. Antônio Barros de Ulhôa Cintra é o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Em 1965 instalou-se a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Nesse Instituto de Hematologia destinado ao estudo da leucemia e doenças afins, Abu-Jamra exerceu a função de diretor científico até sua morte, em junho de 1999.

⁸. Therezinha Ferreira Lorenzi é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

⁹. João Targino de Araújo é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁰. O Colégio Brasileiro de Hematologia (CBH) originou-se em 1965, de uma cisão ocorrida na Sociedade Brasileira de Hematologia

International Society of Hematology; American Society of Hematology; International Society of Internal Medicine; American College of Physicians; Associação Médica Brasileira e Associação Paulista de Medicina.

Graças ao seu prestígio no Brasil e no exterior, lucidez e grande capacidade de trabalho, exerceu diversos cargos eletivos em entidades e na FMUSP. Pertenceu a comissões editoriais de revistas nacionais e estrangeiras. Foi secretário da Revista do Hospital das Clínicas (1955-1967) e fundou a Revista Brasileira de Pesquisas Médicas e Biológicas, posteriormente denominada de *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*. Nessa função exercida por 12 anos, manteve elevado padrão desse periódico, o que permitiu incluí-la no *Current Contents*, ao lado de somente cinco revistas brasileiras médico-biológicas aí indexadas naquela ocasião.

Abu-Jamra, durante sua vida acadêmica, precisamente de 1951 a 1993, participou de 53 bancas examinadoras em concursos para médicos especialistas, mestrado, doutorado, livre-docência, professor associado e professor titular. Até 1998, um ano antes de seu falecimento, havia publicado cerca de 240 trabalhos científicos; 10 monografias; quatro livros, além de diversos capítulos em outras obras.

Dentre as comendas e prêmios recebidos, destacam-se: Ordem do Mérito Médico – classe oficial, concedida pelo presidente da República – Ministério da Saúde (Brasília, 1967); Ordem do Ipiranga – grau de cavaleiro, concedida pelo governador do estado de São Paulo (1975); Prêmio Alfred Jurzykowski da Academia Nacional de Medicina (1979); e Prêmio Alfred Pavlowsky da *International Society of Hematology*, pelo seu empenho no desenvolvimento da hematologia na América Latina (Buenos Aires, 1984).

Michel Abu-Jamra faleceu em 1999, com 83 anos incompletos.



Figura 2 – 2º Congresso Brasileiro de Hematologia realizado em São Paulo, em 1969. Diretoria do CBH, da esquerda para a direita: Renato Pasqualin, Michel Abu-Jamra, Marcelo Pio da Silva¹¹, Therezinha Ferreira Lorenzi, Pedro Jannini e José Kerbany.

e Hemoterapia, por ocasião de seu 9º congresso. Logo depois, em agosto do mesmo ano, houve, na cidade do Rio de Janeiro, uma reunião com diversos hematologistas que fundaram o CBH.

¹¹. Marcelo Pio da Silva é o patrono da cadeira nº 9 da Academia de Medicina de São Paulo.

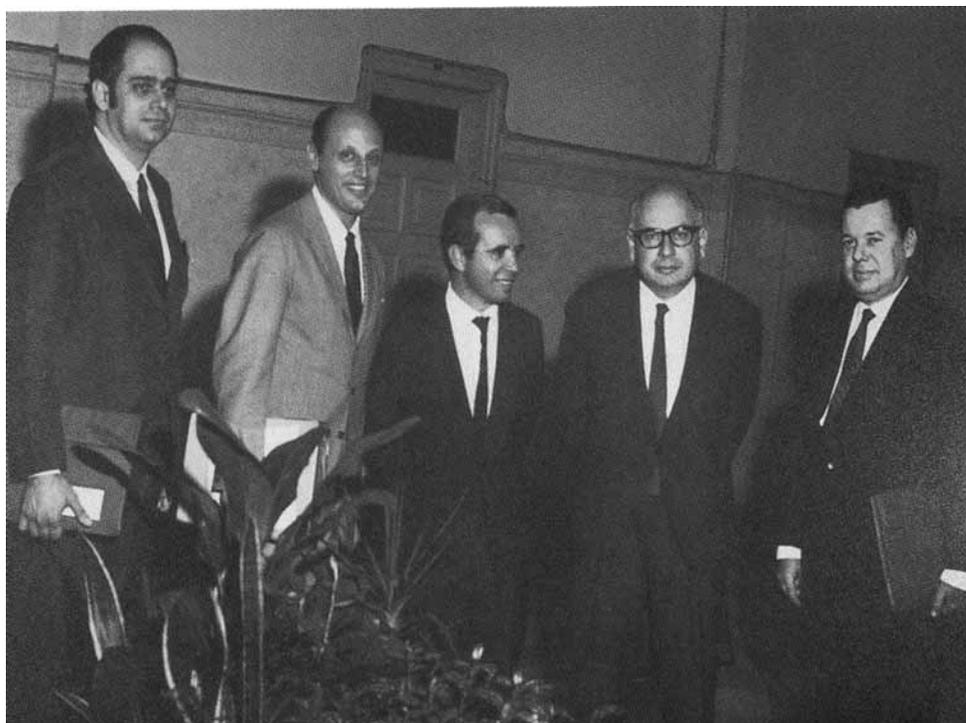


Figura 3 – Grupo de hematologistas durante o 2º Congresso Brasileiro de Hematologia realizado em São Paulo, em 1969. Da esquerda para a direita: Jayme Asfora, Renato Fallace, João Targino de Araújo, Michel Abu-Jamra e Romildo Lins.

67º PRESIDENTE: 1971-1972

Admissão: 1/4/1959

ERNESTO LIMA GONÇALVES¹



Ernesto Lima Gonçalves nasceu em 11 de março de 1925, na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo, onde fez o curso primário e ginásial.

Veio para a capital onde completou sua formação pré-universitária. Ingressou, a seguir, na Faculdade de Medicina de São Paulo, graduando-se em 1949.

Grande parte de sua vivência foi no Departamento de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental, dirigido por um bom tempo pelo professor Eurico da Silva Bastos.

Dentre os cargos e funções que desempenhou na carreira e formação universitária, salientam-se: médico instrutor (1954-1958), doutorado (1959), professor adjunto (1962), livre-docente (1965), graduação em administração na Fundação Getúlio Vargas (1974), professor emérito da Faculdade de Ciências Médicas de Santos (1982), professor titular de medicina preventiva e social (1985), e professor titular e emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2004).

¹. Nótulas:

- A. A biografia e foto foram fornecidas pelo autor.
- B. A redação, de acordo com o perfil dessa secção, foi elaborada pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.
- C. Ernesto Lima Gonçalves é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

Durante todo esse tempo, abriu-se para ele uma rica possibilidade de participar das amplas atividades de ensino e pesquisa que sempre o seduziram. Sentiu em condições de refletir sobre as diferentes experiências pelas quais tinha passado e que o possibilitavam a avaliar os processos de ensino e aprendizagem que lhe eram oferecidos.

Ernesto Lima Gonçalves publicou 144 artigos em revistas, periódicos e jornais; 18 livros em diferentes áreas, tais como gestão hospitalar, nutrição, metabologia, educação médica, saúde e clínica médica; 11 capítulos em livros da área médica; 11 trabalhos técnicos em diferentes áreas de ensino médico; 52 trabalhos em demais tipos de produção técnica e 10 trabalhos nas áreas da família, educação, gestão empresarial e balanço social.

Ao ser convidado para escrever um resumo de sua biografia para a Academia de Medicina de São Paulo, assim se expressou:

Com satisfação conhecerão os profissionais de Medicina do Brasil a iniciativa da Academia de Medicina de São Paulo de elaborar o projeto Resgate da Memória dos Membros da AMSP.

Trata-se de iniciativa oportuna e enriquecedora, colocando os médicos diante da possibilidade de parar um pouco para pensar.

E assim concluiu:

Minha Vida de Todos os Dias

Nesta altura é fundamental parar para rever e pensar. E aqui se encontra o grande mérito da Academia de Medicina de São Paulo.

Rever significa olhar para traz, para analisar envolvimento e compromissos assumidos em cada momento.

Muitas dúvidas e inquietações nos ocorrem na hora de pensar, representando todos os desafios que temos que enfrentar.

Uma visão global do homem é que nos permitirá responder às dúvidas que permaneçam.

Por que? Quando? Como? Onde?

68º PRESIDENTE: 1973-1974

Patrono da Cadeira nº 31

Data de admissão: 4/3/1969

David Serson¹

JULIO CESAR KIEFFER



1915-1986

Julio Cesar Kieffer nasceu em Roma, Itália, no dia 4 de julho de 1915. Seu pai, Friedrich Kieffer, era alemão e sua mãe, Guendalina, italiana. Casou-se com Maria Hungria Kieffer, com quem teve três filhos e dez netos.

Graduou-se em medicina pela Universidade de São Paulo (USP), em 1940. Seus primeiros anos de exercício da medicina foram dedicados à prática clínica, com ênfase em endocrinologia e metodologia, e ministrando aulas no Departamento de Fisiologia da USP.

Com a morte prematura de seu pai, em 1943, foi obrigado a interromper seu trabalho médico para cuidar de negócios familiares. Retornou à medicina em 1959, integrando a 1ª Clínica Médica do Hospital das Clínicas da USP, e, em 1960, trabalhou conjuntamente com a Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Instituto de Energia Atômica – atual Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) – no Departamento de Medicina Nuclear, de onde se tornou chefe em 1963.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 31 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Julio Cesar Kieffer.

Nota: Pequenas adaptações do texto ao perfil desta secção foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1961 tornou-se *fellow* da Universidade de Pisa, Itália.

Em 1970, após orientar e auxiliar um sem-número de colegas do Hospital das Clínicas a obterem seu doutorado, fez a própria tese: **Protótipo de um Contador de Corpo Inteiro.**

O professor Kieffer, como costumeiramente chamado, era naturalmente um professor e um cientista. Ministrou, por muitos, anos um curso sobre “Metodologia e Aplicações Médicas de Radioisótopos”, com a frequência de inúmeros médicos do Brasil e do exterior, muitos dos quais desenvolveram em seus locais de origem novos centros de medicina nuclear, especialmente na América Latina.

Pode-se contar às centenas (ou até milhares) os agradecimentos por sua atuação em teses de doutorado e de livre-docência. Assim também foi sua participação em trabalhos publicados e apresentados em congressos, nacionais e internacionais.

Julio Cesar Kieffer tornou-se presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1973-1974) e da Sociedade Brasileira de Biologia e Medicina Nuclear.

Em 1983 retirou-se de toda atividade médico-científica e faleceu em 27 de setembro de 1986, aos 71 anos.

69º PRESIDENTE: 1975-1976

Admissão: 5/3/1970

Helio Begliomini¹

JOAMEL BRUNO DE MELLO



Joamel Bruno de Mello nasceu em 21 de fevereiro de 1930, na cidade de São Paulo². É filho de João Batista de Mello e de Angelina Bruno de Mello.

Graduou-se na 38ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1955 (Figura 2).

Especializou-se em cirurgia e dedicou-se à carreira universitária nessa mesma instituição de ensino. Defendeu, em 1965, tese de doutorado elaborada na cadeira de anatomia descritiva e topográfica, intitulada **Contribuição para o Estudo da Inervação da Via Biliar Principal**. A comissão julgadora foi constituída pelos professores Odorico Machado de Sousa, Olavo Marcondes Calazans e João Baptista Parolari; e pelos livre-docentes Silvio Alves de Barros e Irary Novah Moraes^{3 e 4}.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². A respeito de seu nascimento, assim esclareceu Joamel Bruno de Mello numa entrevista que concedeu: Deveria ter nascido em São João da Boa Vista. Nessa cidade morava toda a sua família. Entretanto, sua mãe não sentiu confiança em tê-lo lá, vindo para São Paulo. A estadia na capital durou uma semana, voltando logo para São João da Boa Vista, sendo aí registrado. Quando tinha cerca de cinco anos, a família mudou-se, em definitivo, para a capital. Contudo, manteve contato constante com São João da Boa Vista, terra de sua avó, Maria Amélia Valim, de quem cuidou até o seu falecimento.

³. Irary Novah de Moraes foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984, galgando a condição de membro honorário desse sodalício.

⁴. Jornal O Estado de S. Paulo – Edição de 23 de novembro de 1965, página 16.

Galgou a condição de professor livre-docente de clínica cirúrgica da FMUSP, atuando tanto como professor de graduação quanto de pós-graduação. Foi também professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro (Unisa).

Fora do meio universitário, Joamel Bruno de Mello foi chefe do Serviço de Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo do Hospital Jaraguá.



Figura 2 – Joamel Bruno de Mello, graduando em medicina.

Dentre os artigos que publicou salientam-se: “Lipoma Submucoso Hemorrágico do Cólon⁵”; “Úlcera Duodenal Perfurada, Tratada por Vagotomia Gástrica Proximal Associada à Sutura da Lesão⁶”; “Evolução da Cirurgia: Histórico⁷”; “Tratamento da Úlcera Duodenal Estenosante pela Vagotomia Gástrica Proximal Associada à Duodenoplastia: Apresentação de 30 Casos⁸”; “Gastrite de Refluxo Alcalino: Quadro Clínico e Diagnóstico⁹”; “Operação de Henley-Soupault: Detalhe Técnico para Prevenir Obstrução Intestinal no Pós-Operatório¹⁰”; “Megaesôfago congênito¹¹”; “*Obstructive Jaundice Caused by Blastomycosis of the Lymph Nodes Around the Common Bile Duct*¹²”; “Gastrite de Refluxo Alcalino: Tratamento pela Operação de Henley-Soupault¹³”; “Volvo do Ceco: Relato de Caso¹⁴”; “*Postoperative*

⁵. Em coautoria com Jayme Santos Souza, Ismail Rajab, José Alves de Brito e Pedro Nahas. Revista Brasileira de Coloproctologia 1 (2): 78-83, 1981.

⁶. Em coautoria com Ismail Rajab, José Alves de Brito e Nelson Toloí Júnior. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões 12 (2): 56-59, 1985.

⁷. Revista Iatros 5 (1): 10-15, 1986.

⁸. Em coautoria com Paulo Engler Pinto Júnior, Arthur Belarmino Garrido Júnior, Luiz Augusto Carneiro D’Albuquerque, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 33 (3-4): 57-62, 1987.

⁹. Em coautoria com Joaquim Gama Rodrigues, Arthur Belarmino Garrido Júnior, Thomas Szego, Victor Strassmann, Kiyoshi Iriya e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 33 (11-12): 223-227, 1987.

¹⁰. Em coautoria com Arthur Belarmino Garrido Júnior, Arnaldo Alves Moreira, Thomas Szego, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões 14 (1): 41-46, 1987.

¹¹. Em coautoria com Nelson Toloí Júnior e Ismail Rajab. Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia 114 (1-2): 37-42, 1987.

¹². Em coautoria com Eleazar Chaib, C. M. Oliveira, P. S. Prado, Luiz Loureiro D. Santana e Nelson Toloí Júnior. Arquivos de Gastroenterologia 25 (4): 198-202, 1988.

¹³. Em coautoria com Arthur Belarmino Garrido Júnior, Arnaldo Alves Moreira, Mitsunori Matsuda, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 34 (1): 34-38, 1988.

¹⁴. Em coautoria com Eleazar Chaib, Carlos Henrique M. Toniolo, Pedro Luiz Onófrio e Pedro Nahas. Arquivos de Gastroenterologia 26 (1-2): 25-27, 1989.

*Bleeding Ischemic Ulcer of the Stomach. A Complication of Proximal Gastric Vagotomy*¹⁵; “Anastomose em Plano Único de Sutura na Cirurgia do Câncer Gástrico”¹⁶; “É necessário Realizar Colangiografia Operatória como Rotina nas Colecistectomias?”¹⁷; “Celulite Crepitante Abdominal: Uma Rara Forma de Apresentação do Tumor do Sigmoides”¹⁸; e “*Prophylactic Appendicectomy due to Foreign Body: Case Report*”¹⁹.

Joamel Bruno de Mello (Figura 3) ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 5 de março de 1970, tornando-se o 69º presidente desse sodalício, num mandato bienal entre 1975-1976. Foi também membro efetivo e membro da administração do Cejam – Centro de Estudos e Pesquisas Dr. João Amorim, e fez parte da comissão julgadora do Prêmio Abramge²⁰ de Medicina.



Figura 3 – Joamel Bruno de Mello, à esquerda, e Fernando Proença de Gouvêa²¹.

São de sua lavra os livros: **Simpósios de Cirurgia** (1966); **Úlceras do Estômago e Duodeno** (em coautoria com Edmundo Vasconcelos²², 1971); **Progressos na Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes e Pedro Nahas²³, 1979); **Capítulos de Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes, Pedro Nahas, Rubens de Arruda²⁴ e Nelson Abrão, 1980); **Residente de Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes e Pedro Nahas, 1992. Esse livro foi vencedor do Prêmio Jabuti em 1993, na categoria de o melhor em Ciências Naturais e Medicina); e **Qualidade na Saúde: Práticas e Conceitos – Normas ISO nas Áreas Médico-Hospitalar e Laboratorial** (em coautoria com Marlene O. Camargo, 1998).

¹⁵. Em coautoria com Arthur Belarmino Garrido Júnior, Joaquim Gama Rodrigues, Arnaldo Alves Moreira, Marcelo Doria Durazzo, Anai Espinelli de Souza Durazzo e Henrique Walter Pinotti. ABCD – Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva 4 (2): 52-56, 1989.

¹⁶. Em coautoria com Eleazar Chaib, M. Y. Narita, Luiz Loureiro D. Santana, Nelson Toloí Júnior, Pedro Luiz Onófrío e Pedro Nahas. Arquivos de Gastroenterologia 26 (4): 116-119, 1989.

¹⁷. Em coautoria com Eleazar Chaib, André Ney M. Freire, Albino V. Rodrigues Cantanhede, Luiz Loureiro D. Santana e Pedro Luiz Onófrío. Arquivos de Gastroenterologia 27 (1):10-13, 1990.

¹⁸. Em coautoria com Eleazar Chaib, Miguel Conrado Leal, Pedro Luiz Onófrío e Pedro Nahas. Arquivos de Gastroenterologia 27 (2): 80-82, 1990.

¹⁹. Em coautoria com Francisco C. Carnevalli, Eleazar Chaib, Carlos H. M. Toniolo e Geraldo P. Jotz. Arquivos de Gastroenterologia 31 (3): 108-110, 1994.

²⁰. Abramge: Associação Brasileira de Medicina de Grupo.

²¹. Fernando Proença de Gouvêa é membro titular e emérito da cadeira nº 36 da Academia de Medicina de São Paulo, e presidiu esse sodalício durante um mandato bienal entre 1989-1990.

²². Edmundo Vasconcelos é o patrono da cadeira nº 47 da Academia de Medicina de São Paulo.

²³. Pedro Nahas foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1979-1980.

²⁴. Rubens Monteiro de Arruda é o patrono da cadeira nº 123 da Academia de Medicina de São Paulo.

Joamel Bruno de Mello, juntamente com Irany Novah de Moraes, Pedro Nahas e outros três jovens médicos residentes do Hospital das Clínicas da FMUSP, fundaram a Amesp Saúde²⁵. Dentre os diversos cargos que ocupou nessa empresa salientam-se o de presidente do Conselho de Ética e de diretor-presidente.

Juntamente com Marlene Ortega, tornou-se sócio da Relevantte – Inspiração e Vanguarda, empresa especializada em desenvolvimento de conteúdos e eventos de comunicação, educação e relacionamento.

²⁵. Amesp – Assistência Médica de São Paulo – foi uma empresa de medicina de grupo criada com o objetivo de qualificar o atendimento médico privado nos moldes idênticos ao então prestado de maneira restrita na área pública; porém, ampliando-o indistintamente a todas as camadas sociais, segundo um conceito inédito no País, à época.

70º PRESIDENTE: 1977-1978

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 54

Admissão: 11/6/1963

Helio Begliomini¹

ANTONIO SPINA FRANÇA NETTO



1927-2010

Antonio Spina França Netto nasceu aos 13 de setembro de 1927, na cidade de Jaú, interior de São Paulo.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1951. Foi o primeiro residente de neurologia do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, concluindo em 1953. Nesse mesmo ano publicou seu primeiro artigo, relativo a uma infecção do sistema nervoso central, área em que acumularia, ao longo dos anos, recorrentes estudos e pesquisas.

Paralelamente, deu início a uma série de diferentes pesquisas sobre o líquido cefalorraquiano, muitas delas ao lado do neurologista e pesquisador dr. Oswaldo Lange, seu mentor.

Tamanho interesse e conhecimento sobre o tema culminaram, em 1977, na abertura do Laboratório Spina França, especializado em exame de líquido.

Seu papel de agregar pessoas e difundir conteúdo não se limitou às salas de aula. Em 1962 configurou-se como uma das pedras fundamentais da Academia Brasileira de Neurologia (ABN). A ideia, amadurecida após a bem-

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

sucedida criação da *World Federation of Neurology* (WFN), tornou-se realidade graças aos esforços conjuntos dos doutores Lange, Paulino Watt Longo, Deolindo Couto e Paulo Pinto Pupo, além de outros especialistas.

Spina França cultivou as tradições da magnífica escola de neurologia da casa de Arnaldo, fazendo jus à sua inclusão na mesma estirpe de Vampré, Lange, Tolosa e Lefèvre. Foi, sucessivamente, chefe de clínica e professor titular de neurologia durante uma década, sendo reconhecido com carinho, dedicação, competência e respeito por pessoas e instituições.

Além da FMUSP, Spina França participou, em sua juventude, da criação da escola de neurologia de Botucatu, empreitada para a qual convocou seus colaboradores e para onde levou seus métodos, seu entusiasmo e sua filosofia de trabalho.

Nos anos 70, Spina França protagonizou um período de vigorosa valorização da ABN no cenário internacional. À frente da presidência da instituição, com o dr. Pupo (1970-1972), foi responsável por levar à capital paulista o III Congresso Pan-Americano de Neurologia, no qual atuou como vice-presidente. No mesmo ano, a academia filiou-se à Associação Médica Brasileira e à *World Federation of Neurology*.

Fez parte da *World Federation of Neurology* desde 1967, atuando como membro fundador do Grupo de Pesquisa em Líquido Cefalorraquiano e como seu vice-presidente de 1981 a 1985, além de participações em sociedades médicas de outras nações.

Nos anos que se seguiram, tornou-se membro efetivo da Academia de Ciências de Nova York. Teve a honra de presidir a insigne Academia de Medicina de São Paulo no biênio 1977-1978.

Antonio Spina França Netto, em 1986, descobriu uma das facetas pela qual é mais lembrado. Em decorrência do falecimento de seu mestre, Oswaldo Lange, assumiu a função de editor dos Arquivos de Neuropsiquiatria, periódico trimestral. Sob o seu zeloso trabalho, somado ao empenho de colaboradores, a tradicional publicação ganhou novas dimensões físicas e seções, bem como cresceu em número de artigos publicados e, cada vez mais, em importância no cenário científico e técnico do Brasil e do exterior.

Spina França recebeu o prêmio Honra ao Mérito Médico, oferecido pela Revista Análise (2008), publicada em janeiro do mesmo ano. Foi um dos profissionais de saúde eleito, por seus próprios colegas de profissão, como “os mais admirados da medicina”.

Sua trajetória no exercício da medicina foi homenageada também pela Sociedade Venezuelana de Neurologia e pelo Departamento de Líquido Cefalorraquidiano da ABN. Recebeu o Troféu Coruja de Ouro em 1998, concedido pela ABN a profissionais que contribuíram para o desenvolvimento e engrandecimento da neurologia brasileira, e, em 1999, a medalha Carlos Chagas da Fundação Carlos Chagas.

Casou-se com Marília Lange Spina França, e desse conúbio nasceram quatro filhos e onze netos.

Ao longo de seus 82 anos incompletos, 59 deles dedicados à medicina, teve Spina França Netto participação em 17 sociedades médicas; 20 prêmios e homenagens; 83 capítulos de livros publicados; 177 participações em eventos; 270 artigos publicados; centenas de amigos e admiradores saudosos, além de milhares de pacientes diagnosticados, tratados e agradecidos.

Antonio Spina França Netto faleceu em 17 de maio de 2010, aos 82 anos.

71º PRESIDENTE: 1979-1980

Admissão: 9/3/1972

Helio Begliomini¹

PEDRO NAHAS



1928-2007

Pedro Salomão Nahas, mais conhecido por Pedro Nahas, nasceu na cidade de São Paulo, em 29 de junho de 1928. Era filho de Salomão Nahas e de Salina Nahas.

Graduou-se na 38ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1955 (Figura 2). Especializou-se em cirurgia no Hospital das Clínicas (HC) e dedicou-se à carreira universitária nessa instituição de ensino. Em 1970 defendeu sua tese de doutorado intitulada **Contribuição para o Estudo da Irrigação Intraparietal do Cólon**. Tornou-se, no HC – FMUSP, professor assistente doutor do Departamento de Gastroenterologia e atuou também como supervisor do Grupo de Coloproctologia do Departamento de Cirurgia.

Pedro Nahas fez aperfeiçoamento profissional como *fellow* no *Saint Marks Hospital*, em Londres, no ano de 1980. Nesse mesmo ano, juntamente com Joamel Bruno de Mello², fundou o Programa de Residência Médica do

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial e parte das informações aqui consignadas foram gentilmente fornecidas pelo acadêmico Fabio Xerfan Nahas, filho de Pedro Salomão Nahas e membro titular da cadeira nº 100 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho.

². Joamel Bruno de Mello foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1975-1976.

Hospital Jaraguá, que compreendia diversas especialidades. Através desse programa de residência, foram formados mais de 400 especialistas provenientes de todos os estados do Brasil.



Figura 2 – Pedro Nahas, graduando em medicina em 1955.

Dentre os artigos que publicou têm-se como ilustração: “Lipoma Submucoso Hemorrágico do Cólon³”; “Mudanças na Imagem Corporal e Alterações Psicológicas em Pacientes Colostomizados e Ileostomizados⁴”; “Volvo do Ceco: Relato de Caso⁵”; “Anastomose em Plano Único de Sutura na Cirurgia do Câncer Gástrico⁶”; “Celulite Crepitante Abdominal: Uma Rara Forma de Apresentação do Tumor do Sigmoides⁷”; e “Estudo Eletromanométrico da Região Anorretal em Portadores de Fissura Anal Crônica Inespecífica, Antes e Após a Esfincterotomia Lateral Interna⁸”.

Pedro Nahas ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 9 de março de 1972, tendo tido a honra de ser o 71º presidente, exercendo um mandato bienal entre 1979-1980. Permaneceu nesse sodalício por 35 anos! Foi também membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia, Academia Brasileira de Medicina Militar e *American College of Surgeons (fellow)*.

Pedro Nahas organizou e ministrou aulas em diversos cursos de sua área de atuação. Na Sociedade Brasileira de Coloproctologia, fez parte da comissão julgadora para a obtenção do título de especialista e da comissão julgadora para a concessão de bolsas de estudos oferecidas pela entidade.

Dentre os prêmios e honrarias que recebeu salientam-se: 1º prêmio no Congresso Latino-Americano de Coloproctologia com o melhor trabalho de pesquisa em 1973, no *Foro para la Investigación Científica*. Foi honrado com a medalha do Grão-Pará conferida pelo governador do estado, em 1993, por ter formado um grande contingente de especialistas que atuaram no estado do Pará, entre eles sete professores da Universidade Federal do Pará.

³. Em coautoria com Jayme Santos Souza, Ismail Rajab, José Alves de Brito e Joamel Bruno de Mello. *Revista Brasileira de Coloproctologia* 1 (2): 78-83, 1981.

⁴. Em coautoria com Mara Cristina de Souza, Cristina R. Neder Cerezetti, Afonso Henrique da Silva e Sousa Júnior, Angelita Habr Gama, Mathilde Neder e Henrique Walter Pinotti. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões* 13 (4): 159-163, 1986.

⁵. Em coautoria com Eleazar Chaib, Carlos Henrique M. Toniolo, Pedro Luiz Onófrío e Joamel Bruno de Mello. *Arquivos de Gastroenterologia* 26 (1-2): 25-27, 1989.

⁶. Em coautoria com Eleazar Chaib, M. Y. Narita, Luiz Loureiro D. Santana, Nelson Toloí Júnior, Pedro Luiz Onófrío e Joamel Bruno de Mello. *Arquivos de Gastroenterologia* 26 (4): 116-119, 1989.

⁷. Em coautoria com Eleazar Chaib, Miguel Conrado Leal, Pedro Luiz Onófrío e Joamel Bruno de Mello. *Arquivos de Gastroenterologia* 27 (2): 80-82, 1990.

⁸. Em coautoria com Francisco Sérgio Pinheiro Regadas, Angelita Habr Gama e Ana Marta Nicodemo. *Revista Brasileira de Coloproctologia* 10 (4): 126-133, 1990.

São de sua lavra os livros: **Progressos na Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes⁹ e Joamel Bruno de Mello, 1979); **Capítulos de Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes, Joamel Bruno de Mello, Rubens de Arruda¹⁰ e Nelson Abrão, 1980); e **Residente de Cirurgia** (em coautoria com Irany Novah de Moraes e Joamel Bruno de Mello, 1992). Esse livro foi vencedor do Prêmio Jabuti em 1993, na categoria de o melhor em Ciências Naturais e Medicina.

Pedro Nahas, juntamente com Joamel Bruno de Mello, Irany Novah de Moraes e outros três jovens médicos residentes do Hospital das Clínicas da FMUSP, fundaram a Amesp Saúde¹¹, em 1964. Em sua evolução, essa empresa chegou a atender 600.000 associados e a ter uma rede própria de cinco hospitais; 27 centros médicos; um laboratório com um movimento mensal de 500.000 exames e um plano odontológico. O Hospital Itatiaia – um dos cinco da rede – foi o primeiro da América Latina a obter a ISO 9000¹². Pedro Nahas foi diretor-presidente da Amesp.

Criou também, juntamente com Joamel Bruno de Mello, o Universo Qualidade, uma organização não governamental que tinha como objetivo a difusão da qualidade de gestão empresarial.

Pedro Nahas foi casado com Cledi Xerfan Nahas, e desse conúbio nasceram três filhos: Regina Helena Nahas, pedagoga; Fabio Xerfan Nahas, cirurgião plástico; e Hélio Xerfan Nahas, administrador. Faleceu em 3 de abril de 2007, contando com 79 anos incompletos. Sua missa de sétimo dia foi celebrada na Igreja Nossa Senhora do Brasil.

Mônica Madeira Pinto assim se expressou na dedicatória de sua tese de doutorado intitulada “Valor da Biópsia do Fígado na Doença Hepática Gordurosa não Alcoólica em Pacientes com Colelitíase Submetidos à Colectomia Laparoscópica” (2011), apresentada à FMUSP: “Ao professor Pedro Nahas (*in memoriam*) pela herança de integridade e inestimável exemplo de dedicação, pelo que aprendi com seus ensinamentos, sabedoria e moderação”.

⁹. Irany Novah de Moraes foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984.

¹⁰. Rubens Monteiro de Arruda é o patrono da cadeira nº 123 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹¹. A Amesp – Assistência Médica de São Paulo – foi uma empresa de medicina de grupo criada com o objetivo de qualificar o atendimento médico privado nos moldes idênticos ao então prestado de maneira restrita na área pública; porém, ampliando-o indistintamente a todas as camadas sociais, segundo um conceito inédito no País, à época. A Amesp foi vendida em 2007 para a Medial.

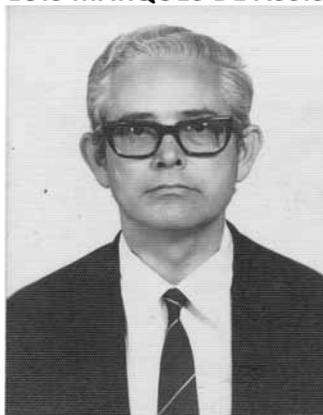
¹². ISO 9000 designa um grupo de normas técnicas que estabelecem um modelo de gestão da qualidade para organizações em geral, qualquer que seja o seu tipo ou dimensão. São controladas pela *International Organization for Standardization* (IOS), organização não governamental fundada em 1947, em Genebra, e hoje presente em cerca de 162 países.

72º PRESIDENTE: 1981-1982

Admissão: 9/3/1972

Helio Begliomini¹

LUÍS MARQUES DE ASSIS



Luís Marques de Assis nasceu na cidade de Bragança Paulista, em 24 de novembro de 1929. Foram seus pais Abel Leme de Assis Gonçalves e Maria da Conceição Marques de Assis. Teve seis irmãos: Luzia Marques de Assis Aquino, dr. José Lamartine de Assis, dr. Lineu Marques de Assis, dr. Lubércio Marques de Assis, dr. Lício Marques de Assis e Lygia de Assis Sampaio Pinto. Casou-se com Gema Camargo de Assis²

Graduou-se, em 1956, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, Figura 2). Participou da primeira turma com internato no sexto ano. Especializou-se em neurologia, sendo médico interno em 1957 e médico residente em 1958 da clínica neurológica. Sob a orientação do professor associado Oswaldo Lange³, foi responsável, já em 1959, pela instalação do ambulatório de epilepsia, permanecendo na sua chefia até sua aposentadoria compulsória, aos 70 anos, em 1999. Após essa data, vem atendendo voluntariamente seus pacientes até o momento.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: Parte dos dados aqui consignados, assim como a foto inicial, foram fornecidos pelo dr. Luís Marques de Assis. As duas fotos subsequentes; outros dados aditados com as notas de rodapé, assim como a redação de acordo com o perfil desta secção, foram feitos pelo autor do texto.

². O Estado de S. Paulo – edição de 19 de fevereiro de 1980, terça-feira, página 9.

³. Oswaldo Lange é o patrono da cadeira nº 119 da Academia de Medicina de São Paulo.

Luís Marques de Assis dedicou-se à carreira universitária na FMUSP, defendendo tese de doutorado em 1964 e de livre-docência em 1974. Orientou residentes e estagiários no atendimento a pacientes em primeira consulta. Até 1964 foi o responsável pela punção líquórica dos pacientes epiléticos, orientando tecnicamente os estagiários na punção.

Foi também professor titular da Faculdade Bandeirante de Medicina, em Bragança Paulista (1974-1979).



Figura 2 – Luís Marques de Assis, graduando em medicina em 1956.

Luís Marques de Assis participou da fundação da Liga Brasileira de Epilepsia e foi membro da Associação Paulista de Medicina; Associação Médica Brasileira; e da Academia Brasileira de Neurologia, atuando como tesoureiro dessa entidade na gestão presidida por José Geraldo de Camargo Lima (SP, 1986-1988).

Ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 9 de março de 1972. Dentre os cargos que ocupou nesse silogeu salientam-se o de secretário na gestão de Joamel Bruno de Mello (1975-1976); vice-presidente na gestão de Pedro Nahas (1979-1980)⁴, e, na gestão seguinte, constituiu-se no 72º presidente desse sodalício, exercendo um mandato bienal entre 1981-1982. Fizeram parte de sua diretoria⁵: Irany Novah de Moraes⁶, vice-presidente; Arthur Garrido Júnior⁷, 1º secretário; Armando Ganger Rodrigues, 2º secretário; Raul Marino Júnior⁸, 1º tesoureiro; e Alberto Rossetti Ferraz⁹, 2º tesoureiro.

Fez também parte do corpo clínico ao lado de Carlos P. F. Sampaio, Clovis Martins, Cyriaco Amaral Filho e José Lamartine de Assis (seu irmão), galgando a condição de diretor do Sanatório Anhembi, na Via Bandeirantes, km 22¹⁰, entidade assistencial a doentes psiquiátricos em regime de internação. Nesse período atendia também no seu consultório particular, localizado na Rua Itapeva, na capital.

Luís Marques de Assis (Figura 3) participou de diversos cursos, seminários, simpósios e, em vários deles, na condição de palestrante. Apresentou seis trabalhos em sociedades médicas e 26 em congressos. Participou de bancas examinadoras de teses de doutorado e de livre-docência.

⁴. O Estado de S. Paulo – edição de 3 de março de 1979, terça-feira, página 43.

⁵. O Estado de S. Paulo – edição de 31 de janeiro de 1981, sábado, página 28.

⁶. Irany Novah de Moraes foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984, galgando a condição de membro honorário desse sodalício.

⁷. Arthur Belarmino Garrido Júnior foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1987-1988, galgando a condição de membro honorário desse sodalício.

⁸. Raul Marino Júnior foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1993-1994, galgando a condição de membro honorário desse sodalício.

⁹. Alberto Rossetti Ferraz foi o primeiro ocupante da cadeira nº 88 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Anísio Costa Toledo. Permaneceu nesse sodalício por 33 anos.

¹⁰. O Estado de S. Paulo – edição de 28 de julho de 1960, quinta-feira, página 23.



Figura 3 – Luís Marques de Assis.

Escreveu capítulos em livros e publicou mais de 40 trabalhos científicos no Brasil e no exterior. Dentre eles citam-se como ilustração: “*Disorders of Magnesium Metabolism in Epilepsy*¹¹”; “Epilepsia Mioclônica Juvenil: Análise dos Aspectos Clínicos, Eletroencefalográficos e Terapêuticos de 36 Pacientes¹²”; “Manifestações Clínicas de Crises Parciais Complexas do Lobo Temporal: Um Estudo Videoeletroencefalográfico¹³”; e “*Intractable Complex Partial Seizures Associated with Posterior Cerebral Artery Giant Aneurysm: A Case Report*¹⁴”.

Luís Marques de Assis foi homenageado com a comenda Antônio Branco Lefèvre¹⁵, no Congresso Paulista de Neurologia realizado em Ribeirão Preto, em 2005. Recebeu também, em 29 de outubro de 2006, homenagem do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) pelos 50 anos de profissão.

¹¹. Em coautoria com Horácio M. Canelas e Francisco B. de Jorge. *Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry* 28 (4): 378, 1965.

¹². Em coautoria com Elza Marcia Targas Yacubian, Rosi Mary Grossmann, Joaquina Cavalcanti Queiroz e Ferreira Andrade. *Jornal da Liga Brasileira de Epilepsia* 5 (4): 165-171, 1992.

¹³. Em coautoria com Elza Marcia Targas Yacubian, Rosa Maria F. Valerio, Carmem Lisa Jorge, Lia A. Fiore e Arthur Cukiert. *Arquivos de Neuropsiquiatria* 52 (2): 137-143, 1994.

¹⁴. Em coautoria com Elza Marcia Targas Yacubian, Sérgio Rosemberg, Helga C. A. da Silva, Carmen L. Jorge e Evandro de Oliveira. *Epilepsia* 35 (6): 1317-1320, 1994.

¹⁵. Antonio Frederico Branco Lefèvre é o patrono da cadeira nº 30 da Academia de Medicina de São Paulo.

73º PRESIDENTE: 1983-1984

Admissão: 24/3/1966

Helio Begliomini¹

Luiz Celso Mattosinho França²

IRANY NOVAH DE MORAES



1926-2007

Irany Novah de Moraes nasceu aos 9 de agosto de 1926, na cidade de Bauru (SP). Seu pai era professor e pastor da igreja presbiteriana, e sua mãe, professora. Veio estudar em São Paulo, onde residiu com os avôs.

Após o curso secundário, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), graduando-se em 1952, tornando-se muito bem relacionado com seus colegas de turma, Antonio Spina França Netto³ e Odon Ramos Maranhão⁴, e Luiz Celso Mattosinho França, três turmas depois.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Titular e emérito da cadeira nº 4 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Mário Rubens Guimarães Montenegro. Presidiu esse sodalício num mandato bienal entre 1999-2000.

³. Antonio Spina França Netto presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1977-1978. Foi o primeiro ocupante da cadeira nº 54, cujo patrono é Enjolras Vampré.

⁴. Odon Ramos Maranhão presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1985-1986.

Irany Novah de Moraes era sobrinho do dr. Gerson Novah, assistente do professor Renato Locchi⁵, catedrático de anatomia. Enquanto acadêmico foi monitor dessa disciplina, o que lhe desenvolveu espírito científico e vocação cirúrgica.

Defendeu tese de doutorado na cadeira de anatomia, ainda sob a regência do professor Renato Locchi. Tornou-se cirurgião na clínica do professor Alípio Corrêa Netto⁶ e médico legista do estado de São Paulo.

Irany Novah de Moraes fez várias viagens ao exterior. Foi bolsista pelo governo francês; pela Capes, nos Estados Unidos da América; e pela Fundação Von Humboldt, na Alemanha. Especializou-se em cirurgia vascular na Universidade de Strasbourg, na França, levando-o ao concurso de livre-docência de cirurgia e à posição de professor associado de clínica cirúrgica na FMUSP.

Exerceu a cirurgia nos grandes hospitais de São Paulo, tendo realizado o primeiro transplante renal no Hospital da Beneficência Portuguesa.

Fundou, em 1965, com os médicos e professores Joamel Bruno de Mello⁷ e Pedro Nahas⁸, a empresa de assistência médica Amesp Saúde, que em poucos anos se tornou uma das cinco maiores do estado, contando inclusive com dois grandes hospitais. A Amesp Saúde foi vendida em maio de 2007 para a Medial Saúde.

Dentre os cargos exercidos por Irany Novah de Moraes salientam-se: presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1984, honorário); organizador do curso de formação de médicos generalistas na parceria entre a Academia de Medicina de São Paulo e a Abramge – Associação Brasileira de Medicina de Grupo –, ministrado em seis anos sucessivos, sendo diretor científico da Abramge o professor Joamel Bruno de Mello; presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina (1994-1996); professor titular de cirurgia vascular da Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro; professor titular de metodização da pesquisa científica da Escola de Educação Física da USP; professor associado de cirurgia vascular da Faculdade de Medicina da USP; chefe do laboratório de investigação clínica em cirurgia vascular do Hospital das Clínicas da USP; coordenador do curso de pós-graduação em medicina do Hospital Jaraguá, em São Paulo, durante seis anos; e, desde 1981, atuou como membro do Conselho de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Sesc⁹ e Senac¹⁰.

A trajetória do professor Irany Novah de Moraes na Academia de Medicina de São Paulo teve início quando de sua admissão, em 1966, na gestão do professor Durval Rosa Borges¹¹. Na gestão seguinte do professor Virgílio de Carvalho Pinto¹², foi extinto o cargo de vice-presidente, substituído por presidente-eleito, a exemplo do Colégio Americano de Cirurgias. A partir de então, nas 17 diretorias seguintes, houve 44 cargos de diretoria da Academia de Medicina de São Paulo ocupados por diretores da Amesp e por número desconhecido de médicos acadêmicos credenciados dessa firma. O professor Irany foi presidente na gestão 1983-1984; sua filha, a professora Marisa Campos Moraes Amato¹³, na gestão 1997-1998; seu genro, o acadêmico Salvador José de Toledo Arruda Amato¹⁴, na gestão de 2001-2002, apenas interrompendo-se o ciclo por ocasião da revisão estatutária promovida na gestão

⁵. Renato Locchi é o patrono da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse silogeu.

⁷. Joamel Bruno de Mello foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1975-1976.

⁸. Pedro Nahas foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1979-1980.

⁹. Serviço Social do Comércio.

¹⁰. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

¹¹. Durval Sarmiento Rosa Borges foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1966-1967, e é o patrono da cadeira nº 8 desse sodalício.

¹². Virgílio Carvalho Pinto foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1967-1968.

¹³. Marisa Campos Moraes Amato é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁴. Salvador José de Toledo Arruda Amato é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

do acadêmico Guido Arturo Palomba¹⁵ (2003-2004), quando foi extinto o cargo de presidente eleito, retornando-se para a figura do vice-presidente.

Dentre as comendas recebidas por Irany Novah de Moraes salientam-se: medalha cultural “Oscar Freire”, conferida pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e pela Sociedade Paulista de História da Medicina; e medalha de mérito “Angiológico Renè Fontaine” no grau de mestre, conferida pela Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular.

Escritor prolífico, foi colaborador do jornal O Estado de S. Paulo e editor da Revista Carisma – Formação do Médico e da Revista Cultura e Saúde, tendo publicado em jornais e revistas nacionais e estrangeiras aproximadamente 400 artigos.

Irany Novah de Moraes publicou também 29 livros em 35 edições. Dentre essas obras salientam-se: **Propedêutica Vascular** (1988); **Enciclopédia de Cirurgia Vascular** (1988); **Perfil Forense da Medicina** (1990); **O Especialista e o Clínico Geral** (1997); **Sexologia – Sexo, Sexualidade e Sexualismo** (1998); **Erro Médico e a Justiça** (2003); **Longevidade – Viver Mais e Melhor** (2004); **Conforto da Automedicação – Importância e Perigos** (2004); **Metodologia da Pesquisa Científica** (2007); **Formação do Médico e Elaboração da Pesquisa Científica**.

Irany Novah de Moraes foi galardoado com o Prêmio Jabuti de melhor livro de Ciências Naturais e Medicina, em 1993.

Nas palavras de sua filha, a professora Marisa Campos de Moraes Amato, o professor Irany foi “um homem carismático, tinha personalidade marcante, típica de pessoas que assumem uma postura na vida e demonstram claramente suas ideias, objetivos e sentimentos. Muitas vezes decepcionou-se com a natureza humana, mas nunca deixou de acreditar nela, sempre com a esperança de que a humanidade conseguisse se aprimorar. Ensinou e lutou pelos valores morais e éticos.”.

Irany Novah Moraes trabalhou até o fim de seus dias. Faleceu no dia 1º de agosto de 2007, aos 81 anos. Em homenagem à data de seu aniversário, sua família realizou, no dia 9 seguinte, uma cerimônia ecumênica na Igreja Nossa Senhora do Brasil.

¹⁵. Guido Arturo Palomba presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante dois mandatos bienais entre 2003-2004 e 2007-2008. É o primeiro ocupante da cadeira nº 1 e membro emérito desse sodalício.

74º PRESIDENTE: 1985-1986

Admissão: 4/3/1969

Helio Begliomini¹

ODON RAMOS MARANHÃO



1924-1995

Odon Ramos Maranhão nasceu em 23 de março de 1924, na cidade de São Paulo. Era filho de Odon Cavalcanti Maranhão e de Pacífica Ramos. Teve um irmão chamado Dalton Ramos Maranhão.

Graduou-se na 36ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1953 (Figura 2).

Fez parte da primeira congregação de professores do Seminário Presbiteriano Conservador, fundado em Antonina (PR), em 1953. Aí também foi nomeado orientador educacional. Atuou ao lado de Flamínio Fávero² como um dos redatores do periódico “O Presbiteriano Conservador”³.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial e parte das informações aqui consignadas foram gentilmente fornecidas, do acervo da Academia Paulista de Psicologia, pelos acadêmicos Carlos Rolim Affonso e Aidyl Pérez-Ramos.

². Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

³. Com a organização da Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo, aos 11 de fevereiro de 1940, foi fundado o boletim “O Presbiteriano Conservador”, cujo primeiro número foi publicado aos 28 de março daquele ano. Esse periódico passou a ser o órgão da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil.

Odon Ramos Maranhão dedicou-se à psiquiatria, psicologia e à carreira universitária, tanto na FMUSP quanto na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Na FMUSP foi discípulo e sucessor do professor Flamínio Fávero na cátedra de medicina legal. Por sua vez, no Departamento de Medicina Forense e Criminologia da tradicional Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo galgou a condição de livre-docente (5/12/1963); professor adjunto (28/8/1973); e professor titular (1981) de medicina legal.

De acordo com Guido Arturo Palomba⁴, ele foi também professor de medicina legal da Universidade Mackenzie (1968-1970) e das Faculdades Metropolitanas Unidas (1972-1985)⁵.



Figura 2 – Odon Ramos Maranhão por ocasião de sua graduação em medicina.

Odon Ramos Maranhão também atuou como perito da Justiça e foi um magistral parecerista, visto que dominava também o direito, formulando várias perícias que marcaram época em sua área de atuação.

Era de personalidade marcante. Foi um educador excepcional e um exemplar pai de família, estando sempre preocupado com os valores éticos, morais e religiosos. Jamais deixava de dar uma palavra de estímulo, encorajamento, orientação e esclarecimento para os que o procuravam, fornecendo soluções simples e sempre objetivas.

Ministrou aulas em diversos cursos e seminários de extensão universitária e escreveu inúmeros artigos em revistas especializadas em criminologia. Publicou os seguintes livros: **Manual de Sexologia Médico-Legal** (1972); **Curso Básico de Medicina Legal** (com diversas reedições: 1980, 1984, 1985, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998); e **Psicologia do Crime** (1981, 1985).

Odon Ramos Maranhão foi membro do Conselho Penitenciário de São Paulo. Recebeu inúmeros prêmios conferidos por instituições especializadas na área de criminologia, tendo por mérito tanto o ineditismo quanto o valor de suas brilhantes contribuições na compreensão do criminoso e do crime.

Ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 4 de março de 1969. Foi o 74º presidente, exercendo um mandato bienal entre 1985-1986. Permaneceu como membro desse sodalício durante 26 anos!

Ingressou também, em 14 de abril de 1982, como membro titular e o segundo ocupante da cadeira nº 3 da Academia Paulista de Psicologia, sob a patronímica de Fernando de Azevedo⁶. Exercia nesse sodalício a função de vice-presidente, por ocasião de seu falecimento.

Odon Ramos Maranhão foi casado com Zélia Fávero Maranhão⁷. Faleceu em 20 de novembro de 1995, contando com 71 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 31 da Academia Nacional de Medicina Legal, assim como dá nome à Penitenciária do município de Iperó, no interior Paulista, denominada de Penitenciária “Odon Ramos Maranhão”.

⁴. Guido Arturo Palomba foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante dois mandatos bienais entre 2003-2004 e 2007-2008, e é membro titular e emérito da cadeira nº 1 desse sodalício.

⁵. Livro “Dicionário Biográfico da Psiquiatria e da Psicologia”. Editora Juarez de Oliveira, São Paulo, 2009, página 175.

⁶. Foi precedido, nessa cadeira, pelo acadêmico Cícero Cristiano de Souza (1914-1980) e sucedido pelo acadêmico Carlos Rolim Affonso.

⁷. Zélia Fávero Maranhão era filha de Flamínio Fávero, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

75º PRESIDENTE: 1987-1988

Admissão: 31/3/1978

Helio Begliomini¹

ARTHUR BELARMINO GARRIDO JÚNIOR



Arthur Belarmino Garrido Júnior nasceu em 24 de janeiro de 1941, na cidade de São Paulo. É filho de Artur Belarmino Garrido e de Isaura Scialla Garrido.

Graduou-se na 49ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1966. Fez residência em cirurgia no Hospital das Clínicas dessa instituição de ensino e aí também se dedicou à carreira universitária. Concluiu seu doutorado sobre cirurgia do aparelho digestivo em 1973 e, no ano seguinte, começou a lecionar na FMUSP, onde galgou a condição de professor associado e livre-docente da disciplina de cirurgia do aparelho digestivo.

Arthur Belarmino Garrido Júnior fez diversas viagens ao exterior para participar de congressos e estágios de aprimoramento. Foi, juntamente com Marcelo Roque e Luiz Vicente Berti, fundador da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), em 1999², entidade na qual é membro titular e honrado com o título de presidente honorário.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Inicialmente batizada como Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica (SBCB), em 2006, a entidade passou a ser chamada de Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), devido à crescente importância da cirurgia metabólica na comunidade médica.

Em 2003 passou a se dedicar, na FMUSP, a pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da cirurgia da obesidade mórbida, tornando-se coordenador da Unidade de Cirurgia da Obesidade do Hospital das Clínicas (HC).

Considerado um dos pioneiros da cirurgia bariátrica³ no Brasil, Arthur Belarmino Garrido Junior contribuiu na realização de mais de 7.000 cirurgias para o tratamento da obesidade mórbida no País. Além de operar no HC – FMUSP, tem feito cirurgias bariátricas no Instituto Garrido de Gastroenterologia e Cirurgia da Obesidade e em mais de cinco hospitais particulares de São Paulo.

Dentre os artigos que publicou têm-se como ilustração: “Gastrite de Refluxo Alcalino: Quadro Clínico e Diagnóstico⁴”; “Tratamento da Úlcera Duodenal Estenosante pela Vagotomia Gástrica Proximal Associada à Duodenoplastia: Apresentação de 30 Casos⁵”; “Operação de Henley-Soupault: Detalhe Técnico para Prevenir Obstrução Intestinal no Pós-Operatório⁶”; “Gastrite de Refluxo Alcalino: Tratamento pela Operação de Henley-Soupault⁷”; “*Postoperative Bleeding Ischemic Ulcer of the Stomach. A Complication of Proximal Gastric Vagotomy*⁸”; “Tratamento Conservador de Pseudomixoma Peritoneal⁹”; “Histórico do Departamento de Gastroenterologia da FMUSP¹⁰”; “*What to Expect in the Excluded Stomach Mucosa after Vertical Banded Roux-en-Y Gastric Bypass for Morbid Obesity*¹¹”; “*Zinc Nutritional Status of Morbidly Obese Patients Before and After Roux-en-Y Gastric Bypass: A Preliminary Report*¹²”; “Tratamento da Obesidade: Técnicas Invasivas¹³”; “Presença de Sintomas Depressivos em Obesos Classes II e III¹⁴”; “*Early Marginal Ulcer Following Roux-en-Y Gastric Bypass Under Proton Pump Inhibitor Treatment - Prospective Multicentric Study*¹⁵”; “Derivações Gástricas em Y-de-Roux com Anel de Silicone para o Tratamento da Obesidade: Estudo das Complicações Relacionadas com o Anel¹⁶”; “*Improvement of Insulin Resistance and Reduction of Cardiovascular Risk Among*

³. Cirurgia bariátrica é o nome dado às intervenções cirúrgicas realizadas no aparelho digestivo para tratamento da obesidade e tem como objetivo promover a redução do peso. É o modo mais eficiente de se obter a perda de peso em pacientes extremamente obesos. Consiste em reduzir o reservatório gástrico (gastroplastia) e/ou a absorção intestinal.

⁴. Em coautoria com Joamel Bruno de Mello, Joaquim Gama Rodrigues, Thomas Szego, Victor Strassmann, Kiyoshi Iriya e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 33 (11-12): 223-227, 1987.

⁵. Em coautoria com Paulo Engler Pinto Júnior, Joamel Bruno de Mello, Luiz Augusto Carneiro D’Albuquerque, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 33 (3-4): 57-62, 1987.

⁶. Em coautoria com Joamel Bruno de Mello, Arnaldo Alves Moreira, Thomas Szego, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões 14 (1): 41-46, 1987.

⁷. Em coautoria com Joamel Bruno de Mello, Arnaldo Alves Moreira, Mitsunori Matsuda, Joaquim Gama Rodrigues e Henrique Walter Pinotti. Revista da Associação Médica Brasileira 34 (1): 34-38, 1988.

⁸. Em coautoria com Joaquim Gama Rodrigues, Arnaldo Alves Moreira, Joamel Bruno de Mello, Marcelo Doria Durazzo, Anai Espinelli de Souza Durazzo e Henrique Walter Pinotti. ABCD – Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva 4 (2): 52-56, 1989.

⁹. Em coautoria com Marcel Autran Cesar Machado, Joaquim Jose Gama Rodrigues, Rafael Milello Laurino Neto e Henrique Walter Pinotti. Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 48 (6): 301-304, 1993.

¹⁰. Em coautoria com Angelita Habr Gama, Antonio Atilio Laudanna, Joaquim Jose Gama Rodrigues, Bruno Zilberstein, Jose Eduardo Monteiro da Cunha, Ivan Ceconello, William Abrão Saad, Joel Faintuch, Desiderio Roberto Kiss, Dan L. Waitzberg e Claudio Jose Caldas Bresciani. Revista de Medicina (São Paulo) 81: 14-18, 2002.

¹¹. Em coautoria com Adriana Vaz Safatle Ribeiro, Rogério Kuga, Kiyoshi Iriya, Ulysses Ribeiro, Joel Faintuch, Robson K. Ishida, Carlos Eduardo P. Corbett, Shinichi Ishioka e Paulo Sakai. Obesity Surgery 16 (4): 448-453, 2006.

¹². Em coautoria com Cristiane Cominetti e Sílvia Maria Franciscato Cozzolino. Obesity Surgery 16 (4): 448-453, 2006.

¹³. Em coautoria com Marco Aurélio Santo, Flávio Roberto Takeda e Alan Garms Marson. Revista Brasileira de Medicina 65 (10): 314-319, 2008.

¹⁴. Em coautoria com Ricardo Bernardo Zini, Niraldo de Oliveira Santos, Sue Ellen Ferreira Modesto, Gláucia Rosana Guerra Benute, Kátia Osternack Pinto e Mara Cristina Souza de Lucia. Psicologia Hospitalar (São Paulo) 7 (2), 2009.

¹⁵. Em coautoria com Marçal Rossi, Sizenando Ernesto Lima Jr., Antonio Sérgio Brenner e Claudio Antonio Rufino Gomes Jr. Arquivos de Gastroenterologia 47 (2): 2010.

¹⁶. Em coautoria com Alexandre Amado Elias, Luiz Vicente Berti, Marcelo Roque de Oliveira, Nestor Tadashi Suguitani Bertin, Carlos Alberto Malheiros e Michel Bastouly. ABCD – Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva 24 (4): 2011.

Obese Patients with Type 2 Diabetes with the Duodenojejunal Bypass Liner¹⁷; “*Associations Between Glutathioneperoxidase-1 Pro198 Leupolymorphism, Seleniumstatus, and DNA Damage Levels in Obese Women After Consumption of Brazil Nuts¹⁸*”; e “*Brazilian Nut Consumption Improves Selenium Status and Glutathione Peroxidase Activity and Reduces Atherogenic Risk in Obese Women¹⁹*”.

Arthur Belarmino Garrido Júnior (Figura 2) é também membro do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva e da *American Society for Bariatric Surgery* (ASBS). Foi presidente e membro do conselho executivo da *International Federation for the Surgery of Obesity* (IFSO), entidade que reúne sociedades internacionais afins. Presidiu também o Capítulo Latino-Americano da IFSO.



Figura 2 – Arthur Belarmino Garrido Júnior.

Ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 31 de março de 1978. Presidiu esse sodalício durante um mandato bienal entre 1987-1988, tornando-se membro honorário.

Arthur Belarmino Garrido Júnior é honrado com um prêmio que leva seu nome – “Prêmio Arthur Belarmino Garrido Júnior” –, concedido por ocasião do Congresso da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica.

¹⁷. Em coautoria com Eduardo Guimarães Hourneaux de Moura, Ivan Roberto Bonotto Orso, Bruno da Costa Martins, Guilherme Sauniti Lopes, Suzana Lopes de Oliveira, Manoel dos Passos Galvão-Neto, Marcio Correa Mancini, Marco Aurélio Santo, Paulo Sakai, Almino Cardoso Ramos, Alfredo Halpern e Ivan Ceconello. *Obesity Surgery* 21 (7): 941-947, 2011.

¹⁸. Em coautoria com Cristiane Cominetti, Maritsa Carla de Bortoli, Eduardo Purgatto, Thomas Prates Ong, Fernando Salvador Moreno e Silvia Maria Franciscato Cozzolino. *Nutrition* 27 (9): 891-896, 2011.

¹⁹. Em coautoria com Cristiane Cominetti, Maritsa Carla de Bortoli e Silvia Maria Franciscato Cozzolino. *Nutrition Research* 32 (6): 403-407, 2012.

76º PRESIDENTE: 1989-1990

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 36

Data de admissão: 13/3/1979

FERNANDO PROENÇA DE GOUVÊA¹



Fernando Proença de Gouvêa nasceu em 8 de junho de 1929, na cidade de São Paulo. É casado e filho de Ignácio Proença de Gouvêa e de Etelvina Pedroso de Gouvêa, ambos médicos.

Fez seu curso primário no Grupo Escolar Rodrigues Alves (1937-1940); e o ginásial e colegial no Colégio Arquidiocesano de São Paulo (1940-1948). Após um ano preparatório no Curso Brigadeiro (1949), ingressou, em 1950, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), na 38ª turma, graduando-se em 1955.

Durante seu curso médico participou da Liga de Combate à Sífilis; de programas itinerantes de educação em saúde no interior de São Paulo, Salvador e Mato Grosso. Participou, como acadêmico estagiário no Hospital das Clínicas (HC – 1952-1955), da 1ª Clínica Médica (hematologia), da 2ª Clínica Médica (cardiologia) e da clínica de pediatria e puericultura. Após a sua graduação, a partir de fevereiro de 1956, passou a trabalhar na clínica pediátrica como assistente médico voluntário, onde permaneceu vinculado até o ano de 1981. Durante esse período foi plantonista assistente (a partir de fevereiro de 1957) e coordenador (1966-1970) do pronto-socorro de pediatria. Acumulou a

¹. A biografia e foto foram fornecidas pelo autor.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

função de supervisor dos leitos de pediatria do Hospital de Convalescentes de Suzano e da enfermaria de pediatria da Rua Cotoxó (1964-1966). Em 1971 foi nomeado diretor executivo do Instituto da Criança, permanecendo na função até dezembro de 1980, quando se desligou definitivamente do Instituto da Criança. Foi também diretor do pronto-socorro geral do Instituto Central do HC (janeiro de 1981 a março de 1983).

Fernando Proença de Gouvêa fez o curso, pós-graduação em administração hospitalar e saúde pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (1970-1972). Estagiou durante cinco meses na Grã-Bretanha, frequentando serviços de saúde em Londres, *New Castle Upon Tyne, Glasgow e Brighton*, com ênfase na atenção primária e pediatria social (professor Frederick Miller). Em novembro e dezembro de 1980, participou de visita aos serviços de saúde do Japão, com curso de treinamento em *Hachiochi*, seguido de visitas monitoradas em *Tokio, Nagoya e Yonago*. Em dezembro de 1979 participou de seminário na Universidade de Falmer (*Brighton*), com visitas a Unidades de Londres e Manchester. Em 1983, a convite da Federação Internacional de Hospitais, participou de conferências e visitou hospitais e unidades básicas de saúde de Nova Iorque, Detroit, Cidade do México e de São José da Costa Rica. Em 1986, a convite dos *Partners of America*, visitou duas vezes Chicago e Washington para conhecer o sistema de resgate às emergências nos Estados Unidos da América.

Desde 1954, foi funcionário da Prefeitura de São Paulo, onde começou como extranumerário diarista, em 1954, e posteriormente colaborador no Pronto-Socorro Municipal do Ipiranga (PSMI, 1955), fazendo visitas domiciliares às crianças desnutridas que tinham alta do Abrigo Pediátrico, referência na época para internar crianças vítimas de desidratação aguda por gastroenterite. Em 1963 assumiu, por concurso público, a função de médico efetivo da Prefeitura de São Paulo, exercendo o cargo de pediatra plantonista no Abrigo Pediátrico do PSMI, até 1968, quando assumiu a direção do Pronto-Socorro Municipal da Lapa, recém-inaugurado, aí permanecendo até 1970. Tornou-se assistente do Departamento Municipal de Higiene (1970-1973) e assessor chefe da Secretaria de Higiene e Saúde. Além de suas funções no HC e na Prefeitura de São Paulo, exerceu o cargo de plantonista do Samdu (Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência), inicialmente em São Paulo, como acadêmico (1955) e depois como médico, em Santos (1957-1960) e finalmente em São Paulo, como médico plantonista, na Rua Vergueiro (1960-1970).

Fernando Proença de Gouvêa atuou também como assessor médico do Laboratório Winthrop (1960-1966). Como pediatra teve consultório particular de 1957 a 1985, quando parou de clinicar.

Quando era coordenador do pronto-socorro de pediatria do HC (1966-1970), foi designado seu representante na Comissão de Controle de Desidratação, posteriormente denominada Crai – Comissão de Recursos Assistenciais da Infância. Credenciados pela Secretaria de Estado da Saúde, foram reguladas e otimizadas todas as unidades públicas ou filantrópicas que atendiam, sem cobrar, crianças com gastroenterite aguda no município de São Paulo. Em reuniões mensais com o secretário da Saúde, o grupo teve a oportunidade de transformar os serviços participantes numa rede integrada, além de participar da política de saúde da criança no estado de São Paulo.

Quando dirigiu o pronto-socorro do HC (1981-1983), com o apoio da Secretaria de Estado da Saúde, adotou a mesma estratégia em relação aos Serviços Públicos de Emergência, fixos e móveis de São Paulo, criando o Craps (Coordenação dos Recursos de Pronto-Socorro), que, através de reuniões semanais, conseguiu integrar os serviços de emergência; o Corpo de Bombeiros; os prontos-socorros e órgãos de direção para reformular e aprimorar os cuidados com o acidentado ou vítima de mal súbito no seu socorro imediato, no seu transporte, na sua recepção e resolutividade nos hospitais de referência.

Em 1975, foi indicado pelo professor Walter Leser ao prefeito de São Paulo, engenheiro Olavo Setubal, para assumir a Secretaria de Higiene e Saúde do Município de São Paulo, da qual foi titular (1975-1979). Baseado na sua experiência anterior como servidor municipal da saúde, sua vivência no HC e o modelo que trouxe de estada nos serviços de saúde da Inglaterra, reestruturou a pasta, adequando-a para integrar-se operacionalmente com a Secretaria de Estado da Saúde. Foi um trabalho conjunto integrado, que permitiu vencer o desafio da epidemia de meningite meningocócica e a elevada incidência das gastroenterites agudas na infância e as emergências, sem esquecer-se da execução articulada das vacinações contra a meningite, a paralisia infantil e o sarampo, cuja incidência reduziu significativamente, próximo de zerar. Após esse mandato, dedicou-se ao Instituto da Criança até 1981, quando assumiu a chefia das assessorias da Secretaria de Higiene e Saúde (1981-1982), e depois a direção do

Hospital Municipal do Tatuapé (1982) e do Hospital Municipal do Jabaquara (1983-1986), idealizado e construído na época em que foi secretário municipal da administração Olavo Setubal.

Em 1986, após um breve período em que dirigiu a Superintendência Hospitalar e de Urgência, assumiu pela segunda vez a Secretaria de Higiene e Saúde de São Paulo (agosto a dezembro de 1986), no governo Jânio Quadros. Nessa curta permanência privilegiou a melhoria dos serviços de emergência de São Paulo, o plano de atenção primária à população mais carente. Foi nessa oportunidade que incrementou as atividades do Craps e contribuiu significativamente para que o Corpo de Bombeiros implantasse o resgate de acidentados através do 193.

Em 1987 assumiu a coordenação de Saúde da região metropolitana (CRS-1) e do Programa Metropolitano de Saúde (PMS), de cuja elaboração participara (1979-1981). Em 1989 assumiu a função de secretário adjunto da Secretaria de Estado da Saúde (1989-1990), na administração Pinotti². Em 1991 coordenou a Comissão Estadual de Combate à Aids³ e, em 1992, dirigiu a Divisão de Saúde Coletiva da Secretaria de Estado da Saúde. A partir de meados de 1991, foi transferido para o CRSMNADI – Centro de Referência da Saúde da Mulher, de Nutrição, Alimentação e Desenvolvimento Infantil, onde atuou como assessor responsável pelo controle de qualidade até 1997, quando se aposentou. Durante sua permanência no CRSMNADI, foi membro fundador do Centro de Estudos e Pesquisas “Dr João Amorim” (Cejam), do qual se tornou diretor-presidente em 1992, permanecendo nessa função até 2008, ocasião em que assumiu a superintendência, cargo no qual se encontra até hoje.

De 1995 a 1998, a convite do então ministro da Saúde, professor dr. Adib Jatene⁴, exerceu a direção da Representação do Ministério da Saúde em São Paulo.

Além de suas atividades administrativas e acadêmicas, participou de diversas entidades representativas, dentre as quais: o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz⁵, do qual foi dirigente do Bisturí (1954) e do *Show Medicina*; a Associação dos Antigos Alunos da FMUSP, da qual fez parte da diretoria por diversos mandatos, tendo sido seu presidente no biênio 1985-1986, ocasião em que foi criada a Fundação Faculdade de Medicina, por iniciativa da entidade; Academia de Medicina de São Paulo⁶, desde 1979, tendo sido seu presidente no biênio 1989-1990; Sociedade Brasileira de História da Medicina (efetivo) e Centro de Estudos e Pesquisas “Dr. João Amorim” (Cejam), do qual é membro fundador e foi seu diretor-presidente (1992-2008), sendo, atualmente, seu superintendente.

². José Aristodemo Pinotti foi membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, tornando-se membro emérito e o primeiro ocupante da cadeira nº 52, cujo patrono é Raul Carlos Briquet.

³. Aids: *Acquired Immunodeficiency Syndrome*.

⁴. Adib Domingos Jatene foi membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, tornando-se o primeiro ocupante da cadeira nº 29, cujo patrono é Euryclides de Jesus Zerbini.

⁵. Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Fernando Proença de Gouvêa ingressou como membro titular da academia de Medicina de São Paulo, em 13 de março de 1979, tornando-se membro emérito desse sodalício e o primeiro ocupante da cadeira nº 36, cujo patrono é Ignácio Proença de Gouvêa, seu pai.

77º PRESIDENTE: 1991-1992

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 113

Data de admissão: 26/4/1984

Maria do Céu Coutinho Louzã¹

JOSÉ RODRIGUES LOUZÃ



1929-2015

José Rodrigues Louzã nasceu no dia 1º de janeiro de 1929, em São Paulo. É filho de dr. Mario Rodrigues Louzã² e de Jéssia Macuco Louzã. Estudou até o 3º ano primário no colégio Elvira Brandão e depois concluiu ginásio e científico no Colégio São Luiz. Desde criança quis seguir a carreira do pai e, bem jovem, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde se formou em 1952.

Iniciou sua vida profissional no Hospital São José do Brás, onde manteve seu consultório e realizou cirurgias até 2005, especializando-se em ginecologia e cirurgia.

¹. Bacharel em relações públicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; membro titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Estado de São Paulo (Sobrames – SP), tem atuado nessa entidade em diversas diretorias. É esposa do dr. José Rodrigues Louzã.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como a segunda foto e as notas de rodapé, foram contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Mario Rodrigues Louzã é o patrono da cadeira nº 113 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1954 concluiu o curso de administração hospitalar, na antiga Faculdade de Higiene, hoje, Faculdade de Saúde Pública.

José Rodrigues Louzã foi médico assistente administrativo no Instituto de Reabilitação, no período de 1954 até 1978. O Instituto de Reabilitação era autarquia, criado com o apoio do Comitê de Reabilitação da OMS³/ONU⁴. O instituto, ao perder o apoio da ONU, passou a ser Instituto Nacional de Reabilitação da FMUSP (atual Divisão de Medicina de Reabilitação). Nessa época foram criados os cursos de fisioterapia e terapia ocupacional, em nível universitário na USP.

Em 1960, a convite da Organização Mundial da Saúde, participou de um curso sobre reabilitação, na cidade do México.

Implantou os cursos de fisioterapia e terapia ocupacional na Universidade de São Carlos, onde foi professor durante alguns anos.

José Rodrigues Louzã (Figura 2) foi médico do Instituto Oscar Freire⁵ da FMUSP e presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, no biênio 1991-1992⁶.

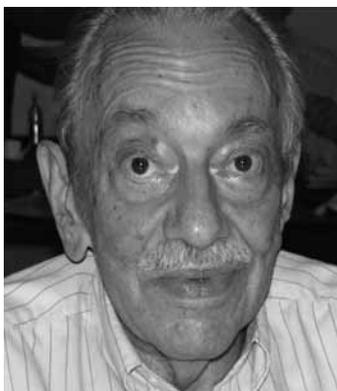


Figura 2 – José Rodrigues Louzã.

Tem inúmeros trabalhos científicos publicados na Revista Paulista de Medicina; Revista Paulista de Hospitais; Revista Brasileira de Reabilitação; Carisma; e Revista Cultura e Saúde.

Participou dos livros “Grandes Escritores de São Paulo”, “Florilégio Poético” volume II, “Todas as Formas de Amar”, “O Beijo”, “O Amor na Literatura”, “O Sonho”, “Escrevendo Mulheres”, antologias literárias da Editora Casa do Novo Autor.

É membro fundador da SOGM Poetas (RS)⁷ e membro titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (Sobrames – SP), desde 1991. Participou como coautor de diversas antologias e coletâneas dessa entidade, sendo também colaborador da Revista Brasileira de Médicos Escritores (RBME), publicação da Sobrames Nacional, além do jornal “O Bandeirante”, publicação da regional paulista.

Praticou natação durante muitos anos e tiro ao alvo em Clube de Tiro. Aprecia corridas de automóveis e, por isso, coleciona revistas alusivas a carros.

José Rodrigues Louzã é casado com Maria do Céu Coutinho Louzã. São seus filhos: professor dr. Mario Rodrigues Louzã Neto⁸, dra. Stella Maria Coutinho Louzã e Silvia Maria Louzã Naccache⁹.

³. OMS: Organização Mundial da Saúde.

⁴. ONU: Organização das Nações Unidas.

⁵. Oscar Freire de Carvalho é o patrono da cadeira nº 93 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. José Rodrigues Louzã tornou-se sócio da Associação Paulista de Medicina em 4 de março de 1954.

⁷. SOGM Poetas (RS): Sociedade Gaúcha de Médicos Poetas.

⁸. Mario Rodrigues Louzã Neto é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

⁹. José Rodrigues Louzã faleceu em 27 de janeiro de 2015, aos 86 anos.

78º PRESIDENTE: 1993-1994

Admissão: 13/3/1979

Helio Begliomini¹

RAUL MARINO JÚNIOR



Raul Marino Júnior nasceu aos 22 de março de 1936, na cidade de São Paulo. É filho de Raul Marino e de Brígida Quartim Albuquerque Marino.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1961. Dedicou-se à carreira universitária na FMUSP, obtendo o título de doutor em clínica cirúrgica, em 1971, com a tese **Cingulotomia Estereotáxica para Tratamento dos Distúrbios Neuropsiquiátricos Crônicos das Dores Rebeldes (Contribuição para o Estudo dos Mecanismos Neurais da Emoção)**; a livre-docência, em 2008, com a tese **Por uma Bioética Universal em Harmonia com a Lei Moral Natural e Fundamento de uma Medicina mais Humana**.

Após sua residência de quatro anos em neurocirurgia, prestou concurso e obteve uma bolsa de estudos na União Cultural Brasil-Estados Unidos. Foi para Boston estudar na *Harvard Medical School*. Estudou neuroanatomia nos laboratórios de anatomia do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e, em Montreal, no Canadá, na *McGill University*, onde aprendeu muito sobre cirurgias da hipófise e epilepsia.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Na FMUSP exerceu os seguintes cargos: professor livre-docente do Departamento de Neuropsiquiatria e pesquisador no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (1976-1984); professor adjunto de psiquiatria (1984-1990); professor titular de neurocirurgia (1990-2006) e professor livre-docente de bioética (desde 2008).

Raul Marino Júnior recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Henrique Sam Mindlin da Academia Brasileira de Neurologia (1980); Prêmio Especial Bromocriptina do Laboratório Sandoz S.A. (1982); *Sanophipharma Award* (1985) e Prêmio Egas Moniz do Departamento Médico da Casa de Portugal (1986).

Dentre outros cargos que exerceu salientam-se: diretor e fundador do Instituto Neurológico de São Paulo (Inesp), do Hospital Beneficência Portuguesa; diretor e fundador da Divisão de Neurocirurgia Funcional do Hospital das Clínicas da FMUSP; e pesquisador da relação neurologia e teologia.

Raul Marino Júnior publicou 144 artigos em periódicos; 40 capítulos em livros; dois artigos em jornais e revistas, e 91 resumos em anais de congressos. Participou de 419 eventos e congressos. Foi orientador de duas teses de mestrado e de cinco de doutorado. Participou de 33 bancas examinadoras, destacando-se para livre-docência (6) e professor titular (2).

São de sua lavra os seguintes livros: **Fisiologia das Emoções** (1975); **Functional Neurosurgery** (juntamente com Theodor Rasmussen, Nova Iorque, 1979); **Epilepsias** (1983); **Implantação de um Ambulatório de Epilepsia** (coautoria com L. M. Assis, 1986); **O Cérebro Japonês** (1989); **Osler, o Moderno Hipócrates** (1999); **Diagnóstico e Conduta no Paciente com Traumatismo Craniencefálico Moderado e Grave por Ferimento por Projétil de Arma de Fogo** (em coautoria com A. F. Andrade; R. S. Brock; J. C. Rodrigues Jr. e M. Masini, 2004); **A Religião do Cérebro** (2005) e **Em Busca de uma Bioética Global** (2009).

Raul Marino Júnior estudou filosofia ainda enquanto era aluno de medicina. Fez curso de especialização em bioética, no Centro Universitário São Camilo, e teologia na Pontifícia Faculdade Assunção de Teologia. Soube conciliar como poucos o conhecimento científico, filosófico e religioso. Inaugurou a neurologia funcional e proporcionou uma inter-relação entre experiência religiosa e científica com a fisiologia cerebral.

Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Neuroendocrinologia e presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1993-1994, tornando-se membro honorário desse silogeu. Ingressou como membro titular da cadeira nº 5 da Academia Cristã de Letras, em 18 de março de 2014, tendo como patrono Vicente de Carvalho, e como antecessores: Bernardo Pedroso (posse em 1/12/1967), Álvaro Amaral (posse em 21/9/1979) e Adolfo Lemes Gilioli (posse em 30/8/1995).

79º PRESIDENTE: 1995-1996

Admissão: 7/3/1985

Helio Begliomini¹

CLAUDIO COHEN



Claudio Cohen nasceu aos 15 de junho de 1948, na cidade de Roma, Itália. É filho de Carlo Cohen e de Letizia Anhalt. Graduou-se pela Faculdade de Medicina de Valença, em 1974. Fez residência em psiquiatria no Serviço de Psicopatologia do Hospital Italiano de Buenos Aires (1975-1977).

Especializou-se em medicina legal e deontologia médica pela Universidade de São Paulo (USP, 1982-1983) e psicanálise pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1986-1996).

No Instituto de Psicologia da USP obteve o título de mestre em psicologia social, com a tese **Provérbios Transculturais e a sua Relação com o Inconsciente Freudiano**, em 1989, e o título de doutor com a tese **Incesto e Psicopatologia Forense: Um Estudo em Medicina Social**, em 1992. Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), obteve o título de livre-docente com a tese **Reflexão sobre Atitude Ética do Médico Enquanto Profissional**, em 1996.

Dentre os cargos que exerceu na FMUSP salientam-se: professor associado; coordenador da disciplina ética médica e chefe do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho; presidente do conselho do Departamento de Medicina Legal (1994-1996); e vice-presidente e presidente da Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Claudio Cohen atuou como membro do corpo editorial dos seguintes periódicos: Revista da Associação Médica Brasileira; *Journal of Medical Ethics* e *Bioética* (Brasília). Foi também assessor científico do Boletim de Psicologia da Revista da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

Claudio Cohen recebeu prêmios, homenagens e comendas, dos quais salientam-se: medalha de honra ao mérito do Instituto de Medicina Legal de São Paulo e Associação dos Médicos Legistas do Estado de São Paulo (1986); Prêmio Benjamin Alves Pinto, da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt, 1993); medalha pelos 100 anos da Academia de Medicina de São Paulo (1995); medalha da OAB-SP² (1996); Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1996); Reconhecimento pelo compromisso com a defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Fundação Abrinq, 2002); diploma de honra ao mérito pela criação do Centro de Estudos e Atendimento Relativos ao Abuso Sexual do Instituto Oscar Freire (Cearas); e diploma de honra ao mérito como disseminador de conhecimento sobre a família incestuosa, do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (UFMG, 2009).

Claudio Cohen publicou 59 artigos em periódicos; 39 capítulos em livros; 62 artigos em jornais e revistas; 33 resumos em anais; e apresentou 132 trabalhos em congressos. Participou de 130 eventos e congressos, e organizou 14 eventos em sua área de atuação. Foi orientador de 12 dissertações de mestrado; e três teses de doutorado e uma monografia de iniciação científica.

Participou de diversas bancas examinadoras, sendo 20 de mestrado; 17 de doutorado e quatro de livre-docência.

Claudio Cohen presidiu a Academia de Medicina de São Paulo no biênio 1995-1996, tornando-se membro honorário desse sodalício.

Publicou os seguintes livros: **Compêndio de Medicina Legal** (em coautoria com H. V. Carvalho³; M. Segre; A. R. Meira⁴; M. Almeida; N. N. R. Salaru e D. R. Muñoz⁵, 1987); **Provérbios e o Inconsciente** (1991); **O Incesto, um Desejo** (1993); **Saúde Mental, Crime & Justiça** (em coautoria com M. Segre e F. C. Ferraz, 1996); **Bioética** (em coautoria com M. Segre, 1999); **Bioética & Sexualidade nas Relações Profissionais** (1999); **Saúde Mental, Crime & Justiça** (em coautoria com M. Segre e F. C. Ferraz, 2006) e **Questões de Bioética Clínica – Pareceres da Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo** (em coautoria com M. Garcia, 2007).

². Ordem dos Advogados do Brasil – Regional de São Paulo.

³. Hilário Veiga de Carvalho é o patrono da cadeira nº 122 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁴. Afonso Renato Meira presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante dois mandatos bienais entre 2011-2012 e 2013-2014

⁵. Daniel Romero Muñoz ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, em 7 de março de 1985, galgando a condição de membro emérito e primeiro ocupante da cadeira nº 83 desse sodalício.

80º PRESIDENTE: 1997-1998

Data de admissão: 7/3/1985

Helio Begliomini¹

MARISA CAMPOS MORAES AMATO



Marisa Campos Moraes Amato nasceu aos 8 de setembro de 1953, na cidade de São Paulo. É filha de Irany Novah Moraes² e de Fulvia Odylea Campos Netto Moraes.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina de Santo Amaro, em 1977. Na Universidade de São Paulo (USP) obteve o título de mestre em fisiologia humana, com a tese **Ação Reflexa dos Mecanorreceptores Ventriculares**, em 1982, e o título de doutor com a tese **Estenose Aórtica Assintomática – Avaliação pelo Esforço Físico**, em 1988.

Fez pós-doutorado em Hamburg, na Alemanha, pela Fundação Alexander von Humboldt (1992-1993). Novamente na FMUSP galgou a condição de professora livre-docente, com a tese intitulada **Estenose Aórtica Assintomática – Fatores Determinantes do Prognóstico a Longo Prazo e Importância do Teste de Esforço**, em 1998.

Marisa Campos Moraes Amato tem título de especialista em cardiologia pela Associação Médica Brasileira. Concluiu o MBA – *Master Business of Administration* em economia e gestão em saúde pela Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2005.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Irany Novah Moraes foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984, e foi membro honorário desse sodalício.

Atuou como membro do corpo editorial da Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba.

Dentre outras funções que desempenhou, salientam-se: membro do Conselho de Cultura da Associação Paulista de Medicina (1999-2002); membro do Conselho de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, do Sesc³ e do Senac⁴ (desde março de 2008); membro da comissão julgadora do Prêmio Abramg⁵ de Medicina e presidente do Clube Humboldt do Brasil (2008-2010).

Marisa Campos Moraes Amato recebeu o título de Honra ao Mérito – Doutor Cidadão pela Associação Paulista de Medicina (2007).

Publicou sete artigos em periódicos; 13 capítulos em livros; 34 artigos em jornais e revistas; 10 resumos em anais; e apresentou um trabalho em congresso. Participou de 34 congressos; organizou um evento em sua área de atuação e concedeu entrevistas em programas de rádio e televisão.

Marisa Campos Moraes Amato ingressou, em 7 de março de 1985, como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo. Presidiu esse sodalício durante um mandato bienal entre 1997-1998, tornando-se membro honorário. Durante sua presidência foi comprada uma sede própria para a entidade⁶.

Publicou os seguintes livros: **Mudança de Hábito** (em coautoria com Salvador José Toledo Arruda Amato⁷, 1997); **Cardiopatias Valvares** (1998); **Médico Generalista** (2001); **Manual para o Médico Generalista** (2001); **Doenças da Atualidade** (em coautoria com Salvador José Toledo Arruda Amato, 2003); e **Estilo de Vida** (em coautoria com Salvador José Toledo Arruda Amato, 5ª edição, 2004).

³. Sesc: Serviço Social do Comércio.

⁴. Senac: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

⁵. Abramg: Associação Brasileira de Medicina de Grupo.

⁶. A Academia de Medicina de São Paulo, nascida com o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 7 de março de 1895, teve como ponto de apoio físico, na sua fundação, as Arcadas do Convento Franciscano; depois, graças a Carlos Botelho, segundo presidente, a Policlínica, que ficava na Rua São Bento, esquina com a Rua Direita. Mudou-se posteriormente para uma travessa da Sé; depois, sediou-se na centenária Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; depois, Sociedade de Beneficência Portuguesa e, sob a presidência de Marisa Campos Moraes Amato (1997-1998), adquiriu a sua sede própria, à Rua Joaquim Floriano, 820, do bairro de Itaim.

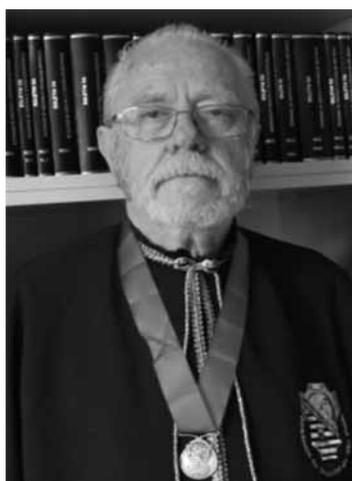
⁷. Salvador José Toledo Arruda Amato foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2001-2002, e galgou a condição de membro honorário desse sodalício.

81º PRESIDENTE: 1999-2000

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 4

Data de admissão: 8/8/1986

LUIZ CELSO MATTOSINHO FRANÇA¹



Luiz Celso Mattosinho França nasceu em Jaú (SP), em 12 de abril de 1931. É filho de Antonio Spina França Filho e Maria José Mattosinho França. Por parte de pai, segunda geração de imigrantes espanhóis, italianos e alemães; por parte de mãe, paulistas, originários de peões de obra portugueses, mineradores, que se localizaram em Minas no século XVIII.

Casado em primeiras núpcias com Elizabeth Lee França, com a qual tem três filhos, e em segundas núpcias com Léa Almeida Mattosinho França. Criado em São Paulo durante a depressão dos anos 30, foi aluno do Ginásio Oswaldo Cruz², e do Colégio Anglo-Latino, onde foi preparador de aulas de biologia de Isaias Raw, posteriormente professor da USP³.

Admitido na Faculdade de Medicina da USP com 17 anos, estagiou na Fundação Matarazzo, com Piero Manginelli e Henio Hannau; foi monitor de histologia, com Luiz Carlos Junqueira; de neuroanatomia, com Orlando Aidar; e

¹. Biografia e foto fornecidas pelo autor.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

³. USP: Universidade de São Paulo.

de anatomia patológica, com Ludgero da Cunha Motta e Mario Rubens Montenegro⁴. Em clínica médica estagiou com Otávio Rodovalho. Após a formatura foi médico interno do Hospital das Clínicas (HC), em 1955, com Carmino Caricchio, Luiz Décourt⁵, Toshiasu Fujioka, Euryclides de Jesus Zerbini⁶, Oswaldo Lange⁷ e Rolando Tenuto.

Luiz Celso Mattosinho França foi médico residente de anatomia patológica com Constantino Mignone e Maria Luiza Mercadante. Eleito pelos seus pares, tornou-se médico chefe dos estagiários do HC e trabalhou com Cantídio de Moura Campos⁸, Emílio Mattar, Mario Ramos de Oliveira⁹, Enéas de Carvalho Aguiar e Odair Pedroso, tendo por sua atividade sido homenageado pelos doutorandos de 1956.

Negada bolsa de viagem pela *Kellog Foundation* por ser médico residente, juntou numerário para viagem como autopsiante do Serviço Médico-Legal da Polícia e, por indicação de Antonio Cardoso de Almeida, foi ser residente do *Baptist Memorial Hospital* de Jacksonville, Florida, sob orientação de Alvan Foraker, onde fez pesquisa com microscopia de interferência, trabalhos publicados nos EUA. Após 2,5 anos foi admitido no *Memorial-Sloan Kettering Cancer Center* de New York como *fellow* da *American Cancer Society*, tendo, nessa época, obtido por concurso o título de especialista do *American Board of Pathology*.

Retornando ao Brasil, em 1961, encontrou as portas fechadas na USP, tendo acolhida e emprego no Hospital do Servidor Público Estadual, recém-inaugurado, aonde veio trabalhar com Reynaldo Figueiredo e Nemésio Bailão¹⁰, que conhecia do HC, e com os conselheiros médicos Alípio Corrêa Netto¹¹ e Otávio Martins Toledo. Em poucos anos, na companhia de Eugenio Mauro, Reynaldo Chiaverini, Roberto Melaragno, João Ferreira de Mello, Mozart Tavares de Lima, Geraldo Rodrigues de Lima¹², Evaldo Mello, Angelita Gama¹³, Anói Cordeiro, Hartmut Grabert, e tantos outros, estruturou-se um hospital de alto padrão, rivalizando-se com o HC. Deixou essa Casa em 1979, retornando em 1997, e ficando até 2010. Houve 40 turmas de médicos residentes com 90 médicos; 45 médicos estagiários voluntários, e um total de 53 médicos assistentes. Dentre as atividades de ensino, constam 265 reuniões anatomoclínicas gerais do hospital, realizadas semanalmente aos sábados.

Nos anos 1963-1964 foi assistente de Silvio dos Santos Carvalhal, no Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, como encarregado de patologia cirúrgica, ao lado de Fued Abdalla Saad¹⁴.

Em paralelo, manteve laboratório particular designado, sucessivamente, por Instituto de Anatomia Patológica e Citologia de São Paulo; LC Mattosinho França Patologistas Associados e Laboratório Mattosinho, entre 1961 e 2001, onde teve 24 médicos assistentes e 12 biólogos, tendo atendido 29.385 médicos; realizado 19.816 exames por congelação, e um total de 1.187.380 exames anatomopatológicos, bem como cerca de 2 milhões de exames citológicos.

⁴. Mario Rubens Guimarães Montenegro é o patrono da cadeira nº 4 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. Luiz Venere Décourt foi membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

⁶. Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁷. Oswaldo Lange é o patrono da cadeira nº 119 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁸. Cantídio de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1928-1929, e é o patrono da cadeira nº 128 desse sodalício.

⁹. Mário Ramos de Oliveira foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1957-1958.

¹⁰. Nemésio Bailão é o patrono da cadeira nº 28 da Academia de Medicina de São Paulo.

¹¹. Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

¹². Geraldo Rodrigues de Lima é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

¹³. Angelita Habr Gama é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

¹⁴. Fued Abdalla Saad foi membro titular e segundo ocupante da cadeira nº 3 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Rodolpho de Freitas.

Luiz Celso Mattosinho França publicou 118 trabalhos científicos. Defendeu sua tese de doutoramento em 1972, perante banca constituída por Carlos da Silva Lacaz¹⁵, Mario Ramos de Oliveira, Manlio Basilio Speranzini, Oswaldo Arruda Behmer e Anói Castro Cordeiro, sobre o tema **Citologia do Ducto Torácico** (Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/9672440846909343>).

Possui um livro intitulado **Patologia Cirúrgica e Epidemiologia: Relato de 1.187.380 Casos**, que é a apresentação do acervo do Laboratório Mattosinho com o uso do programa Procem, baseado no SNOP (*Systematized Nomenclature of Pathology*). Há relato de 119 órgãos nas categorias de Tumores Malignos Primitivos, Tumores Malignos Secundários, Tumores Benignos e Condições Gerais.

Proprietário rural no Município de Cunha, dedicando-se à pecuária leiteira e produção de laticínios, tendo sido declarado Cidadão Honorário pela Câmara Municipal.

Luiz Celso Mattosinho França¹⁶ foi admitido na Academia de Medicina de São Paulo em 8 de agosto de 1986, e exerceu os seguintes cargos: 1. Tesoureiro – gestão Claudio Cohen, 1995-1996; 2. Presidente eleito – gestão Marisa Campos de Moraes Amato, 1997-1998; 3. Presidente – gestão, 1999-2000; 4. Comissão de patrimônio – gestão Luiz Fernando Pinheiro Franco, 2005-2006; 5. Tesoureiro – gestão Guido Arturo Palomba, 2007-2008; 6. Secretário-geral – gestão Yvonne Capuano, 2009-2010; 7. Secretário-geral – gestão Affonso Renato Meira, 2011-2012.

¹⁵. Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual ente 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

¹⁶. Luiz Celso Mattosinho França é o primeiro ocupante da cadeira nº 4, cujo patrono é Mario Rubens Guimarães Montenegro. Seu irmão, Antonio Spina França Netto (1927-2010) foi membro titular e emérito da Academia de Medicina de São Paulo; presidente desse sodalício num mandato bienal entre 1977-1978, e o primeiro ocupante da cadeira nº 54, cujo patrono é Enjolras Vampré.

82º PRESIDENTE: 2001-2002

Data de admissão: 7/3/1985

Helio Begliomini¹

SALVADOR JOSÉ DE TOLEDO ARRUDA AMATO



Salvador José de Toledo Arruda Amato nasceu aos 21 de fevereiro de 1951, na cidade de São Paulo. É filho de Gabriel Antonio Galvanese Amato e de Anna Cecília de Toledo Arruda Amato.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro (Unisa), em 1976. Dedicou-se à angiologia e cirurgia vascular, obtendo o título de especialista pela Associação Médica Brasileira (AMB).

Aprimorou-se em diversos estágios no exterior: *Hospices Civils* de Estraburgo (França, 1978); *Medical College of Ohio*, em Toledo (Estados Unidos da América, 1986), e como assistente estrangeiro do *Allgemeines Krankenhaus*, em Hamburgo (Alemanha, 1992). Cumpriu também estágio de aperfeiçoamento em cirurgia endovascular pela Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular (2004-2005).

No Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, obteve o título de doutor em anatomia, com a tese **Arterialização da Veia Cefálica**, em 1984, sendo seu orientador o professor Bruno König Junior.

Salvador José de Toledo Arruda Amato atuou como membro do corpo editorial dos seguintes periódicos: Revista IATROS (1992-1993); Medicina e Cultura (2002-2004); Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba (desde 2002) e da Revista Cultura e Saúde.

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Dentre outras funções que desempenhou salientam-se: supervisor de cirurgia vascular do programa de residência médica do Hospital Jaraguá (1981-2004); chefe do serviço de cirurgia vascular do Hospital Jaraguá (1981-2004); professor titular de cirurgia vascular da Faculdade de Medicina da Unisa (1982-2006); responsável pelo Serviço de Cirurgia Vascular da Vasculab e responsável pelo site www.checkup.med.br.

É membro da *International Society for Cardiovascular Surgery* (2006); *International College of Surgeons* (1992) e Rotary Club de São Paulo (1985-2000).

Salvador José de Toledo Arruda Amato ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 7 de março de 1985. Presidiu esse sodalício durante um mandato bienal entre 2001-2002, tornando-se membro honorário.

Recebeu o Prêmio Cid dos Santos da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular (2003). Publicou 32 capítulos em livros e os artigos: “Arterialização da Veia Cefálica: Acesso para Hemodiálise²” e “Ruptura de Aneurisma de Artéria Femoral³”.

É autor dos livros: **Mudança de Hábito** (em coautoria com Marisa Campos Moraes Amato⁴, 2ª edição, 1997); **Doenças da Atualidade** (em coautoria com Marisa Campos Moraes Amato, 4ª edição, 2003) e **Estilo de Vida** (em coautoria com Marisa Campos Moraes Amato, 2000 e 5ª edição, 2004).

². Acta Cirúrgica Brasileira 10 (2): 84-88, 1995.

³. Em coautoria com Eduardo Koide, Márcio Fernando Maciel da Rocha e Fernando César Franco. Cirurgia Vascular e Angiologia 14: 40-42, 1998.

⁴. Marisa Campos Moraes Amato presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1997-1998, e é membro honorário desse sodalício.

83º PRESIDENTE: 2003-2004 E 2007-2008

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 1

Data de admissão: 30/6/1992

GUIDO ARTURO PALOMBA¹



Guido Arturo Palomba nasceu em 3 de outubro de 1948. É filho de Giovanni Palomba e de Cecilia Faggiano Palomba. Graduiu-se, em 1974, pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos e possui consultório na cidade de São Paulo, no bairro Jardim Paulista.

Especializou-se em psiquiatria forense, com título reconhecido pela Associação Médica Brasileira, Associação Brasileira de Psiquiatria e Sociedade Brasileira de Medicina Legal. Foi médico e médico-chefe do Manicômio Judiciário de São Paulo (1975-1985) e é perito habilitado nos Tribunais Judiciários de São Paulo, desde 1975 até o presente.

Dentre os cargos e funções que exerceu salientam-se: diretor cultural da Associação Paulista de Medicina (APM, 1991-1995 e 1999-2014); cofundador do Museu de História da Medicina da APM; presidente do Departamento de Psiquiatria Forense da APM (2005-2006); membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo [ingressou em 1992; foi secretário adjunto (1997-1998); secretário geral (1999-2000); presidente eleito (2001-2002); presidente

¹. Nótulas:

- A. A biografia e foto foram fornecidas pelo autor.
- B. A adaptação do texto ao perfil desta secção foi feita pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

(2003-2004); vice-presidente (2005-2006); presidente (2007-2008); comissão de patrimônio (2009-2010 e 2011-2012)]; 4º vice-presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina (2005-2008); membro do Conselho Penitenciário de São Paulo (2009-2011); da Comissão Anti-drogas da Ordem dos Advogados do Brasil (2010-2012); membro da Ordem Nacional de Escritores; e da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (irmão remido desde 2002); cofundador do futuro Museu da Tolerância, na *campus* da Universidade de São Paulo.

Guido Arturo Palomba é também membro das seguintes entidades: Academia Paulista de História (titular, desde 1992); Academia Cristã de Letras (titular, desde 2001); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (titular, desde 2004); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (titular, desde 2004); Academia Hispano-Brasileira de Ciências, Artes e Letras (membro fundador, 1984); Clube Machado de Assis (titular); Clube dos 21 Irmãos Amigos (titular, desde 1985); *International Academy of Law and Mental Health* (2002-2007) e Sociedade Brasileira de História da Medicina (sócio fundador) e Academia Cearense de Medicina (correspondente, desde 1992).

Guido Palomba é membro do conselho editorial de revistas científicas e culturais, nacionais e internacionais. Foi diretor científico, no Brasil, do *British Medical Journal*, edição em língua portuguesa, e é coordenador do Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina, desde 1988 até o presente.

Guido Arturo Palomba tem atuado, desde 1985, como consultor convidado de alguns órgãos de comunicação para assuntos psiquiátrico-forenses, assim como professor convidado de algumas faculdades de direito, de psicologia e de medicina.

É autor de cerca de 250 artigos científicos e culturais. Foi coordenador-autor dos livros: **450 Anos de História da Medicina Paulistana** (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004), **Associação Paulista de Medicina, 75 Anos** (Atheneu, Rio de Janeiro, 2005) e **AMB 60 Anos** (Associação Médica Brasileira, São Paulo, 2011). Colaborou no livro “Conquistas e Desafios, 80 Anos da Associação Paulista de Medicina” (SMS Editora, São Paulo, 2011), e **Homicídio Crime Rei** (coautor – coordenação de Laerte Marzagão, Editora Quartier Latin, 2009).

São também de sua lavra os seguintes livros: **Noções Básicas de Psiquiatria Forense** (Sugestões Literárias, 1992); **Loucura e Crime** (Fiuza, 1996); **Tratado de Psiquiatria Forense Civil e Penal**, o primeiro, no gênero, em língua portuguesa (Atheneu, São Paulo, 2003); e **Dicionário Biográfico da Psiquiatria e da Psicologia** (Editora Juarez de Oliveira, 2009).

Guido Arturo Palomba é consultor convidado de alguns órgãos de comunicação (desde 1985), nacionais e internacionais, para assuntos psiquiátrico-forenses; professor convidado (temas psiquiátrico-forenses) de algumas faculdades de direito, de psicologia e de medicina. Possui pequena coleção de livros raros e raríssimos de psiquiatria forense, de psiquiatria e de medicina legal. É curador da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina e membro do Conselho Consultivo da Fundação Adelino Ângelo, Porto – Portugal.

84º PRESIDENTE: 2005-2006

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 16

Data de admissão: 1/6/1990

LUIZ FERNANDO PINHEIRO FRANCO¹



A origem da família Pinheiro Franco pertence a Mogi das Cruzes, cidade descoberta há mais de 500 anos, que foi sede da fazenda de Braz Cubas e acolheu diversos Bandeirantes: os Cardoso de Almeida, os Cunha Gago, os Prado, os Dias Mendes, os Ferraz de Araujo, entre outros, e ainda Salvador Leite Ferraz, trisavô do pai de Luiz Fernando, que participou do momento histórico “O GRITO DO IPIRANGA²”. Nisso tudo se amalgamava a Família Pinheiro Franco de 400 anos.

Luiz Fernando, vindo dessa família de paulistas a que se referiu Theodore Lacordaire, em artigo intitulado “O Ouro dos Pinheiros”, publicado na *Revue des Deux Mondes*³: “*Les moeurs de cette race de fer, son courage indomptable, sa haine por toute espèce de joug, ses courses gigantesques dans l’intérieur du pays, ont fait de son histoire un épisode à part dans celle du Brésil*”.

¹. Biografia e foto fornecidas pelo autor.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

². Instituto Genealógico Brasileiro – Tito Lívio Ferreira, História de São Paulo, 2ª volume, página 166.

³. Tome Deuxième, p. 335, ano 1835.

Veio Luiz Fernando de tradicional família de juristas, sendo seu pai Nelson Pinheiro Franco, que foi eleito e reeleito presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, orador primoroso, dando aulas na Universidade de Sorbonne, em Paris, em 1994. Sua mãe, Maria Aparecida de Faria Lemos, emérita educadora, veio de família tradicional de Pernambuco e Rio de Janeiro, os Faria Lemos. De família fidalga, dispendo de poder imenso, Francisco de Faria Lemos exerceu funções eminentes, entre as quais as de presidente das Províncias de Pernambuco, seu estado natal; Ceará, Rio Grande do Sul (1887) e Minas Gerais, sendo elevado a ministro do Supremo Tribunal Federal. Nada deixou de bens materiais senão o exemplo de vida pura. Por outro lado, os novos PINHEIRO FRANCO têm sangue caboclo, português, hebreu, espanhol, italiano, francês, árabe, japonês, provindos de todos os quadrantes do orbe, que formam a comunidade PINHEIRO FRANCO de hoje, indissolúvel e monolítica.

Esta é uma das razões que seus filhos João Luiz, neurocirurgião, hoje franco-brasileiro, casado com a francesa Aude Koebele de Strasbourg; Suzana, cantora bel soprano, formada no *Berkelee College of Music* de Boston, hoje, germano-brasileira casada com o oficial federal alemão Sven Peter de Freiburg; e Luiz Olimpio, artista plástico, ganhador, entre outros notáveis prêmios, da medalha de ouro da Bienal de Roma, e casado com Raquel, da família italiana Ramazzini de Ribeirão Preto, tornaram sua família um exemplo do maravilhoso aspecto multirracial e cultural do povo brasileiro, exemplo para o mundo.

Os dados obtidos na Edição Comemorativa do Centenário do INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO, edição de 1991, realçam também que Galdino Pinheiro Franco, avô do acadêmico Luiz Fernando, veio da linhagem de Salvador Leite Ferraz, Antônio Ferraz de Araujo e Maria Pires, sendo esta filha de Bartolomeu Bueno, o ANHANGUERA. Assim, Galdino Pinheiro Franco, avô do acadêmico Luiz Fernando, é descendente, em linha reta, de Bartolomeu Bueno, o Anhanguera.

A mãe do acadêmico Luiz Fernando, Maria Aparecida, se destacou em obras sociais e espírito religioso, fundando, com outras abnegadas, um orfanato em Taubaté, o Lar Irmã Amália Aguirre, que hoje atende centenas de órfãos.

Luiz Fernando, nascido em 2 de outubro de 1945, foi cursar com destaque a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, onde se tornou aluno dileto de seu patrono, o professor Oswaldo Freitas Julião – considerado um dos maiores neurologistas brasileiros –, e do qual bebericou a chama do saber de seu vasto e monumental conhecimento. Admirando com veneração a sabedoria do mestre magnífico, fez então dele o guia para sua vida médica.

Interessado na neurocirurgia, iniciou seus estudos com o professor Gilberto Machado de Almeida, com o qual aprendeu a difícil arte no tratamento cirúrgico do tecido nervoso, tendo o privilégio de conviver com aquele que foi, sem dúvida, um dos mais rigorosos e talentosos neurocirurgiões, reconhecido não só no Brasil como também no exterior.

Mestre e doutor em neurocirurgia pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, Luiz Fernando Pinheiro Franco estudou em suas teses os assuntos abaixo citados:

Mestrado em neurocirurgia, com apresentação e defesa de tese, tendo como tema: **Gliomas do Nervo Óptico**, aprovada por parecer final da comissão julgadora e homologada pela comissão de pós-graduação. Esta tese foi pioneira no tratamento de tumores do ápice orbitário, local até então de difícil acesso, só sendo possível por via intracraniana.

Doutorado em neurocirurgia com apresentação e defesa de tese, tendo como tema: **Avaliação da Infiltração Perirradicular no Tratamento da Lombociatalgia Persistente após Tratamento Cirúrgico**, aprovada por banca examinadora com nota máxima. Este trabalho foi também o marco inicial para o tratamento não cirúrgico das doenças compressivas das raízes nervosas, com repercussão internacional, sendo a contribuição brasileira para protocolo internacional nessa matéria.

Luiz Fernando Pinheiro Franco foi professor tutor da Universidade de Berlim e, anteriormente, teve bolsa obtida por concurso para a mesma universidade, sendo pago com bolsa do Senado Alemão para o curso na *Universitäts Klinikum Steglitz der Freien Universität Berlin – Moderne Methoden in der Neurochirurgie*.

Foi visitante pós-graduado das Universidades de Londres, Johns' Hopkins, *New York* e Moscou, sendo também *special guest professor* da Universidade de Saint Louis.

Quando presidente do Departamento de Neurocirurgia da Associação Paulista de Medicina por uma década, realizou, durante muitos anos, cursos de reciclagem para os neurocirurgiões do estado de São Paulo, tendo também formado, na ocasião de seu Serviço de Residência em Neurocirurgia, cerca de duas dezenas de neurocirurgiões, que hoje brilham por todo Brasil.

Foi membro do conselho *International Parliament for Safety and Peace* e homenageado com a medalha e colar de ouro “Sergio Vieira de Mello”, Pacificador da ONU⁴.

No período em que foi professor titular de neurocirurgia da Universidade de Santo Amaro – Unisa, atraiu professores estrangeiros como o professor Salomão Segall, de *New York*, que ministrou aulas na universidade.

Luiz Fernando Pinheiro Franco foi presidente e é membro titular emérito da Academia de Medicina de São Paulo⁵.

Como presidente do Capítulo de São Paulo da Academia Brasileira de Neurocirurgia, membro do Conselho Deliberativo da Academia Brasileira de Neurocirurgia e da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, sempre lutou pela qualificação médica, tendo fundado, juntamente com os presidentes do Conselho Regional de Medicina, Associação Paulista de Medicina e Sindicato dos Médicos de São Paulo, a “Federação das Entidades Médicas”, entidade empenhada na melhoria das condições dos médicos e dos pacientes. Atuou com ardor na área associativa, sendo seu artigo “Podem as Condutas Médicas Ser Restritas pelo Sistema de Auditoria dos Planos de Saúde?” publicado com destaque em várias revistas médicas e jurídicas.

Também é titular da Academia de Letras de Campos do Jordão, desde 2006, na cadeira número 16, tendo como patrono Sergio Milliet da Costa e Silva, que foi dos maiores críticos de artes literárias e plásticas de São Paulo e do Brasil; vislumbrou o liame na prática da cura do corpo e da alma, pondo em prática, em sua vida, o conhecimento adquirido com seus mestres na medicina e com a alma dos poetas nas letras. Isso, aplicado ao doente, sempre amenizou seu sofrimento.

Curiosamente, nas duas academias, as cadeiras ocupadas têm o mesmo número – 16. No seu discurso de posse na Academia de Letras de Campos do Jordão, Lygia Fagundes Telles manifestou que três coisas estão em extinção no Brasil: o índio, as árvores e o escritor. O acadêmico da Academia de Medicina, na visão do acadêmico Luiz Fernando, não permite a “extinção do escritor”, pois este na área médica “Redige”, na sua terapêutica e em seus ensinamentos, mesmo de forma virtual, salvando vidas e dignificando a vida humana. Como partícipe de duas academias, o acadêmico Luiz Fernando observou o liame entre ambas, ou seja: a área médica cuida do sofrimento do corpo e da alma, e exatamente nesse ponto há o entrelaçamento com a Academia de Letras, que com seus escritos cantam o corpo e a alma, expressando a arte dentro da medicina, na sua faceta mais alegre com a cura, e a mais triste com a morte.

A jornalista fundadora do suplemento de turismo do jornal O Estado de S. Paulo, Clycie Mendes Carneiro, tia da acadêmica dra. Maria de Lourdes Mendes Carneiro Pinheiro Franco⁶, esposa do acadêmico Luiz Fernando, é tetraneta do fundador de Campos do Jordão, Matheus da Costa Pinto, e filha do procurador e poeta já falecido dr. João Mendes Carneiro, sempre revelou profundo conhecimento das peculiaridades da área comum entre as Academias de Medicina e de Letras. A dra. Maria de Lourdes Pinheiro Franco, esposa de Luiz Fernando e duplamente acadêmica, também tem essa percepção de Luiz Fernando, ou seja, o acadêmico não morre, vive para sempre, pois seus feitos sobrevivem.

Luiz Fernando sempre entendeu que o acadêmico é um homem como os outros, mas lidando dia a dia na medicina com o SER HUMANO, e no contato com seus pares acadêmicos impregna-se do influxo de sua eticidade. A convivência diuturna com as doenças e as paixões d’alma torna-os desprendidos dos bens materiais e ambições rasteiras, ensejando-lhes vislumbrar no emaranhado e tumulto da Vida, segundo as forças de seu talento, condição fundamental para SER ACADÊMICO, as linhas sóbrias da responsabilidade e do justo para si, para os ideais acadêmicos e para o enfermo.

Como observaram, no texto há uma história de um acadêmico e de onde veio. A gloriosa ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO serve de fonte para as notáveis histórias dos afortunados confrades desse sodalício, que passam para a eternidade mostrando quão honroso é ser integrante da centenária Academia de Medicina de São Paulo. Aproveitando o texto de Cecília Meirelles, “Escolha o Seu Sonho”, 8ª edição, repito que, no desdobramento da árvore genealógica, tanto nos aspectos gerais como da vida dos acadêmicos, vemos as lições que nos tornaram comunicáveis com tantas outras vidas, e como, de ramo em ramo, estamos aparentados nessa infinita floresta, que interminavelmente cresce desde o princípio do mundo, deixando o melhor exemplo que pudermos para as futuras gerações.

⁴. ONU: Organização das Nações Unidas.

⁵. Ingressou nesse sodalício em 1ª de junho de 1990, e o presidiu num mandato bienal entre 2005-2006.

⁶. Maria de Lourdes Mendes Carneiro Pinheiro Franco é membro titular da cadeira nº 98 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Walter Edgard Maffei.

85º PRESIDENTE: 2009-2010

Primeira Ocupante da Cadeira nº 64

Data de admissão: 7/3/2002

Helio Begliomini¹

YVONNE CAPUANO



Yvonne Capuano nasceu na cidade de São Paulo, em 29 de novembro de 1936. Graduiu-se pela Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 1964, e especializou-se em clínica médica.

Ainda enquanto acadêmica, fez estágio no Hospital e Maternidade Leonor Mendes de Barros, da Legião Brasileira de Assistência (1964-1966).

Realizou nove cursos de aprimoramento profissional na EPM e no Hospital Sírio-Libanês. Em 1982, após 18 anos atuando como clínica geral, assumiu o comando de uma das maiores empresas metalúrgicas de São Paulo, onde permaneceu por doze anos, e, desde então, dedica-se à área administrativa hospitalar.

Yvonne Capuano foi presidente (1987-1993) e diretora (1993-1996) da Indústria e Comércio de Plástico Tecnoflon Ltda., e presidente (1982-1993) da Indústria e Comércio de Alumínio Clock S.A.

É fundadora, presidente e mantenedora do Projeto Educacional Y. Capuano, entidade sem fins lucrativos que se destina à alfabetização de trabalhadores da indústria.

Na área da administração hospitalar, atuou no Serviço de Assistência Médica S.A. (Same – diretora-presidente

¹. Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

1964-1982); Conselho Administrativo do Hospital Santa Paula (diretora, 1978-1982; e presidente, 1994-2005); Conselho Municipal de Saúde (1994-2003); Conselho Intersectorial de Ciência e Tecnologia (1996-1997) e Conselho Nacional de Saúde (1993-1997).

Dentre as diversas entidades de que participa, têm-se: Associação Paulista de Medicina (APM, diretora de Ações Comunitárias desde 2005); Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM); Associação das Médicas de São Paulo (AMSP, assessora da diretoria); Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes (ABPA); Academia Paulista de História² (APH, secretária-geral); Academia Cristã de Letras³ (ACL, presidente 2011-2012); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina; e *Comitato di Collaborazione Culturale dell' Istituto Italiano di Cultura di San Paolo e Associazione Veterani e Reduci Garibaldina di Roma*.

Ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 7 de março de 2002, tendo sido a primeira ocupante da cadeira nº 64, cuja patronesse é Maria Augusta Generoso Estrela, e presidido esse sodalício num mandato bienal entre 2009-2010.

Dentre outras entidades a que Yvonne Capuano pertence e tem atuado salientam-se: Instituto da Memória Empresarial (Imemo, conselheira); Se Toque – Instituto de Desenvolvimento Social (conselheira); Associação Médica Brasileira (AMB, delegada efetiva); Fundação Brasileira de Marketing (FBM, curadora); Universidade de Santo Amaro (Unisa, conselheira); Centro Brasileiro de Estudos em Liderança da Unisa (conselheira); Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD, conselheira); Associação do Instituto de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB, conselheira); Administração de Recursos S. C. Ltda. (diretora); Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima (conselheira); Instituto de Desenvolvimento de Diadema (conselheira); Empreendimentos Comerciais S. C. Ltda. (presidente); Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp, diretora); Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp, membro do Departamento de Estudos Avançados; do Conselho do Grupo de Saúde; do Grupo de Segurança e Defesa, e diretora); Centro de Integração Empresa Escola (CIEE, conselheira e vice-presidente 2003-2005); Fundação Zerbini⁴ (conselheira); Museu da Casa Brasileira (MCB – conselheira, 1988-1990); Assistência de Medicina Preventiva Ambulatorial e Industrial S. C. Ltda. (Ampai, diretora-presidente); Instituto Roberto Simonsen (IRS, conselheira); Comércio Empreendimentos e Participações S. A. (presidente), e Grupo de Assessoria e Participação (GAP, assessora).

Yvonne Capuano foi agraciada com distinções, honorárias e prêmios por atividades desenvolvidas nas áreas médica, empresarial e cultural.

Recebeu as seguintes comendas: medalha Santos-Dumont do Instituto Histórico de Aviação (Rio de Janeiro, 1981); *medaille de Reconnaissance Franco-Américaine en raison des services sociaux et humanitaires rendus deux pays* do *Conseil National de l'Institut Humaniste* – (ONU⁵, 1981); Cruz do Mérito Cívico e Cultural – grau de dama comendadora do Governo do Estado de São Paulo (1983); medalha de ouro à Qualidade do Brasil – Clock S. A. (1984); Ordem de Mérito de Educação e Integração (1985); *Gran Medalha Republicana Latino-Americana* (1987); medalha do mérito Anita Garibaldi do Governo do Estado de Santa Catarina (1999); medalha comemorativa do Dia Internacional da Mulher, pela Câmara Municipal de São Paulo (2000 e 2001); comenda Anita Garibaldi, do Instituto Histórico e Cultural Giuseppe e Anita Garibaldi (RS, 2001); *Stella al Merito Garibaldino istituita da Giuseppe Garibaldi nel 1863 per la Fedeltà agli Ideali della Tradizione Garibaldina, Associazione Nazionale Veterani e Reduci Garibaldini* (2001); medalha do Mérito Cultural Oscar Bertholdo, pela Câmara Municipal de Bento Gonçalves (RS, 2002); medalha de Gratidão da Fundação Zerbini, do Incor⁶ (SP, 2003); colar Alvarenga e Heróis Anônimos, do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (2004); e medalha cultural Aluísio de Almeida, do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (SP, 2005).

². Titular da cadeira nº 23, cujo patrono é Júlio de Mesquita Filho.

³. Titular da cadeira nº 4, cujo patrono é Dante Alighieri.

⁴. Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

⁵. ONU: Organização das Nações Unidas.

⁶. Incor: Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Dentre os troféus e placas recebidos destacam-se: troféu Tanit – melhor imagem de marca (Buenos Aires – Argentina, 1983; e Lima – Peru, 1984); troféu Gente que Faz, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (1985); troféu Mulher Alarde – categoria empresarial (1986); placa Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi, do jornal O Eco do Vale (RS, 1999); troféu Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE – SP, 1999); troféu da Associação das Soroptimistas (1999); troféu Mulher Destaque 2000, pela Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (RJ); troféu Liderança Regional, pelo Jornal A Rua (Santana do Parnaíba – SP, 2000); e Troféu *Comunità Italo-Brasiliiana del Paraná e Santa Catarina* (PR, 2002).

Dentre outras homenagens e destaques recebidos têm-se: Personalidade do Ano – Empresária pelo Instituto Brasileiro de Administração e Desenvolvimento Educacional (1984); Destaque Profissional, pelo Instituto Brasileiro de Expansão Cultural (SP, 1984); Prêmio Ela – à melhor empresa do ano pela TV Bandeirantes (1984); Grande Prêmio da Crítica no setor de Música Erudita, pela Associação Paulista de Críticos da Arte (1985); *La Grande Dame da Vouve Clicquot* (1985); Mulher Empresária do Ano, pelo Programa de Destaque da Rede Record de Televisão (1988 e 1989); Coração de Ouro – destaque do ano, *New Year* (1989); Mulher Nota 10, pela Imagem Sistema de Comunicação Integrada (1989); homenagem do Clube de Regatas Tietê, por ter contribuído na formação do “Jovem de Hoje, Homem de amanhã” (1991); homenagem das Mulheres de Negócios e Profissionais do Estado de São Paulo (1991); homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, das Confederações de Mulheres do Brasil (Senado Federal, 1993); homenagens da diretoria da Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais do Estado de São Paulo (1994 e 1996); Personalidade de 1995, pela Empresa Jornalística Baixada Santista; homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, das Companheiras Soroptimistas de São Paulo (1996); Diploma de Mérito do *Consiglio Generale Italiani All’Estero* (1999); voto de júbilo e de congratulações da Câmara Municipal de São Paulo (2000); benemerita da *Comunità Italo-Brasiliiana* da Colônia Calabresa do Rio de Janeiro (2000); *Vip’s* do Mercosul (2000); benemerita *della Comunità Italo-Brasiliiana* (Comites – SP, 2001); homenagem da *Scuola Italiana d’Arte* (2001); Guerreiro – Destaque (2001); homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, pela Comissão Estadual do PTB⁷ (SP, 2001); *Performance Brasil* (Guarujá – SP, 2001); Vênus de Milo – Dia Internacional da Mulher, pela Câmara Municipal de São Paulo (2001 e 2004); homenagem da Fundação Catarinense de Cultura (SC, 2002); homenagem Anita Garibaldi, do Instituto Giuseppe Garibaldi (RS, 2002 e 2003); Loba Romana, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2002); homenagem do *Circolo Italiano di Itapira* (2002); reconhecimento Empresário do Ano, pelo Jornal da Zona Leste (SP, 2002); Mulheres de Expressão, da Fundação Dorina Nowill (SP, 2002); Mérito na Área da Educação, da *Soroptimist International de Americas* (SP, 2002); Mulheres que Fazem da Diferença, do Distrito 4430 do *Rotary International* (SP, 2002); *Women of Distinction* da *Soroptimist International of São Paulo* (2002); diploma de Gratidão, do Rotary Club de São Paulo – Bela Vista (2002); homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2003 e 2006); *Onorificenza di Ufficiale dell’Ordine al Merito della Repubblica Italiana* (Roma, 2003); homenagem do Centro de Cultura Italiana de Curitiba (PR, 2003); homenagem do Museu Giuseppe Garibaldi (Montevideu – Uruguai, 2003); homenagem Irmãos Vilas Boas – Humanistas, Celebração da Paz (2004); Exemplo de Cidadania, pela Liga das Mulheres Eleitoras do Brasil (Libra – SP, 2004); homenagem de Sete de Setembro, pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2004); *Business and Professional Women* (São Paulo, 2004); Mérito da Solidariedade, pela entidade Mãos Solidárias – Ações Compartilhadas da Associação de Famílias de Rotarianos de São Paulo (Asfar, 2004); homenagem da Associação das Médicas Brasileiras de Blumenau (SC, 2004); homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, pelo Palácio do Governo de São Paulo (2004); Mulher Destaque, pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2005); prêmio literário Érico Veríssimo, da Câmara Municipal de Porto Alegre (RS, 2005); homenagens pelo Dia Internacional da Mulher, do Ciesp da Zona Sul e do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (2005); homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, da *Golden Cross* (2005 e 2006); homenagem Mulher em Sol Maior, pela Associação Mulheres em Sol Maior (Amesol – SP, 2006); e “Gente que Faz”, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2006).

Yvonne Capuano participou de 24 congressos e jornadas. Tem atuado em mesas-redondas como palestrante e na organização de eventos. Além de médica é escritora e historiadora. Publicou dois trabalhos científicos, tendo

7. PTB: Partido Trabalhista Brasileiro.

como exemplo “*Masculinizing Lipoid Cell Tumor of the Ovary*”⁸, e 17 artigos de cunho histórico. Apresentou cinco trabalhos em congressos.

Concluiu, em 2005, seu doutorado em educação, administração e comunicação pela Universidade São Marcos (Unimarco), tendo por orientadora a professora Alzira Lobo de Arruda Campos.

São de sua lavra as obras: **De Sonhos e Utopias. Anita e Giuseppe** (1999 – 910 páginas). Esse livro recebeu o certificado de reconhecimento do Centro de Letras do Paraná, em 1999. Foi considerada a melhor obra de história de 1999, pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e a autora foi galardoada com o Colar do Centenário, em 2000; **Garibaldi: o Leão da Liberdade** (2000, 462 páginas); **Matris Anima Curant – As Pioneiras Médicas: Maria Augusta Estrela e Rita Lobato** (2002, 207 páginas); **A Epopeia de Anita e Giuseppe Garibaldi** (2004, 34 páginas); **Bento Gonçalves – Síntese Biográfica** (2004); **Garibaldi** (2007, 557 páginas); **Dr. Zerbini. O Médico e o Mito** (2010, 184 páginas); e **Relógio do Tempo – Perfil Biográfico de Educador Paulo Nathanael Pereira de Souza** (2014, 189 páginas).

⁸. Coautoria com Lima GR, Ciscato JG, Carvalhal S e Chiorboli E. *Obstetrics and Gynecology* (New York) 28: 209-212, 1966.

86º PRESIDENTE: 2011-2012 E 2013-2014

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 5

Admissão: 8/8/1986

AFFONSO RENATO MEIRA¹



Affonso Renato Meira, filho de Renato Meira e de Gaetana Splendore Meira, nasceu em São Paulo, na capital do estado, no dia 27 de março de 1931. Fez seu curso fundamental no Liceu Pasteur, graduando-se pela Escola Paulista de Medicina, em 1955.

Em seguida, dedicou-se à clínica geral, tendo também exercido a medicina em hospitais, como anestesista, e em laboratórios, como analista. Em 1957 foi nomeado médico do Serviço de Saúde Escolar do governo do estado de São Paulo, aposentando-se em 1987.

Sua carreira universitária iniciou com o ingresso na Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo (USP), em 1955, como estagiário, tendo prestado serviços a essa universidade por 40 anos, desligando-se em 1995. Seu início se deu na cadeira de higiene e odontologia legal, a convite do professor doutor Guilherme Oswaldo Arbenz, com quem obteve sólida formação, o que lhe permitiu obter a posição de professor titular tanto em saúde coletiva (Faculdade de Ciências Médicas de Santos e na Faculdade de Medicina da Fundação ABC), como em medicina legal (Faculdade de Medicina de Santo Amaro e Faculdade de Medicina da USP).

Realizou, de 1963 a 1964, pós-graduação em sociologia e política na Escola de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Obteve o título de doutor em 1965, na Faculdade

¹. Nótulas:

A. Biografia e foto fornecidas pelo autor.

B. Affonso Renato Meira é neto, por parte de mãe, do patrono da cadeira nº 5, Alfonso Splendore.

de Odontologia da USP. Participou em 1966, com bolsa da Organização Mundial da Saúde, do I Curso Internacional de Nutrição e Saúde Pública.

Em 1970 se transferiu da Faculdade de Odontologia para a Faculdade de Medicina da USP. Em 1974 obteve a livre-docência em saúde coletiva na Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Em 1976 realizou concurso para livre-docente na Faculdade de Medicina da USP, no Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho, tendo sido aprovado. De 1980 a 1982 foi designado assistente técnico do reitor da USP. Em 1987 assumiu, na condição de professor adjunto, atividades em tempo integral no departamento, para em 1990 prestar concurso, tendo sido aprovado, quando se tornou professor titular do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da USP. No ano de 2004 a egrégia congregação da Faculdade de Medicina da USP lhe outorgou o título de “professor emérito”.

Prestou sua colaboração à Universidade de Brasília, de 1966 a 1970, quando do planejamento e implantação da escola de medicina. Durante 16 anos, de 1970 a 1986, foi professor da Faculdade de Ciências Médicas de Santos, sendo seu diretor de 1971 a 1973. Foi também diretor da Faculdade de Medicina de Santo Amaro em 1987, onde exerceu a docência desde 1978 até aquela data. Foi professor da Faculdade de Medicina da Fundação ABC, de 1972 a 1987. Na condição de ser um dos três professores brasileiros a obter o *Milbank Faculty Fellow*, realizou sua *Post Doctoral Fellowship*, entre 1968-1969, na *University of Kentucky Medical School*, nos Estados Unidos da América. Como professor visitante esteve, em 1973, na *University of Nottingham Medical School*, na Inglaterra.

Affonso Renato Meira é autor de seis obras: **A Hipnose na Medicina e no Direito** (1963); **A Saúde Começa em Casa** (1973); **Noções de Planejamento Familiar e do Controle da Natalidade** (1982); **A Sociedade e a Saúde: Uma Introdução às Noções de Ciências Sociais Aplicadas à Saúde** (1997); **Folhas Soltas: Bioética e Meditações** (2007); e **Código de Ética Médica: Comparações e Reflexões** (2010). Foi organizador e coautor em outros dois livros: **Saúde da Comunidade: Temas de Medicina Preventiva Social** (1976) e **Compêndio de Medicina Legal** (1987). Colaborou com capítulos em mais oito livros publicados no Brasil e no exterior. Proferiu palestras e compareceu a reuniões científicas no Brasil, Argentina, Colômbia, México, Estados Unidos da América, Inglaterra, Iugoslávia, Peru, Escócia, Porto Rico, Venezuela, Portugal, Espanha, Açores e Turquia. Publicou mais de uma centena de artigos em revistas e periódicos especializados, tanto no Brasil como no exterior.

Recebeu o Prêmio Oscar Freire em 1961 e o Prêmio Fundacentro em 1988. Em 1990 foi agraciado com o troféu “Vulto da Medicina Legal Brasileira”, no XI Congresso Brasileiro de Medicina Legal. Em 2004 recebeu a medalha cívica da Ordem dos Nobres Cavaleiros de São Paulo, no grau de cavaleiro. Em 2007 recebeu o diploma do Mérito Cultural, da Academia Brasileira da Arte, Cultura e História. No ano de 2008 recebeu o prêmio de Homem do Ano, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. É membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo, à qual pertence desde 1986.

Com interesse acadêmico voltado à bioética, foi um dos introdutores desse pensamento no país. Fez parte, em 1989, do grupo interamericano de bioética e, em 1991, da comissão fundadora da Federação Latino-Americana de Instituições de Bioética, sendo seu primeiro vice-presidente. Foi fundador e presidente, por sete anos, da Associação Brasileira de Ética Médica e sócio fundador da Sociedade Brasileira de Bioética. Presidiu o II Congresso Brasileiro de Ética Médica ocorrido em Florianópolis (SC) em 1990, e foi o coordenador e presidente do I Congresso de Bioética da América Latina e do Caribe acontecido em São Paulo (SP), em 1995. De 1992 a 1995 foi chefe do gabinete da superintendência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Proferiu cursos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Grande Rio, Universidade Federal de Montes Claros, Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, *Escuela Latinoamericana de Bioetica*, Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e na Universidade Católica de Santos, no programa de pós-graduação em saúde pública.

Coordenou, de 2003 até 2010, os cursos de especialização em medicina do trabalho, medicina legal e geriatria oferecidos pelo Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Social de Londrina, na Universidade do Oeste do Estado de São Paulo. Coordenou a comissão de bioética da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana 2006-2008. Em 2007 foi eleito suplente da diretoria da Associação dos Professores Eméritos da Faculdade de Medicina da USP. Em 2009 foi eleito tesoureiro da Academia de Medicina de São Paulo, sendo nessa instituição, em

2010, editor do boletim Asclépio. Em 2011 foi eleito presidente da Academia de Medicina de São Paulo, para um mandato bienal até 2013, e reeleito para outro mandato subsequente (2014-2015).

Apreciador de esportes, prestou sua colaboração como associado do São Paulo Futebol Clube, exercendo diversos cargos em sua diretoria. É conselheiro do Egrégio Conselho Deliberativo do clube desde 1982, sendo eleito vitalício em 1992. Em 1992 foi-lhe conferida o Ordem da Perseverança São-Paulina no grau Morumbi. Presidiu o Egrégio Conselho Deliberativo, de 2004 a 2006. Tornou-se membro do conselho consultivo do São Paulo Futebol Clube a partir de 2006.

Com o mesmo sentido associativo, colaborou com o Jockey Club de São Paulo, sendo diretor por mais de 12 anos, coordenando a área de saúde e a Escola de Aprendiz de Jôquei, assim como exercendo a posição de comissário de corridas. Seu amor ao cavalo levou-o a ser proprietário e criador de cavalos de puro sangue inglês de corrida, em seu haras registrado como Haras Kentucky, em homenagem à sua passagem pelos Estados Unidos da América.

Voltado às letras, foi autor de inúmeros artigos, críticas e crônicas publicadas em jornais diários da cidade de São Paulo, para, em 2010, publicar um livro de poesia e poemas em duas antologias.

Dentre as metas traçadas e objetivos alcançados em sua vida, um nos últimos 38 anos, foi compartilhar seus momentos com Juçary de Barros (nascida em 29 de janeiro de 1947, em São Paulo). Do seu primeiro casamento tem dois filhos: Mario Renato (falecido em um acidente automobilístico em 1990, com 31 anos) e Silvia (nascida em 1961, titulada doutora em história da arte pela Sorbonne, em Paris). Silvia tem dois filhos: Douglas (nascido em 1994) e Rodolpho (nascido em 1999). Silvia é livre-docente em história da arte pela USP.

87º PRESIDENTE: 2015-2016¹

Primeiro Ocupante da Cadeira nº 40

Data de admissão: 5/12/1997

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA BARATELLA²



José Roberto de Souza Baratella nasceu em 15 de outubro de 1942, na cidade de São Paulo. É filho de Sylvio Baratella e de Maria de Lourdes Cintra de Souza Baratella.

Graduou-se pela Escola Paulista de Medicina em 1967, e especializou-se em cirurgia pediátrica, obtendo, após concurso de provas, o título de especialista pela Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica e Associação Médica Brasileira, em 1975.

Dedicou-se à carreira universitária, conquistando, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, os títulos de mestre, em 1980, e o de doutor, em 1987.

No antigo Hospital Umberto Primo (ex-Matarazzo), foi supervisor do PRM³ de Cirurgia Pediátrica, a partir de 1978, e chefe do Serviço a partir de 1980, até seu fechamento em 1993.

¹. A pesquisa desta obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

². A biografia foi fornecida pelo autor e a foto é do acervo da Academia de Medicina de São Paulo.

Nótula: A redação do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

³. PRM: Programa de Residência Médica.

Galgou todas as posições na Faculdade de Medicina da Unisa⁴, sendo professor assistente (1972), professor adjunto (1991) e professor titular de cirurgia pediátrica desde 1993. Nessa mesma instituição de ensino tornou-se chefe da disciplina de cirurgia pediátrica, desde a sua criação em 2000; coordenador da Comissão de Residência Médica, Estágios e Cursos de Especialização (1993-2001); e supervisor do PRM de Cirurgia Pediátrica (1996-2006).

José Roberto de Souza Baratella é membro das seguintes entidades: Associação Paulista de Medicina (diretor em 1989-1991 e 1991-1993); Associação Paulista de Cirurgia Pediátrica (presidente em 1982-1984; 2001-2003 e 2003-2006); Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (membro da Comissão de Ensino e Título de Especialista em 1982-1986; 1992-1997 e 2010-2014; e presidente da entidade em 2006-2008 e 2008-2010); Sociedade de Pediatria de São Paulo (sócio fundador, 1970); Sociedade Brasileira de Pediatria; Sociedade Brasileira de Nutrição Parenteral e Enteral (sócio fundador, 1975); Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (sócio fundador, 1981); Sociedade Médica Ítalo-Brasileira (sócio fundador, 1989; e presidente em 2006-2007 e 2008-2009). É o atual representante da América Latina e do Caribe (2010-2013) na *World Federation of Association of Pediatric Surgeons*.

Ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, em 5 de dezembro de 1997, tornando-se o primeiro ocupante da cadeira nº 40, cujo patrono é Virgílio Alves de Carvalho Pinto. Nesse sodalício atuou como secretário (2005-2006 e 2007-2008) e como vice-presidente (2009-2010 e 2011-2012)⁵.

José Roberto de Souza Baratella é casado. Dentre outras de suas funções salienta-se que foi secretário da Comissão Estadual de Residência Médica (1997-2002) e é, desde 2003, delegado da Delegacia Regional Sul de São Paulo do Cremesp⁶. Ademais, é o editor-gerente da revista *Archives of Pediatric Surgery* desde 2009.

José Roberto de Souza Baratella é participante ativo dos Congressos da especialidade, no Brasil e no exterior, colaborando na organização, proferindo palestras e atuando em mesas-redondas. Tem vários capítulos de livros elaborados, trabalhos publicados e temas livres comunicados.

⁴. Unisa: Universidade de Santo Amaro.

⁵. José Roberto de Souza Baratella foi eleito presidente da Academia de Medicina de São Paulo para um mandato bienal entre 2015-2016.

⁶. Cremesp: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

DADOS DO AUTOR



"Ut in omnibus glorificetur Deus."
Para que em tudo Deus seja glorificado.
Regra de São Bento, 480-543.

Helio Begliomini nasceu em 21 de março de 1955, na cidade de São Paulo. É filho de Alfio Begliomini e Olga Begliomini. Tem dois irmãos mais novos, Pedro e Silvana. É casado com Aida Lúcia Pullin Dal Sasso Begliomini; tem três filhos: Enrico, administrador; Bruno, médico; e Giovanna, publicitária; e dois netos: Lorenzo e Paola.

Cursou o primeiro grau no Ginásio Santa Gema das Irmãs Passionistas (1962-1969) e o segundo grau, respectivamente, na Escola Estadual Jardim França – "Professora Amenaide Braga de Queiroz" (1º e 2º anos, 1970-1971), e na Escola Estadual Albino César (3º ano, 1972). Graduiu-se médico, em 1978, pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), e exerce sua profissão, desde essa época, na cidade de São Paulo.

Como aluno, participou de Projeto Rondon médico-assistencial na cidade de Itu (SP, 1974) e foi monitor das seguintes disciplinas: fisiologia (março 1975 a junho 1977); clínica médica (março 1976 a julho 1977) e urologia (março a junho de 1978). Ainda na condição de acadêmico, foi um dos dois fundadores da revista científica **Perspectivas Médicas**, órgão oficial daquela instituição de ensino até hoje em circulação. Em 1976 ocupou o cargo de vice-diretor (editor-associado) e, no ano seguinte, de diretor (editor), respectivamente, como quarto e quinto-anista.

De 1979 a 1982 especializou-se em urologia no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo – Francisco Morato de Oliveira (HSPE-FMO), cumprindo um ano em cirurgia geral e dois em urologia. Fez também, no período noturno (1979-1980), uma segunda especialização em medicina do trabalho pela Fundacentro – Fundação Jorge

Duprat de Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho. Após a conclusão da residência em urologia, serviu durante um ano como oficial o Exército Brasileiro, designado para o Hospital Geral de São Paulo e obtendo a patente de 1º tenente médico.

Realizou programa de pós-graduação durante 2,5 anos no Serviço de Urologia do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM – Unifesp), apresentando a tese **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo**, que lhe conferiu o título de “mestre em urologia”, no ano de 1984.

No início de 1986, cumpriu estágio profissional e cultural na Austrália, obtido por concurso através de bolsa de estudos da *Rotary Foundation*. Foi o único médico, dos cinco profissionais brasileiros selecionados, que integrou o *Group Study Exange* naquela ocasião.

Conquistou o 1º lugar no concurso para assistente do Serviço de Urologia do HSPE-FMO, em 1986, sendo médico dessa renomada instituição de ensino desde então, e onde também exerce a chefia do Departamento de Litíase Urinária e Endourologia, desde 1990.

Helio Begliomini é membro de 50 entidades, das quais se destacam: Sociedade Brasileira de Urologia, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Nacional de Medicina, *International College of Surgeons*, *International Society of Urologic Endoscopy*, *Confederación Americana de Urología*, *International Society for Impotence Research*, Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual, *Société Internationale D’Urologie*, Sindicato dos Médicos de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina (sócio fundador), União Brasileira Contra as Doenças Venéreas, Associação Brasileira de Educação Médica, Associação Médica do Instituto de Assistência do Hospital do Servidor Público Estadual, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, Associação Brasileira dos Docentes de Ética Médica, Sociedade Médica Ítalo-Brasileira, Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina de Jundiaí (sócio fundador), Centro de Estudos de Urologia do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo (membro fundador), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas e Rotary Club de São Paulo Tremembé.

Ingressou, em 1986, com apenas 31 anos, como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, e, desde 2002, é membro emérito dessa insigne e secular instituição paulista.

Foi condecorado 53 vezes pelas seguintes entidades: Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1986), Academia de Medicina de São Paulo (1986 e 1995), Academia Brasileira de Médicos Escritores (1989, 1997, 2001, 2003, três vezes em 2005; duas vezes em 2006; uma em 2008; três vezes em 2009; duas em 2010; duas em 2013; e uma em 2014), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas (1992 e 1996), Sociedade Brasileira de Educação e Integração (1992), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Nacional (duas vezes em 1994; uma em 2001, 2002, 2003 e 2004; duas vezes em 2010 e uma em 2012), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (três vezes em 1995 e uma em 1996), Associação Paulista de Medicina (duas vezes em 1998), Academia Cristã de Letras (2000), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Minas Gerais (2006), Ordem Nacional dos Escritores (2006); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (duas vezes em 2007); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2008; duas vezes em 2009; uma em 2010, 2011, 2012 e 2013); *Rotary International* (EUA, *Paul Harris Fellow*, 2010) e Academia Brasileira de Medalhística Militar (2012).

Como profissional, Helio Begliomini recebeu dez prêmios: Jornal Brasileiro de Medicina – 1º lugar, em 1986, com o trabalho **Avaliação do Material Promocional Farmacêutico Fornecido à Classe Médica**; Academia de Medicina de São Paulo – Menções Honrosas em 1988 e 1995; Associação Paulista de Medicina – Prêmio Felipe Baeta Neves (Urologia) em 1994, com o trabalho **Avaliação Metabólica de 190 Pacientes com Litíase Urinária**; Associação Paulista de Medicina – Prêmio José Almeida Camargo (Cultura Geral) em 1995, 1996, 1998 e 2003, respectivamente, com os seguintes trabalhos: **Contribuição à História da Endoscopia Urológica** (1995); **Tributo ao Saber Urológico. Origem e Trajetória** (1996); **Contribuição à História da Sociedade Brasileira de Urologia** (1998) e **Juscelino Kubitschek de Oliveira: Médico, Literato e Presidente da República. O Urologista-Cidadão Mais Famoso do Mundo!** (2003); Associação Paulista de Medicina – Honra ao Mérito pela contribuição prestada ao engrandecimento da urologia paulista, em 1997; Prêmio Nacional de Casos Clínicos Omnic da Eurofarma, em 2000, recebendo duas estadias em Buenos Aires – Argentina, com o trabalho **Carcinoma In Situ Multifocal do Pênis**.

De 1982 a 1988 prestou serviços de assessor médico a três indústrias farmacêuticas multinacionais, contribuindo para o estudo de 75 produtos novos ao mercado brasileiro. Nesse período foi coeditor do Boletim Científico da Associação Brasileira de Médicos Assessores da Indústria Farmacêutica (Abmaif, 1984-1986) e membro do Conselho Assessor Científico do Jornal de Medicina Diagnóstica (agosto 1986 a março 1987).

Helio Begliomini é urologista e diretor clínico do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi) desde a sua fundação, em 1988. Entre os vários hospitais em que já atuou ou tem atuado mais amiúde, encontram-se: Hospital 9 de Julho, Hospital Santa Catarina, Hospital São Camilo – Santana (Dom Silvério Gomes Pimenta), Hospital Nossa Senhora de Lourdes, Hospital San Paolo (Hospital e Maternidade Voluntários), Hospital e Maternidade São José, Hospital Bandeirantes, Hospital Santa Paula e Hospital Presidente. Colaborou, voluntariamente, como médico, com o Abrigo de Velinhos Frederico Ozanan (1987-1995) e tem colaborado, desde 2000, com a Fundação Gol de Letra, ambas instituições beneficentes localizadas na Zona Norte da cidade de São Paulo.

Desde acadêmico tem se atualizado em mais de 620 encontros profissionais distribuídos entre cursos, jornadas, fóruns, simpósios e congressos, e esteve na comissão organizadora de outros 22 eventos.

Helio Begliomini publicou 202 trabalhos científicos em revistas especializadas de circulação nacional e internacional; 380 capítulos em livros, assim como 685 artigos literários em diversos periódicos relacionados à medicina e mesmo fora dela. Elaborou 88 comentários editoriais concernentes a artigos científicos. Historiógrafo e memorialista, escreveu 424 biografias, resgatando e divulgando a vida e a obra de ilustres personalidades, em sua maioria de descendentes de Hipócrates. Apresentou 210 trabalhos em congressos, nas modalidades de temas livres, pôsteres e vídeos, e atuou em 120 mesas-redondas ou como conferencista. Teve seu nome como referência em mais de 1.400 citações médico-científicas e lítero-culturais.

Ao longo de sua vida, tem exercido mais de 130 cargos e funções, sendo a imensa maioria de forma graciosa e desprendida. Destacam-se dentre eles: membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urologia (JBU, 1990-1997); urologista-perito convocado pelo Saúde Bradesco (1992); urologista-perito convocado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) por indicação da SBU – SP (1992 e 1999); membro do comitê editorial do Boletim da Urologia – órgão oficial da SBU nacional (1992-1993 e 1998-1999); membro da Câmara Técnica de Urologia do Cremesp (1994-1996 e 1999-2003); revisor de artigos urológicos para a revista da Associação Médica Brasileira (1995); editor-associado da revista Urologia Contemporânea (1999); membro do corpo de revisores de artigos do JBU (1995-1998); editor do Boletim de Informações Urológicas – órgão oficial da SBU – SP (1996-1997); membro do conselho editorial da revista Próstata News (1996-1998); membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urovideio (1998-1999); presidente da Comissão de Ética Médica e Defesa Profissional da SBU (1997-1999; maio a julho de 2003, interino; e 2003-2005); membro do *consulting editors* do *Brazilian Journal of Urology* (2000-2002); editor-associado do Boletim da Urologia (2001-2005); membro do conselho científico da revista eletrônica Urologia Virtual – Urovirt da Unicamp (2002-2010); membro do conselho de economia da SBU Nacional (2006-2007); coeditor do Boletim da Abrames (2010-2011 e 2012-2013); editor do Boletim *Doctor Line* do Imuvi (desde 2010); e como idealizador, coordenador e realizador do Projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo” (2010-2014).

Devido à sua ponderação e imparcialidade foi escolhido, pelos seus pares, para ser o presidente da comissão eleitoral dos acirrados pleitos de 2005 da SBU Nacional e de 2008 da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – sede nacional. Presidiu novamente a comissão eleitoral da Sobrames nacional em 2012. Presidiu também o Rotary Club de São Paulo Tremembé durante o ano rotário 2011/2012, cujo lema mundial para esse período foi “*Conheça a Si Mesmo para Envolver a Humanidade*”.

* * *

Do ponto de vista literário, seu nome artístico se confunde com seu nome próprio. Tem publicado artigos em diversos periódicos nacionais, interessando-se mais pelo gênero prosa; nas modalidades crônicas, ensaios, memórias, biografias, historiografias, necrológicos e cartas.

Helio Begliomini é sócio fundador da Sobrames – SP (1988), tendo exercido vários cargos, dos quais se destacam: vice-presidente (1988-1990 e 1990-1992) e presidente (1992-1994; 2007-2008 e 2009-2010). Foi secretário-

geral da Sobrames Nacional (1994-1996) e presidente (1998-2000). Foi o mais jovem a ocupar a presidência na história da Sobrames – SP (37 anos) e na história da Sobrames Nacional (43 anos).

Participou como escritor da 18ª (2004), 19ª (2006) e 20ª (2008) Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Em 2005 foi agraciado com a publicação de seu nome na renomada enciclopédia *“Who’s Who in the World”* e recebeu título honorífico do Distrito 4430 do *Rotary International*.

Helio Begliomini pertence também às seguintes entidades lítero-culturais: Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames – titular fundador, desde 1989, da cadeira nº 33, sob a patronímica de Edgar Roquette-Pinto. Na ocasião, tinha apenas 34 anos e constituiu-se, até hoje, no mais jovem recipiendário desse sodalício); União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (Umeal – sócio fundador, em 1993); Liga Sul-Americana de Médicos Escritores (Lisame – sócio fundador, em 1998); Academia Cristã de Letras (desde 2000 – cadeira nº 10, sob a patronímica de Marie Barbe Antoinette Rutgeerts Van Langendonck, onde exerceu o cargo de 1ª tesoureiro em seis biênios consecutivos (2002-2003; 2004-2005; 2006-2007; 2008-2009; 2010-2011 e 2012-2013); União Brasileira de Escritores (UBE, desde 2005); Ordem Nacional dos Escritores (ONE, desde 2005); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS – sócio efetivo desde 2007, sob a patronímica de Carlos da Silva Lacaz); Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL – membro efetivo desde 2009, sob a patronímica de Luciano Gualberto); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (membro titular efetivo da cadeira nº 38 desde 2009, sob a patronímica de João Peregrino Júnior); Academia Brasileira de Medalhística Militar (Abrammil – comendador, membro titular e fundador, desde 2012, da cadeira nº 50 sob a patronímica de Monteiro Lobato); Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (Atleca – membro correspondente fundador desde 2013); e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (membro titular desde 2014).

Helio Begliomini foi presidente de honra do XVIII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores realizado em Gramado (RS), de 28 a 31 de maio de 2000. Por ocasião desse evento recebeu dois significativos títulos: “Grande Amigo da Literatura e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Rio Grande do Sul” e “Reconhecimento pelos Relevantes Serviços Prestados à Sobrames Nacional – Biênio 1998-2000”.

Em 18 de junho de 2001, por ocasião da inauguração da Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional no Recife – PE, recebeu o título de Membro Honorário da Sobrames Nacional.

Helio Begliomini tem desempenhado funções de editor, editor-associado, membro de conselho editorial, de conselho de revisores e congêneres de revistas científicas e lítero-culturais.

Recebeu 91 prêmios em concursos literários, destacando-se entre eles o prêmio Clio de História da Academia Paulistana da História (2004, 2006, 2007 e 2008); prêmio Manoel Antônio de Almeida, maior comenda da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames), pelo conjunto de sua obra (2007); prêmio Aldo Miletto, pelo melhor desempenho do ano na Sobrames do estado de São Paulo (2007, 2008, 2009, 2011, 2012 e 2014); prêmio Rodolpho Civile de assiduidade na Sobrames – SP (2009); prêmio Euclides da Cunha da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2009); e Prêmio de Cidadania José Sérgio Pattini Filho, do Rotary Club de São Paulo Tremembé (2014). Ademais, foi honrado com uma moção de louvor da Câmara Municipal de Araruama (RJ, 2011) e outra moção de congratulação e louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (RJ, 2013).

Participou em mais de 330 tertúlias; possui trabalhos publicados em 23 Antologias e teve a honra de prefaciar 22 livros, constando, entre eles, um tratado de medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Professa a fé católica e desde tenra idade tem participado de movimentos relacionados à sua comunidade religiosa, destacando-se: Congregação Mariana, Legião de Maria, Pastoral da Juventude, Curso Preparatório para o Matrimônio e Pastoral da Saúde, sendo médico responsável pelo ambulatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Jardim Tremembé (SP) desde 1979.

Helio Begliomini publicou os seguintes livros: 1. **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo** (1984); 2. **Pelo Avesso** (1998); 3. **Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores** (1999); 4. **Tributo à Sobrames – 1965-2000** (dezembro/1999); 5. **Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras** (2000); 6. **Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional** (2001), em coautoria com Luiz Alberto Fernandes Soares; 7. **A Sobrames Nacional e Seus Presidentes** (2001); 8. **Contraponto** (2002) – Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004); 9. **Alvíssaras** (2003); 10. **Mistura Fina** (2004); 11. **Juscelino Kubitschek de**

Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia (2005) – Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006); 12. **Urologia, Vida e Ética** (2006); 13. **Sonhar é Preciso** (2007); 14. **Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007); 15. **Alçando Novos Ares** (2007); 16. **Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) – e selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2008, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 17. **Dissecando a Vida** (2008); 18. **Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008** (2008), em coautoria com Marcos Gimenes Salun; 19. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I** (2009); 20. **Asclepiades da Academia Paulista de Letras** (2009) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2009, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 21. **Entressafra** (2010) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2010, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 22. **Imortais da Abrames** (2010); 23. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II** (2011); 24. **Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária** (2011) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2011, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 25. **7 de Março** (2012), em coautoria com Affonso Renato Meira e Guido Arturo Palomba; 26. **Esculápios da Casa de Machado de Assis** (2012); 27. **Prógonos da Academia de Medicina do São Paulo** (2014); 28. **Matéria-Prima** (2014); e 29. **Rotary Club de São Paulo Tremembé – Dezesesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária**, em coautoria com Alan Tadeo Camera; e 30. **Presidentes da Academia de Medicina de São Paulo em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência** (2015).

Seus livros encontram-se disponibilizados em acervos de diversas escolas, bibliotecas e entidades. Dentre elas têm-se, em **São Paulo**: bibliotecas Mario de Andrade, Mário Schenberg, Narbal Fontes, Prestes Maia e Pedro Nava; Colégio Santa Gema, Associação Paulista de Medicina, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de Letras, Academia de Medicina de São Paulo, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SP, Faculdade de Medicina de Jundiaí, Faculdade Cásper Líbero, Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Banco de Dados Bibliográficos da USP, Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, Hospital São Camilo – Pompeia, Hospital São José da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência, Centro Universitário São Camilo – *campi* Ipiranga e Pompeia, Universidade Federal de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Sociedade Brasileira de Urologia – Seccional de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), União Brasileira de Escritores, Sindicato dos Médicos de São Paulo e Cebrac – Centro Brasileiro de Cursos, filial do Tucuruvi. No **Rio de Janeiro**: Biblioteca Nacional, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores, Sociedade Brasileira de Urologia, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – RJ e Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Em **Minas Gerais**: Academia Mineira de Medicina. Em **Brasília**: biblioteca do Congresso Nacional e Conselho Federal de Medicina. No **Paraná**: Biblioteca Pública do Paraná. Em **Pernambuco**: Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Pernambuco. Em **Sergipe**: Academia Sergipana de Medicina. No **Rio Grande do Sul**: Sociedade União Israelita de Passo Fundo; e nos **Estados Unidos da América**: *Library of Congress* e *National Library of Medicine*.

ÍNDICE REMISSIVO

A

1. Adherbal Pinheiro Machado Tolosa, <i>presidente entre 1960-1961 e patrono da cadeira nº 25</i>	249
2. Adolpho Carlos Lindenberg, <i>presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22</i>	139
3. Adolpho Schmidt Sarmiento, <i>presidente entre 1929-1930 e patrono da cadeira nº 89</i>	163
4. Affonso Regulo de Oliveira Fausto, <i>presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e patrono da cadeira nº 67</i>	105
5. Affonso Renato Meira, <i>presidente entre 2011-2012 e 2012-2014</i>	337
6. Alípio Corrêa Netto, <i>presidente entre 1947-1948 e patrono da cadeira nº 12</i>	209
7. Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho, <i>presidente entre 1924-1925 e patrono da cadeira nº 100</i>	145
8. Antonio Cândido de Camargo, <i>presidente entre 1915-1916 e patrono da cadeira nº 66</i>	123
9. Antônio Carlos da Gama Rodrigues, <i>presidente entre 1944-1945</i>	201
10. Antônio Carlos Pacheco e Silva, <i>presidente entre 1933-1934 e patrono da cadeira nº 127</i>	175
11. Antônio de Almeida Prado, <i>presidente entre 1930-1931 e patrono da cadeira nº 102</i>	167
12. Antonio Spina França Netto, <i>presidente entre 1977-1978</i>	289
13. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, <i>presidente entre 1901-1902 e 1906-1907, e patrono da cadeira nº 11</i>	87
14. Arthur Belarmino Garrido Júnior, <i>presidente entre 1987-1988</i>	305
15. Arthur Vieira de Mendonça, <i>presidente entre 1903-1904</i>	95
16. Augusto César de Miranda Azevedo, <i>presidente entre 1897-1898</i>	75

B

17. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, <i>presidente entre 1952-1953 e patrono da cadeira nº 21</i>	221
18. Bernardo Ribeiro de Magalhães, <i>presidente entre 1900-1901</i>	85

C

19. Cantídio de Moura Campos, <i>presidente entre 1928-1929 e patrono da cadeira nº 128</i>	161
20. Carlos da Silva Lacaz, <i>presidente entre 1962-1963 e patrono da cadeira nº 53</i>	255
21. Carlos de Oliveira Bastos, <i>presidente entre 1964-1965</i>	263
22. Carlos José Botelho, <i>presidente entre 1896-1897 e patrono da cadeira nº 55</i>	73
23. Carmen Escobar Pires, <i>presidente entre 1951-1952 e patronesse da cadeira nº 112</i>	217
24. Celestino Bourroul, <i>presidente entre 1917-1918 e 1938-1939, e patrono da cadeira nº 38</i>	125
25. Claudio Cohen, <i>presidente entre 1995-1996</i>	317

D

26. Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra, <i>presidente entre 1923-1924</i>	141
27. Diogo Teixeira de Faria, <i>presidente entre 1904-1905 e patrono da cadeira nº 58</i>	99
28. Domingos Rubião Alves Meira, <i>presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e patrono da cadeira nº 51</i>	103
29. Durval Sarmento da Rosa Borges, <i>presidente entre 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8</i>	269

E

30. Eduardo Monteiro, <i>presidente entre 1945-1946</i>	205
31. Eduardo Rodrigues Alves, <i>presidente entre 1925-1926</i>	149
32. Enjolras Vampré, <i>presidente entre 1921-1922 e patrono da cadeira nº 54</i>	135
33. Ernesto Lima Gonçalves, <i>presidente entre 1971-1972</i>	281
34. Eurico Branco Ribeiro, <i>presidente entre 1954-1955 e patrono da cadeira nº 114</i>	227
35. Eurico da Silva Bastos, <i>presidente entre 1959-1960 e patrono da cadeira nº 82</i>	245

F

36. Felício Cintra do Prado, <i>presidente entre 1953-1954 e patrono da cadeira nº 41</i>	223
37. Fernando Proença de Gouvêa, <i>presidente entre 1989-1990</i>	309
38. Flamínio Fávero, <i>presidente entre 1937-1938 e patrono da cadeira nº 10</i>	183
39. Franklin de Moura Campos, <i>presidente entre 1941-1942</i>	191

G

40. Guido Arturo Palomba, <i>presidente entre 2003-2004 e 2007-2008</i>	327
41. Guilherme Ellis, <i>presidente entre 1899-1900 e patrono da cadeira nº 108</i>	81

I

42. Irany Novah de Moraes, <i>presidente entre 1983-1984</i>	299
--	-----

J

43. Jairo de Almeida Ramos, <i>presidente entre 1939-1940 e patrono da cadeira nº 75</i>	185
44. Joamel Bruno de Mello, <i>presidente entre 1975-1976</i>	285
45. João Alves de Lima, <i>presidente entre 1907-1908 e 1913-1914</i>	107
46. João Alves Meira, <i>presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32</i>	215
47. João Mendonça Cortez, <i>presidente entre 1958-1959</i>	241
48. José Afonso de Mesquita Sampaio, <i>presidente entre 1942-1943</i>	193
49. José Ayres Netto, <i>presidente entre 1919-1920 e 1934-1935, e patrono da cadeira nº 105</i>	131
50. José Olegário de Almeida Moura, <i>presidente entre 1914-1915</i>	119
51. José Pereira Gomes, <i>presidente entre 1927-1928 e 1950-1951, e patrono da cadeira nº 80</i>	157
52. José Roberto de Souza Baratella, <i>presidente entre 2015-2016¹</i>	341
53. José Rodrigues Louzã, <i>presidente entre 1991-1992</i>	313
54. Julio Cesar Kieffer, <i>presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31</i>	283

L

55. Luís Marques de Assis, <i>presidente entre 1981-1982</i>	295
56. Luiz Celso Mattosinho França, <i>presidente entre 1999-2000</i>	321
57. Luiz Fernando Pinheiro Franco, <i>presidente entre 2005-2006</i>	329
58. Luiz Manuel de Rezende Puech, <i>presidente entre 1920-1921 e patrono da cadeira nº 115</i>	133
59. Luiz Pereira Barreto, <i>presidente entre 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1</i>	67

M

60. Mario Ottoni de Rezende, <i>presidente entre 1936-1937 e patrono da cadeira nº 126</i>	181
61. Mário Ramos de Oliveira, <i>presidente entre 1957-1958</i>	239
62. Marisa Campos Moraes Amato, <i>presidente entre 1997-1998</i>	319
63. Mathias de Vilhena Valladão, <i>presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13</i>	79
64. Michel Abu-Jamra, <i>presidente entre 1969-1970</i>	277

N

65. Nairo França Trench, <i>presidente entre 1961-1962</i>	251
66. Nicolau de Moraes Barros, <i>presidente entre 1912-1913 e patrono da cadeira nº 17</i>	117

O

67. Odon Ramos Maranhão, <i>presidente entre 1985-1986</i>	303
68. Olympio Portugal, <i>presidente entre 1926-1927</i>	153
69. Oscar Cintra Gordinho, <i>presidente entre 1946-1947</i>	207

¹. A pesquisa dessa obra foi encerrada em 31 de março de 2015.

70. Oscar Monteiro de Barros, <i>presidente entre 1956-1957 e patrono da cadeira nº 69</i>	237
71. Oswaldo Portugal, <i>presidente entre 1931-1932</i>	169
72. Ovídio Pires de Campos, <i>presidente entre 1918-1919 e 1935-1936, e patrono da cadeira nº 83</i>	129

P

73. Paulo de Almeida Toledo, <i>presidente entre 1955-1956</i>	233
74. Pedro Ayres Netto, <i>presidente entre 1948-1949</i>	213
75. Pedro Nahas, <i>presidente entre 1979-1980</i>	291
76. Plínio Bove, <i>presidente entre 1963-1964</i>	259

R

77. Raul Marino Júnior, <i>presidente entre 1993-1994</i>	315
78. Raul Vieira de Carvalho, <i>presidente entre 1940-1941</i>	187
79. Roberto Oliva, <i>presidente entre 1943-1944</i>	197

S

80. Salvador José de Toledo Arruda Amato, <i>presidente entre 2001-2002</i>	325
81. Sergio Florentino de Paiva Meira, <i>presidente entre 1902-1903 e 1909-1910</i>	91
82. Sylvio Azambuja de Oliva Maia, <i>presidente entre 1908-1909</i>	111
83. Synésio Rangel Pestana, <i>presidente entre 1910-1911 e patrono da cadeira nº 116</i>	113

V

84. Virgílio Alves de Carvalho Pinto, <i>presidente entre 1967-1968 e patrono da cadeira nº 40</i>	273
--	-----

W

85. Waldyr da Silva Prado, <i>presidente entre 1965-1966</i>	265
--	-----

Y

86. Yvonne Capuano, <i>presidente entre 2009-2010</i>	333
---	-----

Z

87. Zepherino do Amaral, <i>presidente entre 1932-1933</i>	173
--	-----

Dados do autor	343
----------------------	-----